

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

DEISE JULIANA FRANCISCO

CRIANDO LAÇOS VIA RECURSOS INFORMATIZADOS:

INTERVENÇÃO EM SAÚDE MENTAL

Porto Alegre

2007

DEISE JULIANA FRANCISCO

**CRIANDO LAÇOS VIA RECURSOS INFORMATIZADOS:
INTERVENÇÃO EM SAÚDE MENTAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Informática na Educação do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Doutor em Informática na Educação.

Orientadora: Margarete Axt

Co-orientadora: Cleci Maraschin

Porto Alegre

2007

DEISE JULIANA FRANCISCO

**CRIANDO LAÇOS VIA RECURSOS INFORMATIZADOS:
INTERVENÇÃO EM SAÚDE MENTAL**

Tese de Doutorado em Informática na Educação

Esta tese foi julgada e aprovada para a obtenção do título de **Doutor em Informática na Educação** no Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, 19 de junho de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Alfredo Guillermo Martin Gentini

Rosa Maria Bueno Fischer

Tania Mara Galli Fonseca

Margarete Axt
Orientadora

Cleci Maraschin
Co-orientadora

AGRADECIMENTOS

Últimas linhas escritas de um trabalho louco, árduo e prazeroso. Os agradecimentos, mais do que praxe numa tese, são o momento de reconhecimento público de que o percurso efetivado por mim nas redes acadêmicas e de vida é híbrido, perpassado por sujeitos e estabelecimentos e que a vida parece obra de recortes e colas absurdos, nem sempre coerentes, mas, creio sempre produtivos de algo.

O trajeto percorrido de Santo Ângelo a Porto Alegre na viação Ouro e Prata foi o mais fácil de ser computado, até porque sua distância tem uma medida: quilômetros e horas. Quilômetros de pensamentos e sonhos e horas de sono perdido ou de leituras. Quilômetros e horas também foi o que os participantes do projeto de extensão dispenderam. Além de: paciência, investimento, descoberta e construção coletiva.

O percurso na loucura cotidiana dos estabelecimentos de formação, de saúde, acadêmicos me levou a reconhecer momentos de parceria e de amizade. Assim, tenho uma palavra especial para os participantes da oficina, pela sua participação, produção, inquietação, pelos momentos de festa, de foto, de filmagem e de brincadeiras. Para além deste texto escrito, o que fica foram nossos momentos de convívio. Outra palavra para os vários bolsistas que percorreram a sala do GPEAD, do CAPS, do microônibus nos vários espaços e experiências dos participantes da oficina: Melissa, Marília, Bárbara Machado, Bárbara Bavaresco, Caroline, Juliana Gudolle, Juliana Renz, Carolina, Rovana, Marjorie, Fernando, Ricardo, Gleidson.

À acolhida da Margarete no PPGIE e à possibilidade de fazer redes com pessoas muito especiais de seu grupo de pesquisa. À parceria, olhar atento e generoso da Cleci que me afastava do movimento desnorteado da nau dos insensatos, na qual muitos doutorandos e doutorandas adentram, se perdem e não voltam quando da escrita e da intervenção. Digo que algo voltou, nas águas da habilitação psicossocial ☺

Aos participantes da banca de qualificação pela leitura atenta e pistas para a escrita da tese.

Aos integrantes dos Grupos de Pesquisa nos quais apresentei fragmentos e resquícios das guerras cotidianas tanto na escrita quanto na intervenção, do LELIC e do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Produção de Subjetividade.

Ao Pichon-Riviére, pelas amizades construídas, pelas referências trocadas e pela pulsação da vida.

Ao apoio afetivo e logístico da Maria do Carmo, secretária do PGIE que estava sempre presente para explicar, orientar e dar uma palavra amiga.

Ao apoio incondicional de minha família, de meus pais, Otília e Waldemar, e irmãs Denise e Dione que atentamente me acompanham desde sempre, sempre preocupados e afetuosos. Às composições de afeto, de escritas convergentes e ramificações com Glaucio. À sua calma nos meus momentos de tormenta.

Assim, passo à lista de agradecimentos:

à equipe do CAPS de Santo Ângelo, na figura das várias coordenadoras, dos trabalhadores de saúde que há muito acompanham as propostas da universidade.

à URI – Campus Santo Ângelo pelo investimento na capacitação docente e na extensão universitária, em especial ao curso de Psicologia.

à CAPES pelo apoio para a realização de estágio de doutorando em Lisboa.

à Universidade Aberta pela acolhida, estranhamento e reconhecimento com a proveniência portuguesa. Em especial ao professor Antonio Quintas Mendes, Lina Morgado, Lucia Amante e Alda Pereira.

à legislação brasileira no âmbito da saúde mental que ainda dança instável nas redes da manicomialização mas que consegue manter-se na defesa da cidadania.

sempre à universidade pública federal que viabiliza a concretização de projetos de investigação e de intervenção surfando contra o sucateamento e as ondas neoliberais.

RESUMO

A presente tese foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, do Grupo de Pesquisa Provia II: Programa Interinstitucional Comunidades de Aprendizagem, Estética do Virtual e Autoria Coletiva, especificamente na linha de pesquisa PPGIE/UFRGS: Interfaces Digitais em educação, Arte, Linguagem e Cognição bem como no Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Produção de Subjetividade, na linha de pesquisa: Redes, artefatos simbólicos e invenção de si. Ela se situa no movimento de desinstitucionalização, da reforma psiquiátrica e do movimento da luta antimanicomial no Brasil. A partir de uma parceria firmada entre a URI – Campus Santo Ângelo e o Centro de Atenção Psicossocial da cidade de Santo Ângelo/RS foi construído projeto de extensão universitária "Construindo laços via recursos informatizados". O mesmo visa à constituição de espaços virtuais para convivência e trocas entre pessoas em sofrimento psíquico. No decurso de três anos foram realizados grupos-oficinas de informática com trinta pessoas em sofrimento psíquico. Tal processo foi registrado em diários de campo, entrevistas formais e informais com participantes e equipe do CAPS, fotografias, filmagens, arquivos de dados. A tese teve como objetivo cartografar as relações humano-máquina e as composições de convivência ocorridas no uso de recursos informatizados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na modalidade de pesquisa intervenção. O referencial teórico que balizou a tese foi a Filosofia da Diferença na perspectiva de pensar os processos maquímicos de subjetivação e a tecnologia bem como a sociedade de controle, articulada com a proposta foucaultiana de relações saber-poder e da visada institucionalista sobre instituição. Deste tripé outros autores fizeram parte, no sentido de propiciar discussões sobre saúde mental, tecnologia e subjetividade. A partir da cartografia foi possível visibilizar os acoplamentos homem-máquina realizados na oficina, o deslocamento do lugar de apenas louco para o participante da oficina, para o de criador. Assim, o acoplamento com a tecnologia digital teve um vetor para a constituição de um comum, mas não no sentido comunitário e sim no desobramento da produção como constituição da obra mesma. Esse desobramento se deu em trabalhos coletivos (confeção da home page do CAPS, escrita coletiva de texto no Equitext, conversas no MSN, confeção de jornal) tendo como vetor a religião, temas de interesse dos participantes (como busca de informações sobre patologias, tratamento, medicação, receitas culinárias, imagens, cartões) e relações com familiares e equipe do CAPS.

Palavras-chave:

saúde mental – tecnologia – subjetividade - oficina

ABSTRACT

The thesis is placed in the movement of the psychiatric reform in Brazil. From a partnership firm between URI - Campus Santo Ângelo and psychosocial attention center (CAPS) was constructed project. It aims at the constitution of virtual spaces for nets and exchanges between for people in need of mental health care. In the continuation of three years group-workshops of computer with thirty people in psychic suffering had been carried through. Such process was registered in daily of formal and informal field, interviews with participants and team of the CAPS, photographs, filmings, archives of data. The thesis had as objective to map the relations human being-machine and the occurred compositions of nets. One is about a qualitative research, in the intervention research. The theoretical referencial that marked out with buoys the thesis was the Philosophy of the Difference in the perspective to think the processes of subjectivation and the technology as well as the control society; articulated with ways of subjectivation and power relations based on a Foucaultian approach; and about institution. From the cartography he was possible to carried through couplings man-machine in the workshop, the displacement of the place for the participant for the one of creator. Thus, the coupling with the digital technology had a vector for the constitution of a common one, but not in the communitarian direction and yes in the “desobramento” of the production as constitution of the same workmanship. This if gave in collective works having as vector the religion, familiar subjects of interest of the participants (as search of information on diseases, treatment, prescriptions, images, cards) and relations with and team of the CAPS.

Keywords:

mental health, technology, subjectivity, workshop

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 QUE VIDA SE GESTA NA SOCIEDADE DE CONTROLE?.....	23
1.1 SOCIEDADE DE CONTROLE E FORMAS DE VIDA CONTEMPORÂNEAS.....	24
1.2 SOCIEDADE DE CONTROLE E SAÚDE MENTAL.....	35
1.3 SOCIEDADE DE CONTROLE E TECNOLOGIA: CUTUP!.....	41
2“PRECISO DE MAIS TEMPO PARA DESCOBRIR OS SEGREDINHOS DO COMPUTADOR”	55
2.1. MÁQUINA METODOLÓGICA.....	55
2.2 INSTITUIÇÃO: CAMINHOS DE SIMPATHIA E ANTIPATHIA EM SAÚDE MENTAL	62
2.3 REDE DE SAÚDE E REDE DE FORMAÇÃO.....	68
2.3.1 Criando laços via recursos informatizados.....	74
2.3.1.1 Oficina: que dispositivo é este?.....	76
3“UM PARAFUSO A MAIS, UM PARAFUSO A MENOS”	81
3.1 OS PARTICIPANTES, POR ELES MESMOS	87
3.2 SUBJETIVIDADE NA FÁBRICA DE PARAFUSOS	91
4 DERIVADOS DO COMPUTADOR.....	99
4.1 PERCURSO DA OFICINA.....	99
4.1.1 O deslocamento desloca a mente (des)loucamente	109
4.2 O COMPUTADOR É UM OPERADOR DE COMUNIDADE?	113
4.2.1 Do desobramento do coletivo ao comum.....	119
4.3 O QUE HÁ NA ZONA DE INDISCERNIBILIDADE DA MÁQUINA?.....	138
4.3.1 O canto e o riso	141
4.3.2 Escritas de si	144
4.3.3 Composições híbridas	150
CONCLUSÃO	164
REFERÊNCIAS	172

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Oficina “Criando laços via recursos informatizados”.....	22
Figura 2: Cidade Otávia	27
Figura 3: Código de barras.....	30
Figura 4: Ontologia.....	46
Figura 5: Pesquisa.....	58
Figura 6: Macrorregiões	70
Figura 7: Computador	85
Figura 8: lar.doc.....	86
Figura 9: “Sou Louco!”.....	88
Figura 10: Grupos Operativos do CAPS	89
Figura 11: Diagrama de Foucault	92
Figura 12: Faceiro.....	96
Figura 13: Computador para	101
Figura 14: Horta.....	102
Figura 15: Cachorro.....	102
Figura 16: Computador é trabalho	103
Figura 17: CAPS e URI	104
Figura 18: Computador é um novo mundo	106
Figura 19: Catedral verde.....	115
Figura 20: Catedral com fundo azul	115
Figura 21: Catedral colorida	116
Figura 22: Cartão de Dia das Mães	117
Figura 23: Texto.....	124
Figura 24: Histórico do texto: CAPS	125
Figura 25: Logotipo CAPS Tonhão	128
Figura 26: Logotipo CAPS Flor	128
Figura 27: Página do CAPS	129
Figura 28: O que é o CAPS	130
Figura 29: Jornal	136
Figura 30: Jornal página 3	137
Figura 31: Casa da mãe	143
Figura 32: Casa da mãe colorida	143
Figura 33: O analista	146
Figura 34: Carta de alforria	147
Figura 35: Gol	151
Figura 36: Borboleta	152
Figura 37: Borboleta azul	153
Figura 38: Bolas saltadoras	153
Figura 39: Apresentação	156

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Conversa MSN	133
Tabela 2: Conversa MSN1	134

INTRODUÇÃO

“O outro não é dado, é produzido” (PELBART, 2003, p. 120)

A vida em rede, a sociedade planetária, interconectada. Estes são emblemas de uma das formas de relacionamentos que estamos constituindo na contemporaneidade. A proposição destes mundos não está dada *a priori*, agencia-se cotidianamente entre linhas molares e moleculares, como formas emergentes. Isso se dá na saúde mental, no uso das tecnologias, nas relações.

Uma postura otimista, neste contexto, é apostar no caráter de construção do cotidiano e na potência dos acoplamentos. Pierre Lévy, em entrevista à SESCTV, fala de seu suposto otimismo da seguinte forma: “Se você analisar a palavra ‘otimismo’ dentro dele tem ‘optar’. ‘Optare’, em latim é escolher. Ser otimista é dar-se conta de que temos a possibilidade de escolher e que, portanto, somos responsáveis.” Neste sentido, creio que Lévy aponta o vetor ético da intervenção com/na tecnologia em seu acoplamento com os arranjos sociais.

Nesta perspectiva, apresento a tese “Criando laços via recursos informatizados: intervenção em saúde mental”. Na introdução, discuto o campo de construção da tese, para tanto, incluo aqui o meu percurso no campo psi e da saúde mental, além da proposição e desenrolar de um projeto extensionista e do vetor metodológico que direcionou tanto a intervenção quanto a escrita da tese. Estas problematizações retornarão ao longo do texto, em outros capítulos, quando são retomados de forma contextualizada.

A construção desta tese tem proveniências diversas, algumas imemoriais, outras transversais, outras históricas. Não vou inventariar todas, ressaltarei aqui apenas algumas para dar um vislumbre do percurso do trabalho desenhado ao longo dos últimos quatro anos.

Assim, como forma de apresentação mínima, trago as reverberações dos encontros do Fórum Regional de Saúde Mental ocorridos no ano de 1993, em Porto Alegre. Salas cheias,

muita vida, indignação e vontade de trabalhar e de mudar o tipo de atendimento proposto e desenvolvido. A presença de várias pessoas, ligadas às mais diversas instituições, organizações, estabelecimentos, movimentos sociais falando em nome próprio e também representando os seus lugares de origem faziam fervilhar os encontros exatamente pelos encontros que propiciavam. O lugar dos trabalhadores de saúde mental, dos usuários, dos familiares era reservado em igual medida nas mesas, nas discussões: um lugar de voz e de vez. Ao mesmo tempo, na universidade, outro lugar de formação na época para mim, já que eu estava concluindo a graduação em Psicologia, reverberavam ditos desde descrédito quanto ao movimento até de preocupação com a clínica de psicóticos. O lugar de cidadão era a tônica da época.

Eu, então estudante de Psicologia, ficava estupefata ao participar destes encontros alegres, principalmente depois da vivência de vários encontros tristes em algumas intervenções que tangenciavam a saúde mental. A gorda saúde dominante (DELEUZE, 1997), capaz de calar os sujeitos, de retirá-los da condição humana e social, se fazia presente em vários estabelecimentos e intervenções psicossociais.

Havia nos corredores uma polarização entre clínica e política, como se um dos pólos da atenção à saúde mental não inoculasse o outro. Porém, com a implantação e implementação dos serviços substitutivos ao manicômio, uma diagonal começou a se desenhar e a catalizar práticas no sentido de contemplar as dimensões clínicas e políticas dos sujeitos, no entendimento de que o cidadão é também a pessoa que sofre e a pessoa que sofre é também cidadã.

Outras reverberações daqueles encontros eclodiram quando comecei a trabalhar na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI campus Santo Ângelo, como docente e supervisora de estágio em Psicologia Comunitária. Uma época de grande efervescência, em que desenvolvíamos projetos para, também, entender e vivenciar a cidade, a terra vermelha, seu sotaque e a titulação de capital missioneira. A saúde mental foi uma das amarras naquele momento e, juntamente aos estágios, produzimos extensão universitária e atividades práticas de disciplinas.

Ao andar pelos bairros com alunos e alunas, pelas ruas asfaltadas do centro e imediações, pelas ruas sem asfalto da periferia, pulando valetas, batendo na casa das pessoas, cuidando para não sermos mordidas por cachorros cuidadosos de seus donos e territórios, senti um pouco da terra vermelha adentrando os poros, juntamente com as histórias de vida, chimarrão do final da tarde e o suor produzido no encontro com o calor missioneiro.

No Brasil, nesta época (ano de 2000), vários serviços substitutivos já existiam e estavam em pleno funcionamento nas bases da luta antimanicomial, da desinstitucionalização e da reforma psiquiátrica. Em Santo Ângelo, o trabalho com saúde mental vinha sendo realizado em uma unidade básica de saúde, uma pequena e simpática casa na qual eram desenvolvidas ações de atenção à saúde, tais como atendimento médico e psicológico, tanto individual quanto em grupos, oficinas, busca ativa, passeios. A integração com a universidade dava-se a partir de estágios curriculares nas áreas de Enfermagem e Psicologia. O *design* da unidade básica não era o de um CAPS – Centro de Atenção Psicossocial -, porém o serviço seguia algumas prerrogativas da luta antimanicomial.

No tocante às atividades extensionistas, construímos o projeto “Criando laços”, desenvolvido numa parceria entre CAPS de Santo Ângelo, o curso de Enfermagem e de Psicologia, coordenados por mim e pela professora Mery Lilian Eickhoff do curso de Enfermagem. O primeiro “Criando laços” atuava dentro do serviço, com o trabalho de alunas de ambos cursos, na realização de busca ativa aos faltosos aos serviço por um período superior a seis meses, como também na realização de entrevistas com os usuários, atualizando o cadastro e trocando informações com a equipe, a fim de propiciar espaço de discussão e de construção coletiva. Em reuniões no CAPS, essas informações eram discutidas, bem como a intervenção. Uma das demandas da época era a realização de oficinas com os usuários. Sendo assim, e juntamente com outras propostas, idealizou-se o projeto “Criando laços via recursos informatizados”.

Neste ínterim, entrei no doutorado em Informática na Educação, pensando na formação em Psicologia, na sua relação com as redes digitais e com saúde mental. Juntamente com as disciplinas, conversas com a equipe do CAPS, conversas domésticas, foi se formando, devagar, o projeto de intervenção.

Então, um projeto se moldou numa universidade comunitária nos recantos da região missioneira do Estado do Rio Grande do Sul, envolvendo saúde mental e computadores. Um projeto de extensão universitária realizado em parceria com o CAPS do município de Santo Ângelo, a URI Campus Santo Ângelo, envolvendo o Grupo de Pesquisa e Desenvolvimento da EAD (GPEAD/URI), o Laboratório de Estudos de Linguagem Interação e Cognição (LELIC/UFRGS)¹ e, posteriormente, o Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Produção de

¹ A pertença ao grupo de pesquisa do LELIC se deu até certo momento do projeto, sendo que, após, houve participação na Linha de Pesquisa: PPGIE/UFRGS: Interfaces Digitais em educação, Arte, Linguagem e Cognição, do Grupo de Pesquisa: Provia II: Programa Interinstitucional Comunidades de Aprendizagem, Estética do Virtual e Autoria Coletiva.

Subjetividade, na linha de pesquisa: Redes, artefatos simbólicos e invenção de si. Trata-se de um projeto que conta com a participação de pessoas em sofrimento psíquico usuárias do CAPS, bolsistas de extensão e do Centro de Integração Empresa Escola (CIEE), voluntárias (oriundos do curso de Psicologia e de Ciência da Computação da universidade) e professora coordenadora do projeto. Iniciado em junho de 2004, teve como nome: “Criando laços via recursos informatizados”. Esta denominação traz sintonia com outro projeto, essencialmente nos ideais antimanicomiais e na tentativa de constituir e manter redes de atenção à saúde entre CAPS e universidade.

No deambular pelo CAPS, pela universidade, em conversas com usuários, alunos e trabalhadores de saúde mental, começou a se esboçar um projeto, permeado de pontos a intervir: formação em Psicologia direcionada às problemáticas do campo da saúde; construção de um número maior de espaços para possibilitar exercício da diferença para pessoa em sofrimento psíquico no município; discussão, pela universidade, em especial do curso de Psicologia, sobre saúde mental enquanto campo de reflexão e de ação. Em outros momentos, a realização de jornadas de saúde mental, de mesas redondas comemorativas ao Dia da Luta Antimanicomial já trilharam este caminho. Quanto às ações, a prática de estágios curriculares também constituiu pontes na questão da saúde mental.

O projeto foi idealizado como uma oficina com fins de (re)habilitação psicossocial, de espaço para aprendizagem e criatividade, como uma tela em branco (DELEUZE, 2006) se abrindo para ser preenchida ou deixada em branco, experimentada por pessoas que, até então, pouco contato direto tinham tido com as tecnologias da comunicação e informação, em especial com o computador. A tela em branco não significa uma superfície lisa, sem inscrição alguma, tal qual uma tabula rasa. Significa um artefato tecnológico que se construiu dentro de um *phylum*, que tem especificidades as quais serão construídas no deambular pela máquina, na articulação da máquina corpo, com a máquina saúde, com a máquina universidade, com a máquina equipe, e com outras tantas máquinas propostas no projeto.

O uso dos recursos informatizados deve-se à trajetória da autora desta tese no âmbito da educação (FRANCISCO, 1998) e às atividades docentes realizadas, principalmente com as tecnologias da comunicação e informação. A aposta inicial fora a de utilizar a experiência agregada em educação (experiência esta que data da década de 80 no Brasil) na atenção à saúde mental. Um motivo refere-se ao potencial que o uso das tecnologias digitais demonstraram no âmbito da educação em incrementos quanto à aprendizagem (AXT & MARASCHIN, 1999), à sociabilidade (NICOLACI-DA-COSTA, 2005), bem como trabalhos

com diversos sujeitos e portadores de necessidades especiais (PASSERINO & SANTAROSA, 2007). Tais produções afirmam um lugar que as tecnologias ocuparam e vêm progressivamente ocupando na educação. Em âmbitos como a medicina, as tecnologias têm seu lugar garantido (vide experiências efetivadas pelo grupo de telemedicina - <http://www.telemedicina.org.br> -, por exemplo). As iniciativas em inclusão digital ou de infoinclusão também apontam para uma relação entre sociabilidade, uso dos recursos informatizados com fins de democratização, acesso e criação à/da informação e formação e manutenção de redes de conversação em saúde (TEIXEIRA, 2005).

Quanto às intervenções em saúde mental que agregam as tecnologias da comunicação e informação, efetuei um breve levantamento apresentado no projeto de tese (FRANCISCO, 2004), sendo que as ações foram organizadas, de forma preliminar, em três modalidades distintas, de acordo com seus objetivos: uma atuando a fim de possibilitar a introdução da pessoa em sofrimento psíquico no mundo do trabalho; outra com vistas à terapia e a terceira com vistas à formação de redes de convivência.

No primeiro caso, pode-se pensar a atuação do Comitê para a Democratização da Informática (CDI), que tem desenvolvido projetos especiais dentro de sua plataforma de uso de computadores para democratização da informação, uso da rede e cidadania para classe popular. Tais projetos especiais têm contemplado, dentre outras, populações indígenas e psiquiátricas. Em alguns estabelecimentos de atenção à saúde mental do Rio de Janeiro como o Instituto Phillippe Pinel, CAPS Dr. Simão Bacamarte, em Santa Cruz, CAPS Rubens Corrêa, em Irajá, Instituto Nise da Silveira, em Engenho de Dentro, Instituto Juliano Moreira, em Jacarepaguá têm sido oferecidas oficinas, nas quais alguns usuários são monitores. Conforme dados constantes no site do Instituto Phillippe Pinel, a Escola de Informática e Cidadania (EIC) foi inaugurada em outubro de 2000, a partir da parceria entre o Instituto Phillippe Pinel e o CDI, sendo que oferece cursos de informática (Windows, Word e Power Point), com duração de dois meses, aos usuários dos serviços públicos de saúde mental, objetivando fornecer capacitação profissional técnica para que os usuários possam ingressar ou retornar ao mercado de trabalho.

No segundo caso, em termos de recursos terapêuticos, têm-se utilizado ferramentas de realidade virtual como auxiliar em tratamentos de reabilitação psicossocial a portadores de sofrimento psíquico (COSTA & CARVALHO, 2003; RIVA et. all, 2004). Há uma rede de pesquisadores (www.cyberpsychology.com) que trabalha com ambientes tanto imersivos quanto não imersivos que simulam situações da vida cotidiana e nos quais os sujeitos

desenvolveriam habilidades de convívio social - a partir do referencial da reabilitação cognitiva, no tangente à possibilidade de transferência e generalização dos conhecimentos adquiridos (COSTA & CARVALHO, 2003). Tais experiências utilizam marcadamente o referencial teórico do cognitivismo como suporte para suas ações, partindo do pressuposto da aprendizagem de comportamentos, com objetivos que incluem a reinserção social a partir da aprendizagem de habilidades sociais por parte da pessoa em sofrimento psíquico, promovendo a autonomia e a diminuição dos efeitos da cronificação da doença. Algumas “patologias” são mais tratáveis, tais como: fobias, depressão, desordem do pânico e outras, sendo que os resultados apontam um melhor manejo social por parte dos sujeitos da pesquisa.

No terceiro caso, o uso das tecnologias da comunicação e informação é feito com vistas à (re)socialização, composição de novas relações da pessoa em sofrimento psíquico consigo e com o outro na perspectiva da coletivização. A isso denomino rede de convivência. Cito como exemplo a web rádio e listas de discussão sobre temáticas ligadas à saúde mental (<http://www.deliriocoletivo.com/>), bem como as oficinas do projeto Oficinando ligadas ao Centro Integrado de Atenção Psicossocial (CIAPS) do Hospital São Pedro de Porto Alegre com adolescentes, atividade coordenada pela professora Doutora Cleci Maraschin.

Nesta modalidade insere-se o presente projeto, que visa à formação e experimentação de espaços virtuais para convivência e trocas entre pessoas em sofrimento psíquico. A proposta é a de construção de um espaço no qual possam ser manifestas e exibidas as produções dos participantes do projeto no uso de diversas matérias de expressão, tais como a música, a escrita, o desenho.

No decorrer da experimentação da oficina, realizei um estágio de doutorando em Lisboa, com o apoio da CAPES. Nisso, não foram poucos os atos-falhos entre o Caps e a CAPES, agências que viabilizavam ou não o trabalho da oficina. Em Lisboa, tive contato com atendimento à saúde mental, especialmente com Associação para o Estudo e Integração Psicossocial de Lisboa. Numa bela tarde, pude vivenciar a atenção dada por uma organização não governamental (ONG) à saúde mental e perceber que a luta por ideais antimanicomiais ultrapassa em muito as fronteiras nacionais. É claro que eu já era sabedora disso, tendo em vista os movimentos no âmbito da saúde mental na Itália, Estados Unidos, França e outros países.

A perspectiva do empoderamento permeia as salas do estabelecimento nas suas várias oficinas e nas atividades de habilitação psicossocial, tais como agenda para o final de semana. No tocante à informática, a ONG a pensa como capacitação para o mundo do trabalho. Insere-

a no encaminhamento das pessoas em sofrimento psíquico para o trabalho. Lá eles desenvolveram uma parceria com empresas privadas e têm conseguido inclusão com sucesso, conforme avaliação da coordenadora local². Há um jornal que permite a divulgação das ações da ONG, bem como o direito à palavra às pessoas em sofrimento psíquico. A partir da vivência no estabelecimento, pude articular e propor ações para o projeto que estava sendo desenvolvido no Brasil. Além disso, as discussões sobre presença social em ambientes virtuais de aprendizagem abriu um leque para a reflexão sobre relacionamentos on-line.

O projeto de extensão foi sendo desenvolvido com o apoio da universidade através do dispositivo “extensão universitária” e teve a participação de alunas e alunos que se vincularam ao mesmo de forma voluntária e/ou enquanto bolsista. Dentre os objetivos extensionistas contavam: operar espaços virtuais de sociabilidade com a equipe de extensionistas da URI/Campus Santo Ângelo, com usuários e equipe do CAPS; vivenciar a processualidade, a forma como se opera a produção das conexões desejantes, os fluxos da instituição-loucura; mapear os encontros possibilitados e provocados quando do engendramento das instituições formação-saúde mental-informática; fomentar infoinclusão; viabilizar trabalhos conjuntos a serem desenvolvidos na universidade e no CAPS; viabilizar trabalhos conjuntos entre os cursos de Ciências da Computação e Psicologia.

As ações de ensino-pesquisa-extensão se articularam no projeto, na medida em que houve sempre uma perspectiva de pensar a formação em saúde mental, sobre a criação de instrumentos de intervenção e de um olhar sobre os sujeitos, os processos e não sobre as ditas patologias. Pesquisa, na medida em que o mesmo se articulou à tese e também a pesquisas da graduação (BAVARESCO & PUMPMACHER, 2005; GUDOLLE & KONRAD, 2005).

O projeto foi sendo construído à medida em que as ações se faziam. A arte do planejamento prévio, das grandes idéias e ideais foi sendo progressivamente destituída de eficácia e o surgimento de desvios e de bifurcações foi vingando, pois o planejado não teve muito espaço para vigorar, se expandir. Também porque a proposta inicial do projeto - que fora a de utilizar a Internet como forma de emergência de redes de convivência - foi sendo rechaçada, em seus vários desdobramentos pelos participantes: participação em lista de discussão, contato com outras pessoas/grupos de interesse... Talvez devido ao desconhecimento tecnológico, ou ao estranhamento de conversar com quem não conheciam presencialmente... Um desvio foi, então, quanto à possibilidade de se criar um dispositivo não

² Dados obtidos a partir de entrevista realizada com Maria João Vargas Moniz, em fevereiro de 2005, na sede do estabelecimento, em Lisboa.

mais centrado no uso da Internet. A propósito, Moura (2003) coloca que, nas práticas em saúde mental, divididas entre fazeres burocráticos e a clínica, há, na maioria das vezes, fracasso quando se montam intervenções antecipadas. A antecipação, o planejamento prévio meticuloso, isso esboroa no contato profícuo com a loucura. Há um desobramento da obra que mostra seu desarrançamento “constitutivo”.

O percurso da pesquisa acabou por trilhar um caminho que, visto *a posteriori*, pode ser tido como uma técnica do cuidado derramada sobre o caminho através do qual se permite dar visibilidade a certos movimentos subjetivos ocorridos no espaço constituído pelo projeto de extensão. Tratou-se de uma terapêutica sobre o método, uma “técnica de se cultivar um procedimento adequado que nos leva a um objetivo desejado” (ALARCON, 2002, p. 09). Objetivo este no qual a pesquisadora está imersa, pois ao pesquisar em Ciências Humanas, no âmbito da pesquisa qualitativa (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 2001), faz-se um borramento de uma suposta fronteira divisória entre o dado e o pesquisador. Neste sentido, Cleci Maraschin afirma que:

Como pesquisadores do campo das Ciências Humanas, nosso perguntar indaga sobre os modos de viver, de existir, de sentir, de pensar próprios de nossa ou de outras comunidades de sujeitos. O próprio fato de perguntar produz, ao mesmo tempo, tanto no observador quanto nos observados, possibilidades de auto-produção, de autoria. Nossos objetos de pesquisar também são observadores ativos, produzem outros sentidos ao se encontrarem com o pesquisador, participam de redes de conversações que podem ser transformadas a partir de novas conexões, novos encontros (MARASCHIN, 2004, p. 105).

Assim, é da relação contextualizada entre pesquisador e pesquisado que a pesquisa toma corpo, porém, esses “atores” não ocupam o mesmo lugar social. Jacques Gauthier (2004) alerta para este aspecto, salientando que pesquisar é um ato de violência simbólica do pesquisador com relação ao sujeito de pesquisa, pois o mesmo articula sentidos a partir do que é feito, dito, sentido pelos sujeitos da pesquisa³. Afinal, quem constrói o texto, quem assina o trabalho é o pesquisador (no caso, a pesquisadora), os sujeitos pesquisados ficam como que à parte deste processo, de um processo de escrita e de marcação do acontecido a partir dos objetivos propostos pela pesquisa. Processo este constituído em um movimento de redução,

³ “Realizar uma pesquisa é assumir um status de poder sobre os sujeitos da pesquisa, a partir de um lugar cognitivo específico. Da mesma forma que esses sujeitos produzem o sentido de suas palavras em complexos processos de lucidez e cegueira, luta e negociação, identificação e desidentificação, o pesquisador produz o sentido (em processos semelhantes de lucidez e cegueira, luta e negociação, identificação e desidentificação) de sua própria fala em direção aos pesquisados e, sobretudo, ele produz o sentido da escrita final de sua pesquisa, cuja existência não teria sido possível sem a participação e colaboração dos sujeitos da pesquisa (dissertação, tese, relatório de pós-doutorado ...).” (GAUTHIER, 2004, p. 128).

de passagem a outra linguagem, de tradução (LÉVY, 1993), no qual as linhas da escrita são moldadas por diversas linhas regulatórias e mesmo articuladoras de sentido (margem e cabeçalho da folha, letras, palavras, editor de texto, suporte em papel e tantos outros).

Assim, o molde colocado, em uma produção científica, é o da língua maior organizada sob forma de gramática, de gráficos e ortografia. Aqui, muito mais do que sujeitos concretos em um atividade, interessa a inserção dos componentes no processo, na resposta aos objetivos da pesquisa, e, para além disso, na tangente de seus cruzamentos, nas linhas de seus desenhos e no atravessamento destas linhas.

Sobre o campo empírico da tese é interessante assinalar que este advém da relação entre o projeto de extensão universitária e um espaço de três grupos de pesquisa e de um laboratório; além disso, de relações entre diversos estabelecimentos, trabalhadores dos mesmos, instâncias governamentais, administrativas, usuários de sistema de saúde, bolsistas, professores. Do meio desta plêiade, da intervenção extensionista, pretende-se captar alguns “dados” a fim de constituir o *corpus* da presente tese. Tarefa que demandou um corte entre a experimentação cotidiana e um espaço-tempo para pensar a tese.

O recorte efetuado com a tese refere-se ao movimento do pensamento que recolhe e corta cirurgicamente da intervenção possibilidades de reflexão a fim de serem partilhadas na academia. Como forma de compor uma tese, o caminho percorrido foi o de capturar alguns acontecimentos e trazê-los de forma a terem relevo, intensidade, visibilidade para tecer discussões sobre o próprio fazer da oficina e da relação homem-máquina.

A narrativa dos pequenos grandes dramas “íntimos” dos participantes da oficina foram elididos, sumariamente deletados deste texto oficial, pequenos ou grandes movimentos, cartas, declarações de horror e de amor também foram excluídas daqui. Revelações, segredos banidos do texto final. Na formatação preservei, no tanto que pude, os relevos, as sintonias e dissintonias com a máquina. Tudo isso relatado é o mais aparente, o mais superficial, o que pude cartografar.

A pesquisa na era tecnológica causa alguns assombramentos: de um lado a perspectiva de procedimentos éticos em pesquisa, a partir dos quais a identidade dos participantes não pode ser declarada, tendo em vista possíveis desdobramentos em sua vida cotidiana e subjetividade e, por outro, a solicitação de reconhecimento da produção e da existência dos participantes realizada via recursos eletrônicos. Na perspectiva de uma direção dos procedimentos éticos, o que contaria seriam não nomes dos sujeitos da pesquisa, mas sim uma análise dos dados na qual a assepcia do nome fosse realizada. Porém, se a intervenção

propiciou um espaço-tempo de autoria, como seguir os preceitos éticos de sigilo da identidade? Desta tensão, a opção foi a de manter os apelidos tal como utilizados na oficina, na tentativa de visibilizar a autoria, gritar que o processo é de sujeitos encarnados, vivos, medicados, algumas vezes em pleno processo de contenção química, viventes de uma comunidade e usuários de um serviço de saúde mental!

O nome dos sujeitos não é disponibilizado, devido ao fato de que estas questões foram trazidas com mais força após o encaminhamento do projeto ao Comitê de Ética e à assinatura do termo de compromisso livre e esclarecido. O texto acadêmico propõe uma escrita sem identificação do outro, mas o projeto de extensão, a pesquisa intervenção possibilitou um lugar de enunciação e de reconhecimento do sujeito. Este é apenas um dos movimentos que tive que realizar para escrever esta tese. Como falar de alguém que exige reconhecimento sem identificá-lo? Ainda mais em uma situação em que os dados estão disponibilizados na Internet!

A produção foi de um coletivo de 30 participantes da oficina, usuários do CAPS, adultos, sendo eles 18 homens e 12 mulheres. Nem todos os participantes da oficina estão presentes nesta tese, tendo em vista algumas peculiaridades, tais como idade, tempo de participação na oficina, mudança de cidade.

Os diagnósticos são elididos, pois os mesmos não foram significativos na relação com os acontecimentos “eclodidos” nos encontros na oficina. Se a perspectiva desta tese não foi a de medir, classificar, juntar-se ao discurso nosológico, parece viável a elisão também do diagnóstico. Sobre isso, FONSECA & KIRST (2004) afirmam que:

O cartógrafo não quer medir, sobrecodificar. Para ele, a questão do diagnóstico e do enquadramento é deslocada para a proliferação de possíveis na atribuição de sentido e, conseqüentemente, para o fortalecimento da certeza de que podem existir múltiplas imagens e vozes numa mesma forma/sintoma. Toda forma/sintoma habita um território existencial, como nos fala Guattari (1993, p. 164): “Atrás dele, o que há é nada, é o movimento do nada”(p. 310).

Em termos de procedimentos éticos, o projeto de tese foi apresentado ao Comitê de Ética da URI – Campus Santo Ângelo, tendo em vista que a pesquisa desenvolveu-se no espaço físico na universidade e em parceria entre esta e um estabelecimento vinculado ao Poder Público do município. O projeto foi aprovado sob número 093-4/TCH/05, tendo como título: “Intervenção em saúde mental: formação de redes de convivência via recursos informatizados”. A coordenadora do CAPS assinou o Termo de Ciência da pesquisa e os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Uma grande dificuldade se avizinhava para escrever a tese; tornou-se necessário “limpar a tela” do computador das exigências, do título, do relato da experiência, dos afetos tristes, da comisseração, de um lugar suposto. Falar parecia a via mais fácil e direta, o restante todo é tradução. Assim, este escrito ora apresentado é uma tradução momentânea da experiência que “eu” tive no âmbito de um projeto de extensão.

Alguns ditos orientam a tese, ditos de participantes da oficina. Ditos sobre oportunidade, sobre conhecimento, sobre produção, sobre dúvidas. Embarcada nas velocidades e lentidões do percurso de si e das dobras das forças em relação, o escrito por vezes segue o ritmo de águas calmas, outras vezes, segue através de águas turbulentas. Escrita no computador, no papel, em livros, em bilhetes, este trabalho pretende ser uma atualização de uma experiência. De qualquer forma, “Em se apostando no caráter sempre intervencionista do conhecimento, em qualquer de seus momentos todo conhecer é um fazer” (BARROS & PASSOS, 2000, p. 74) e, tal como um recém-nascido, não se sabe para que servirá⁴...

Assim, a tese parte de questionamentos sobre as formas de subjetivação em curso na sociedade de controle, nas suas relações com as tecnologias. Aponta a construção teórico metodológica de uma oficina no âmbito de um projeto de extensão universitária. Além disso, argumenta a favor do uso de recursos informatizados como ferramenta para habilitação social frente à experiência da loucura. Desta forma, traz como pergunta: quando do encontro de pessoas em sofrimento psíquico com objetos técnicos como o computador e a Internet, que acoplamentos são produzidos? Traça como objetivo geral mapear as relações humano-máquina e as composições de convivência no uso de recursos informatizados no projeto de extensão. Para tanto, farei incursões nas estratégias das formações do desejo⁵ no campo social, nas especificidades da tecnologia informática bem como da loucura, cartografando o encontro dos participantes com a tecnologia informática.

⁴ Aqui faço referência à situação relatada por Parente (1999) sobre o momento em que foi apresentada a eletricidade à rainha da Inglaterra: “Em 1860, em uma de suas apresentações na Royal Society, Michael Faraday – o pai da eletricidade induzida – foi interpelado pela Rainha da Inglaterra, que ao final de sua apresentação lhe perguntou: “Tudo isso é muito interessante, Senhor Faraday, mas para que serve?”. Consta que Faraday teria respondido: “Majestade, para que serve um recém-nascido?” (p. 78).

⁵ Entendem-se aqui as formações do desejo como advindas do desejar, do “hacer unos cortes, dejar correr ciertos flujos” (DELEUZE, 1976, p. 55).



Figura 1: Oficina “Criando laços via recursos informatizados”
Fonte: fotografia de Deise Francisco

No capítulo 1 discuto os agenciamentos sociais vividos na contemporaneidade, apresentando, para isso, a sociedade da informação e a sociedade de controle, em seus atravessamentos subjetivos e tecnológicos, bem como o conceito de rede.

No capítulo 2 apresento a oficina do projeto de extensão universitária “Criando laços via recursos informatizados”, a partir de uma visada institucionalista.

No capítulo 3 exploro a perspectiva sobre loucura e subjetividade, a partir de conversas com os participantes da oficina, no âmbito da subjetividade, a partir da proposta de Pelbart e do paradigma ético-estético-político.

No capítulo 4 discuto a relação homem-máquina como se deu na oficina, bem como os movimentos de subjetivação ocorridos durante a mesma.

Na conclusão são traçadas algumas avaliações e perspectivas de trabalho que envolvam Psicologia, Informática, em seus planos de formação e de intervenção em saúde mental.

1 QUE VIDA SE GESTA NA SOCIEDADE DE CONTROLE?

Abro o capítulo com uma pergunta feita quando do convite e da explicação sobre o projeto de extensão “Criando laços via recursos informatizados” para um grupo de usuários do CAPS. Um dos participantes do encontro pergunta: “*tá, tu falou do projeto, mas o que tem a ver computador com saúde mental?*” Essa pergunta foi ruminada diversas vezes e ainda volta na reflexão, tangenciando o tipo de dispositivo que foi construído bem como a possibilidade de sua existência e funcionamento em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, numa parceria entre uma universidade e o sistema público de saúde. Circunscreve a pergunta de como o dispositivo oficina foi conectado com um dispositivo institucional de atenção à saúde pública brasileira substitutivo ao manicômio e de como pôde operar com recursos informatizados. Esta problemática circula pela oficina desde sua formação até sua realização cotidiana.

A pergunta cumpriu sua função de ser motor do pensamento. Pensamento não só indutivo ou dedutivo, pensamento também transdutivo⁶. Certa noite, após ler sobre física quântica fui dormir, embalada ao som (mental) das palavras de Prigogine. Sonho, então, que levanto da cama, vou em direção à sala e encontro, perto do computador de mesa, um robot holográfico. Ele tem cara de avatares antigos de realidade virtual, uma expressão com pouco refinamento facial (no tocante ao controle dos músculos faciais). Porém, ele tem corpo! Brigo com o avatar corporizado; tenho medo, raiva, surpresa, indignação. Ele responde, também briga. Foi uma briga de dois! Interajo com o avatar vivo e me estranho no encontro com tal figura a princípio deslocada na sala (afinal, deveria estar “dentro” do computador!). Por fim, acordo do sonho, na certeza da vida híbrida que vivemos.

Assim, a pergunta e o sonho são os motores deste capítulo. Conecto-as com um dos elementos que possibilitaram a emergência do dispositivo oficina de informática no arranjo social contemporâneo: a sociedade de controle, com suas estratégias de subjetivação. A operação é feita desde a perspectiva do uso das tecnologias e de sua proposição sobre determinadas formas de subjetivação que estão em curso, bem como as

⁶ Lourau trata sobre a transdução remetendo este conceito a Simondon. Insere-a numa perspectiva de pensar no relacionamento sujeito/objeto na construção de conhecimento: “A partir desta mesma hipótese de equilíbrio metaestável e de seu interesse pela ‘assunção de forma’ e pelo fenômeno – anterior a qualquer assunção de forma – que é a individuação, Simondon procura pensar a relação sujeito/objeto com a ajuda do conceito de *transdução*. Como no espectro das cores, os dois pólos extremos são periféricos – são finais, limites. É a partir do centro (o verde-amarelo) que se sucedem as várias cores localizáveis e designáveis, fundando-se umas nas outras. Este movimento, resultado de potencializações e atualizações, é a transdução” (LOURAU, 2004b, p. 213).

formas de resistência desenhadas frente à sociedade de controle, incluindo ações no âmbito da saúde mental. As conexões entre a pergunta da participante do grupo-oficina, do sonho, da terra vermelha da cidade (como citado na Introdução) é efetivada, conectando elementos diferentes, alheio à lógica dedutiva e indutiva, compondo conhecimento transversalmente.

1.1 SOCIEDADE DE CONTROLE E FORMAS DE VIDA CONTEMPORÂNEAS

A fim de chegar a pensar sobre a sociedade de controle é interessante percorrer outros agenciamentos sociais pretéritos à mesma. Assim, passo a discutir a sociedade de soberania, sociedade disciplinar e, por fim, a sociedade de controle, na tentativa de traçar mapas da produção de subjetividades. Como afirma Deleuze:

É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las. As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo a pirataria e a introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo (1992, p. 223).

As sociedades de soberania, características do período medieval, caracterizam-se por relações dissimétricas entre o soberano e seus súditos. O soberano extrai o tempo, a força de trabalho e os produtos de seus súditos através da reatualização periódica e da demonstração de força realizada mediante suplícios e violência explícita aplicada às coletividades. A centralização é sustentada pela proliferação dos corpos dos súditos, num agenciamento de política, religião⁷, tecnologias, com objetivo e função de “açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida” (DELEUZE, 1992, p. 219).

Da transformação deste agenciamento emergem as sociedades disciplinares, sociedades que tiveram como marca o confinamento em instituições e um controle total do tempo, do corpo e da existência das populações. É um fenômeno emergente do advento das Grandes Navegações e dos fluxos de trocas monetárias, advindo do crescimento da burguesia e da industrialização, baseado no controle contínuo no poder disciplinar:

⁷ O soberano é o representante de Deus na Terra.

A disciplina enquanto hábito, exercício, cria saberes/verdades que não apenas a justifiquem, mas apontem se o indivíduo se conduz ou não conforme as regras instituídas... o indivíduo passa a ser considerado socialmente no nível de suas virtualidades e não mais apenas no nível de seus atos. Poder este ao mesmo tempo individualizante e totalizante na produção de corpos dóceis e produtivos para o capital (NEVES, 1997, p. 85).

Disciplina efetuada pelas relações de saber e poder, baseadas no constante escrutínio, registro, controle do espaço, tempo, movimentos, geração de saberes, hierarquias, através do ‘auto-controle’ dos indivíduos-massa. Porém, o olhar não foi direcionado apenas para o indivíduo-massa, foram também delineadas estratégias quanto ao corpo população, a partir da articulação e criação dos conhecimentos da demografia, da estatística, da saúde pública, da medicina social que estava sendo operacionalizada.

O biopoder se consolidou no século XIX com o surgimento da família canônica na década de 1830, como instrumento de controle político e regulação econômica e com sua articulação com o dispositivo de sexualidade. A relação entre os discursos e as práticas sociais que centraram esforços na administração da sexualidade foi a via que tornou possível ligar as relações de poder à questão da vitalidade do corpo e da espécie. Espécie aqui entendida enquanto população: agrupamentos humanos pensados através de taxas como a de morbidade, de natalidade, etc. Peter Pal Pelbart (2002) explica o termo biopolítica proposto por Foucault, avaliando o estatuto da população:

[...] uma massa global afetada por processos de conjunto próprios da vida. Biopolítica designa, pois, essa entrada do corpo e da vida, bem como seus mecanismos, no domínio dos cálculos explícitos do poder, fazendo do poder-saber um agente de transformação da vida humana. (p. 256).

Houve deslocamentos da forma indivíduo, tomado enquanto sociedade e do estatuto de invisibilidade dos súditos no poder soberano para o indivíduo-corpo e visibilidade cada vez maior dos sujeitos. Esse processo se deu através de alguns deslocamentos como, por exemplo, da terra para o corpo, da tributação para a vigilância, da codificação para normalização.

Assim, o poder disciplinar age sobre corpos, a partir do saber das Ciências Humanas, a fim de maximizar a força de trabalho e normalizar comportamentos, numa sociedade erigida com instituições. Há aqui um lugar específico que opera processos de subjetivação que têm como efeito dar visibilidade aos sujeitos sociais, ao mesmo tempo em que oblitera os mecanismos da disciplina.

O biopoder desloca alguns processos exercendo uma interação mais fina sobre os sujeitos, a partir da ação sobre a população e não mais apenas os corpos individualizados,

tendo como foco a própria vida da espécie humana. A massificação é um vetor privilegiado, na medida em que este poder age através da regulamentação e regulação das condutas e não mais tanto através da disciplina. Porém, o objetivo é atingir o indivíduo, é individualizar e regulamentar a vida. As políticas de saúde mental, por exemplo, atingem a vida mais cotidiana das pessoas em sofrimento psíquico, assim como familiares, equipe de saúde e outros tantos. As práticas de incentivo ao planejamento familiar também tem como foco a população, mas incide na vida comum e nas decisões de encaminhamento de ter ou não ter filhos, por exemplo.

A passagem pelas instituições esmorece e há investimento na bio-regulamentação pelo Estado, a partir de mecanismos regulamentares baseados no equilíbrio global e nos saberes das Ciências Exatas e Biológicas. Afinal, o foco é a vida agora. O trabalho de artistas nas ondas da bioarte testemunham e refletem praticamente sobre este investimento no biopoder. Assim, apontamos que, desde as produções de Stelarc até as de Kac, às instalações de Diana Domingues (<http://artecno.ucs.br/>), às mídias úmidas de Roy Ascott (<http://www.ciren.org/ciren/conferences/281101/index.html>), à realidade virtual e outras tantas vias abertas pela arte em tempos cibernéticos, há um processo de submissão de visibilidade aos encaminhamentos contemporâneos de subjetivação.

Para falar da sociedade de controle, tal como sugerida por Deleuze (1997), trago uma cidade escrita por Ítalo Calvino, uma cidade-rede que suporta menos incertezas do que cidades construídas por outros suportes e espaços. O nome da cidade? Otávia. Esta estranha cidade, pitoresca por seu desenho, fica no entre de duas montanhas, no espaço vazio que se forma entre elas, é uma cidade-teia-de-aranha. Segura apenas por “fios, correntes e passarelas” de madeira e de fios de cânhamo, a cidade encontra as nuvens acima e abaixo de si, pois as montanhas de sua “base” são por demais altas, beiram o céu e o desfiladeiro mortal.

A cidade é constituída por redes, por conexões instáveis, em que tudo pende para baixo em direção ao precipício, todas as coisas se encontram penduradas, desde as casas até as folhagens. Necessita-se de cuidado para habitar esta cidade-rede, cuidado para não cair no desfiladeiro que fica abaixo dela, cuidado para não deixar seu corpo pender pelas passarelas, cuidado para construir um modo de vida na instabilidade permanente; porém, não nos alarmemos, Calvino avisa que: “Suspensa sobre o abismo, a vida dos habitantes de Otávia é menos incerta que a de outras cidades. Sabem que a rede não resistirá mais que isso.” (CALVINO, 1990, p. 71)



Figura 2: Cidade Otávia

Fonte: Croqui de Barros, R. Disponível em http://www.orisco.blogger.com.br/2004_02_01_archive.html

A busca por uma dança viável com os fios da cidade que oscilam ao sabor dos ventos se faz na passagem, no deambular pela rede, por vezes com náuseas, por vezes com prazer, por vezes com ... Os pés podem buscar por um certo solo, mas logo se sentem sem base, perdem o fio rapidamente demais e a vertigem assola a segurança, ou há uma escapadela do trilho apenas possibilitando que o vento toque a base dos pés. A vida segue seu rumo! O toque de um corpo na rede suspensa retesa todo o conjunto interligado de materiais e de vias de comunicação. Não é apenas o vento o vetor de instabilidade e de afecções, a vida em Otávia é afecção, variação das forças do agir.

A cidade rede de Calvino fala do percurso dos habitantes, a cidade rede digital fala do percurso dos usuários pelas redes digitais e pelas marcas deixadas nelas. Os habitantes dançarinos da instabilidade vivem nas casas-saco e desenvolvem suas atividades como em outra cidade qualquer. Rede, incerteza, comunicação! Na dita sociedade do conhecimento, as trocas têm como objeto as informações, os dados, as insígnias pessoais, com vistas, também, a um mercado: as informações sobre as pessoas são mais importantes do que elas mesmas ou, as pessoas são informações. Uma piada conta que um sujeito foi fazer um pedido de pizza, mas, ao final da conversa ...

Pedindo uma Pizza em 2009

Telefonista: Pizza Hot, boa noite!

Cliente: Boa noite, quero encomendar pizzas...

Telefonista: Pode me dar o seu NIDN?

Cliente: Sim, o meu número de identificação nacional é 6102-1993-8456-54632107.

Telefonista: Obrigada, Sr.Lacerda. Seu endereço é Av. Paes de Barros, 1988, ap. 52 B, e o número de seu telefone é 5494-2366, certo? O telefone do seu escritório da Lincoln Seguros é o 5745-2302 e o seu celular é 9266-2566.

Cliente: Como você conseguiu essas informações todas?
 Telefonista: Nós estamos ligados em rede ao Grande Sistema Central.
 Cliente: Ah, sim, é verdade! Eu queria encomendar duas pizzas, uma quatro queijos e outra calabresa...
 Telefonista: Talvez não seja uma boa idéia...
 Cliente: O quê?
 Telefonista: Consta na sua ficha médica que o Sr. sofre de hipertensão e tem a taxa de colesterol muito alta. Além disso, o seu seguro de vida proíbe categoricamente escolhas perigosas para a sua saúde.
 Cliente: É, você tem razão! O que você sugere?
 Telefonista: Por que que o Sr. não experimenta a nossa pizza Superlight, com tofu e rabanetes? O Sr. vai adorar!
 Cliente: Como é que você sabe que vou adorar?
 Telefonista: O Sr. consultou o site "Recettes Gourmandes au Soja" da Biblioteca Municipal, dia 15 de janeiro, às 14:27h, onde permaneceu ligado à rede durante 39 minutos. Daí a minha sugestão...
 Cliente: OK, está bem! Mande-me duas pizzas tamanho família!
 Telefonista: É a escolha certa para o Sr., sua esposa e seus 4 filhos, pode ter certeza.
 Cliente: Quanto é?
 Telefonista: São R\$49,99.
 Cliente: Você quer o número do meu cartão de crédito?
 Telefonista: Lamento, mas o Sr. vai ter que pagar em dinheiro. O limite do seu cartão de crédito já foi ultrapassado.
 Cliente: Tudo bem, eu posso ir ao Multibanco sacar dinheiro antes que chegue a pizza.
 Telefonista: Duvido que consiga, o Sr. está com o saldo negativo no banco.
 Cliente: Meta-se com a sua vida! Mande-me as pizzas que eu arranjo o dinheiro. Quando é que entregam?
 Telefonista: Estamos um pouco atrasados, serão entregues em 45 minutos. Se o Sr. estiver com muita pressa pode vir buscá-las, se bem que transportar duas pizzas na moto não é aconselhável, além de ser perigoso...
 Cliente: Mas que história é essa, como é que você sabe que eu vou de moto?
 Telefonista: Peço desculpas, mas reparei aqui que o Sr. não pagou as últimas prestações do carro e ele foi penhorado. Mas a sua moto está paga e, então, pensei que fosse utilizá-la.
 Cliente: @#%/\$@&?#>\$/%#!!!!!!!!!!!!!!
 Telefonista: Gostaria de pedir ao Sr. para não me insultar... não se esqueça de que o Sr. já foi condenado em julho de 2006 por desacato em público a um Agente Regional.
 Cliente: (Silêncio)
 Telefonista: Mais alguma coisa?
 Cliente: Não, é só isso... não, espere... não se esqueça dos 2 litros de Coca-Cola que constam na promoção.
 Telefonista: Senhor, o regulamento da nossa promoção, conforme citado no artigo 3095423/12, nos proíbe de vender bebidas com açúcar a pessoas diabéticas...
 Cliente: Aaaaaaaahhhhhhh!!!!!!!!!!!! Vou me atirar pela janela!!!!
 Telefonista: E machucar o joelho? O Sr. mora no andar térreo!"
 (Disponível em: <http://www.dundes.com/wiki/Alex/BoasPiadas#Pizza>, data de acesso 21 de abril de 2006.)

... ele não consegue o que queria, por ter sido “traído” por seu perfil que constava na operadora de pizza. No processo, o sujeito foi transformado em dados interpretados pelo código epidemiológico, mercadológico, policial e legal e não consumiu da forma que gostaria. Então, a tentativa de comprar uma pizza, é analisada a partir do perfil do comprador, de suas condições de vida, de saúde, econômicas. O sujeito parece preso nas malhas da rede que ele

mesmo traçou a partir de suas ações cotidianas e seu modo de vida. A piada traz a face mais dura da estratégia da sociedade de controle, na qual o escrutínio permite ou não certas ações (na piada, o foco fora comprar uma pizza). A mera compra de uma pizza se dá via passagem para registros diferentes, a partir de insígnias, de marcas que o sujeito possui ou não (possibilidade que o plano de saúde garante para diabéticos, por exemplo). Os passes de entrada são móveis, mutáveis e mutantes: se o usuário tivesse com as prestações do carro pagas poderia buscar a pizza e comê-la a tempo.

Hardt (2000) aponta que não é possível falar de processos de exclusão clássicos nesta sociedade, mas sim, à guisa de Deleuze e Guattari (1996), de processos de inclusão diferencial. É claro que o exemplo da pizza neste contexto seria ridículo, tendo em vista os efeitos sobre os modos de vida que a (im)possibilidade de comprar uma pizza causa sobre um homem de classe média comparados à vivência da loucura em nossa sociedade. A existência de sujeitos que moram em condições abaixo da linha da pobreza, de moradores em situação de rua, de pessoas portadoras de deficiências, entre outros passam por processos mais visíveis de inclusão diferencial. Ou seja, há um processo de “inclusão” destas pessoas, mas a partir de elementos que a normalizam.

O processo parece ser uma onda do mesmo que se prolifera (da normalidade, do branco, do saudável...) e que vai incluindo o diferente de forma assimétrica, na forma de igual, mas diferente. Rosa Fischer (2000) aponta que o discurso televisivo digere a diferença, constituindo-a enquanto exotismo e, depois, apaga as diferenças ao propagar que todos somos diferentes. Se todos somos diferentes, o lugar dos portadores de deficiência, das minorias, das pessoas em sofrimento psíquico não se diferencia. A relação desigual construída durante séculos é apaziguada no discurso da diferença igual. Assim, a alteridade, alimento do império, relativiza a si mesma, colocando matizes que vão a seu limite, até que o mesmo não mais exista ou a ponto de entrar em formas de gestão mais facilitadas. Esta gestão facilitada se dá, inclusive, via as tecnologias da comunicação e informação.

A sociedade do conhecimento que atua mediante uma rede interconectada possibilita, conforme Paul Virilio (1999), a generalização da televigilância, que constitui um campo existencial vigiado, perscrutado e contínuo. Rogério da Costa (2004) traz a situação do sistema de rastreamento dos EUA – projeto Echelon - da época do rádio e que funcionava enquanto interceptação e mensagem, de código, etc. em um território. Agora, outros sistemas (*Total “Terrorism” Information Awareness – TIA*) têm migrado a fim de satisfazer a produção de redes, a emergência de padrões de comportamento, a partir das próprias ações

dos sujeitos nas redes (pagamentos via cartão de crédito, senhas, códigos, número do Cadastro de Pessoas Físicas (CPF), localização através de *laptops* no uso de *Global Positioning System* (GPS), e outros tantos exemplos) e não mais pela interceptação de suas mensagens ou comportamentos. Lembra da compra da pizza pelo usuário de teleentrega?

A modulação das condutas dar-se-ia através da análise dos padrões de conduta e os terroristas, procurados pelo projeto TIA, seriam localizados por não participarem de determinada rede de padrão de comportamento. Inclusive as transformações tecno-científicas, ao compor alterações nos campos do saber, poder e subjetivação, possibilitam a emergência de ramificações, de novas suavidades. Parece que o espaço enlaça-se no tempo, havendo, através do agenciamento tecnológico, a tomada do tempo pelo espaço. Virilio (1999) comenta a inércia total como um “evento” cotidiano que implica a vivência do tempo como decisiva.

Ao analisarmos a criação de perfis na Internet, percebemos que a mesma está disseminada e vetorizada, inicialmente, para o campo econômico, mas se esvai pelo campo social. Assim temos perfis pretendendo namoros on-line, perfil do Orkut, perfis candidatando-se a empregos, perfis comprando livros e sabendo quais livros outras pessoas com o mesmo perfil adquiriram... enfim, um mundo de encontros de perfis. Os perfis não são uniformes, cada qual impinge certa insígnia como marca de pertença, dependendo do interesse dos produtores dos sites. Cada qual com seu número, seu código de acesso, seu passe (COSTA, 2004). No filme “Hackers”, direção de Iain Softley, de 1995, *hackers* entram nos sistemas de identificação pessoal e alteram os dados de algumas pessoas, gerando uma confusão na cidade. Em determinada cena, eles anulam a ação de um policial, pois ele é dado como morto. Assim, nos tornamos cada vez mais leitores de código de barras próprios e alheios. A figura abaixo traz uma dimensão do código:



Figura 3: Código de barras

Disponível em: http://www.tercera.cl/medio/articulo/0,0,3255_5676_196359933,00.html

Essa dimensão de que somos construídos/perpassados por códigos de barras lembra as pulseiras eletrônicas de controle de deslocamento dos presos, das próteses utilizadas nos corpos, dos GPS, e outros tantos. Podemos pensar, também, para além das próteses e de uma suposta interioridade, que o código de barras nos compõe e que o aparelho exposto na figura 3 é uma forma de dar visibilidade para esta composição. Nesta mesma direção, Babo (s/d) discute que os fenômenos ligados ao digital vêm questionar não só o estatuto de prótese conferido aos dispositivos tecnológicos, mas o próprio estatuto do corpo, pois aqui ele fica exposto não enquanto carne crua, mas enquanto híbrido, transmutado. O corpo conectado é o *cyborg*!

A arte tem um percurso nestas transmutações. Body-art, por exemplo, é entendida como um subgênero das performances artísticas, surgida no final dos anos 60, tendo surgido da arte conceitual, ou seja, uma perspectiva que rechaçava o objeto de arte enquanto bem mercantil em favor de uma arte imaterial da idéia. “Elbody-art fue concebido como una escultura intangible y pasajera, modelada por el artista a partir de su propio cuerpo y de sus actos” (DERY, 1995, p. 178), numa perspectiva espetacular, manipulativa do corpo, da dor, do cansaço – até o esgotamento físico, no entendimento de que o corpo é um campo de batalha.

Conforme coloca Virilio (1996), o encaminhamento das tecnologias está levando ao aparelhamento do corpo, ou seja, à endocolonização, constituindo um homem superexcitado, operacionalizado através da troca do lugar pelo tempo, com a intensificação dos influxos nervosos e do biorritmo. Trata-se de um corpo tecnologizado, imobilizado no lugar e acelerado no tempo, além de distribuído nas redes da Internet. Um corpo também desterritorializado em que as dimensões do fora e dentro são questionadas, com a saída do sangue do “dentro” para o “fora” dos bancos de sangue, com a implosão da noção de dentro dos órgãos pelas tecnologias médicas. Stelarc (s/d) , em suas performances, propõe uma desregulagem do corpo tal como o conhecemos, utilizando tecnologias que amplificam o “interno”⁸ e também o explodem, chegando a propor uma nova pele que teria as funções de respiração e fotossíntese. Aqui, o essencial seria a virtualização do corpo em um grande hipertexto simbiótico com o ambiente digital das redes eletrônicas.

Eduardo Kac (www.ekac.org.br) transgride as fronteiras modernas entre corpo-arte-ciência ao produzir híbridos que provocam o pensamento. “GFP Bunny”, por exemplo, foi o

⁸ Nesta perspectiva, as noções de interno/externo não operam mais construções conceituais, pois entende-se que subjetividade é uma construção que se dá processualmente, micropoliticamente através de vários acoplamentos.

nome do projeto do coelho que fica fosforescente ao ser exposto à luz azul. O projeto da coelhinha Alba que sofreu, a pedido do artista, mutações genéticas, deveria participar do cotidiano da família do artista. Quando o laboratório não entregou a coelhinha criou-se um movimento na Internet chamado de “Free Alba”.

A rede, tal como na cidade de Calvino, não suporta mais do que transita em suas linhas, em seus nós. Porém, o que transita transmuta (embalado ao sonho dos alquimistas...). Kac, por exemplo, transformou-se em gado! Em outra obra, o bioartista injetou no próprio corpo um chip de identificação animal, cadastrou-se como animal e transitou pelo mundo, viajando e violando as barreiras da sociedade de controle. Um humano cadastrado como animal! Por mais que haja controle, os híbridos conseguem passar pelas barreiras, transgredindo através da passagem pelas mesmas redes da sociedade de controle. A obra de arte transgênica mostra vitalidade e desembaraço para isso, porém ela não é a única a constituir estes “escapes”.

A tecnologia abarca uma enorme gama de composições que passam desde a produção de produtos, de estratégias e até de sujeitos. Ela se enlaça com configurações de forças históricas e também relações de saber-poder, nas quais a forma homem foi esculpida e esculpe a si mesma. Essa multiplicidade interroga quando o cotidiano se vê habitado por sujeitos vivendo atrelados a suas próteses (sejam elas carros, aparelhos dentários, marca-passos, óculos, bengalas), em articulações diversas entre agentes físicos e não físicos, materiais e imateriais, de carne e de silício, de sons e de silêncios (FRANCISCO, 2001). Da mesma forma que no sonho relatado no início do capítulo, os híbridos (con)vivem no cotidiano de formas mais ou menos explícitas e mais ou menos prazerosas.

O conceito de vida tem sido muito discutido na contemporaneidade. Inclusive pela orquestração das tecnologias e pela pergunta sobre o humano em tempos pós-midiáticos, pós-modernos, da modernidade tardia, pós-humano... Vida aqui entendida não apenas enquanto estrutura biológica, mas enquanto política e envolvida em procedimentos jurídicos.

Ao adentrar a arena política, Agamben (2004) aponta a centralidade da vida no transcurso contemporâneo. Ele vai aos gregos e destaca duas acepções sobre forma de vida tal como constituídas naquela época: *zoé* e *bíos*. Duas palavras para designar tipos de vida diferenciados: a primeira, vida partilhada entre homens e outras formas de existência e a segunda, vida política. A *zoé* vida excluída do social, vida nua, excluída de si mesma, tem seu lugar na soberania ao inscrever um campo difuso, num esmaecimento dos direitos civis. A vida do homem encarcerado, do homem no campo de concentração, no homem do

manicômio. Vida que, ao ser vista de longe, nem mesmo parece vida, parece sobrevida, vida de UTI...

Ele pensa nossa sociedade como que funcionando sob o regime da soberania que, ao se instituir sobre o estado de exceção, deixa ver sua relação com a vida nua, vida indigna de ser vivida, vida que perdeu (ou nunca chegou a possuir) seus direitos. Incluída na exclusão, a vida nua, no regime totalitário, é objeto de decisão. No caso dos judeus, por exemplo, elididos de seus direitos no campo de concentração, eles tornam-se politicamente não pertinentes: assim, no regime da soberania, não há crime contra os judeus, há decisão do poder soberano sobre a vida. E esta vida se transforma em um regime de sobrevida, pois é reduzida a meros fenômenos de sobrevivência.

Interessante a perspectiva de Agamben ao discutir que a contemporaneidade tem ampliado os limites do estado de exceção. Com o medo generalizado operado pelo discurso sobre o terrorismo e as prisões políticas, Agamben vê o estado de exceção se ampliar e matizar as relações sociais, constituindo práticas excludentes, no mesmo movimento em que a biopolítica se destaca na politização da vida nua [guerras do petróleo, construção de subjetividades, vida dos muçulmanos (PELBART, 2002), captura de traços fisionômicos dos sujeitos, sua identificação a um determinado grupo de pertença e a supostas práticas sociais].

Nas fronteiras ainda existentes entre os países, os traços fisionômicos, a cor da pele, o sotaque são elementos de desconfiança, segregação, inquérito, prisão. O cerceamento simbólico dos lugares de trânsito ainda são evidentes na sociedade da biopolítica em que o sujeito é visto enquanto membro de um clã, de um grupo religioso, de uma casta... as pesquisas sobre culturas, etnias, religião se prestam também à criação de perfis das populações.

Visto através dos traços deixados pelo deslocamento na cidade - tal qual nas pesquisas sobre animais, em que se realiza controle via rádio através de placas colocadas no corpo dos mesmos -, o sujeito é um consumidor/produtor. A sombra do consumidor/produtor se vislumbra nos rastros deixados pelo uso de cartões de crédito, pela passagem por cancelas eletrônicas mantidas com senhas de acesso, pelo uso de sistemas de informação, pelo acesso ou não a determinados grupos tendo em vista seu perfil... Através da sombra que passa vislumbra-se uma marca, um passe, uma insígnia... Os sujeitos das sombras são identificados por marcas bem específicas, por exemplo, no episódio da morte de um brasileiro em Londres pela polícia local, se deu porque o mesmo carregava uma mochila e isso, em tempos de terrorismo, é marca de ataque. Uma mochila levada por um latino, eis o motivo do

homicídio. O que antes era marca de turismo, agora vira marca de possibilidade de morte.

As estatísticas e os perfis demarcam as formas de existência, desde estatísticas epidemiológicas até as comportamentais que falam, por exemplo, de situação de risco e de vulnerabilidade social. No corpo se dá a marca da existência que pode ancorar um determinado território subjetivo, como a conformação de formas de vida. E aqui vida não é simplesmente a vida humana, é arranjo formado pelo impessoal e intempestivo, no qual os movimentos de territorialização e desterritorialização se fazem operar.

A interatividade dos sistemas fala também da produção de necessidades e de relações sociais na produção de modulações de formas de vida: enxertadas sobre si mesmas, as produções entram no circuito produto-produzir-produção (DELEUZE & GUATTARI, s/d). Produção de mundos e de subjetividades. Tal como Kac, o sujeito anda pela rede, marcado, mas também invisível. A rede, tal qual a rede de pesca, retém alguns elementos, mas deixa outros passarem, de acordo com a porosidade, o tamanho da malha. O controle, muitas vezes é eficaz, mas por outras é absolutamente permeável.

Serres, em entrevista dada a Rogério da Costa e Rogério Teixeira (2000), refere o movimento de mulheres com câncer na Internet. Explica que o mesmo amplifica a formação de redes de solidariedade, de expressão e mesmo, científicas. Isso porque, como refere, há médicos que se utilizam das informações do site para entender e intervir junto a suas pacientes. A entrada na rede da solidariedade abre espaços para a exposição de informações que não entram na rede da consulta médica.

Além disso, a Internet é também palco de ciberativismo⁹, de luta pela paz, pelo respeito aos direitos humanos e civis e desobediência civil. Os zapatistas (ANTOUN, 2004), ao constituírem diálogo com a comunidade local, na perspectiva de luta por voz e decisão, aglutinaram ONGS e outros estabelecimentos na luta que se espalhou pela rede. Da mesma forma, na guerra do Iraque, os *blogs* serviram como instrumento de rompimento da seleção das informações pelas grandes cadeias de notícias sobre a guerra e deram visibilidade aos acontecimentos por parte de quem os vivia, no momento mesmo em que era vivido.

⁹ Antoun refere algumas táticas utilizadas pelos ciberativistas: “Em 1998 o grupo Teatro Eletrônico de Distúrbios (*Electronic Disturbance Theatre* – EDT) cria o inundanet (*floodnet*) – uma aplicação em java para os navegadores (*browsers*) que repetidamente envia pedidos de recarregar para um sítio da internet – concebido como um modo de convocar uma manifestação virtual onde uma multidão podia tentar paralisar ou derrubar um alvo usando esta aplicação (o projeto chamava-se significativamente *swarm*, que significa enxame, numa clara alusão ao ataque por afluência). O *software* foi chamado de Zapatista inundanet (*floodnet*) e inaugurou o casamento dos *hackers* com o ativismo político, mais tarde chamado de *hacktivismo*” (ANTOUN, 2004, p. 229).

No mesmo sentido, de potencialização e de registro dos que vivem uma vida nua, Joseph Schmitz (1998) descreve uma experiência realizada em Santa Mônica – Estados Unidos na qual foi disponibilizado um sistema (*Santa Monica's Public Electronic Network – PEN*) para os residentes, inclusive *homeless*. Dentre os objetivos da mesma estava providenciar acesso eletrônico a informações públicas, promover a comunicação entre os residentes e destes com serviços do governo. Como efeitos, Schmitz aponta que houve uma potencialização da comunicação entre os residentes da cidade e o diálogo colaborativo entre estes, concluindo que o artefato demonstra que este tipo de tecnologia, construído para interação faz diferença nas relações sociais: “When they are deliberately employed to bridge social distances, the ability to span social and physical gulfs can serve to include those who are often excluded” (1998, p. 97). Ao colocar pessoas que não interagiam no espaço físico em contato via espaço da rede (fórum), foi possível verificar os conflitos que surgiram bem como a rede de colaboração, dando visibilidade a algumas relações sociais invisibilizadas no cotidiano. Neste exemplo, a rede serviu enquanto espaço de interlocução e de convivência.

Pelbart (2003) relata o conto de Kafka sobre um Imperador da China que, no afã de proteger seu império, mandara construir uma muralha em torno do espaço físico do mesmo, afim de proteger-se dos nômades. A construção da muralha seguiu caminhos estranhos, de forma nenhuma ela seguiu uma linearidade, como poderia supor-se na construção de muralhas, de fortalezas de proteção, em que as paredes seguir-se-iam umas às outras, delimitando um espaço e fechando-o, constituindo um dentro/fora. A tentativa de proteção foi frágil, porque os nômades já estavam no coração do Império, exalando e inoculando seu modo de vida para os habitantes.

Tal qual no Império chinês, a sociedade contemporânea retém e deixa passar, com limites não prioritariamente geográficos, mas sim de estilos de vida. Misturada com avatares, com nômades, a sociedade de controle vive na/da hibridização, na/da inclusão diferencial, na/da diferença e indiferença com as diversas formas de vida pululantes.

1.2 SOCIEDADE DE CONTROLE E SAÚDE MENTAL

No âmbito da saúde e da saúde mental, o exercício do biopoder foi poderoso na construção de estratégias e de comportamentos, bem como de intervenções sociais. A intervenção da medicina foi um dos mecanismos utilizados no biopoder na perspectiva do corpo-população. Foucault (1980) descreve este processo enfocando o nascimento da clínica

como uma emergência da prática médica articulada com movimentos e ocorrências sociais tais como a formação do estado nacional, a emergência do conceito e do exercício de poder sobre a população, bem como a formação do corpo dócil do trabalhador. A vigência da medicina social, nos seus atravessamentos pela medicina de Estado, urbana e da força de trabalho pautou-se no conhecimento científico e no governo de corpos e almas, sob a alegação de que a função de controle ou de governo estava situada no Estado. Isso inserido no contexto de normalização do espaço urbano e de desenho de um *modus operandi* para o Estado:

Trata-se do social enquanto um governo dos sujeitos que se transformam em trabalhadores (com a industrialização), em perigo (com as epidemias), em fonte de informações (com as pesquisas científicas), dentre outros. Social que é constituído nas amarrações de diversas linhas: produção numa sociedade industrializada em ascensão, constituição de um estado com sua necessidade de configurar lugares de mando e de constituição de deveres e direitos (tanto de cidadãos quanto de governantes), na constituição de um território próprio com características culturais “semelhantes”. A ação é sobre um espaço territorial dado, as ações específicas e localizadas (FRANCISCO, 2004, p. 18).

O processo de medicalização da sociedade, mediado pelo panoptismo jogou com a visibilidade, a culpabilidade e a própria formação dos sujeitos. O movimento higienista também exerceu dobras importantes na saúde, tanto no mundo quanto no Brasil. Baptista (1999) expõe este processo na estória de uma negra bantu que acompanhou a história da saúde no Brasil, desde antes da vinda da família real, com seus deslocamentos na questão de gênero, família, regime de governo, concepções de saúde e doença, cidade.

O olhar sobre a cidade e seus estabelecimentos de saúde demarcam uma perspectiva de enclausuramento e, depois, de abertura, passando da supremacia do estabelecimento para a “liberdade” das ruas da cidade. A literatura brasileira traz reflexões sobre este enclausuramento como na obra muito citada de Machado de Assis. Simão Bacamarte, personagem de Machado de Assis em “O alienista” (1998) já demarcava as preocupações do alienista com o bem-estar de sua comunidade, sendo sua ação governada pelo ímpeto científico mais nobre, a busca pela “verdade” e ações que se dirigiam à coletividade bem como a si mesmo. O alienista enclausurou diversos cidadãos, testando suas hipóteses diagnósticas e, ao mesmo tempo, foi construindo as mesmas. A tipologia dos alienados seguia os caminhos do pensamento do médico até perceber que ele mesmo (o alienista) é que sofria: sofria de ciência, estava doente de conhecimento científico e de seu exercício sobre a cidade.

O saber psiquiátrico e suas relações com o sistema penal são também tematizados. A construção de quem é o louco e o vínculo com a periculosidade remontam a práticas de

adequação ao mundo do trabalho, à “paz” social, à moral vigente, ao movimento higienista dentre outros vários aspectos.

Historicamente, o manicômio foi o *locus* para a criação, tratamento e manutenção da doença mental. Esse espaço tornou-se importante na passagem da sociedade de soberania para a disciplinar, na medida em que a instituição é uma agência de formação de sujeitos, a partir do investimento que faz em controle do tempo, do espaço, das atividades corporais, da visibilidade e da subjugação a normas. Assim, cada instituição participou da emergência de sujeitos: no manicômio, o louco; na escola, a criança; na prisão, o delinqüente; no asilo, o velho; no hospital, o doente/a doença. Tal ação foi direcionada, específica e localizada sobre um espaço territorial dado.

Os corpos individualizados nas instituições não se mantiveram apenas nesta forma de visibilidade operada pelo exercício de poder; foi-lhe direcionado outro dispositivo, o biopoder, que os tomou a partir de um olhar coletivo, dando contornos aos corpos enquanto espécie, enquanto população. Assim se tornou individuado na instituição e coletivizado a céu aberto. Neste sentido, para Richard Miskolci (s/d), na sociedade disciplinar, o corpo e a espécie passam a ser considerados paralelos e a espécie humana passa a ser contabilizada, classificada, objeto de estimativas e pesquisas quantitativas, na perspectiva do biopoder.

Se pensarmos na orquestração da loucura, nos momentos propostos por Foucault (1972, 1983), vemos um momento de institucionalização e, depois, uma abertura com a medicalização e a psicanalização. O que antes as instituições faziam no sentido da administração dos tempos e espaços do louco, agora é veiculado por outras estratégias: cada vez mais na regulação, modularização de condutas, as quais são constituídas inclusive pelas tecnologias farmacêuticas, médicas e psi. O que está na rede não é fundamentalmente o corpo dos sujeitos, mas suas ações e relação entre suas ações e as de outros, no perambular pelas redes.

A desconstituição dos meios de confinamento demarcados territorialmente e a configuração de um espaço aberto, no qual se misturam diversas instituições, possibilita diversas vivências. A loucura - transformada em doença mental, em psicose e em sofrimento psíquico - circula pela sociedade atualmente, livre em alguns momentos, institucionalizada em outros, mas aberta à circulação social. O movimento pineliano, que conduziu a uma conduta moral perante a loucura, parece instaurar-se agora via contenção química e “livre” trânsito. Como afirmam Fonseca, Perrone & Engelman (2003):

Quando dissemos que são os restos de uma guerra o que vimos quando se abriram os portões manicomial, e a loucura e os loucos passaram, então, a ser convocados a habitar as salas de jantar e a cidade, referimo-nos, certamente, à exaustão e fracasso das estratégias do poder disciplinar, uma vez que o ímpeto alienista e higienista não conseguiu eficácia na conversão do estranho em familiar, do diferente no mesmo conhecido (p. 57).

Os meios fechados e a forma de escrutinar tempos se abrem na sociedade de controle quando da mistura dos espaços determinados e da instauração da rede enquanto paradigma de relação. Porém, as instituições continuam a existir, demonstrando a permeabilidade e a coexistência de equipamentos mesmo em sociedades com formas de agenciamento diferenciadas. Nos manicômios, por exemplo, existem vidas desprovidas de direitos civis - tal qual num campo de concentração – e mesmo do direito à vida, ao corpo, ao deslocamento.

Com a implementação dos CAPS, a atenção à saúde mental adentra o território, sai dos muros hospitalares, entra na mídia, nas ruas, nas casas. As instituições continuam a existir, porém com formas e atuação diferenciadas, mais brandas, descentradas, escorregadias; esvaindo-se nas brechas dos muros das instituições, Deleuze (1992) aponta a sociedade de controle, a sociedade dos controles difusos, das cifras, senhas, das passagens e dos barramentos, dos códigos. Nesta, o controle sobre o território geográfico não é mais o foco, apesar de continuar existindo.

A assistência à saúde mental no Brasil pauta-se na legislação existente¹⁰, primando pela luta pelos direitos dos usuários, pela desinstitucionalização, pela desconstituição do discurso psiquiátrico e da doença mental e articulação de um lugar de sujeito (para os usuários, familiares e equipe). Em especial nos princípios como regionalização, integração, hierarquização, composição de procedimentos de planejamento e avaliação das ações.

Dentre as várias possibilidades de atenção à saúde mental, um dos serviços criados é o CAPS¹¹. Este é regulamentado pela Portaria GM 336, de 19 de fevereiro de 2002, Portaria SAS 189, de 20 de março de 2002 e Portaria GM 1455, de 31 de julho de 2003.

Conforme Manual do CAPS, um documento do Ministério da Saúde (2004a), os CAPS têm um papel estratégico na organização da rede comunitária de cuidados, pois deve articular outros serviços e ações. Trata-se de um serviço comunitário, baseado em um território e que

10 Lei no 9.867, de 10 de novembro de 1999, Lei n.10.216 de 6 de abril de 2001, portaria n. 2391/GM de 26 de dezembro de 2002, e outras (BRASIL, 2004b).

11 Através de dados disponíveis em <<http://www.inverso.org.br/index.php/content/view/7318.html>>, fornecidos pela ATSM/DAPE /SAS/MS, em setembro de 2003, a Rede CAPS no Brasil era constituída, por 165 CAPS I (sendo 29 do estado do RS), 205 CAPS II (sendo 25 do RS), 20 CAPS III (nenhum no RS), 36 CAPSi (02 no RS) e 51 CAPSad (sendo 04 no RS). No total, há 60 dispositivos no estado do RS.

tem o objetivo de atender pessoas em sofrimento psíquico, incluindo os transtornos relacionados às substâncias psicoativas (álcool e outras drogas)¹².

As intervenções dos serviços substitutivos têm sido pensadas cada vez mais como intervenções a céu aberto, na conexão com os recursos dos municípios e da comunidade, compondo ações que não se prendem aos estabelecimentos. As oficinas, grupos, cooperativas, visitas domiciliares (VDs) são exemplos de práticas que ocorrem cotidianamente nos CAPS. As VDs, por exemplo, herdeiras de trabalhos de assistentes sociais, ao adentrar o espaço do domicílio, não mais centram o atendimento apenas na unidade básica de saúde, centram na relação de um trabalhador de saúde mental e o usuário (ou usuários, no caso de famílias), na relação afetiva, de acolhimento... Ainda há controle, baseado no afeto, nas trocas, no cuidado. Ao adentrarem o espaço domiciliar, as VDs compõem uma saúde que não tem apenas um *locus*, ela se esboroa no campo social e deve ser tratada de forma responsável e individual por cada um. Dessa forma, cada um é responsável por sua saúde, pela de seus familiares, amigos e comunidade.

Esta estratégia possibilita também um contato mais próximo com os usuários, de forma a viabilizar uma visão das formas de vida agenciadas por cada usuário, família, comunidade, etc. Neste sentido, ela segue a lógica da sociedade de controle, que se efetua através de processos contínuos e sem pausa, nunca concluídos, baseados no escrutínio e na modulação das condutas, constituindo uma metaestabilidade a partir do constante movimento da informação. Informação sobre como o sujeito cuida de sua saúde, se ele toma a medicação prescrita (ato contabilizado pela conversa com familiares ou mesmo pela administração da medicação em casa, seja via oral ou injetável), se tem hábitos de higiene, e outras tantas (LANCETTI, 2000).

Em cidades pequenas e de médio porte do RS, o conhecimento sobre a vida do outro, suas redes sociais, seu “passado” e suposto futuro se encontram nas bocas, nas visitas e casa, no chimarrão do final da tarde. O texto da vida circula muito mais do que em grandes centros. Muitas vezes, é como se o texto da VD já estivesse incrustado nos trabalhadores de saúde, na

12 Estes serviços visam prestar atendimento em regime de atenção diária; gerenciar os projetos terapêuticos, oferecendo cuidado clínico eficiente e personalizado; promover a inserção social dos usuários através de ações intersetoriais que envolvam educação, trabalho, esporte, cultura e lazer, montando estratégias conjuntas de enfrentamento dos problemas; organizar a rede de serviços de saúde mental de seu território; dar suporte e supervisionar a atenção à saúde mental na rede básica, PSF (Programa de Saúde da Família), PACS (Programa de Agentes Comunitários de Saúde); regular a porta de entrada da rede de assistência em saúde mental de sua área; coordenar junto com o gestor local as atividades de supervisão de unidades hospitalares psiquiátricas que atuem no seu território; manter atualizada a listagem dos pacientes de sua região que utilizam medicamentos para a saúde mental.

equipe e nos usuários, algumas vezes de forma cuidadosa, nas ondas da humanização, outras de forma caridosa. O texto da vida circula nos corredores dos estabelecimentos de saúde e, muitas vezes, é tema de debate. Já acompanhei discussões em Santo Ângelo sobre formas de cuidados com os filhos, sobre responsabilidade perante os atos de outrem, sobre estado e aparência, entre outros assuntos.

Caponi (2000) propõe uma genealogia da assistência médica, passando por Foucault e Nietzsche dentre outros, e aponta que o sentimento de compaixão piedosa enquanto motor do cuidado está relacionado com práticas de poder sobre a saúde das populações. Os bons sentimentos e a prática utilitarista são trazidas como correntes que forjam a compaixão. Esta é ainda justificativa para práticas em saúde mental, fundamentada na obediência e na caridade para com os que são assistidos. É interessante notar que os assistidos são, em grande parte, sujeitos de classe popular, sobre os quais as ciências há muito se debruçam a fim de forjar conhecimento. Tanto que a autora refere que:

[...] o perigo, inerente a uma assistência pública que se apresente como piedosa, consiste em que, por trás da repetição da velha promessa sempre postergada de garantir o bem-estar geral, ela se contente em reforçar a sujeição dos corpos, pela mediação das biopolíticas. Tanto o auxílio técnico-administrativo referido à pobreza, quanto uma assistência apta para cobrir as demandas de saúde da população devem rejeitar qualquer apelo à piedade e propiciar uma solidariedade efetiva entre iguais. (CAPONI, 2000, p. 44)

Lembremo-nos de que grande parte dos usuários dos estabelecimentos públicos de saúde mental são oriundos de classe popular e que, na intervenção, trata-se de encontros entre sujeitos desiguais, sejam eles trabalhadores da saúde, gestores, familiares...

Os “loucos” de Santo Ângelo ainda são ofendidos quando passeiam em grupo por algumas ruas. São chamados, aos gritos: “lá vão os loucos do CAPS!”. O uso do plural aponta para a visibilidade de um coletivo. Agora, o endereçamento não é só individual: é coletivo. Trata-se d’os loucos, mas não os loucos de rua, os loucos de casa, loucos quaisquer; mas, sim, os loucos do CAPS. Os loucos podem circular pela cidade, mas são reportados a um estabelecimento de cuidados (ou de custódia perante o olhar social), a um estatuto de usuário de um sistema de saúde, condicionados a um tratamento psi, seja ele psiquiátrico ou psicológico.

A loucura silenciada pelos psicofármacos, pela psiquiatria biológica, pelo processo de psicologização pode circular pelos serviços substitutivos aos manicômios, pois os muros deles caíram, deixando vaziar a “lógica” manicomial pela sociedade como um todo. A necessidade

das paredes foi substituída, pois a divisão entre o interior e o exterior também se fragilizou e ganhou novos tempos. Aqui a instituição não agencia mais tanto a loucura. Porém, o estabelecimento vira como que uma ilha para pessoas em sofrimento psíquico.

Os serviços substitutivos são estratégias de legitimação do discurso dos usuários e familiares, reafirmando o lugar de cidadão dos mesmos. Em sua forma de funcionamento proposta, a participação dos usuários é um dos motores da promoção e prevenção em saúde - vide, por exemplo, a listagem de atividades sugeridas pela legislação, como oficinas.

Ora, acreditando que a própria subjetividade é um efeito das relações saber-poder, é ingênua a perspectiva de fugir destas relações. A perspectiva talvez seja a de limar com cuidado as dobras da subjetividade e constituir outras obras de vida. Neste sentido, as ações nos CAPS não são libertadoras ou salvadoras, são sim ações de trabalhadores envolvidos em regimes de saber-poder, em diversos discursos. Ou seja, a perspectiva não é do lado negativo do controle, mas em sua ação criadora de subjetividades.

Inclusive, diz-se que Deleuze utilizou a perspectiva da sociedade de controle do mecanismo CutUp de Burroughs. Parece interessante trazê-la aqui como um pensar sobre a intervenção com tecnologias na sociedade de controle, como modo de resistência e formas de re-invenção da vida.

1.3 SOCIEDADE DE CONTROLE E TECNOLOGIA: CUTUP!

CutUp! Burroughs (1994) propõe uma intervenção na cidade com a participação dos cidadãos a partir do processo de edição de fragmentos de produções sociais diversas, como conversas, discursos políticos. A reprodução aleatória dos sons e imagens produziriam desregulagens e a saída do ensimesmamento da sociedade de controle. CutUp, corta e agrega mensagens, imagens, textos diferentes. CutUp, distribua isso nas ruas, em público, *playback* e produza comportamentos sociais, induza comportamentos ou, componha comportamentos, reintroduza o vírus em seu pleno funcionamento. Desta forma, o replicante altera sua forma numa simbiose com o hospedeiro e se reinjeta diferentemente no social.

Na escrita, este pequeno replicante pode ser produzido em condições específicas, com procedimentos e protocolos próprios. São procedimentos simples, mas que devem ser executados metodicamente. Assim, Burroughs ensina a fazer misturadores de idéias, seja dobrando folhas e inserindo na composição de extratos textos ou palavras, seja compondo imagens sonoras com o corte e interpolação de outros sons, diferentes dos originais, seja

através do corte por segmentos de tempo. CutUp! Corte e cole!

Pode-se começar com dois gravadores. O processo mais simples de mistura são tesouras e material para colar. Pode-se começar misturando palavras, fazer toda a espécie de fita magnética, misturá-las e observar os efeitos nos amigos e em si próprio. A etapa seguinte é um filme sonoro e depois a câmara-vídeo. Naturalmente que os resultados das experiências individuais poderiam levar a experiências de massa, das gravações de terror de massa, registros de motis, etc. (BURROUGHS, 1994, p. 63).

A idéia de Burroughs é mesmo a de vírus, de um parasita que se reproduz no hospedeiro, num mecanismo de replicação que depende totalmente do hospedeiro para se efetivar. Ele pode também tramar uma relação estranha com o hospedeiro, em que destitui o hospedeiro de sua organização, causando-lhe a desagregação de sua forma anterior. A forma cancerosa, de reprodução diferenciada, também pode ocorrer, criando destruição. No acoplamento com as tecnologias, os vírus se reinjetam no social.

Uma mutação virótica, replicante, possibilita que co-existam, nestes tempos híbridos, estabelecimentos com estruturas verticalizadas, burocráticas, disciplinares, heterônomas com organizações autogestivas e mestiças. As nanotecnologias, tecnologias da medicina, farmacologia compõem corpos e afetos em sintonia com políticas públicas e com os encaminhamentos sócio-técnicos, conformando redes. Aqui a tecnologia não é apenas uma técnica, desvinculada do arranjo social, nem um artefato que possa ser considerado fora de sua história e relação com o social.

Neste sentido, Simondon (1989) discute a emergência dos objetos técnicos, desde uma perspectiva histórica e aponta que, com a formação do córtex cerebral no homem, os objetos técnicos se independizam parcialmente da ação inventiva do homem. Eles seguem seu próprio *phylum*, trilham seu caminho de evolução e constroem uma natureza diferenciada, uma natureza artificial: a tecnosfera. A este movimento de autonomização da caminhada dos próprios objetos técnicos em sua relação com outros objetos e frente sua própria evolução chama-se de tecnicidade. Tanto que Simondon demarca uma diferença na relação homem-técnica durante a história.

A mudança na forma de perguntar parece ter sido utilizada por Simondon (1989) no tocante à tecnologia. Ele não parte da máquina como entidade prévia, mas sim como resultante de processos de individuação, sinalizando para um ontologia da tecnologia. Os elementos e seus contextos respondem aos diversos tipo de individuação.

As repercussões dos estudos de Simondon para o campo das ciências podem ser vistas

no trabalho de Henning Schmidgen e equipe (<http://vlp.mpiwg-berlin.mpg.de>)¹³. O projeto consta de refletir sobre pesquisa a partir das tecnologias. Apresentam-se equipamentos de pesquisa experimental do século XIX! O autor afirma, em entrevista a Andréa Moraes, que a companhia do filósofo possibilita repensar experimento e suas máquinas:

Com Simondon, a questão não é mais o que é um experimento, mas antes: quais são os elementos que estão reunidos para formar um experimento, e, ao mesmo tempo, o que é o meio além de quais são as circunstâncias que são constitutivas para este conjunto?

Na prática, isso conduz a uma dupla contextualização dos experimentos: de um lado, com relação à cultura material, na qual eles estão inseridos, de outro lado, com relação ao seu meio interno, seu material interior. O segundo ponto importante é mais específico. Simondon define objeto técnico fazendo referência ao "esquema funcional" que é incorporado em todas as versões de uma dada máquina, por exemplo. Dizendo de outro modo, nos objetos técnicos a individualidade não reside no nível dos objetos materiais isolados, mas está amarrada a séries de tais objetos. (...) nós devemos colocar nosso foco nos "esquemas funcionais" que constituem o início de uma série de experimentos, ou como Simondon propõe, "linhagens" (2005, p. 121-122).

A concretização de um objeto técnico diz de sua capacidade de passar de um estado de artificialidade para outro de sinergia dos seus componentes internos que conformam o objeto. Isso dá o “valor” da concretização que tem o vetor da diminuição da necessidade de interferência externa para seu próprio funcionamento. Nada antropocêntrico, Simondon pensa a compatibilização dos elementos e a sinergia do próprio objeto técnico como forma de individuação do mesmo. Assim, livre da dependência, o objeto técnico se acopla com o meio e produz: produz sem determinação, produz imprevisivelmente. É claro que o objeto técnico não funciona desvinculado de substratos. Ele se acopla no meio associado, ou seja, ao meio técnico e natural, em outras palavras, o objeto técnico se relaciona ao meio geográfico e os componentes técnicos.

Assim, usualmente são direcionadas perguntas à tecnologia quanto à sua eficiência, falibilidade e outros aspectos que a colocam à distância dos arranjos sociais. Vinciane Despret (2004) retoma a imbricação dos elementos, tecnologias, sujeitos de pesquisa ao arranjo social. Ela pensa na co-construção do pesquisador e do “objeto” de pesquisa. Neste sentido, debruça-se sobre as pesquisas com animais (tanto com cavalo, ratos, ganso) e recoloca as questões sobre as relações que se traçam no próprio pesquisar. Por exemplo, nas

¹³ O laboratório virtual é uma plataforma aberta para publicação, divulgação e discussão sobre pesquisas sobre experiências nas ciências da vida, na arte e na tecnologia. São apresentados textos e imagens correspondentes a vários aspectos da experimentação da vida, tal como instrumentos e locais.

pesquisas com o cavalo Hans, datadas do início do século XIX, a grande pergunta era se um cavalo conseguia contar, se ele era inteligente. Isso porque o animal, ao ser indagado, emitia o resultado correto de cálculos matemáticos a partir do toque da pata sobre o solo. Um cavalo que conta parecia uma revolução na pesquisa com animais, porém esta revolução ainda deixaria a perspectiva da relação pesquisador-animal intacta. O que os pesquisadores de Hans (Pfungst, por exemplo) constataram foi que o cavalo não contava efetivamente. Ele seguia pistas corporais dadas pelas pessoas que faziam as perguntas para ele. Tanto que, se a pessoa não soubesse a resposta, o cavalo errava. Nesta perspectiva, o sujeito e o objeto da pesquisa compõem mútuas implicações, inseridos em uma prática que constrói tanto animais quanto humanos. Nas palavras da autora:

As long as this practice proposes new ways to behave, new identities, it transforms both the scientist and the rat. Both the student and the rat transform the practice that articulates them into what we may call an ‘anthropo-zoo-genetic practice’, a practice that constructs animal and human. The rat proposes to the student, while the student proposes to the rat, a new manner of becoming together, which provides new identities: rats giving to students the chance of ‘being a good experimenter’, students giving to their rats a chance to add new meanings to ‘being-with-a-human’, a chance to disclose new forms of ‘being together’. Wasn’t that what we learned with Hans? On the one hand, the clever horse gave to his human questioners the chance of ‘becoming with a horse’, performing a body that a horse can read, acquiring a horse-sensitivity. On the other, humans domesticating horses offer them a new identity: being a horsethrough-human (DESPRET, 2004, p. 122).

Despret relata estudos nos quais pesquisador instruíam os alunos para condicionarem ratos, porém, anteriormente avisava se o rato era “burro” ou “inteligente”. A conclusão dos alunos na pesquisa foi compatível com o enunciado pelo pesquisador-professor: quem tinha trabalhado com um rato dito “burro”, chegou a resultados que confirmavam o baixo grau de inteligência afirmado anteriormente à realização do experimento. Neste estudo clássico de influência e de autoridade, a autora gira a perspectiva e vê a construção de competências tanto para o rato quanto para o aprendiz de experimentos.

Voltando ao exemplo de Hans, o cavalo, ele soube contar na relação, construindo mecanismos para ler o corpo dos humanos, da mesma forma que os humanos davam respostas musculares mais adequadas à leitura do animal. Os ratos da pesquisa condicionaram e foram condicionados pelos alunos. Aqui, a autoridade é tida como autorização para o rato tornar-se inteligente, da mesma forma para o aluno tornar-se cientista. O que se sabe, se sabe na relação.

Da mesma forma, podemos pensar nos objetos técnicos que subsistem em um meio

associado¹⁴. A pergunta pela relação e pela co-construção entre sujeitos e tecnologias é a baliza deste trabalho, na medida em que se descartam as concepções humanizadoras e reificantes, bem como as utilitaristas da tecnologia. Como afirma Simondon: “La culture s’est constituée en système de défense de l’homme, supposant que les objets techniques ne contiennent pas de réalité humaine (...) la culture doit incorporer les êtres techniques sous forme de connaissance et de sens des valeurs”. (1989, p. 09). Ou seja, o objeto técnico não é uma unidade absoluta.

A tecnicidade, na perspectiva de Deleuze e Guattari (1997), relaciona-se com a máquina social ou coletiva. Ela não entra em processo de diferenciação e atualização ou evolução (nos termos de Simondon) desconectada do arranjo social. Os autores chegam, inclusive, a afirmar que “o princípio de toda tecnologia é mostrar como um elemento técnico continua abstrato, inteiramente indeterminado, enquanto não for reportado a um agenciamento que a máquina supõe” (p. 76). Ou seja, cada máquina está em relação com as matérias de sua formação, com o processo de outras máquinas, com o *phylum* evolutivo, e com relação com máquinas de diferentes níveis de complexidade. Inclusive, cada uma compõe sua própria consistência ontológica: “Cada máquina tecnológica segue domínios de alterificação” (GUATTARI, 1992, p. 58). E, além disso, a essência maquínica, para Guattari, se encarna em várias máquinas, não apenas nas tecnológicas. Encarna-se na máquina corporal, na máquina social, na máquina científica, na máquina teórica.

A consistência ontológica dá-se no entrecruzamento de dois domínios (discursivo e não discursivo) e de seus componentes. A figura 4 diagrama as relações entre os elementos e seus processos de modelização:

¹⁴ Simondon (1989) concebe o meio associado como as relações que se dão entre um objeto técnico e os lugares onde eles funcionam. Por exemplo, o meio associado de um trem, no tocante aos trilhos, é a zona geográfica onde o mesmo se situa. Incluindo, aqui, o relevo, tipo de solo, chuvas, erosão, tipo de atividade desenvolvida no entorno dos trilhos e que o afetam.

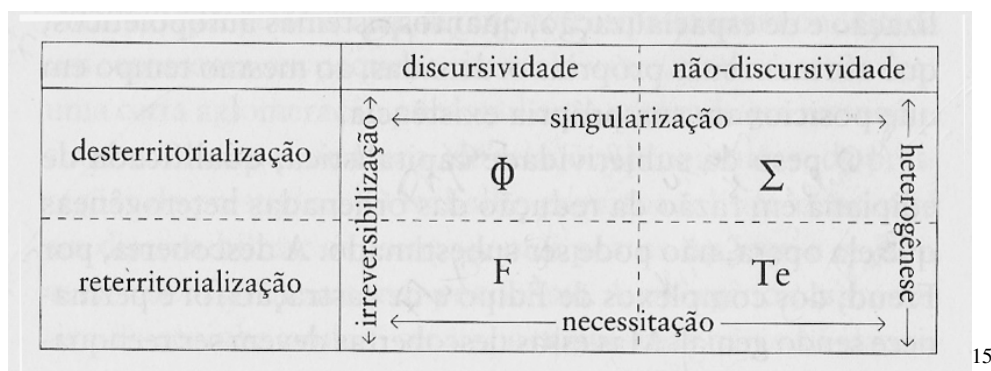


Figura 4: Ontologia
Fonte: Guattari (1992, p. 86)

Sucintamente, podemos afirmar que os Universos de referência dizem dos valores constituídos; os territórios existenciais, do desenho subjetivo engendrado com uma forma estabilizada por algum período de tempo; o *phylum* do processo de evolução dos artefatos e os fluxos do engatamento no movimento da discursividade energético-espácio-temporal. Entre os funtores produzem-se processos que fazem a passagem de um para outro, na composição da desterritorialização para a reterritorialização. Assim, na passagem do *phylum* para o fluxo temos o processo de irreversibilização; na passagem do *phylum* para os universos de referência, a singularização das matérias, das técnicas; na passagem dos universos de referência para os territórios existenciais, a heterogênesse dos componentes; e, dos fluxos aos territórios existenciais, a necessitação. A expressão manifesta correspondente ao *phylum* e ao fluxo relaciona-se com os focos enunciativos virtuais dos universos de referência e dos territórios existenciais.

Na ontologia de uma máquina como o computador, temos os materiais que o formam, desde *chips*, peças, *hardware*, *software*, silício. Estes materiais participam do *phylum* das máquinas de calcular, do silício, do microcomputador, dos processadores, além da investida dos fluxos de capital, da emergência da Microsoft, dos *softwares* proprietários e do *software* livre. Temos, também, a investida do capital, das lojas de informática, das vendas e compras de componentes, da variação do dólar que faz elevar e diminuir o custo das peças, dos *hardwares* e *softwares*. Além disso, os valores que permeiam as máquinas, como, por exemplo, eficiência, eficácia, agilidade, multitarefa. A discussão entre *software* livre e *software* proprietário insere-se nesta perspectiva e mostra como a máquina abstrata atua extraindo componentes de subjetivação presentes desde a construção das primeiras máquinas

¹⁵ Os símbolos significam: Φ = *phillum*; Σ = universos de referência; F = fluxo; Tc = territórios existenciais.

chamadas de computadores. Turkle (1998) apresenta o “espírito da época” no início da informatização da sociedade, em que os *hackers* eram, em sua maioria, adolescentes interessados em construir formas alternativas de convivência, banhados na contra-cultura, em universos de referência. O movimento do *software* livre retoma as temporalidades, estes ares ancestrais (ancestrais aqui refere-se a um pequeno período de tempo...) e propõe, conectado também com a sociedade de conhecimento, a criação em rede, partilhada e com autoria distribuída. Latour (1994) preocupa-se com a grande rede de produção técnico-científica e demonstra o funcionamento dos laboratórios e de redes de pesquisa. Assim, dá visibilidade aos processos de produção, divulgação e mesmo de patente dos produtos, em sua imersão no fluxo capitalístico.

De forma muito sintética, podemos seguir a proposta de Guattari quanto aos funtores e sua relação com as causas propostas por Aristóteles. Assim, a causa material está para a necessidade, da mesma forma que a causa formal está para a irreversibilização, a causa motora ou eficiente está para a heterogênesse e a causa final, para a singularização. No exemplo citado acima, a necessidade trata do que é feito o computador, seus componentes, as matérias que possibilitam a emergência do que chamamos de computador¹⁶. Hoje, com aspecto de computador de mesa, *notebook* ou outras formas como as que aparecem na mídia em propagandas sobre inclusão digital, esta máquina virtualiza-se cada vez mais. Este processo é o resultante da irreversibilização, ou seja, da coisa mesma. Por outro lado, temos o que forma, o que forja a aparência, ou o que transforma a matéria em uma forma determinada, a heterogênesse. O computador é determinado pela indústria, pelos ditos da indústria eletro-eletrônica. Tudo isso chega a um objetivo final, à diferenciação, ao processo de singularização. Estes processos ocorrem relacionados com o agenciamento. Como salientam Deleuze e Guattari (1997),

(...) o princípio de toda tecnologia é mostrar como um elemento técnico continua abstrato, inteiramente indeterminado, enquanto não for reportado a um *agenciamento* que a máquina supõe. A máquina é primeira em relação ao elemento técnico: não a máquina técnica que é ela mesma um conjunto de elementos, mas a máquina social ou coletiva, o agenciamento maquínico que vai determinar o que é elemento técnico num determinado momento, quais são seus usos, extensão, compreensão ..., etc. (p. 76).

É importante ressaltar que é na relação com a máquina social, com a máquina abstrata

que a máquina técnica vai assumir sua extensão, formas de usos, caráter de automatização, de produção, de invenção. A máquina abstrata extrai os elementos heterogêneos que entram na composição da máquina técnica e, transversalmente, confere-lhe “potência de auto-afirmação ontológica” (GUATTARI, 1992, p. 47); ela heterogeneiza os componentes, isto é, os coloca em relação, sem ordens pré-estabelecidas e unificação.

Os elementos que a máquina abstrata conjura compõem uma gama imensa de componentes que vão desde os materiais, os semióticos diagramáticos e algorítmicos, os sociais, os relativos ao corpo humano, às representações individuais e coletivas, a subjetividade adjacente aos componentes acima citados. Um componente material pode ser a madeira, por exemplo. Ao ser trabalhada pela mão do entalhador que se utiliza de outras ferramentas, essa madeira é reterritorializada, é desmanchada uma organização madeira e vai se marcando outra organização, ao se acoplarem tecnologias de entalhe, estudos realizados sobre a relação entre o entalhe, o molde e o tipo de cadeira a ser construída, a necessidade do entalhador, o objetivo da cadeira, etc. Uma cadeira de madeira, então, é a reterritorialização da madeira e a técnica é efeito de reterritorialização de outros elementos. Um exemplo citado por Deleuze & Guattari circunscreve o agenciamento:

A lança e a espada só existiram desde a idade do bronze graças a um agenciamento homem-cavalo, que prolonga o punho e o venábulo, e que desqualifica as primeiras armas da infantaria, martelo e machado. O estribo impõe, por sua vez, uma nova figura do agenciamento homem-cavalo, conduzindo a um novo tipo de lança e novas armas; e ainda esse conjunto homem-cavalo-estribo varia, e não tem os mesmos efeitos, conforme é tomado em condições gerais do nomadismo, ou retomado mais tarde nas relações sedentárias do feudalismo. Ora, a situação é exatamente a mesma para a ferramenta: também nesse caso tudo depende de uma organização do trabalho, e de agenciamentos variáveis entre homem, animal e coisa (1997, p. 78).

A evolução filogenética não segue uma linha unidirecional com vetor direcionado para um futuro e uma constante atualização e crescimento que viriam a confluir em um produto útil e perfeito. Ela passa por linhas de virtualidade e por árvores de implicação (GUATTARI, 1992), se apresenta em forma de rizoma, de rizoma temporal, inclusive. Depois de longa data, um artefato tecnológico pode ser reeditado e confluir numa tecnologia de ponta, ao passar pelos processos de singularização, de irreversibilização, de heterogênese e de necessitação. “A máquina é sempre sinônimo de um foco constitutivo de território existencial baseado em

¹⁶ Deleuze e Guattari (1997) ao discutirem a máquina de guerra, apontam que a eletrônica, discutida por Simondon tem relações de possibilidade de emergência devido à metalurgia. De forma belíssima, os autores demonstram o rizoma da metalurgia com suas imbricações nos arranjos social, econômico, militar e outros.

uma constelação de universos de referência incorporais” (GUATTARI, 1992, p. 66), a pólvora, utilizada na China como brinquedo, séculos depois virou arma.

As tecnologias, portanto, têm história, tanto dentro de seu próprio *phylum* quanto no agenciamento com outras tecnologias. Visualizam-se as diversas relações tecidas entre os tipos de tecnologias com o social. Tais relações passam por complexificação, não sendo possível afirmar que uma suplanta a outra, extinguindo suas manifestações de existência. No advento das tecnologias informáticas e das redes digitais tal proposta é flagrante, quando se faz uso de hipertextos e de comunicação online, em que são presentificadas várias atualizações de outras ordens cognitivas. A imediatez, a velocidade, a interconexão, na sociedade de controle remetem a conjunções de modos de vida diferenciados de outros dados em agenciamentos diversos.

Os vetores de virtualização já bastante conhecidos, como memória, imaginação, conhecimento, religião se transversalizam com as tecnologias da comunicação e informação, reinventando uma cultura nômade, desterritorializada que inventa novas velocidades quando a sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. Assim, a execução de um programa informático, puramente lógica, tem a ver com o par possível/real, mas a interação entre humanos e sistemas informáticos tem a ver com a relação entre o virtual e o atual.

As tecnologias, ao provocarem o pensamento sobre o que é pensar, agir com a simulação, realidade virtual, animações, robótica, demonstram o que Turkle chama de “segunda natureza” do computador. Sua segunda natureza é a de ser um objeto evocativo, projetivo e construtivo que cataliza alterações no que fazemos, modifica a percepção que se tem de si mesmo, dos outros e de sua relação com o mundo. Incita a refletir sobre o pensamento e sobre o ser humano. Na década de 80, ela afirmava que os computadores

[...] já se tornaram uma parte de como uma nova geração que está se desenvolvendo. Para adultos e para crianças que brincam com jogos de computador, que usam o computador para manipular palavras, informação, imagens visuais e, especialmente para aqueles que aprendem a programar, os computadores entram no desenvolvimento da personalidade, da identidade e mesmo da sexualidade (TURKLE, 1984, p. 15).

A preocupação com a relação dos humanos com as tecnologias, sobre suas reações psicológicas frente ao uso das mesmas, no tocante às atitudes, ansiedade já são antigas. Nélvi Herpich (2001) pesquisou professores de uma escola estadual da região das Missões/RS e aponta que: 48% dos sujeitos demonstrou resistência ao uso de computadores, destes 30% não

tem conhecimento enquanto 18% teve na sua história pessoal um relacionamento dificultado. Os sujeitos que rejeitam o computador demonstram sentimentos de medo, inferioridade, insegurança, por não saberem trabalhar com tais tecnologias, além de sentimentos (artificial, tenso, incômodo, insegurança, sufocado, ansioso, medo, tímido). Tal processo pode ser proporcional à maneira como as novas tecnologias são apresentadas aos sujeitos. Assim, na educação a resistência às tecnologias ainda é grande. Porém, estão envolvidos vários fatores nesta relação como emprego, capacitação, questões salariais, escolares e outras. Na saúde e mesmo com usuários comuns, esta relação não mantém as mesmas características.

Aponta-se que o ciberespaço resulta como meio liberador dos condicionantes sociais (sobre o dever ser social) e dos individuais (através do anonimato), constituindo-se em uma transição para novas pautas de comportamento social. Além disso, o e-mail instaura uma nova temporalidade intersubjetiva, que afeta as relações pelas suas possibilidades.

El placer está en la comunicación más que en la información que pueda obtenerse. En este sentido Internet, desborda la función puramente utilitaria de proveer información para convertirse en un instrumento que acerca a las personas, permite su comunicación y el establecimiento de vínculos duraderos entre ellas (LAMEIRO & SANCHEZ, 1998).

Mas os usuários não se colocam da mesma forma perante a vivência do ciberespaço. Para alguns, este é um “anti-valor”, pois a ausência física é entendida enquanto carência e o uso das tecnologias da comunicação e informação gera ansiedade, frustração e expectativa. Para outros, em contrapartida, a ausência do corpo constitui-se enquanto limite e desafio para a relação, podendo trazer elementos para acabar com a discriminação (entre outras, com relação a portadores de deficiências).

Portanto, a emergência da cibercultura não se restringe à navegação no ciberespaço, mas amplifica a “espessura ótica das aparências do mundo real” (VIRILIO, 1999, p. 21). E tal “lógica” social passa para a vida privada de usuários da Internet que vivem num regime de “transmissão direta”, quando da transmissão em tempo real do que acontece em suas casas, ambientes de trabalho ou outros espaços de habitação e/ou trabalho: “símbolo de um voyerismo mundial, essa introspecção coletivista é chamada a se expandir à velocidade do mercado único da publicidade universal que se anuncia” (idem, p. 23), em que tudo passa, porém, nada acontece.

Para além dos chats e e-mail, há ambientes mais estruturados, como os Multi user

domain Object Oriented (MOOS) e Multi-user dungeon, dimension (MUDs)¹⁷. Sua interface gráfica possibilita a criação de lugares e de histórias, a partir dos avatares na construção de jogos coletivos. Turkle aponta que o diferencial do MUD para os *role play games* tradicionais reside no fato de que aquele “ofer parallel identities, parallel lives. The experience of this parallelism encourages treating on-screen an off-screen lives whit a surprising degree of equality” (1998, p. 09).

O objetivo aqui não é descrever as várias ferramentas informáticas disponibilizadas, mas sim sobrevoar algumas possibilidades já existentes e utilizadas, de forma a articulá-las com a sociedade de controle. Até porque, “as armas e as ferramentas são conseqüências, nada além de conseqüências” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 77), do agenciamento do qual fazem parte. Muitos trabalhos descrevem o acoplamento homem-máquina, seja na perspectiva da subjetivação (FRANCISCO & MACHADO, 2004), da hibridação (LÉVY, 1997, CARVALHO, 2000), da matriz sistêmica (MARASCHIN, 2000) e mantém-se uma mistura entre tecnologia e subjetividade. A partir da experimentação da oficina, proponho pensar nos acoplamentos realizados na ontologia, sobre a vida agenciada nas redes da sociedade do conhecimento.

O conceito de rede tem sido muito utilizado, inclusive referido às redes digitais. Proponho aqui um intervalo para pensar sobre este conceito e trazê-lo na relação com a tese. Musso (2004) traça uma genealogia do conceito de rede, pontuando momentos de mudança paradigmática do termo. Assim, passeia desde a mitologia com a imagem da tecelagem e do labirinto, à medicina hipocrática com a imagem do organismo até a contemporaneidade. Avisa que

[...] a palavra rede (*réseau*) só aparece na língua francesa no século XII, vindo do latim *retiolus*, diminutivo de *retis*, e do francês antigo *résel*: a rede designa, então, redes de caça ou pesca e tecidos, uma malhagem têxtil que envolve o

¹⁷ Conforme Wikipédia: “Em termos de jogos de computador, um MUD (sigla de Multi-user dungeon, dimension, ou por vezes domain) é um RPG multijogadores, que normalmente é executado em uma BBS ou em um servidor na Internet. Os jogadores assumem o papel de uma personagem, e recebem informações textuais que descrevem salas, objetos, outras personagens, e criaturas controladas pelo computador, também conhecidas como non-player characters (NPCs), em um mundo virtual. Eles podem interagir com outros jogadores e personagens digitando comandos que lembram o inglês. MUDs tradicionais implementam um mundo de fantasia povoado por elfos, goblins, e outros seres místicos com os jogadores sendo cavaleiros, feiticeiros, e outros. O objetivo do jogo é matar monstros, explorar um mundo rico e completar expedições. Outros MUDs possuem um ambiente de ficção científica. Ainda outros, especialmente aqueles que são baseados em MOOs, são utilizados em educação a distância ou para permitir conferências virtuais. MUDs têm também atraído o interesse de acadêmicos de muitos campos, incluindo comunicação, sociologia, direito, e economia virtual. A maior parte dos MUDs é executada por hobby e são gratuitos para os jogadores, mas podem aceitar doações ou permitir que os jogadores comprem itens do jogo” (Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/Multi-user_dungeon>).

corpo. Fios entrelaçados para os tecidos, os cordéis ou cestas, as malhas ou tecidos estão em torno do corpo (MUSSO, 2004, p. 18).

No século XVII, a rede se torna interior ao corpo humano e não mais exterior ao mesmo, nas propostas da medicina ao tratar sobre o aparelho sanguíneo, por exemplo. Ou, até mesmo, constitui-se uma reciprocidade entre corpo e rede. No final do século XVIII, a partir dos estudos dos cristais, forja-se uma ciência das redes, quando estas perdem seu caráter “natural, corporal” e se constituem enquanto artefatos que podem ser construídos: “A rede pode ser construída, porque ela se torna objeto pensado em sua relação com o espaço. Ela se exterioriza como artefato técnico sobre o território para encerrar o grande corpo do Estado-Nação ou do planeta” (idem, p. 20), constituindo um modelo de racionalidade, inclusive com a formalização matemática de sua representação.

O conceito moderno de rede invoca trabalhos de pelo menos quatro disciplinas: medicina, economia política, engenharia militar e engenharia civil. Estas abarcaram diferentes objetos desde o corpo (circulação) vigilância de territórios específicos e circulação de fluxos. Passando por diversos autores e tendências, Musso propõe uma definição para o conceito de rede, a saber: “estrutura de interconexão instável, composta de elementos em interação, e cuja variabilidade obedece a alguma regra de funcionamento” (idem, p. 31).

Pode-se pensar também nas redes sociais como emergindo das coletividades e conformando formas de atuar junto aos processos sociais microscópicos. Conforme Julio Wong Un (2002), “ao nível da rede existem fluxos bidirecionais de informações, experiências, e idéias, estabelecendo diálogos e processos de construção (criação) mútua entre os nós e todas as combinações/grupamentos possíveis” (p. 91), escapando do individualismo. Isso pela própria configuração da rede: difusa, dinâmica, mutável, instável, sistema auto-organizado que possibilita espaço para o enfrentamento coletivo dos problemas. Isso pois a rede não pode ser descortinada em elementos mais simples, sua “simplicidade” é em si complexidade, ao trabalharmos com o nó e com as conexões entre nós. Aqui se pode pensar na subjetividade como uma das conexões da rede social.

Teixeira (2005) ao propor o uso das tecnologias da comunicação e informação na

intervenção em saúde¹⁸, especificamente na Atenção Primária em Saúde, traz a inteligência coletiva (LÉVY, 1993) como um acoplamento viável para a formação de redes de conversação no âmbito da saúde. Constrói um conceito interessante, o “comunoscópio”:

Por “comunoscópio” entenda-se um dispositivo de revelação/ativação da IC [inteligência coletiva] dos grupos que se articulam a partir da instituição em questão. Num certo sentido, como vimos, a IC depende da rede, da malha “comunitária” a ser revelada/ativada, aquela que efetivamente processa o conhecimento coletivo. Mas, sobretudo, do ponto de vista que pretendemos agora ressaltar, a IC é a operação da rede de produção biopolítica, isto é, produção “*que cria não somente bens materiais, mas também relações e, em última instância, a própria vida social*” (Hardt & Negri, 2004) (TEIXEIRA, 2005, p. 230/1).

Nesta tese, especificamente, um dos *links* seguidos foi o da rede de saúde e da saúde mental, articulada e operando com a rede universidade/de formação no município de Santo Ângelo. Da rede de pesca à rede-território, podemos pensar na rede como um dispositivo que retém e deixa passar (tal como a rede de pesca) e também como circuitos ativados. Assim, o que se passou no projeto de extensão universitária, os circuitos ativados, os caminhos percorridos pelas redes são o objeto de reflexão. Para tanto, tomamos o mesmo operador (rede) a partir de duas perspectivas diferentes: uma ontológica, que vai tratar do entendimento do sujeito, do ser, de como este se constitui; e outra, sócio-técnica, referente à base material para a circulação das produções. Apesar de serem perspectivas diferentes, elas se enlaçam, compõem sentidos e modos de vida. Aqui vida é entendida enquanto híbrido:

A própria noção de vida deixa de ser definida apenas a partir dos processos biológicos que afetam a população. Vida agora inclui sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto de produção material e imaterial contemporânea, o intelecto em geral. Vida significa inteligência, afeto, cooperação, desejo (PELBART, 2003, p. 83).

A vida agora suplanta os termos da biopolítica - o poder sobre a vida da população – e abarca a vida enquanto potência nas redes.

Refletindo sobre a pergunta do usuário do CAPS que abriu o presente capítulo: “mas o

¹⁸ A saúde tem sido um dos campo de investimento na Internet, sendo que as ações são diversificadas (SOARES, 2004). Elenquei algumas ações, de forma alguma exaustivas para vislumbrar o campo: sites de informação (<http://www.hon.ch>), sites de base de dados de referências bibliográficas e resumos (<http://www.bireme.com.br> ou MEDLINE - <http://www.nlm.nih.gov>), comunidades virtuais de acolhimento (http://cv-acolhimento.bvs.br/tiki-custom_home.php), inclusive um Manual contendo princípios éticos para sites de medicina e saúde na internet (<http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=PublicacoesConteudoSumario&id=26>), dada a proliferação de informações neste meio. Na saúde mental, várias informações circulam na rede, oriundas de diversas fontes, desde sites pessoais, até organizações, instituições e grupos de auto-ajuda. A navegação a mar aberto pelas redes produz outras redes (TEIXEIRA, 2004).

que tem a ver computador com saúde mental?” e o sonho com o avatar, penso que a atenção à saúde mental está misturada na sociedade de controle, nos seus mecanismos de inclusão diferencial e que a informática pode viabilizar o encontro com formas de composição e agenciamento diferenciadas das usuais tanto nos estabelecimentos substitutivos ao manicômio quanto na própria universidade, criando laços com sujeitos, sejam eles estudantes, participantes da oficina, usuários ou outros ..., sejam eles humanos ou não. Na coletividade instaurada ou a instaurar abre-se um caminho a trabalhar com tecnologias.

A tecnologia informática apresenta a possibilidade de trabalho com a convergência de mídias (sons, imagens, palavras), associando, assim, diversos modos de expressão para o usuário. Além disso, é uma tecnologia da inteligência que produz reflexões sobre a inteligência humana (ao defrontarmos-nos com artefatos de inteligência artificial, por exemplo), sobre o ser vivo (ao produzir robots, por exemplo), sobre o próprio estatuto do que seja “ser humano”. Para além das maquinarias termodinâmicas, as tecnologias da inteligência amplificam a simulação, a conexão, a comutação do próprio usuário e o acoplamento, numa relação dialógica. Neste sentido, Couchot (1999) discute que:

Logo que é aparelhado a um dispositivo numérico, on-line ou off-line, o sujeito vê as suas possibilidades sensíveis e operacionais serem desmultiplicadas através das interfaces. O campo dos automatismos aumenta ainda vertiginosamente dado que se estende, com a inteligência artificial, até certos mecanismos do pensamento que pareciam durante muito tempo ser próprios da mais íntima subjectividade. A um sujeito interfaciado que não cessa de ver os seus automatismos crescer, articula-se (acopla-se?) então um autor que também não pára paralelamente de se virtualizar, isto é, de se automatizar segundo a via da simulação. Apesar de esta automatização parecer apenas prolongar um fenómeno irreversível imposto pelo desenvolvimento tecnológico, já a natureza específica da automatização técnica muda completamente. A automatização numérica faz intervir processos de linguagem e produz *analoga* virtuais reduzidos a operações computacionais. Mas mergulha sobretudo o sujeito nesta temporalidade particular que é o tempo real – um tempo fora do Tempo universal, do grande fluxo de Chronos, fora do seu alcance fatal – que deixa de ter qualquer comparação com a temporalidade dos *media* e dos sistemas tradicionais de comunicação. A lógica da comunicação cede o passo à lógica da comutação (do mutar em conjunto). O sentido e a sua individuação passam doravante a ser produzidos no decurso das interconexões e dos trajectos, ao passo que, na comunicação, o sentido preexiste à sua transmissão, no decurso da qual deve ser protegido de qualquer ‘ruído’ (COUCHOT, 1999, p. 27).

Desde esta perspectiva de tecnologia, pergunto: quando do encontro de pessoas em sofrimento psíquico com objetos técnicos como o computador e a Internet, que acoplamentos são produzidos? Para circunscrever esta pergunta foi proposta uma oficina de informática, o que implicou numa intervenção e na entrada em várias redes, além da referente à pesquisa. O próximo capítulo discute, então, a máquina metodológica da tese e da intervenção, apontando seus pontos de diferença e de aproximação.

2 “PRECISO DE MAIS TEMPO PARA DESCOBRIR OS SEGREDINHOS DO COMPUTADOR”

Uma participante da oficina, ao passar pela porta de saída do GPEAD, afirma, de forma analítica, avaliativa e com olhar parado, vitrificado, em forma de veredicto: “Preciso de mais tempo pra descobrir os segredinhos do computador!”. Em sua reclamação, penso na própria oficina, em seus tempos, espaços, propostas, na avaliação da participante sobre seu processo de aprendizagem de uma nova linguagem, a do computador. Assim, esta máquina, significada enquanto misteriosa, com segredinhos passíveis de serem descobertos - se houver tempo - impõe o consumo do tempo como um preço a ser pago para permitir a entrada em seu domínio. O passe de entrada para a sociedade da comunicação e informação se deu pela aceitação da participante em se inserir na oficina e das produções ali atualizadas.

Com esta reclamação inicio a apresentação da máquina projeto de extensão universitária “Criando laços via recursos informatizados”, na perspectiva de contextualizar uma experiência sobre uso de computadores com pessoas em sofrimento psíquico, situando-a no institucionalismo e percorrendo alguns *links* de seu planejamento, implementação e implantação enquanto projeto. Antes, porém, apresento algumas engrenagens da máquina metodológica, pensando a metodologia também como uma produção que se relaciona com os engendramentos e com a construção de mundos possíveis de vida.

Habitar o contemporâneo implica pensar nas tecnologias e nas metodologias de construção de conhecimento, pois o conhecer se dá no fazer, na intervenção. Assim como na análise tecnológica, a análise metodológica segue caminhos, acopla-se no meio associado (aqui a perspectiva institucionalista auxilia na leitura) e constrói mundos, a partir das perguntas e da intervenção propriamente dita.

2.1. MÁQUINA METODOLÓGICA

O operar da oficina articula-se com o fazer metodológico da tese. As mesmas interrogações, desassossegos, tentativas de respostas estiveram na proposição das atividades, fossem elas do grupo-oficina, fossem da construção da possibilidade do percurso, seja do funcionamento da máquina tese.

A máquina metodológica da tese engendrou-se com a instituição e suas conexões com a rede de saúde e de formação universitária na cidade de Santo Ângelo, materializando-se em projeto de extensão e a modalidade grupo-oficina. A grande máquina é exposta aqui em seu

funcionamento, disfuncionamento, nos seus arranjos e desarrajos cotidianos. Afinal trata-se de máquinas desejanas:

O que há por toda a parte são mas é máquinas, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas com as suas ligações e conexões. Uma máquina-órgão está ligada a uma máquina-origem: uma emite o fluxo que a outra corta. O seio é uma máquina de produzir leite e a boca uma máquina que se liga com ela. A boca do anoréxico hesita entre uma máquina de comer, uma máquina de falar, uma máquina de respirar (ataque de asma). É assim que todos somos *bricoleurs*, cada um com suas pequenas máquinas. Uma máquina-órgão para uma máquina-energia, e sempre fluxos e cortes (DELEUZE & GUATTARI, s/d, p. 7).

A pesquisa qualitativa e, especificamente, a pesquisa intervenção foram as máquinas postas em ação na pesquisa para construir conhecimentos que levassem em consideração a especificidade do trabalho realizado na oficina. Isso porque elas buscam a produção de conhecimentos quando da inserção no campo e na implicação de quem as opera em conexão com outros. Aqui, “a ação é a análise (...) a ação é *analisador*¹⁹” (LOURAU, 2004d, p. 123), ou seja, a própria oficina, em sua prática cotidiana é posto em questão, bem como os acontecimentos ocorridos ali e a dança das instituições em seu maquinário.

Na esteira da pesquisa-ação, pesquisa participante, a pesquisa intervenção faz parte da pesquisa qualitativa, a qual opera com vetores da significação e não de explicação causal. Seus pressupostos são qualitativos e buscam, na intercessão com outras ferramentas, propiciar devires e rupturas com o instituído²⁰.

¹⁹ Para Lourau, o analisador pode ser entendido como o acontecimento que revela o funcionamento da instituição: “(...) nesta noção voltamos a encontrar a idéia essencial da decomposição de uma totalidade nos elementos que a compõem. O analisador químico é aquele que decompõe um corpo em seus elementos, produzindo, *em certa medida*, uma análise. Neste caso, encontramos-nos nas ciências físicas. Não se trata de *interpretar* neste primeiro nível, mas de *decompor* um corpo. Não se trata de construir um discurso explicativo, mas de trazer à luz os elementos que compõem o conjunto (...) chama-se *analisador*, um uma instituição de cura, aos lugares onde se exerce a palavra, bem como a certos dispositivos que provocam a revelação do que estava escondido” (2004, p. 70).

²⁰ A Análise Institucional, na perspectiva de Lourau entende uma relação entre instituinte e instituído que são postos em ação nos jogos da instituição: “Por ‘instituinte’ entenderemos, ao mesmo tempo, ma contestação, a capacidade de inovação e, em geral, a prática política como ‘significante’ da prática social. No ‘instituído’ colocaremos não só a ordem estabelecida, os valores, modos de representação e de organização considerados normais, como igualmente os procedimentos habituais de previsão (econômica, social e política)” (LOURAU, 2004, p. 47).

Neste sentido, Rocha (2006) afirma que “o que nos interessa é dar visibilidade às ações, aos rituais, às práticas que instituem um objeto” (p. 171). Poderíamos dizer ainda, dar visibilidade aos processos e não apenas aos produtos. Nesta perspectiva, a implicação do pesquisador²¹ é uma ferramenta de trabalho muito importante, pois o investimento do mesmo compõe a construção do conhecimento científico, sendo esta vetorizada não como algo exterior, mas como contemplando os sujeitos e instituições que fazem parte dela.

O termo pesquisa-intervenção muitas vezes cai em equívocos por aqueles que não a utilizam ou mesmo que não a conhecem, isso devido à própria etimologia da palavra “intervenção”. Conforme Sarriera et. all:

Intervenção origina-se do latim *interventione*, surgiu no final do séc. XVII, provavelmente adaptado do francês, para um uso estrito nos meios jurídicos (Machado, 1977). Significa intromissão do governo na administração de uma província, Estado, companhia, empresa, como administrador, governante, a fim de restabelecer a ordem interna. Já intervir significa intrometer-se, interferir, tomar parte em, sobrevir (Bueno-Santos, 1974) (2000, p. 26).

Por outro lado, a perspectiva de interpor-se a, parece ser também um dos sentidos de intervenção. Para além de seu caráter policialesco, estatal, há um caráter de inserção nos acontecimentos, (co)participação. E é exatamente esta a dimensão mais interessante da pesquisa intervenção. A metodologia de intervenção se baseia na multiplicidade e no potencial dos encontros, na produção de acontecimentos, de invenção e de experimentação (PAULON, 2005; COIMBRA, 2002; BENEVIDES, 2002; BARROS & PASSOS, 2000), nos quais os lugares habituais de professor e de aluno, psicólogo e paciente são deslocados. Neste sentido, trata-se de uma estratégia biopolítica contra-hegemônica, na busca de singularização e da emergência do comum (TEIXEIRA, 2005).

Para a composição e captura dos afetos nesta pesquisa, foram utilizados recursos tais como confecção de diário de campo, entrevistas com usuários e observação participante durante encontros grupo-oficina, bem como análise da produção individual e grupal. Os dados são também produzidos em diários de campo (das bolsistas e da coordenadora do projeto), em arquivos alojados nas pastas dos participantes do projeto, na memória intensiva, nos esquecimentos produtivos, nos lapsos durante a escrita. Tais dados, registro dos afetos mantêm sua singularidade quando tomados desde a intervenção:

²¹ A análise da implicação é uma ferramenta da intervenção que analisa as dimensões éticas, desejanças, políticas do analista institucional em relação com seu campo de análise e de intervenção: “não se trata somente de ‘ver o outro (como caso, como objeto)’, nem com a ajuda da análise dos outros, de que modo eu (como sujeito, como profissional, como pessoa) estou implicado, envolto, ‘enrolado’ na situação que está sendo analisada; como os fios das instituições familiares, religiosas, militares, educativas, políticas, estatais, editoriais, financeiras, etc. se entrelaçam em mim e vão urdindo sua teia no acontecimento concreto que nos reúne” (GENTINI, 2003, p. 205).

As metodologias que utilizam o questionário/entrevista como técnicas fidedignas criam a ilusão de que o pensamento de cada um pode ser “agarrado” na coleta de dados. A expectativa é de objetividade e organização dos problemas. A crença é a de que se melhor apreende a realidade quanto mais versões se acumularem sobre ela. Tais pressupostos mantêm, de todo modo, o objeto como algo a ser apreendido, apreensão garantida pela estrutura a priori do fenômeno que se quer conhecer. A pesquisa-intervenção, ou apenas a intervenção, como procedimento de aproximação com o campo, mostra-nos que ambos – pesquisador e pesquisado, ou seja sujeito e objeto do conhecimento – se constituem no mesmo momento, no mesmo processo (BARROS & PASSOS, 2000, p. 73).

Porém, a imagem da pesquisa enquanto laboratório é ainda associada à coleta de dados, na qual o sujeito de pesquisa é tido enquanto uma cobaia. Tanto que um participante da oficina disse, enquanto desenhava, após a pesquisadora ter falado que as atividades aconteceriam no laboratório do GPEAD: “Ah, então eu vou ser um rato!?”



Figura 5: Pesquisa

Fonte: <http://www.ananova.com/images/web/298914.jpg>

Apesar das pesquisas engajadas socialmente, da legislação (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde) em vigor, a perspectiva de cobaia ainda mantém-se quando se fala em laboratório. A figura acima propõe um lugar de sujeito, pesquisa e pesquisador. A pose de observação do pesquisador, ao fundo, esmaecido, e da cobaia à frente, com instrumentos de coleta de dados demarca uma função de não contato, de não interferência nos resultados previstos por parte do pesquisador. O foco é no objeto, a partir do qual sairão os esperados resultados. A proposta nesta pesquisa especificamente é dar mais visibilidade para a relação entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa (DESPRET, 2004), na tentativa de tirar um dos pólos do esmaecimento, da opacidade do olhar e colocá-los no mesmo plano. Para que esta operação seja efetuada, a pesquisa como momento de invenção, de contornos que vão se desenhando à medida que a intervenção vai ocorrendo foi a opção, resguardada a perspectiva ética de relação entre os sujeitos do projeto.

A pesquisa é entendida mais como um movimento de invenção do que de reificação. Neste sentido, sobre o uso da cartografia em sua pesquisa, Carmen de Oliveira afirma:

De qualquer forma, ao utilizar a cartografia como recurso metodológico nesta pesquisa, a intenção é de que as formações do inconsciente apareçam como algo que está para ser produzido e maquinado, não para ser buscado, reencontrado ou recomposto a partir de universais de subjetividade (1997, p. 56).

A proposta de Rolnik (1989) sobre as formas de se fazer uma cartografia ecoa aqui, quando ela traça antropofagicamente o campo de estudo: o canibal saca da carne os pedaços que mais lhe interessam; estes o compõem como veneno ou como potência, unindo e desagregando as relações que vão se tecendo. Pretendi, a partir dos encontros, capturar campos de intensidades, afetos, devires e/ou forças molares/molares em ação e desenhar um mapa, um campo recortado de uma forma específica, mas não única, nem a verdadeira. Trata-se, então de um desenho construído, recorte de máquinas, de um olhar constituído por intensidades: “latitude e longitude são os dois elementos de uma cartografia” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 47).

Nesta pesquisa-intervenção, a escrita é balizada tal como o desenho de intensidades do relevo de um artesão de mapas. O que o olho capta, a mão desenha em escala, marcando o que se eleva, o que declina, o rugoso, o liso, o estriado. Podemos pensar, similarmente, que a afecção e a implicação da pesquisadora quando da intervenção é o que vai dar as linhas da escrita de uma pesquisa. Dar visibilidade a este mínimo movimento é a tarefa da cartografia: o que se faz visível e perceptível na relação com as tecnologias, as melodias que eclodem e ficam redundantes, marcando escalas de existência e territórios de vida. Territórios partilhados, tanto que, em vários momentos, entrei nos ritornelos²² de participantes da oficina, mimetizando o toque no teclado que eu ouvia quando eles teclavam ou mesmo perfazendo o caminho da escrita que alguns faziam. Aviso que, nestas linhas da tese, estão traçados universos de vários sujeitos, diria, talvez, universos agenciados na oficina.

O momento do desenho de uma cartografia é sua própria processualidade; esta se dá no gerúndio, acontecendo, devindo. Muito mais do que uma fotografia da pesquisa, a cartografia pode ser tida enquanto uma captura momentânea dos relevos e das marcas do terreno, os cortes, as profundidades e picos, baseada numa “experimentação ancorada no real” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 22). É da experimentação que se cartografa, num exercício de mestiçagens, de tentativa de captura de fluxos, mas não captura enquanto imagem do laboratório, das ferramentas que possibilitam ver, a partir de recortes e de graus de aproximação com o objeto “real”. Teixeira (2005), ao discutir o uso das tecnologias da

²² “Num sentido geral, *chamamos de ritornelo todo conjunto de matéias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais* (há ritornelos motores, gestuais, ópticos, etc.). Num sentido restrito, falamos de ritornelo quando o agenciamento é sonoro ou ‘dominado’ pelo som – mas por que este aparente privilégio?” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 132).

comunicação e informação no âmbito da saúde, traz a perspectiva metodológica de que, ao pesquisar a rede, o fazemos desde dentro da mesma, potencializado as ações do coletivo como um todo. Em suas palavras:

[...] não é simplesmente cartografar a rede e “pôr o foco das câmeras” sobre o que se passa em seus nós mais importantes, como um procedimento analítico de estudiosos “externos” à rede estudada. Isso porque as opções/construções metodológicas desenvolvidas, tanto para cartografar quanto para “focar as câmeras” nos *encontros* fundamentais (ou no fundamental do *encontro*), revelando, assim, o substrato cognitivo e afetivo do trabalho, sua processualidade propriamente coletiva, sua operação reticularizada, não o faz sem se constituir num forte dispositivo de potencialização de sua IC (inteligência coletiva) (TEIXEIRA, 2005, p. 231).

A surpresa do encontro e a disposição de acompanhar a força do acontecimento possibilitou vivenciar o desobramento cotidiano da pretensão da oficina. Desobramento que, conforme Blanchot, mostra o movimento da modernidade de ruptura com a obra enquanto cristalização de um trabalho material ou imaterial que trate de uma consistência, forma, trabalho. O desobrar é o desmanchar a obra, mantendo, entretanto, algo dela, sua relação com a produção, mas não a produção em série, produção “séria”, mas que mostra a relação com as forças. É a ruína da obra que, na literatura, aponta o processo do esvanecimento das coisas e da revelação da presença do mesmo (LEVY, 2003).

O planejar no grupo-oficina, descartando o planejamento, traz uma dimensão da intervenção, no tocante à sua invenção cotidiana e à abertura ao desconhecido. Paulon (2005) aponta esse aspecto como uma possibilidade de pensamento sobre a intervenção, sobre a pesquisa intervenção, em suas palavras:

Abre-se aí a possibilidade de pensar a intervenção como um caminhar mútuo por processos mutantes que, justo por não poder ser resumida ao encontro de unidades distintas (sujeitos da investigação x objetos a serem investigados), não pode ser pensada como uma mudança antecipável. Ao operar no plano dos acontecimentos, a intervenção deve guardar sempre a possibilidade do ineditismo da experiência humana, e o pesquisador a disposição para acompanhá-la e surpreender-se com ela.(p. 19)

Nesta opção de produzir conhecimento, a montagem da máquina metodológica deve ser feita cotidianamente. Nada está dado, seja na manutenção da infra-estrutura para a realização do grupo-oficina, seja na relação entre os estabelecimentos, seja nas diretrizes da organização, seja no trânsito dos agentes pelos estabelecimentos. Nada está dado *a priori*! A montagem da máquina, a articulação dos objetos técnicos, o meio associado fazem parte de um (des)obramento constante que leva ao sofrimento e à criação de outras formas.

A metodologia como intervenção, como cuidado, como terapêutica sobre o método

(ALARCON, 2002) implica uma dimensão ética perante os sujeitos da pesquisa. Aqui, os sujeitos acabam por ser os que fazem parte do projeto de extensão universitária (coordenadora do projeto, bolsistas, voluntários, usuários do CAPS, equipe do CAPS, funcionários da universidade, gestores de saúde...) e a ética diz da construção de uma relação, da construção de uma rede de convivência, e na aposta do desenho de um comum. Este movimento relaciona-se com dissensos, consensos, acordos móveis, combinações volúveis. Como dizia uma participante da oficina a seu companheiro, quando não encontrou um arquivo que vinha trabalhando anteriormente: “Aqui (na oficina) o que não tem, a gente inventa”. Trata-se da invenção da relação com um estabelecimento de saúde, vinculado ao poder público, a invenção de relação com um estabelecimento de formação, comunitário, a invenção de formas de vida em épocas de seca.

Esta montagem inclui o mais trivial (os computadores estão funcionando? há cartuchos para a impressora? o horário das atividades está adequado para o CAPS e para a equipe extensionista?)? qual é o horário para o próximo semestre? como ficará a vida acadêmica (aulas, estágios) das bolsistas e voluntárias no projeto? como ficarão as atividades no CAPS no horário de verão da prefeitura municipal? haverá transporte para os usuários?). O mais trivial é o que mostra ser o articulador de formas de funcionamento. O analisador é mesmo um acontecimento banal e cotidiano que demonstra a instituição. Os horários, por exemplo, colocam em rota de colisão o cronograma dos estabelecimentos envolvidos. A viabilidade de transporte coloca em rota de colisão o uso dos equipamentos, sua gerência e o plano terapêutico dos usuários (quem depende dos equipamentos do CAPS, quem pode prescindir, quando, porquê).

A pesquisa é intervenção, o que inclui a criação de possibilidade da ocorrência dos encontros, a manutenção desta possibilidade, a dança junto com os estabelecimentos envolvidos, seus equipamentos e organização. Trata-se de uma construção com muitos sons e silêncios, num barco com muitas máquinas avariadas em contato e em fecundações monstruosas, estranhas e belíssimas. Esta pesquisa implicada (até o pescoço) aposta nos objetos técnicos e na sua fecundação com a arte de viver, de criar, de comunicar, pois nos interstícios se produzem fagulhas de possibilidades de respiração, em uma terra por vezes muito quente e outras muito fria, mas potente.

2.2 INSTITUIÇÃO: CAMINHOS DE SIMPATHIA E ANTIPATHIA²³ EM SAÚDE MENTAL

A instituição é produtora! Produz-se a partir de conexões diversas, numa mistura de fluxos, em agenciamentos, sem unidade, nem totalidade, mas com tantos contatos e ramificações que fica difícil lembrar, por vezes, de sua faceta mais rígida e repetitiva. Ela é híbrida, permeada por territorializações e desterritorializações, conforme Guattari:

Cada estrato procede assim: pega nas suas pinças um máximo de intensidades, de partículas intensivas, onde vai estender suas formas e suas substâncias e constituir gradientes, limiares de ressonâncias determinados (num estrato a desterritorialização se encontra sempre determinada em relação à reterritorialização complementar) (1995, p. 70).

Máquina de captura, a instituição está em relação com suas conexões, com o que está ligado, com o que funciona e faz funcionar, assim como com a máquina abstrata *que a arrasta* (GUATTARI, 1995, p. 12).

Assim, a instituição mostra diversas facetas, desde as que constroem até aquelas que condicionam e que criam. Deleuze aponta essa dupla dimensão da instituição²⁴, com seu caráter criativo e reativo. Regina Benevides de Barros e Eduardo Passos (2002) pensando sobre esta dupla dimensão, discutem a relação entre instinto e instituição tal como traçada por Deleuze:

Em 1955, Deleuze no texto “Instinto e Instituições” entra neste debate imbuído ainda do espírito humiano. Aqui instinto e instituição se aproximam como “formas organizadas de satisfação possível” ou “procedimentos de satisfação” (DELEUZE, 1991, p. 134). No entanto, estes dois conceitos se distinguem pelas suas formas de satisfação, um marcado pela “extração” e o outro pela “elaboração”. Os instintos extraem elementos do meio exterior para satisfação reagindo a estímulos externos; as instituições elaboram meios de satisfação que transformam a tendência introduzindo-a em um meio novo (meio institucional). Temos, portanto, um extrativismo do instinto e um criacionismo da instituição (p. 150).

O homem é entendido aqui como uma espécie que inventa, que cria, que se organiza socialmente, em agenciamentos coletivos. Para além das proposições individualistas, a tônica é colocada na parcialidade: o homem como ser parcial, pertencente a famílias, clãs, e não é um ser egoísta que advoga em nome próprio! A instituição, neste sentido, não oprime, integra

²³ Alusão à expressão utilizada por Moura (2003) ao tratar sobre a questão dos diversos lugares que podem ser ocupados pelos usuários no Coletivo, em saúde mental.

²⁴ Em “Empirismo e subjetividade”, Deleuze traz ressonâncias do trabalho de Hume e, especificamente, no capítulo 3, aborda a instituição. Parece que a perspectiva humiana (desde a leitura de Deleuze) abre espaços para pensar em uma subjetividade sem sujeito e numa instituição como algo da ordem simbólica, que arremata desejos e, ao mesmo tempo, os constroem.

as parcialidades e a simpatia. Assim, totalmente parcial e baseada na convenção, ela é uma célula inventada pelo próprio homem a partir da moral, ao passo que a justiça, com sua face coibidora, cria leis que restringem a vida. Como exemplo, temos o casamento e propriedade. Estes são instituições sociais – diferentemente das governamentais. O que lhes dá continuidade é sua forma preconfigurada, destacada e pronta para o consumo, configurada pelo “nexo entre a tendência, as circunstâncias e imaginação” (DELEUZE, 2001, p. 45). O primeiro exemplo é uma das maneiras de satisfazer a sexualidade, e o segundo é uma das maneiras de satisfazer a avidez.

A instituição, portanto, é a tendência refletida, é uma possibilidade de articulação de formas de vida, de satisfação oblíqua das necessidades (sexuais, afetivas, ...), como uma sustentação simbólica para o agir, relacionar-se, sentir e viver, não de forma coagida, mas de forma criativa. Sendo assim, mutável e mutante, aberta ao tempo e ao possível, às andanças da imaginação e de sua reflexão no empírico, constitui-se como um campo de possibilidades e de articulação criadora e criativa.

A instituição seria, portanto, um campo de criação? Mas como se explicam situações nos estabelecimentos de saúde mental como resistência à mudança da perspectiva manicomial para a de desinstitucionalização, dificuldades em constituir ações e pensares em equipe, manutenção do manicômio mental²⁵ (PELBART, 1991), hospitalização como primeira opção em caso de surto de algum usuário? Deleuze aponta os riscos que corremos ao nos afeiçoarmos às instituições, à tendência de torná-las reificadas, constantes, como que respondendo de maneira invariante às necessidades e até como espelho para reconhecimento de nós mesmos enquanto sujeitos. Mesmo nos serviços substitutivos que trazem a marca da desinstitucionalização como “marca de nascença”, a diferença no entendimento, tratamento e prática de (re)habilitação psicossocial não está dada. Este percurso há de ser construído em cada serviço, pelos agentes dos estabelecimentos, organizações (municipais, estaduais e federais) e comunidade.

A naturalização da instituição ofende o princípio da satisfação da necessidade que se dá de maneira oblíqua. Isso porque “há instituição quando os meios pelos quais uma tendência se satisfaz não são determinadas pela própria tendência, nem pelos caracteres específicos” (DELEUZE, 2005, p. 44). Isso faz pensar por quais instituições estamos

²⁵ “... não basta destruir os manicômios. Também não basta acolher os loucos, nem mesmo relativizar a noção de loucura compreendendo seus determinantes psicossociais, como se a loucura fosse só distúrbio e sintoma social, espécie de ruga que o tecido social, uma vez devidamente “esticado” através de uma revolucionária plástica sócio-política, se encarregaria de abolir. Nada disso basta, e essa sé a questão central, se ao livrarmos os loucos dos manicômios mantivermos intacto um outro manicômio, mental, em que confinamos a desrazão”(PELBART, 1991, p. 134).

andando, como circulamos por elas e as alimentamos, quais os percursos mais percorridos e como estas recorrências implicam sujeitos e práticas antimanicomiais ou não.

Como, então, buscar a mudança das instituições? Como alterar sua configuração, se a instituição é uma forma de satisfação, assim como de instinto? Talvez alguns procedimentos possam estar ligados à própria idéia do que seja instituição: invenção. Ainda Deleuze, mas agora lendo a obra de Foucault, aponta um caminho para a circulação de uma resposta possível. As instituições, neste contexto, são entendidas enquanto práticas e são oriundas de fatores de integração e agentes de estratificação que, por sua vez, convergem para as singularidades. Isso insere as instituições na lente das relações de forças do poder e em sua associação com os enunciados do saber. Assim, elas não têm pré-existência ao discurso e aos jogos de poder, elas são configurações móveis da articulação e da estabilização das forças. Para Foucault, “a instituição tem a capacidade de integrar as relações de poder, constituindo saberes que as atualizam e as remanejamos, *redistribuem-nas*.” (DELEUZE, 2005, p. 85). O Estado como que cataliza as formas saber-poder e as atualiza em diversas outras instituições, tal como família, comércio, etc. O governo das almas é o que transversaliza várias instituições.

Algumas experiências de desinstitucionalização recolocaram a questão da formação e da gerência das subjetividades no desmonte da estrutura burocrática (OURY, 1994; TOSQUELLES, 1994) no deslocamento das funções desempenhadas pela equipe dos estabelecimentos de saúde e pelos usuários (GUATTARI, 1992), criação de coletivos (LE ROUX et. all., 1994). No Brasil, os movimentos da saúde mental (Fórum Gaúcho de Saúde Mental, Movimento da Luta Antimanicomial, Reforma Psiquiátrica) adentraram o espaço do manicômio, desnaturalizando a institucionalização, a sexualidade dos internos, a periculosidade e as formas de atendimento (AMARANTE, 2003).

Para o Institucionalismo, a instituição não é o mesmo que um lugar determinado, como um hospital ou CAPS; trata-se, antes do que possibilita relações nestes espaços físicos – daqui em diante chamados de estabelecimentos. O arcabouço de legislação e de regulamentação formal da instituição refere-se à organização (LOURAU, 2004d; BAREMBLITT, 1992; GENTINI, 2003; ALTOÉ, 2003).

Ora, para ter existência, um serviço substitutivo busca reconhecimento por parte do poder público, através de um projeto. Neste, se pleiteia uma rubrica para o desenvolvimento das atividades, a contratação da equipe, os procedimentos burocráticos, etc. O contrato promovido pelo/com Estado possibilita a existência objetiva dos estabelecimentos, mas extrapola este aspecto de permissão e viabilidade, afetando o próprio cotidiano dos mesmos

em seus limites mais finos, na medida em “que *legisla* sobre a distribuição de *status*, poder e saber” (MOURA, 2003, p. 25). Assim, o equipamento é sustentado numa linha tênue entre as “imposições universalizadoras do Estado e das encomendas que a sociedade lhe apresenta incessantemente (...) a realidade de seu funcionamento cotidiano, considerando-se as singularidades tanto dos pacientes quanto do pessoal” (idem, p. 30).

Desta plêiade, podemos pensar sobre a encomenda²⁶ da sociedade direcionada ao serviço de saúde mental, seja ele um manicômio, seja ele NAPS, CAPS, hospital-dia.... Esta pode ser a normalização (ou normatização) do cotidiano, o “salvamento” da loucura, ou o desaparecimento desta, bem como da diferença. Dentro desta grande questão: saúde, as ações dos estabelecimentos articulam-se com a saúde mental²⁷, e com os efeitos da Lei da Reforma Psiquiátrica. Esta, fruto de movimentos de trabalhadores em saúde mental, usuários e familiares, objetivou constituir formas alternativas e substitutivas ao manicômio. O projeto de lei tramitou durante mais de uma década na Justiça brasileira, o que demonstra o jogo de interesses envolvidos na questão da desinstitucionalização da loucura. Passos afirma que,

por Reforma Psiquiátrica, entende-se desde o conjunto de medidas oficiais (políticas, planos e alterações na lei visando à desospitalização e à reforma da assistência psiquiátrica) até o movimento social mais amplo, envolvendo trabalhadores da saúde mental, usuários, familiares e entidades da sociedade civil, numa luta pela transformação da condição de cidadania dos doentes mentais. Este movimento pode ser compreendido enquanto revisão crítica (teórica, ética, política e jurídica) das práticas e discursos sobre a doença mental e os chamados doentes mentais. Implica em tentativas de mudanças mais profundas, não só nos aspectos da lei, das políticas públicas e das práticas de cuidados, mas, igualmente, nos valores e significações sociais em torno da loucura e da doença mental (2003, p.231).

Assim, a possibilidade de liberdade civil para as pessoas em sofrimento psíquico, a instalação na possibilidade de cidadania e de experimentação para fora dos muros asilares se articulam, historicamente, com a sociedade de controle, da emissão contínua dos fluxos e da inclusão diferencial.

Regina Benevides de Barros (2003) analisa os serviços substitutivos de atenção à saúde mental - constituídos e amparados legalmente -, a partir da relação que se instaura entre a organização e a institucionalidade (ou processo de institucionalização). Institucionalização, no caso dos CAPS, é percorrer os mesmos caminhos que os hospitais psiquiátricos

²⁶ A encomenda trata do implícito que é solicitado ao analista quando da intervenção. A equipe cliente demanda uma intervenção e, junto com a demanda (o que é solicitado), vem a encomenda (o implícito).

²⁷ Os serviços substitutivos ao manicômio foram institucionalizados a partir das leis: Lei nº 9.867, de 10 de novembro de 1999, Lei n.10.216 de 6 de abril de 2001, portaria n. 2391/GM de 26 de dezembro de 2002, e outras. Anteriormente, porém, já existiam práticas em saúde mental diferenciadas do aparato normalizador do manicômio, como, por exemplo, a experiência de São Lourenço do Sul. De qualquer forma, a institucionalização e o apoio governamental foram dados a partir da promulgação das leis. Isso gerou uma demanda por criação dos serviços e, atualmente, uma análise sobre as formas de implementação dos mesmos.

percorreram, demarcando lugares de exclusão e de amordaçamento da singularidade, em busca da homogeneização social. Assim, a institucionalização se dá no atravessamento dos vetores instituído e instituinte e a instituição é uma articulação de discursos sociais, nos quais as subjetividades são produzidas. Daí a importância de articular/intervir na instituição, na organização e no estabelecimento, na macro e na micropolítica, de forma indissociável.

Neste sentido, podemos tomar o processo de trabalho em saúde (SILVA & FONSECA, 2005) a partir de três ordens:

- a) estrutural – no tocante às políticas de saúde, desde o âmbito municipal, estadual e federal (lei orgânica da saúde, políticas públicas, SUS, regulamentações, diretrizes);
- b) particular – sobre aspectos relacionados com o serviço na rede local de atenção, bem como aos nós da rede;
- c) singular – relativo a cada serviço, seu agenciamento com modelos de saúde e a produção de saúde operada pelo mesmo (satisfação do usuário e do trabalhador, resolutividade, dentre outros aspectos).

Neste sentido, a ordem estrutural da política pública e as ordens particular e singular se enlaçam, perfazendo um corpo discursivo, atualizando sentidos de saúde, saúde mental, atenção à saúde, equipe e outros... O texto da lei, neste caso a legislação em vigor sobre saúde mental²⁸, para além de ser um determinante externo, é um dos vetores que é atualizado no cotidiano de trabalho nos CAPS - até porque este foi construído em cenário de embates, articulando diversos saberes e redes de poderes.

Inicialmente pode-se pensar que tais ordens (macro e micropolítica) são radicalmente opostas e correspondem a modos de existir e de funcionar das máquinas sociais, respectivamente, uma referindo-se à criação e outra à reprodução, uma às determinações governamentais e outra à gestão local; porém, essas ordens se enlaçam.. Se uma cidade opta por constituir serviços específicos de atenção à saúde mental, isso significa, visto através de uma leitura dicotômica, um movimento molecular do tipo rizomático, entendendo-se aí um “avanço” com relação a outras cidades que não constituem e investem em pessoal para atuar na saúde mental. Entretanto, ao adentrar as maquinarias do cotidiano, pode-se perceber que há efeitos que se espalham e produzem acoplamentos diversos. Uma máquina paranóica pode ser disparada quando da relação com o discurso médico, como apontado por Foucault (1980), e na manutenção do estatuto da doença mental e da prática autoritária e desautorizante da

²⁸ No estado do RS, a Lei 9716, de 07 de agosto de 1992, dispôs sobre a Reforma Psiquiátrica no Estado do RS, determinando “a substituição progressiva dos leitos psiquiátricos por rede de atenção integral em saúde mental, determina regras de proteção aos que padecem de sofrimento psíquico, especialmente quanto às internações psiquiátricas compulsórias e dá outras providências” (BRASIL, 2004b).

equipe sobre o cotidiano dos usuários.

Na institucionalização das ações, algumas vezes no CAPS, geram-se apagamentos diversos, dos sujeitos, da legislação, dos princípios... A força do vetor instituído marca as relações, porém, mesmo assim, relações solidárias transparecem nas trocas entre as pessoas em sofrimento psíquico. Assim, a vida nua parece não subsistir, dominante, única; a criação de outros espaços existenciais ocorre, numa mostra de que a resistência faz parte dos jogos de saber-poder, numa demonstração da potência da rede. Em outros momentos, a rede também pode congelar algumas tramas, ficando impermeável à passagem (da equipe, dos usuários, dos familiares, da comunidade, das tecnologias), num processo de cronificação. A cronicidade nos CAPS é organizada por Barros (2003), enfocando algumas ordens: “novas cronicidades dos pacientes” (p. 203); “cronicidade dos modos de gestão, dos dispositivos e dos profissionais” (p. 204); “cronicidade produzida pela inexistência ou fragilidade da rede de atenção em saúde e, em especial, em saúde mental” (p. 205). Um ponto de destaque é sobre a rede, sobre os *links* ativados e os desativados no cotidiano de uma clínica transdisciplinar antimanicomial em saúde coletiva, no trilhar da *simphatia* e da *antiphatia*.

A abertura para outras formas de intervenção, de pensar a clínica, a rede de saúde e os acoplamentos efetivados parece ser uma das saídas fora da manicomialização da sociedade. A criação de alternativa às terapêuticas tradicionais em saúde mental é também uma possibilidade constante. Isso inclui relação com o trabalho, com a cidadania, com a arte, com a habilitação, no uso contínuo de tecnologias, sejam elas quais forem: tecnologia oral, escrita, informatizada. Os exemplos são vários e incluem escrita de poemas e poesias, produção teatral, pintura, escultura (vide obras do Museu do Inconsciente). Essas formas de expressão se articulam com tecnologias diversas, na perspectiva de possibilitar expressão, uma terapêutica, habilitação, inclusão social e outros tantos objetivos construídos por equipes de saúde mental, trabalhadores de saúde, pessoas em sofrimento psíquico, familiares... A tecnologia se articula às diversas práticas de saúde mental.

A oficina de informática do projeto extensionista operacionaliza o uso de recursos como outra forma de articular práticas em saúde mental, na composição, com tecnologia informática, de universos de referência, de vetores de consistência existencial para as pessoas em sofrimento psíquico. Na esteira do que Guattari (2003) afirma sobre, por exemplo, o trabalho na cozinha em La Borde, em ser esta uma máquina de subjetivação:

[...] uma máquina-cozinha implica um certo tipo de espaço, mas também um certo tipo de formação e de troca entre as pessoas que nela trabalham. Os cozinheiros devem poder circular pelos outros serviços para conhecer as posições de alteridade dos diferentes postos de trabalho. É uma máquina complexa, um sistema

de interfaces (p. 50).

A proposta da intervenção na modalidade de projeto de extensão universitária compõe com as ações do CAPS de Santo Ângelo, na ativação do nó estabelecimento de saúde-universidade-extensão. Esta modalidade de intervenção não foi formalmente solicitada, a não ser enquanto a criação de uma oficina, de uma atividade para os usuários do CAPS. Ela foi, de certa forma, construída num coletivo (advindo de projeto de extensão, estágio curriculares), nas ondas da filantropia e de ideais da luta antimanicomial e de formação em psicologia, bem como da exigência da escrita de uma tese.

Um projeto construído em contatos múltiplos com a então coordenadora do CAPS, ex-aluna do curso de Psicologia da URI – Campus Santo Ângelo, com ex-bolsista do projeto “Criando laços” e outras alunas interessadas em fazer extensão e trabalhar com saúde mental. A relação da universidade com o estabelecimento de saúde já era pretérito, assegurando um lugar de ensino-aprendizagem via o lugar institucionalizado de professora e supervisora. Em outras instâncias, havia relações com a Secretaria Municipal de Saúde e, na Universidade.

A fim de apresentar o contexto da criação do projeto extensionista trago a cidade, território geográfico no qual o projeto perambulou (nos caminhos entre CAPS, universidade, casa dos usuários, praça da cidade, jornal e outros tantos).

2.3 REDE DE SAÚDE E REDE DE FORMAÇÃO

As redes articuladas no projeto de extensão foram a de saúde e a de formação. Aqui, tomamos a de saúde enquanto saúde mental e referenciada ao CAPS da cidade e a de formação enquanto ensino superior em Santo Ângelo, na URI.

O município de Santo Ângelo, situado na Encosta Ocidental do Planalto Médio Rio-Grandense, Região Noroeste do Estado, Zona Fisiográfica das Missões conta com território de 676,60 Km² distribuído entre a sede e treze distritos (Atafona, Buriti, Colônia Municipal, Comandai, Cristo Rei, Lajeado do Cerne, Restinga Seca, Rincão dos Mendes, Rincão dos Roratos, Ressaca da Buriti, Sossego, União e Lajeado Micuim). A capital das Missões, como é conhecido o município, compõe a região das missões. Esta nomenclatura advém da história de fundação, colonização e destruição ocorridas na região.

Como integrante dos 7 Povos das Missões, a última redução teve o nome de santo, como costume dos jesuítas da Companhia de Jesus, de um anjo protetor. A redução “foi consagrada ao Anjo Custódio das Missões (aquele que tem a custódia, a guarda) o protetor

de todos os povos missioneiros. A estatutária deste povo era representada em sua maioria com asas, uma alusão ao protetor, presente em todas as imagens.” (<http://www.portalmunicipal.org.br/entidades/famurs/municipio/historia.asp?iIdEnt=5523&iIdMun=100143348>). Porém, a desejada proteção da cidade não teve suficiente poder contra o império luso e espanhol, quando das guerras jesuítico-guaranis, tendo sofrido perdas e danos, bem como ressurgimentos, a mesma passou por momentos de grande desenvolvimento e de estagnação, tanto em termos econômico-financeiros quanto de população.

Tem solo avermelhado, característico da região, conforme site da prefeitura municipal,

O solo é roxo distrófico com textura argilosa, tipo Santo Ângelo. [...] Não se apresentam desertificações, sua vegetação natural era assim distribuída: 80% de campos com grama, forquilha e barba de bode; 20% de florestas tropicais com capões isolados de timbó. (...) Hoje, cerca de 60% dos campos e 18% das matas são lavouras de trigo e soja, basicamente. Existem reflorestamentos com árvores nativas e exóticas, além de pinus e eucaliptos. Quanto à hidrografia, além dos Rios Ijuí e Comandai, o município é cortado por diversos riachos e lajeados (http://www.santoangelo.rs.cnm.org.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=28897).

A cidade foi fundada duas vezes, destruída e refundada²⁹ parece andar com o fantasma da destruição e sob a égide do mito de Fênix, ressurgida das cinzas. Como que assustada com os novos tempos, fica ressabiada com o novo, desconfiada até que ela perca a novidade e se torne, também, uma “cria” da casa. O dito de Sepé Tiaraju: “essa terra tem dono”, pode ter variações atualizadas...

A agricultura é uma das bases econômicas da região, bem como o comércio. Sendo assim, as condições da agricultura têm impacto direto sobre a cidade como um todo, inclusive na universidade. As coisas da terra na cidade têm grande significado para os habitantes de hoje. Habitantes que em sua composição étnica conta inicialmente, em uma primeira fase com índios, negros, portugueses e espanhóis e em sua segunda fase com alemães, italianos, poloneses, árabes e judeus. Atualmente conta com uma população total de 79.086 (FAMURS - 2005), conforme dados disponibilizados no site da prefeitura local, a cidade integra a Macrorregião Missioneira, composta por quatro Coordenadorias Regionais de Saúde: 9^a, 12^a, 14^a e 17^a. Esta Macrorregião é formada, em sua maioria, por minifúndios, destacando-se a atividade de agricultura familiar e de médio porte. Abaixo, no mapa do Rio Grande do Sul, são destacadas as macrorregiões do Estado, sendo que o município de Santo Ângelo encontra-se na região marcada em azul, correspondendo à 12^a Coordenadoria Regional de Saúde.

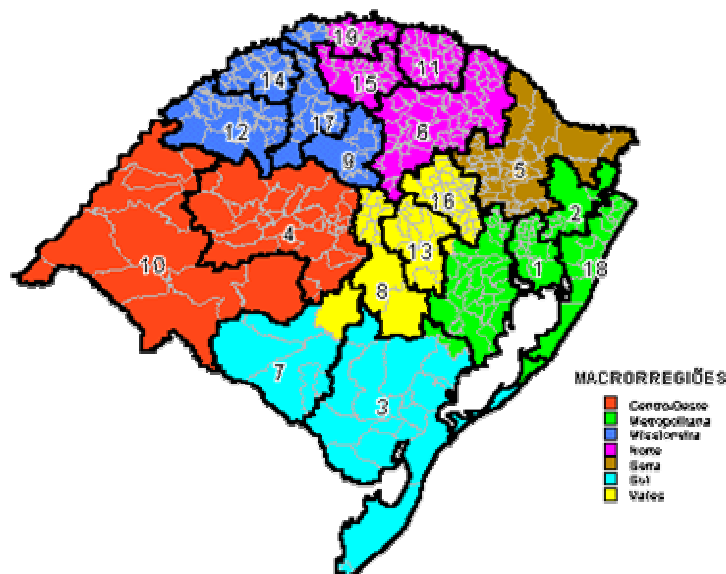


Figura 6: Macrorregiões

Fonte: LOPES, M. Disponível em: http://www.disaster-info.net/LIDERES/portugues/04/apresentacoes/alunos/marcia_lopes/ProjetoLideres2004.doc

O município conta na atenção à saúde mental com a atuação de um Centro de Atenção Psicossocial - CAPS II³⁰. Este se situa num complexo em que estão agregados educação (escola), projetos da assistência social, organizações não governamentais e outros estabelecimentos. A mudança de sede ocorrida (anteriormente a saúde mental era atendida em uma unidade básica de saúde mais afastada do centro da cidade, em um bairro residencial) deu-se por motivo de necessidade de ampliação das instalações bem como da localização mais próxima ao centro, o que possibilitaria o deslocamento mais facilitado para usuários, familiares e equipe. O CAPS conta com atendimento médico, psiquiátrico, psicológico, oficinas diversas, lazer, passeios.

A legislação possibilitou a proliferação de serviços substitutivos. Estes estabelecimentos se espalharam pelo Brasil como uma fórmula para intervenção em saúde mental, devido a subsídios governamentais para sua implantação. O que foi uma grande conquista, porém, agora, começa a se avaliar os serviços no tocante a sua resolutividade, equidade, atenção diferenciada. Ocorre que a reforma psiquiátrica teve uma intersecção com o movimento da luta antimanicomial e com a criação dos CAPS. Estes três movimentos não seguiram os mesmos vetores, pois um segue uma via mais institucional, de legislação, outro

²⁹ Destruída a partir de 1756 com a chamada Guerra Guaranítica, a região ficou abandonada por quase cem anos. Por volta de 1830 começaram a ser distribuídas sesmarias para paulistas, iniciando-se assim um repovoamento da região (conforme: http://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_%C3%82ngelo).

³⁰ Inicialmente foi aprovado o projeto de CAPS I e, em 2006, foi aprovado o projeto para CAPS II, tendo em vista a demanda de atendimento para o serviço e a sua indicação territorial.

de luta política e outro de implantação de cuidados. Estes movimentos, muitas vezes se interseccionam na atenção à saúde mental, mas nem sempre (ALARCON, 2002).

Muitas críticas surgem quanto ao efetivo trabalho realizado nos CAPS quanto a sua relação com outros equipamentos de saúde (Programa de Saúde da Família, unidades básicas) no exercício de seu papel de articulador entre diversos níveis de atenção à saúde. A aposta nos CAPS traz à tona uma nova arquitetura legislativa, institucional e clínica, pois ali se congregam a especificidade do trabalho com a loucura, o cumprimento da legislação e a articulação de uma intervenção em rede, tanto na equipe do estabelecimento quanto na relação dos diversos níveis de atenção à saúde e mesmo quanto à cidade. Algumas vezes, o serviço se torna uma porta aberta que acolhe, conforta e isola os usuários da rua, constituindo uma ilha no oceano da cidade.

Em relato de vários usuários do CAPS de Santo Ângelo, há o dito sobre um processo de ancoragem em um porto seguro quando chegam ao estabelecimento de saúde que os afasta dos perigos do mar aberto, das tempestades advindas do encontro com o outro social que segrega. Indubitavelmente, este acolhimento é fundamental, se compararmos com o tratamento que estas pessoas recebiam em estabelecimentos asilares. Porém, ao perguntarmos sobre o percurso que elas têm na rede social, percebemos que é bastante restrito à casa (familiar), à igreja e, é claro, ao serviço de saúde. A âncora que atraca a nau das pessoas em sofrimento psíquico, por vezes, não deixa que elas se afastem e possam procurar outros portos. O circuito repetido marca e traça andares. O grande desafio dos serviços substitutivos é mesmo, ao acolher, deixar suas portas abertas para quem entra e para quem sai. Acolher não só o usuário, mas também a comunidade. Se a porta fica aberta apenas ao usuário, há um grande risco de trilhar o percurso da manicomialização, infantilização e proteção do usuário.

Quanto à rede de formação universitária, a cidade conta com um Centro Universitário e uma Universidade. A URI³¹, com sua mantenedora, FURI, optou pelo modelo multicampi, tendo sede em Erechim, campi em Erechim, Frederico Westphalen, Santiago, Santo Ângelo e extensões em São Luiz Gonzaga e Cerro Largo. Construída após um processo de integração entre campi dispersos, foi fundada em 1992. Conforme Mara Rosler e Cleo Ortigar (2001), ela originou-se de demandas da região, sendo uma universidade comunitária que reclama origens da experiência comunitária constituída nas reduções jesuítico-guarani e,

³¹ É “uma instituição multicampi, comunitária, reconhecida pela Portaria nº 708, de 19 de maio de 1992, com sede da administração superior na cidade de Erechim, Estado do Rio Grande do Sul. Mantida pela Fundação Regional Integrada, entidade de caráter técnico-educativo-cultural, com sede e foro na cidade de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, CGC 96.216.841.0001-00, a URI goza de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, obedecendo ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (ROSLER & ORTIGARA, 2001, p. 138).

posteriormente, pela colonização de imigrantes; isso propiciou uma diversidade cultural e o diálogo enquanto instrumento de integração da universidade com a comunidade local.

Neste sentido, é interessante lembrar que a própria formação das universidades comunitárias se deu por ações de grupos pertencentes às localidades nas quais as mesmas estão instaladas. Isso porque elas foram construídas a partir de grupos específicos, tanto religiosos quanto laicos, assentados na falta de uma política governamental (nos anos 60) para atender as demandas por vagas no ensino superior (SILVA, 2003). São entidades públicas não estatais, de direito privado:

No Rio Grande do Sul, a expressão “comunitária”, não se origina na organização mantenedora das atividades que expressa a universidade. O que funda essa noção é uma mescla de idéias valorativas sobre a estrutura de relações de poder e as relações de propriedade dos bens a serviço da prática institucional (SILVA, 2003, p. 110).

Ou seja, o caráter público, de participação da/na comunidade, é a marca por excelência de tais estabelecimentos de ensino superior.

A URI é organizada em Departamentos e em Cursos de Graduação e Pós-Graduação, tanto *latu* quanto *strictu sensu*. No âmbito da graduação conta com o curso de Psicologia, o qual mantém relações com a sua comunidade de abrangência através de práticas de disciplinas, estágios, pesquisa e extensão. Especificamente com relação ao CAPS, o curso mantém estágios desde o ano de 1999, com regularidade, incluindo práticas de Psicologia Social Comunitária e Psicologia Clínica, bem como pesquisas da graduação e cursos de extensão. Assim, a intersecção entre o curso de Psicologia e o CAPS se dá mediatizada por relações de formação e de atenção à saúde da população constituída através de instrumentos formais jurídicos (contratos de estágio, projetos de extensão universitária, e outros). Os projetos de extensão, por seu turno, passam por várias instâncias na Universidade para depois serem discutidos com o CAPS³². Sendo assim, a idéia de ocupar o território, abrir possibilidades de acesso e de trânsito para pessoas em sofrimento psíquico tem sido uma marca do estabelecimento de saúde, mesmo com a mudança constantes de profissionais que compõem a equipe.

32 Na trajetória do projeto objeto de discussão, no CAPS, houve a passagem e a apresentação do mesmo para três coordenadoras do estabelecimento. Assim, percebe-se uma grande alternância de cargos e de trânsito pelo serviço que deixa à mostra, inclusive, a relação entre trabalhadores concursados e em cargo de comissão.

A imbricação de duas instituições³³ - a saber, instituição de formação e instituição de saúde que se cruzaram por imperativos da formação e do cuidado - produziu campo de estágio curricular e agregação de profissionais em formação para desenvolvimento das atividades. Com isso, ambos os estabelecimentos precisam articular diferenças de funcionamento e de organização, gerando híbridos. O projeto extensionista, por exemplo, ao conectar dois estabelecimentos com filiações institucionais diferenciadas, recebe estas diferenças e as coloca em relação. Algumas vezes a relação é de acolhimento e outras, de contraposição. A integralidade, como um dos princípios do SUS, prevê uma articulação em rede que inclui vários segmentos sociais, com seus diferentes funcionamentos, instituições e organizações. Antevê-se que pode ser um caminho de convergência das instituições, num processo de *simpathia* ou de divergência, num processo de *antiphatia* (MOURA, 2003). De qualquer forma, a composição de formas parece ser criadora de outros sentidos e práticas na cidade e nos estabelecimentos.

A saúde tem sido um dos elos da rede que articula dois estabelecimentos referenciados no projeto extensionista. A Constituição de 1988 já apregoa, conforme aponta Adir Garcia (2000), que a saúde se esboroa no social, ocupa territórios, ultrapassando as paredes das unidades básicas de saúde e dos hospitais. Podemos dizer que encontra outros estabelecimentos locais na formação de uma rede, articulada também pelos preceitos do Sistema Único de Saúde (SUS). Este aponta para os princípios de equidade, universalidade e integralidade: “a consolidação do ideal de democratização da saúde necessariamente supõe uma mudança qualitativa das práticas sanitárias em nível local (no território), numa relação direta entre serviços e usuários” (FRANCISCO, 2004, p. 45). A saúde mental como um dos cuidados previstos na legislação, deve seguir os preceitos do SUS, legislação que regula as ações de saúde mental, álcool e drogas, saúde da família, etc. Assim, cada um dos programas deve articular-se a partir da Constituição Federal, do SUS e de suas peculiaridades. Lembramos, então, que saúde mental também é saúde.

Neste sentido, trago a saúde coletiva (CAMPOS, 2000) como mais um dos elos de ligação entre o projeto extensionista e o CAPS. Isso porque ela propõe estudos sobre o processo de saúde/doença/intervenção e a atuação com sujeitos encarnados, na invenção de

33 Gregório Barembliitt define instituição como: “lógicas (...) que, segundo a forma e o grau de formalização que adotem, podem ser leis, podem ser normas e, quando não estão enunciadas de maneira manifesta, podem ser pautas, regularidades de comportamentos” (1992, p. 20). É uma entidade abstrata, que faz movimentar sentidos e interpretações, possibilidades de ser e de não ser demarcadas em diversos tipos de instituições, existindo instituições de “regulamentação” de relações de parentesco, de trabalho, de saúde, religiosas, ... escolares. Materializa-se em organizações, que são, por sua vez, compostas por estabelecimentos concretos, habitados por elementos técnicos, equipamentos. Tal maquinaria é movida por agentes, seres protagonistas de práticas. Como exemplos, temos a instituição “tecnologia”, a instituição “saúde mental”, a instituição “formação”.

saúde (BASAGLIA, 1985). A expressão “saúde coletiva” é tida como “uma invenção tipicamente brasileira” (L’ABATTE, 2003), surgida em fins da década de 1970, a fim de articular estabelecimentos e instituições, saberes e práticas em saúde, incluindo, aí, organizações que prestam assistência à saúde da população, órgãos de ensino e pesquisa, bem como organizações da sociedade civil. Ela é, também, um dos nós articuladores entre a experiência da extensão universitária e do CAPS.

Assim, em termos de práticas, ideais e luta por condições de saúde e de vida, estabelecimentos distintos se aliam e possibilitam uma intervenção no interstício, nos restos de uma guerra cotidiana e sangrenta por saúde mental, mesmo sem apresentar a manifestação vermelha e líquida. No embate da pesquisa, da burocracia, dos horários para atividades, há pouco sangue derramado; há, muitas vezes, sangue contido. Por vezes tão contido que passa despercebido pelos corredores dos estabelecimentos de saúde e de formação. Retinto, fica invisível sobre a película branca do saber, da terapêutica, da oficina. Desta forma, a máquina saúde, ao agregar seus elementos, produz também desaparecidos, sujeitos desprovidos de fala socialmente aceita e reconhecida, de fala válida e participativa.

Este brevíssimo esboço do município, da universidade e do CAPS, objetiva expor o vínculo que tais instituições e estabelecimentos têm com a marca “comunitária”. Desde a constituição do município e da universidade, esta marca se faz presente tanto nas ações quanto no “ideário” que sustenta as mesmas.

2.3.1 Criando laços via recursos informatizados

O projeto de extensão constituiu e reforçou uma série de relações entre o CAPS e a Universidade. Trata-se aqui de estabelecimentos inseridos no contexto da região do noroeste do estado do Rio Grande do Sul, cada um atuando com aspectos de, respectivamente, cuidados de saúde e de formação/conhecimento. O projeto “Criando laços via recursos informatizados” é um projeto que se insere institucionalmente enquanto projeto de extensão universitária³⁴ (no ano de 2004) e projeto de extensão social³⁵ (de 2004 até o presente

³⁴ Conforme Manual de Extensão (2006, p. 4), “A Extensão Universitária tem sua sustentação legal na Constituição Federal (art. 207), na LDB (Lei 9.394 de 1996), no Plano Nacional de Educação (objetivos e metas nº 23, item B-Educação Superior) e no Estatuto da URI (art. 5º, inciso VI e art. 56)”. No Estatuto da URI, a extensão é entendida enquanto atividade fim da universidade, aliada à pesquisa e ao ensino, compondo um tripé. Aqui, o interesse reside na difusão da criação cultural, científica e tecnológica universitária, no sentido de integrar universidade e comunidade no processo de desenvolvimento da região de abrangência da URI, a partir de uma intervenção social. Sua definição, portanto, é a de um “(...) processo educativo, cultural, científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissolúvel e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade.” (idem, p. 4-5).

³⁵ Tais denominações referem-se à forma de financiamento de bolsas de extensão.

momento), desenvolvido nas dependências do GPEAD, na URI - Campus Santo Ângelo.

A extensão universitária, muitas vezes entendida enquanto atividade assistencialista (PEDERNEIRAS, 2005), tem um histórico no Brasil que se iniciou com as experiências da Universidade Passageira de São Paulo, através de palestras para a população que não fazia parte do quadro de discentes da mesma. A crítica feita a esta atividade consistiu na não consulta à comunidade alvo do projeto, no tocante, inclusive, a suas concepções, vontades, necessidades vividas e sentidas.

Nas décadas de 60 e 70, a extensão esteve vinculada a dois tipos de atuação divergentes: os programas institucionalizados do governo federal que financiavam programas, tais como o Projeto Rondon e as ações vinculadas ao movimento estudantil, como os Centros Populares de Cultura e os Movimentos de Cultura Popular. Assim, houve o embate de duas lógicas diferenciadas na extensão, uma visão “adaptacionista” e outra “revolucionária”. Em 1986, no Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, a partir da discussão do conceito de extensão, houve a criação de duas modalidades de classificação: atividades de extensão em *stricto sensu* (extensão) e *lato sensu* (prestação de serviços). Em 1987, foi criado o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras que constituiu a extensão enquanto um processo de mão dupla, viabilizador da relação universidade e sociedade.

No XX Encontro do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, a extensão ganha visibilidade, apontando para a perspectiva da formação universitária cidadã e também para uma relação de horizontalidade para com a parcela da população envolvida em extensão bem como com a discussão e participação nas políticas públicas. De forma ampla, SILVA (2003) afirma que:

Até 1968, as universidades cumpriram um papel de formadores de recursos humanos, dedicando-se quase que exclusivamente ao ensino. Em 1970, iniciou-se a institucionalização da pesquisa, com a criação do sistema de pós-graduação; na mesma época, a partir, e por força da Lei 5540/68, também passaram a implementar a extensão como uma função da universidade. Desde 1968 (embora a expressão “extensão universitária” já existisse em 1931, na edição da primeira Lei sobre a universidade), as Leis sobre o ensino superior definiam que a ação da universidade deveria ser pautada pela indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão (p. 19).

Porém, muitas dificuldades são encontradas quando se trata da implementação e da avaliação dos programas e projetos extensionistas. Várias questões surgem, como, por exemplo: qual a relação da universidade com outros estabelecimentos? Qual a parcela de participação efetivada, tanto no planejamento quanto na realização e avaliação das atividades?

De forma mais ampla, qual o estatuto da extensão na vida universitária e em sua relação com a comunidade (assistencialismo, co-participação, desenvolvimento regional)? Estes vários sentidos fazem-se presentes nas práticas cotidianas e nas demandas da comunidade com relação às universidades. O presente projeto insere-se nas atividades filantrópicas da universidade e na tentativa de construção de intervenção que venha a compor laços com estabelecimentos de saúde mental da cidade, bem como ações que promovam cidadania e participação da comunidade nos equipamentos da universidade, dentro de uma proposta de habilitação psicossocial.

2.3.1.1 Oficina: do que se trata?

Constituímos nossa proposta extensionista enquanto oficina. Isso por possibilitar atividades, produções e, assim, talvez uma via de reconhecimento das potencialidades dos participantes perante sua família, a equipe de saúde mental e outros sujeitos sociais que tivessem algum tipo de contato com o produzido. É interessante notar que a “oficina” é trazida pela legislação de saúde mental como uma forma organizada de intervenção nos serviços substitutivos (Portaria/GM nº 336, de 19 de fevereiro de 2002). Tanto que, nas diretrizes para o funcionamento dos CAPS são estabelecidas atividades, dentre elas (na alínea “c”), “atendimento em oficinas terapêuticas executadas por profissional de nível superior ou nível médio”. E, já em 1991, a Portaria 189 de 19/11/1991, DOU de 11/12/1991, descreve os objetivos das oficinas terapêuticas como atividades de socialização, expressão e inserção social. De forma ampla, a proposta de intervenção se pautou no que já está assinalado pela legislação.

Em busca de uma circulação sobre o conceito de oficina, é interessante trazer o trabalho de Afonso (2002) que descreve oficina como “um trabalho estruturado com grupos, independente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, dentro ou fora de um contexto institucional” (p. 20). A perspectiva grupal é trazida para o desenho dos limites desta atividade, bem como a autogestão e a inserção institucional ou não. Parece oportuno trazer para esta conceituação, um dos vetores que direciona a oficina, especialmente seu vetor coletivo, de experimentações diversas (BOOG, VIEIRA, OLIVEIRA, FONSECA, L’ABBATE, 2003) bem como a possibilidade de subjetivação gestada na virtualidade entre o fazer e o tornar-se obra (TALLEMBERG, 2005).

As oficinas, desde as Corporações de Ofício, no período pré-industrial, até nos

estabelecimentos de saúde contemporâneos, têm sido utilizadas como espaço de produção seja de peça de artesanato, sapato, roupa, obra de arte, etc., com ou sem a presença de máquinas. Espaço da modelagem, da confecção, do desenho em que a transformação da matéria bruta em criação do artificial - a obra – é o foco. O artificial é aqui entendido como obra, como o que foi criado a partir do encontro do oficineiro com uma(s) matéria(s) de expressão no espaço conectivo da oficina. Desde o aprendiz que ocupava a oficina para tornar-se mestre, os que passavam pelas oficinas tornavam-se algo diferente daquela “forma” na qual haviam entrado. Uma transformação é o que ocorre na oficina: o aprendiz torna-se mestre; a madeira, escultura; o tecido, vestimenta; a água, gelo...

Assim, muitas vezes, oficina remete a sentidos tais como a atividade na qual uma produção material será forjada, como exemplo podemos pensar em oficina de arte, na qual será forjada uma escultura, uma tela; oficina de culinária, em que será experimentado um bolo; oficina de artesanato, em que será produzida uma peça artesanal. Mas, o objeto da oficina nem sempre é uma obra acabada material, a obra da oficina é mesmo o trabalho que se realiza para a produção de uma obra. Para se realizar uma escultura há um investimento subjetivo, mestiçagens são produzidas. Na oficina de informática desenvolvida no projeto de extensão, a matéria produzida não é apenas um arquivo! É, também e, junto a isso, uma matéria de expressão, um sorriso, um gesto, um olhar, um envolver-se, uma composição de velocidades, paradas, encontros e desencontros.

O espaço da oficina é um espaço de troca, de vivências (com)partilhadas. Etimologicamente, ofício (do latim *officium*) relaciona-se com dever, expressa um desenho de relação, de obrigações e direitos entre os que ocupam tal espaço relacional, numa rede de reconhecimento, de pertença a um grupo, de solidariedade (TALLEMBERG, 2005).

Na saúde mental, as oficinas ocuparam-se das agruras do trabalho, já Pinel apontava o trabalho regado, mecânico como um instrumento a serviço do tratamento moral. Nos asilos brasileiros, a idéia do trabalho como ação produtiva para as pessoas em sofrimento psíquico ocupava espaço nos próprios pátios asilares, que dedicavam grandes áreas para laborterapia.

Na clínica La Borde³⁶, a opção pelos ateliês remete aos objetivos da oficina proposta, que se manifestam para além da produção vinculada ao funcionamento do capitalismo, pois foi constituída nas margens da autogestão, na criação de coletivos. Sobre a Oficina de Criatividade, desenvolvida no Hospital São Pedro, em Porto Alegre-RS, Tânia Mara Galli Fonseca (2005) afirma que esta é exercida como “Oficina-território não somente como um

³⁶ Vídeo sobre La Borde:

http://www.ina.fr/archivespourτους/index.php?vue=notice&from=collections&num_notice=6&total_notices=19&code=C0524220048

meio, mas como um ato que territorializa ritmos e meios.” (p. 103). E, além disso, como “Espaço com cheiro de recusa a uma gorda saúde dominante e, portanto, resistência aos modelos hegemônicos de viver” (idem, p. 104).

Em saúde mental, as oficinas traduzem esta mesma modalidade relacional: um continente, na tentativa de constituir comunidade. Em grande medida, as oficinas desenvolvidas em saúde mental objetivam a reinserção social, reabilitação psicossocial, o resgate das potencialidades das pessoas em sofrimento psíquico, numa busca de espaço e de criação de empoderamento às classes/grupos/minorias excluídos (MOURA, 2003).

Aqui, a função clínica de aspecto terapêutico se faz presente e atuante não na perspectiva de resgatar, restituir, empoderar, terapeutizar, mas sim de constituir espaços de enunciação, de vida, de experimentação,

[...] onde se pudesse falar da vida sem que estivéssemos previamente regulados pelos discursos terapêuticos da Psicologia ou da terapia ocupacional; cujas falas ou as manifestações dos usuários, pudessem se liberar do compromisso terapêutico estrito e pudéssemos constituir um espaço real de vida, isto é, em vez de nos preocuparmos em passar usuários de um estado de incapacidade para um estado de capacidade – objetivo defendido pelas terapêuticas psicológicas atuais –, proporcionar-lhes o exercício imediato de falar sobre suas famílias, sobre a comunidade ou a sociedade, sobre a política, sobre o esporte, a música e a cultura, sobre os acontecimentos da cidade e do mundo (SANTOS, 2003, p. 45).

O conceito de reabilitação tem sido muito discutido no âmbito da saúde mental, em especial no tocante a ações que visam à inserção na cidade, na família da pessoa em sofrimento psíquico, no convívio, no trabalho, enfim inserção no *socius*. Ocorre que o termo reabilitação advém da medicina, da prática de habilitar um órgão que fora danificado. Assim, reabilita-se um músculo, um braço, uma perna para funções/ações que anteriormente ao dano eram executadas. Isso no sentido de voltar ao tempo em que a saúde era mantida, anteriormente ao aparecimento da doença. Trata-se de um retrocesso ao momento saudável. Ou seja, há uma perspectiva de cura amalgamada às práticas de reabilitação da medicina. Conforme Venturini, Galassi, Roda e Sergio (2003),

O termo foi tomado de empréstimo da medicina geral, no âmbito da qual subentende-se o uso de métodos e técnicas direcionadas à recuperação de uma função ou de um órgão. (...) O paradigma sobre o qual se fundam a cura e a reabilitação no âmbito orgânico é um modelo linear que assume, como consequência lógica, o concatenar-se da etiologia, da patogênese, da sintomatologia, da diagnose e da prognose (p. 58).

Como os autores afirmam, a transposição do conceito para a saúde mental não é direta, trazendo estes sentidos nas práticas, porém as práticas trazem marcas do conceito. Para

Saraceno (1999), reabilitação é um princípio de intervenção que busca viabilizar redes de apoio a fim de que a pessoa em sofrimento psíquico venha a acessar os recursos constantes em sua comunidade. Trata-se de um processo de negociação, de abertura de diálogo e de práticas, envolvendo o usuário, a família, a comunidade, os serviços de atenção à saúde, constituindo-se em estratégias de criação e ampliação das ocasiões de troca de recursos e afetos entre os agentes sociais. Apesar de trazerem aspectos das práticas muito interessantes como a participação das pessoas em sofrimento psíquico em congressos, seminários e outros eventos de reabilitação, Venturini et al (2003) propõem o uso do termo habilitação.

E por que habilitação? Por vários motivos. O que chama a atenção neste momento é o de que não há o desejo de um retorno a um estado pré-doença. Ou seja, habilitar refere-se a constituir espaços-tempo em que a pessoa possa constituir modalidades de vida, modos de subjetivação para além do retorno ao que fora “antes da doença”. Esta perspectiva é recorrente na fala dos participantes da oficina, ao se referirem às possibilidades que tinham anteriormente ao adoecimento, falam da possibilidade de estudar, de manter relações sociais mais estáveis, de trabalhar. Os serviços de atenção à saúde mental e os trabalhadores também mantêm, por vezes, o ideal da reabilitação: voltar ao que fora, da mesma forma. Nas palavras de Venturini et al (2003, p. 60): “o primeiro passo de uma estratégia reabilitante sensata nos pareceu sempre aquele de reabilitar as instituições da reabilitação”³⁷.

O espaço do grupo-oficina foi constituído ora como de habilitação, ora terapêutico, ora como de aprendizagem, ora como de socialização. Esta proposta se deu numa aproximação com o que Lígia Hecker Ferreira (2003) denomina grupo-oficina: espaço de criação de modos de vida. Nas palavras da autora:

a modalidade de grupo-oficina pretendia-se um espaço-tempo de ensaio, de simulação de novos acontecimentos na vida desses alunos, espaços de experimentação de si na relação com o outro, assim como um espaço-tempo de produção de conhecimento e de novos modos de vida (2003, p. 335).

Nesta, a proposta era a de produzir efeitos singulares, de aprendizagem, a partir do que emerge no grupo, do encontro de diversos corpos (técnicos, artísticos, científicos), do acesso ao plano dos afetos e à construção de novos territórios existenciais. No projeto de extensão, pretendeu-se constituir tal espaço, a fim de vivenciar a processualidade e os acoplamentos homem-máquina.

Podemos pensar nos efeitos do grupo-oficina como efeito de máquinas de falar, ver, enunciar. Falar (os participantes) sobre o que se quiser, respeitando as redundâncias, as

³⁷ Esta é uma das bases da Psicoterapia Institucional (ver Tosquelles, 1994).

imitações, as colagens, falar que fosse para dizer: “eu não sei o que dizer³⁸”. E enunciar isso no acoplamento com uma máquina específica, com o computador: para que, a partir de uma “puta dor”, possa acoplar-se para “computar”, de alguma forma, a dor da existência ou outras tantas dores (dor física, dor mental, dor social, dor institucional, ...).

Assim, na intervenção, a ação de quem é? Do sujeito, do pesquisador? Penso que é do agenciamento que se trata, de um lugar de circulação do desejo, de um lugar de enunciação e de potencialização dos envolvidos no projeto e mesmo daqueles que não o são diretamente (a referência ao projeto se estendeu para além da sala do laboratório do GPEAD, passou pelos corredores, pelos encontros entre os participantes e alunos que fizeram estágio ou alguma prática no CAPS - pois o prédio 6 também é utilizado como sala de aula -, adentrou reuniões de Departamento - com comentários de professoras sobre a oficina e sobre o contato com os participantes, principalmente sobre os passeios que uma participante fazia e, por vezes, se perdia no prédio -, sobre contatos com dos participantes com a direção). Como afirma Moura:

É importante que ele [Coletivo] possa hospedar e garantir a heterogeneidade das pessoas e dos grupos que dele participam. É imprescindível que ele sustente a diversidade de espaços onde sejam possíveis os encontros e o livre dizer, para que o paciente possa circular livremente e se re-delimitar (...) É (...) uma espécie de tabuleiro vivo, só que com algumas diferenças. O tabuleiro usual contém 64 peças bem delimitadas e suas cores são alternadamente pretas e brancas. Esse nosso tabuleiro, não somente não contém apenas 64 casas, como a delimitação delas não é estabelecida de modo fixo e a sua cor tampouco se restringe ao preto e ao branco. Ele não funciona no regime lógico do “sim” e do “não”, mas contém inúmeros matizes entre estes dois extremos, como nos *subconjuntos difusos*, em que a verdade não se restringe à relação entre o “0” do falso e o “1” do verdadeiro, na teoria clássica dos conjuntos. Entre o “0” e o “1”, neste nosso caso, deve existir uma infinidade de possíveis, racionais e não racionais, *simpáticos* e *antipáticos*, delirantes e não delirantes, verbais e não verbais, ditos e não ditos... “Quem sabe...”, “talvez...”, “pode ser...”, “acabei de chegar de Marte”, “não fui, mas estava lá...”, “Você é meu terapeuta, mas aqui na assembléia...” (MOURA, 2003, p. 71-72).

³⁸ Um usuário pedia repetidas vezes que alguém da equipe o ajudasse a redigir e-mails para sua irmã, pois ele “não tinha idéia do que falar”. Auxiliado, ele escrevia mensagens para a irmã e repassava notícias da irmã para a família, inserindo-se diferencialmente na rede familiar.

3 “UM PARAFUSO A MAIS, UM PARAFUSO A MENOS”

[...] talvez pela semelhança do nômade com o esquizo. O esquizo está presente e ausente simultaneamente, ele está na tua frente e ao mesmo tempo te escapa, sempre está dentro e fora, da conversa, da família, da cidade, da economia, da cultura, da linguagem. Ocupa um território mas ao mesmo tempo o desmancha, dificilmente entra em confronto direto com aquilo que recusa, não aceita a dialética da oposição, que sabe submetida de antemão ao campo do adversário, por isso ele desliza, escorrega, recusa o jogo ou subverte-lhe o sentido, corrói o próprio campo e assim resiste às injunções dominantes. O nômade, a exemplo do esquizo, é o desterritorializado por excelência, aquele que foge e faz tudo fugir. Ele faz da própria desterritorialização um território subjetivo (PELBART, 2003, p. 20).

Este capítulo trata das conversas sobre loucura e sofrimento psíquico que tivemos na oficina. A perspectiva de criação das perguntas de uma pesquisa, baseada na co-construção entre os sujeitos da pesquisa e os resultados tal como proposto por Despret (2004) repercutiu nestas linhas. Ao tematizarmos a loucura, tematizávamos sobre loucura de pesquisar, sobre a loucura de propor grupo-oficina de informática, sobre a loucura de ingerir medicação ou deixar de ingeri-la, sobre a loucura de ensinar e aprender.

Nas várias conversas, o interlocutor mudava, ora era a professora/professor que era chamada/o (tanto eu, quanto aos bolsistas, quanto usuários que sabiam mais); ora era a usuária de informática; ora era o cidadão reclamando seus direitos; ora era um sujeito que encontrava outro e falava sobre o tempo.

Falar sobre a loucura é cotidiano para pessoas em sofrimento psíquico, como um texto retomado, re-dito, articulado com as redes de saúde, de cuidado, da universidade e, a partir do projeto extensionista, com a Internet (em sites de busca por informação e cura do sofrimento). A rede de conhecimento captura sentidos da loucura como incapacidade de aprender, falta de memória ou como espaço de vivências outras, de criação ou co-construção. No rapp filmado no gramado entre os prédios 5 e 6 da URI, ressoava: “aqui é um lugar muito legal, não é nem banal, tem mina, tem cara, mas tudo estudando num bar, numa faculdade em geral, um pra ser advogado, outro pra fazer direito...”

Um participante da oficina, mecânico, durante um encontro na oficina, se refere aos seus companheiros de CAPS como aquelas pessoas que têm um parafuso... a mais... um parafuso a menos. O grupo de quarta-feira tem parafusos a menos do que o grupo dos outros dias. Um mecânico vê a loucura como a falta ou o excesso de parafusos na cabeça das pessoas, fala da experiência da loucura desde sua inserção no mundo do trabalho, em uma condição que o diferencia da grande maioria dos usuários que não se inserem neste registro (trabalho). Esta imagem é recorrente no imaginário popular - e em outros campos do saber -, no qual o cérebro é a sede do psiquismo e a metáfora mecânica serve como modelo de mundo.

Na fala dele, porém, o mecânico não trata apenas de um mundo máquina, mas sim de uma condição de subjetivação. Mas me parece que o mais interessante na fala do participante foi a indecisão na fala, a falta de palavras para o dizer ou o excesso de imagens que tornava difícil a escolha. Afinal, ele estava falando das pessoas para elas mesmas, definindo seus companheiros e a ele também.

A dúvida manifestada sobre se a loucura é excesso ou falta, transbordamento ou rarefação é também comum. O louco ou é um sábio ou é um doente. A criação de formas de vida alternativas à segmentaridade de nossa sociedade é difícil. A alteração de modos sadio/doente, normal/anormal, adaptado/desadaptado torna-se um desafio na medida em que estão relacionadas com uma polarização manifestada pelo sinal de “/”, o qual implica o uso da conjunção “ou”: ou isso ou aquilo! Ou se é doente ou se é saudável, ou se está doente ou se está saudável. Ou se está com o número certo de parafusos, ou se está com um número inadequado de parafusos. Ancorada em formas de pensamento muito antigas e utilizadas, em arranjos sociais de longa data e ressignificados constantemente, a polarização sedimenta e propicia moldes de subjetivação bastante fechados.

A segmentarização e polarização participam de um pensamento binário e opositor de seus termos. Tal “sistematização” se organiza em nossas sociedades com Estado e sua marca se efetua em corpos, em ações, em leis e em práticas cotidianas. Deleuze & Guattari (1996) apontam que o Estado moderno mantém a segmentaridade das sociedades ditas primitivas, porém de forma diferenciada: ao passo que as sociedades ditas primitivas mantinham a segmentaridade vinculada à territorialidade e às linhagens, de forma flexível (segmentaridade flexível), as sociedades com Estado mantém a segmentaridade como aparelho de ressonância, numa equivalência entre termos diferenciados, que redundam no mesmo - o pai, o chefe, o patrão, etc. (segmentaridade dura). Estas segmentaridades, porém, não são características e “posse” dessas sociedades; elas se atualizam em níveis diversos, como, por exemplo, no sujeito, atualizado em uma dimensão extensiva e intensiva³⁹.

Neves (2004), referindo-se ao processo de interferência, trata de algumas dessas formas possíveis de atualização:

Uma interferência goza de dimensão extensiva quando atualiza um acontecimento intensivo em formas (homem, mulher, animal, partido político, família), em segmentos (trabalho, casa, escola, rua) ou séries causais (filho ou filha de, nascido em, morador de) (p.7),

³⁹ Fala-se aqui do molar e do molecular; da organização molar para a dimensão extensiva, segmentaridade dura e segmentos e da organização molecular para a dimensão intensiva, segmentaridade flexível e fluxo de quanta.

poderíamos continuar com a série: louco, CAPS, usuário de medicação psiquiátrica. Juntamente a esta forma extensiva, molar, têm-se também, coexistindo, formas intensivas, moleculares, em formas não previstas e programadas, em devir. Assim, as linhas de segmentos molares se prolongam em fluxo de *quanta* moleculares: “a linha de segmentos (macropolítica) mergulha e se prolonga num fluxo de *quanta* (micropolítica) que não pára de remanejar seus segmentos, de agitá-los” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 97). É isso que vai dizer também se trataremos de cérebros, de parafusos, de excesso, de falta ao pensar na loucura, se trataremos de devir, de relação com a caosmose, de patologia, de formas de vida diversas; se trataremos desses vértices como uma possibilidade de coexistência ou de uma impossibilidade.

No projeto, em uma dimensão extensiva, macropolítica, teríamos as políticas públicas de saúde mental, a institucionalidade do CAPS, a terra vermelha da cidade, os computadores do GPEAD e os loucos da cidade numa atividade de habilitação psicossocial. Numa dimensão intensiva, outros encontros seriam possíveis, um olhar, um sorriso, uma tarde. Na intercessão, o acontecimento, a navegação pelas velocidades e lentidões. O louco deixa de ser apenas louco e embarca em uma produção, para a qual pode dar um nome, imprimir, distribuir ou enviar na Internet ou não fazer nada disso.

A diferenciação se dá e compõe corpos, formas, intensidades que são múltiplas e que sofrem metamorfoses, entrando em devir. Devir, então, é criar, é experimentar e se compor nesta experimentação; embarcar em formas diversas, desmanchar-se em sua forma atual e se transformar em outra coisa: em um ganido, em um olhar, em uma curva, em um certo sorriso, num esgar de dentes, num movimento. Quiçá, um devir louco que seja criação ou um devir computador que não seja “computar a dor”.

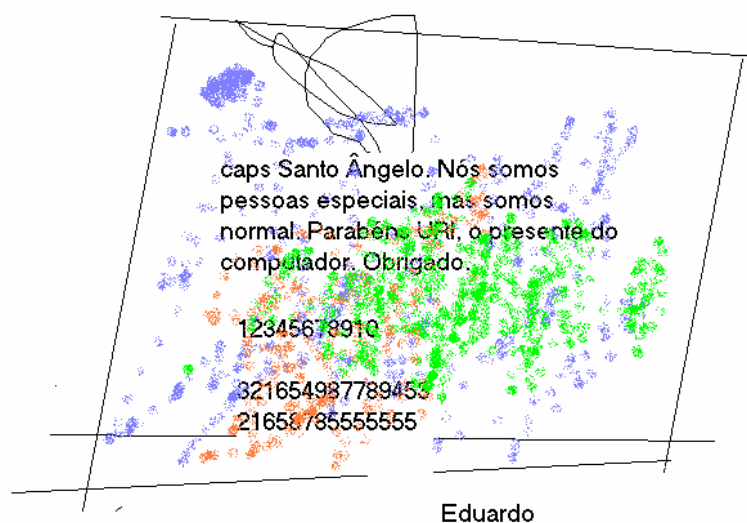
A composição de um corpo é dada pelo movimento de afetos e velocidades, por potência de ser e pela relação com a velocidade e lentidão do acesso à caosmose. Exposto às velocidades e lentidões, um corpo se compõe com o cosmo, com um sorriso, com uma espera, com um atraso, com uma ordem, com imateriais, afetando e sendo afetado. Um corpo é, sendo. Torna-se. Devir-gato, devir-coelho, devir-parafuso. Relaciona-se com as forças do gato, do coelho, do parafuso. Não se torna gato, coelho, parafuso, entra na velocidade, no corpo, na potência gato, coelho, parafuso.

Ninguém se torna efetivamente uma minoria, uma mulher, um louco quando embarca no devir... ninguém se parece com uma minoria, com uma mulher, com um louco quando embarca no devir... ninguém imita uma minoria, uma mulher, um louco quando embarca no devir... o devir é uma composição, uma aproximação de velocidades e lentidões (de

movimento e de repouso). Sobre o devir-mulher, Deleuze e Guattari (1997) afirmam: “nem imitar, nem tomar a forma feminina, mas emitir partículas que entrem na relação de movimento e repouso, ou na zona de vizinhança de uma microfeminilidade, isto é, produzir em nós mesmos uma mulher molecular, criar a mulher molecular” (p. 68).

A latitude trata dos afetos, dos aspectos da potência de ser (o que isso faz?), de uma diferença intensiva, ao passo que a longitude trata do substrato material, do suporte, ou seja, da composição material, das velocidades e da lentidão. O interceptador faz corte, opera uma mudança no fluxo, com aumento ou diminuição de velocidade, constituindo um mais denso ou mais fluido. O encontro, aqui, é um corte que dobra o fluxo com um grau de potência de afetar com substratos físicos: “uma forma acidental tem, portanto, uma latitude, constituída por outro tanto de individuações componíveis. Um grau, uma intensidade é um indivíduo, *Hecceidade*, que se compõe com outros graus, outras intensidades para formar outro indivíduo” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 38). Assim, não se concebe a pré-existência dos parafusos nas cabeças, se aposta na produção imanente da qual emergem parafusos, quantidades de parafusos e mesmo cabeças, bem como operadores de parafusos.

Singularidade é o que se dá de forma única nos vértices do tempo, espaço, deslocamento, trajetória e velocidade, sendo produzida pelo conectivo “e”. Note-se aqui que o “e” é tido enquanto operação e não enquanto somatório. Numa lista temos o “e” como somatório, por exemplo, uma lista dos componentes de um computador: um teclado e um mouse e um monitor e uma torre e um servidor e uma placa de som e uma placa de rede e um disco rígido e ... e... e... Aqui o e faz a conexão por soma. Mas, o “e” da conexão se dá como operação que possibilita o avizinhamiento, a produção no registro do produção-produto-consumo, diferentemente da conjunção ou, citada anteriormente como referência ao movimento de escolha e de exclusão de um dos componentes (ou tem o número certo de parafusos ou não tem, se é doente/saudável). Ou, na produção de euardo intitulada “computador.bmp”, em que não se é isso ou aquilo, se é isso, mas aquilo:



Figura⁴⁰ 7: Computador

A emergência dessas formas se dá, portanto, a partir de vários substratos, sem preponderância de um. A subjetividade não está localizada na alma, no cérebro, no eu, ela está neste movimento mesmo de conformação; momento em que a forma se desenha delicada ou brutalmente. Assim, não há necessidade de uma localização espacial/física da subjetividade. A questão “está no cérebro, em qual ‘pedaço’?” é deslocada para o fenômeno e não para o espaço físico, pois o devir se torna a cada instante, sendo que “é em si que a lembrança se conserva” (DELEUZE, 2000, p. 41), nem no cérebro, nem na medula, nem nos poros, mas “em si” e na corporeidade como um todo.

O cérebro é criado e traçado pelos conceitos, é um plano de composição de sensações que se contraem e dilatam e é conhecimento (função). Este é o cérebro-sujeito. Os paradigmas arborizados do cérebro estão dando lugar às figuras rizomáticas, ou seja, estamos passando da noção de cérebro enquanto depósito de lembranças organizadas e localizadas no corpo, para uma noção de sistemas sem centro, estados caóticos.

Um participante diz que frequenta o CAPS porque “tem mente fraca”. Afirma que não é doente mental nem portador de sofrimento psíquico. Nisso, traça um desenho que remete à figura de um computador, escreve a palavra “lar” e a insígnia religiosa num arquivo que denomina “lar.doc”. Fala que seu pai é pastor, e que ele é crente. Na apresentação pessoal, a marca da loucura tangencia o emblema do cérebro, ricocheteia na família e se instala na religião. Aqui, não há loucura, na perspectiva do participante da oficina, mas um sujeito-crente.

⁴⁰ As figuras de trabalhos desenvolvidos pelos participantes na oficina virão sem fonte. Os arquivos estão alocados na intranete do GPEAD.

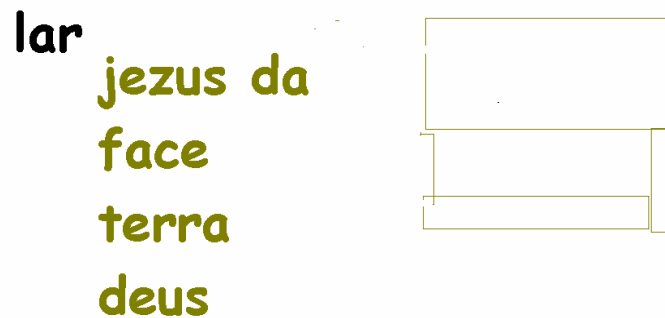


Figura 8: lar.doc

No funcionamento do cérebro, parece que alguns parafusos entram em linhas de errância e se perdem, que saem do seu lugar e deixam o sujeito portador dos parafusos diferente dos outros sujeitos, com comportamentos estranhos para quem o observa ao longe, como os companheiros de CAPS, na fala citada no início deste capítulo ou que demonstram a falha da linha de montagem, da gerência de pessoas, da qualidade total. Mas deve haver alguma distribuição de parafusos para as pessoas e mesmo a necessidade de produção de parafusos para distribuição. Na fábrica de parafuso, deve haver alguma explicação. Podemos pensar na fábrica de parafusos como a fabricação de *hecceidades* e de subjetividades que são fabricadas, moldadas, soldadas, desenhadas em enlaces espaço-temporais sócio-históricos.

3.1 OS PARTICIPANTES, POR ELES MESMOS

O psicótico... “é alguém cuja subjetividade vagueia no universo de intensidades e criatividades da diferença” (BICHUETTI, 1999, p. 13).

No tocante ao lugar do participante da oficina, poderíamos pensá-lo como participante, no sentido de participar, tomar parte, a partir de sua parcialidade, da vista de seu ponto de perspectiva e não desde sua condição de partícipe, daquele que é parte que compõe algo mais amplo. E por que isso: Talvez pela idéia de que o “mais amplo”, seja entendido como o mais completo, na perspectiva de finalização, de um conjunto sem aberturas. Deleuze (2001), quando discute a perspectiva humeana do empirismo, aponta a discussão sobre egoísmo e simpatia no tocante à explicação da sociedade e das relações possíveis entre sujeito e sociedade. Ali ele aponta que a sociedade é uma reunião de famílias, inicialmente, e de famílias diferentes, com simpatia para com os seus e não necessariamente para com os outros

membros de outras famílias: “uma reunião de famílias não é uma reunião familiar” (DELEUZE, 2001, p. 34).

O problema da sociedade diz mesmo da perspectiva de integração das diferenças e não da limitação das diferenças, posto que a diferença é como que constitutiva. O ultrapassamento da simpatia, aí reside o trabalho da sociedade! Assim, a tendência das famílias na sociedade é a exclusão, ser parcial e não ser partícipe, posto que o mais completo, o mais amplo, fala da família e não do conjunto das mesmas. Em uma nota de rodapé, Luiz Orlandi, tradutor da obra, aponta a tradução para os termos utilizados na obra original. Assim, transcrevo o proposto na nota: “‘Parciais’ traduz ‘partiales’, no sentido de parte presa à sua parcialidade, como quando se diz ‘juiz parcial’; e ‘partícipes’ traduz ‘partielles’, no sentido de parte participante de algo mais completo (N.T.)” (p. 34).

Ao pensar no projeto, esta perspectiva se traduz na parcialidade de cada integrante da oficina, seja ele bolsista, coordenadora, usuário do CAPS, equipe do CAPS, em que cada um se integra desde determinada perspectiva ao projeto a partir de seu lugar institucional, desejante, social... Além disso, este termo aponta que quem participa faz parte, constitui de forma articuladora e possibilitadora de existência. Assim, sem bolsista ou sem coordenadora ou sem usuário do CAPS ou sem equipe do CAPS o projeto não teria subsistência e duração temporal como teve. Claro que outros agentes foram fundamentais para o processo, porém os mais cotidianos foram os citados acima, enquanto constituidores da invenção, do dispositivo de intervenção.

Desde 2004 até os dias atuais, circularam pelo projeto 30 participantes, sendo que a frequência de cada um dependeu de fatores institucionais e pessoais. Durante o percurso da oficina, alguns participantes mudaram de cidade, não participaram mais do atendimento oferecido pelo CAPS, não demonstraram mais interesse pelo projeto, avaliaram que havia outras pessoas mais “necessitadas” da oficina, sentiram sua participação inviabilizada pelo não oferecimento de transporte pelo CAPS e outros motivos.

O grupo foi constituído por homens e mulheres, de classe popular na sua maioria, com escolaridades variadas, estado civil também, diagnóstico idem. Muitos com passagem por hospitais psiquiátricos e todos consumidores de medicação.

A denominação do outro e de nós mesmos é um atualização possível de um processo que adjetiva e dá sentido, que condiciona uma existência. Na pesquisa, esta questão é muito importante, pois vai dizer da relação proposta na condição do conhecer e da perspectiva de relação sujeito-objeto. Na intervenção extensionista, esta problemática foi posta, inclusive porque foi objeto de decisão pelos participantes, devido à construção do site do CAPS.

Discutimos como os participantes percebem as diversas terminologias utilizadas socialmente para se referir a eles; afinal, são muitos os termos utilizados, tanto na literatura quanto nas conversas cotidianas. Termos como louco, doente mental, usuário, psicótico, portador de sofrimento psíquico, paciente, pessoas em sofrimento psíquico são facilmente ouvidos na cidade, dependendo do círculo por onde se ande. Em outro momento da oficina, a questão da terminologia ganha forma, quando os participantes da oficina preocuparam-se com a forma como escreverão, se escreverão e poderão ser inscritos na página da Internet sobre o CAPS: usuário, doente mental ou paciente?

O termo louco não é aceito por um participante. Isso remete à denominação social dada por vários cidadãos da cidade, que interpelam os usuários do CAPS como loucos: “lá vão os loucos do CAPS!”; a marca da exclusão se faz presente nesta fala. Fica bravo ao ver um painel do Conselho Federal de Psicologia, comemorativo ao dia da luta antimanicomial, tematizando a loucura:

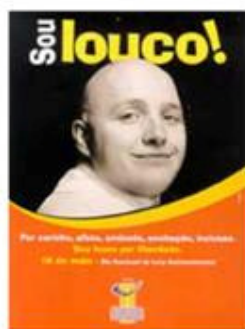


Figura 9: “Sou Louco!”
Fonte: <http://www.pol.org.br>

Os participantes da oficina demonstraram reservas com relação a alguns termos, na medida em que associam com outros eventos. Por exemplo, o termo usuário é rechaçado, pois na sociedade o termo usuário é muito utilizado para usuários de drogas. Assim, o rechaço deve-se a uma tentativa de separar a experiência com a loucura da experiência da drogadição. Além disso, esta experiência se inseriu na vivência de uma participante, tendo em vista que sua família pensara (e talvez ainda pense) que, na verdade, ela é usuária de drogas e seu comportamento agressivo se explique desta forma. Inclusive, as propagandas educativas veiculadas na mídia auxiliam na construção de um *locus* para o termo. Usuário lembra usuário de drogas, coisa que a mídia veicula. Aponto que existem outros usuários, usuários de serviço de saúde. Mas isso não os agrada, deixa-os em dúvida.

Com relação ao termo portador de sofrimento psíquico, esse é também rechaçado na

medida em que se aproxima das pessoas com necessidades especiais ou pessoas com deficiência. O argumento que embasa o rechaço pelos dois termos é o mesmo: tentativa de diferenciar a experiência da loucura de outras experiências já nomeadas socialmente.

Pensam no termo paciente, com o qual se identificam um pouco mais, tendo em vista que o sofrimento é relacionado com o uso de medicação. Uma participante diz que os usuários do CAPS merecem atenção especial, pois “eles tomam remédio”. A experiência tematizada é a do sujeito rodeado pelo discurso médico-farmacológico e pelo atendimento médico: quem vai ao médico é paciente! Por outro lado, o paciente é trazido por uma participante como aliado a uma necessidade de tratamento constante, por toda a vida, seja por tratamento psiquiátrico, seja por outros atendimentos (oftalmologista, clínico geral, etc.).

Quem eu sou? Como sou dito pelos outros? Na página do CAPS, no *link* do grupo operativo, os participantes redigiram “usuário (paciente)”. Mas isso não elucida, apenas aplaca provisoriamente a questão. Ou fala da formação dos sujeitos num entre: entre usuário e paciente tem-se uma zona de indiscernibilidade, um entre, no qual, experencialmente, cada um vai se desenhar. E é deste movimento de construção a partir do qual os participantes se colocam e se apresentam para os possíveis leitores da página institucional construída por eles:

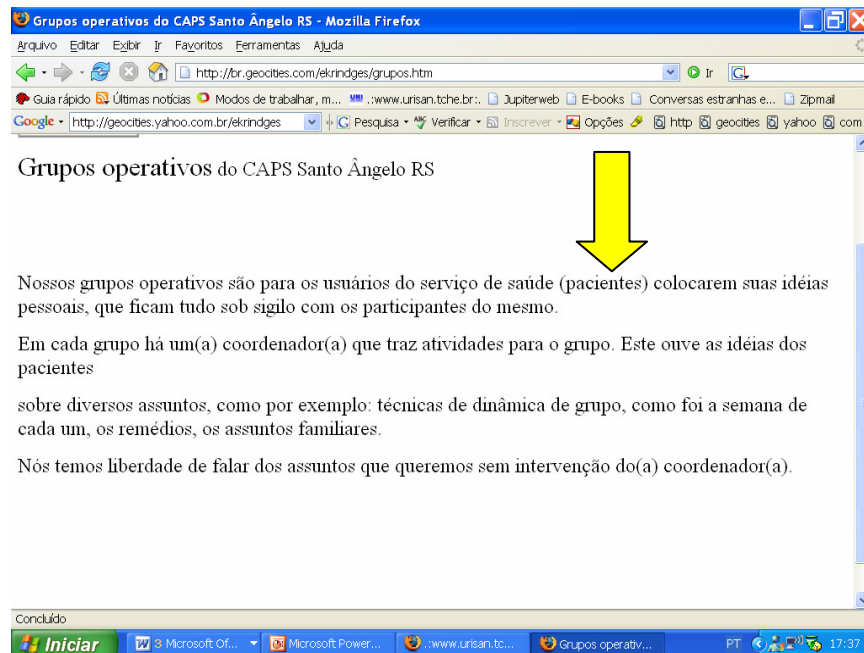


Figura 10: Grupos Operativos do CAPS
Fonte: <http://br.geocities.com/ekrindges/grupos.htm>

No meio da discussão sobre a terminologia, alguns participantes cantam um rapping, uma paródia de uma das músicas do grupo “Da Guedes”, conjunto de rappers. O Da Guedes, na

música improvisada pelos participantes é referência a uma unidade de internação psiquiátrica de Caxias do Sul. “Eu quero respeito...” diz uma das frases da música. Com a música, fomos percorrendo algumas questões sobre o cotidiano: Que relação está sendo trazida entre o CAPS e o manicômio? Uma participante pensa que o CAPS está virando um manicômio: superlotado, em que todos os excluídos são jogados. Outra pensa que tem muita gente no CAPS. Outros dizem que o grupo de quarta é o menos... mais... faltam termos até chegarem à idéia de que é o grupo que tem os parafusos mais no lugar. A questão da denominação volta ao se pensar sobre os vários grupos que habitam o CAPS, no tipo de atenção promovida, na relação equipe-usuário.

O termo usuário, para alguns participantes do grupo, é bem aceita, porém está restrito aos usuários do CAPS. Assim, causou estranheza a uma participante que a coordenadora do projeto tenha dito seu nome de usuário no fórum do grupo e que a mesma teria que escolher/inventar um nome de usuário para si mesma, a fim de ter liberação para postar no fórum. O espanto tornou-se palavras e a participante perguntou, em tom de afirmativa: “Como assim, tu não é usuária?!”. Ao que respondo: “sou usuária da Internet, mas não do CAPS”. E outro participante explica: “na Internet, somos todos usuários”. A participante fica em silêncio, incomodada com o fato de a psicóloga ser usuária. Como seria isso possível?⁴¹ A Internet deve ser mesmo um mundo de loucos!

O termo usuário tem conotações amplas, desde usuário de drogas, usuário de computadores, usuários de serviços de saúde. No âmbito do institucionalismo, Baremblytt (1998) coloca que “entende-se por usuário quem demanda, adquire, se apropria, possui, consome, usufrui de bens ou serviços 'materiais' ou 'ideais'. Cabe acentuar que esse usuário-consumidor pode ser individual ou coletivo, personalizado ou anônimo.” (p. 196).

Dalmolin (2006) reflete sobre as categorias construídas para denominar os sujeitos que recebem atendimento na área da saúde mental e critica o termo “portador” de sofrimento psíquico. Isso porque a denominação remete a sentidos de permanência, de portar algo que faz parte substancializada da subjetividade. Tais sentidos, articulados com a noção de doença, abrem as portas para a substancialização, para a nosografia e a discriminação. A partir da proposta de Basaglia, a autora propõe o termo “pessoa em sofrimento psíquico”, remetendo-se aos sujeitos de sua pesquisa, os quais foram reconhecidos enquanto “fora de si, doido, louco, doente da cabeça, que não bate bem das idéias (e outras tantas adjetivações)” (idem, p. 65).

⁴¹ Talvez, da mesma forma que Rocha (1997) discute que, no modo de subjetivação dominante, ser psi ou psico não é garantia de um lugar profissional. Todos nós somos atravessados pelas forças psi/psico, sejam elas conformadoras de psicótico, psicólogo ou outros tantos psi: “Ou seja, Psico somos todos: óticos, páticos, analíticos, logos” (p. 138).

Neste trabalho, utilizamos esta perspectiva de “pessoa em sofrimento psíquico”, a fim de trazer à tona a perspectiva de sujeito, de estado e de sofrimento.

No início dos trabalhos da oficina, os participantes foram solicitados a escrever sobre si mesmos. Assim, produziram materiais como texto, apresentações PowerPoint, filmagens. Nestes arquivos estiveram presentes dados biográficos tais como nome, idade, familiares, endereço, medicação que ingere, figuras, desenhos. A questão da psicopatologia foi recorrente em várias apresentações, principalmente nas verbais que acompanharam o desenrolar da produção na oficina, sendo que muitos se dizem doentes: “Eu sou depressiva”, “meu diagnóstico é de esquizofrenia”, por exemplo, ou “eu tomo haloperidol e um remédio de pamelor, biperideno e clorpromazina”.

A pergunta sobre quem é o participante da oficina não faz sentido em si mesma, ela ressoa devido às conexões que se efetuam: “perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.12). Assim, o louco, o usuário, o participante, o paciente são conceitos que se ancoram na vivência, na singularidade, na instituição.

3.2 SUBJETIVIDADE NA FÁBRICA DE PARAFUSOS

Para trabalhar com o conceito de subjetividade, podemos seguir várias linhas teóricas. A leitura de Deleuze sobre a obra de Foucault contribui neste trabalho na medida em que mostra como três planos se articulam na subjetividade. Assim, a subjetividade é entendida enquanto talhada, dobrada e redobrada em planos diferenciados, mas que se articulam. Relacionada com o poder, o saber e o fora, a subjetividade é uma dobra, uma composição datada e em movimento. Parece ser possível relacionar a formação de *hecceidades*, no movimento de velocidades e lentidões com os planos propostos por Foucault.

Uma pequena linha avizinha os conceitos dos autores, colocando-os em conexão, em reverberação mútua, tanto pela perspectiva ética quanto de entendimento da subjetividade sem sujeito ou de uma despersonalização do sujeito: Fora e plano de imanência, sendo que ambos tratam de forças, do inumano, do inengendrado, do Acaso, da força caosmótica da qual são geradas formas de vida.

Deleuze propõe um diagrama para explicitar a zona de subjetivação, a este denomina “Diagrama de Foucault”. Neste diagrama, há a exposição de três planos: (1) Fora, (2) Poder e (3) Saber, articulados na (4) Subjetividade.

Os planos do poder, saber e subjetividade respondem, cada um deles, a questões

específicas. Sendo assim, o poder responde a “que poderes é preciso enfrentar e quais são nossas possibilidades de resistência em cada época?”; o saber, a “que podemos saber, ou que podemos ver e dizer em tais condições de luz e visibilidade”; ao passo que a subjetivação responde a “Quais são nossos modos de existência, nossas dobras, nossos processos de subjetivação?”

Os modos de existência não se referem a modos de vida de sujeitos, de indivíduos de seres vivos que habitam o mundo e são chamados mormente de humanos. Não, a subjetivação não se refere a essa forma de vida já atualizada, com interioridade, identidade, nome e sobrenome. Ela responde a processos de subjetivação, trata mesmo do “produto” de um processo, de uma maquinaria de possibilidades de existência de formas (forma homem, forma ciência, forma ...). Esse processo refere-se às dobras, ou seja, responde sobre o “destino” das forças e das relações que elas traçam entre si.

A dobra da força sobre si mesma e a formação do Si. Si, então, não é a interioridade, o ego; é a dobra da força, uma dobra ontológica. E é essa relação da dobra consigo mesmo o que cria os modos de existência. Mas não uma existência qualquer. Como afirma belamente Deleuze (1992) sobre Foucault, a vida como obra de arte. A arte que se vincula ao virtual e dali extrai, na relação com o Diferente, formas de vida alternativas, formas de resistência à sua conformação pelo regime de saber-poder.

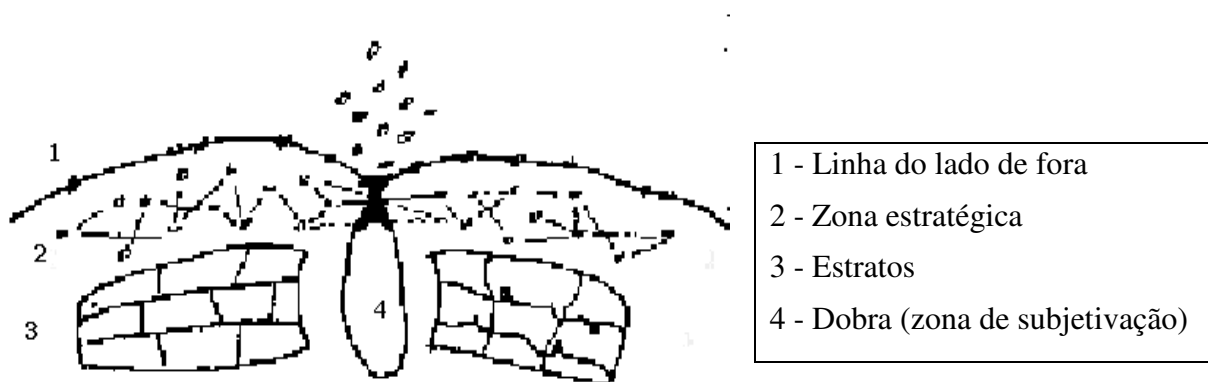


Figura 11: Diagrama de Foucault
Fonte: Pelbart, 1989, p. 134

A zona de subjetivação (4) desenhada enquanto um saco pendente remeteu-me à imagem que Ítalo Calvino faz da cidade de Otávia, na qual pendem as casas, os equipamentos, os armazéns, enfim, as construções. Elas pendem para baixo, em direção ao precipício, às nuvens que ficam entre o chão não avistado e o ar. A zona de subjetivação é tal como Otávia, cidade pendente, cidade invaginada no entre das montanhas, sofrendo o efeito dos ventos e

orquestrando uma vida nesta instabilidade. Invaginação da linha de fora, a dobra se faz recortada na zona estratégica do poder, comprimida pelos estratos e vibrando na relação com o fora, com as velocidades do Fora.

Tomemos a loucura como foco do pensamento. Pelo exposto acima, podemos pensar as modalidades com as quais ela emergiu historicamente, em quais regimes discursivos ela enlinhou e continua enlinhando, por quais limiares ela passou e passa, por quais estratégias e resistências existiu e continua existindo. Estes elementos falam do saber, ou seja, de um dos limiares que compõem o estrato (3), ao lado do limiar de etização, estetização e politização. As discursividades, como, por exemplo, o discurso científico, constituíram um *locus* para a loucura, com formas de entendimento, de tratamento e de cura (ou impossibilidade de cura), a partir de orientações desencontradas, sendo ultrapassadas por outros limiares.

Ao conjunto dos limiares empilhados denomina-se estrato. Os estratos comprimem a zona de subjetivação, permeando-a de ditos, contornando maneiras de dizer, e também de práticas, de enunciados e de visibilidades. As práticas dizem do exercício de poder (2), das relações de forças que se exercem pelo afeto, tanto ativo quanto reativo. No século XVIII, por exemplo, essa relação de forças assumiu formas relacionadas com o seu exercício em instituições, no tocante à divisão no espaço, ordenamento no tempo e composição no espaço-tempo. O isolamento da loucura, sua articulação com a desrazão e com a perda de estatuto de sujeito e de cidadão, marcado também pela exclusão da vida produtiva, são extratos desse exercício. Isso tudo enquanto uma função, no caso, função disciplinar! O poder não diz das formas específicas (educar, punir...), mas de função. Por isso, afirma-se que o poder deve ser visto não como um contrato social, como cessão de poderes de um em benefício de outros, mas sim como “combate, de confronto e de guerra” (FOUCAULT, 1982, p. 176).

Foucault fala basicamente de forças: forças que afetam e são afetadas; forças que entram em relação; forças que entram em combate, resistência. O que surge deve-se a esta relação entre forças: sujeitos, objetos, visibilidades. Trata-se do poder de afetar e de ser afetado, sendo que a força não tem sujeito nem objeto prévios, ela se ocupa de pontos singulares, pequenas inflexões nas quais vão convergindo singularidades:

O poder (...) é diagramático: mobiliza matérias e funções não-estratificadas, e procede através de uma segmentaridade bastante flexível. Com efeito, ele não passa por formas, mas por *pontos*, pontos singulares que marcam, a cada vez, a aplicação de uma força, a ação ou reação de uma força em relação às outras (DELEUZE, 2005, p. 81).

Estas convergem no embate das forças, sedimentando-se em regularidades, em estratos. Os estratos, portanto, são formações históricas que combinam de maneira singular o

enunciável e o visível, ou seja, dão contorno a maneiras de ver e de dizer, dão formas; são um plano formal e não funcional (relativo à função). Tanto que uma das perguntas foucaultianas que chamam a atenção neste contexto é sobre as condições de possibilidade da emergência de certos “fenômenos”, ou sobre o que se pode (o que é possibilitado em condições históricas específicas) ver e dizer. Assim, como, em cada época, se identifica(va) a loucura, como se identifica(va) o louco, como se fala(va) do louco, por quais instituições o louco pode ou não transitar, por quais instrumentos ele é medido e tratado?

Estas questões podem ser delineadas pela relação dos estratos. Na época clássica, por exemplo, a loucura tinha visibilidade no asilo e era falada pela medicina, ou, os enunciados sobre a desrazão eram feitos pela medicina. Porém, entre o visível e o enunciável não há correspondência, não há coincidência. Foucault falava em rachar as palavras e as coisas, nem nas palavras esconde-se o enunciado, nem nas coisas a visibilidade. Eles estão ali e alhures. A imagem audiovisual não é a articulação lisa e dócil da visibilidade e do enunciado: “Não há isomorfismo entre ver e falar, mas as duas formas se insinuam uma na outra. No plano do saber, falamos e vemos *ao mesmo tempo*, embora não se fale o que se vê e não se veja o que se fala.” (LEVY, 2003, p. 74).

Pelbart refere que entre dois estratos de saber se atualizam relações de forças, neste interstício se aloja o diagrama da máquina abstrata. Deleuze afirma que, para desenhar diagramas, faz-se necessário acompanhar as singularidades em seu trajeto de emissão e mesmo de distribuição, quando a máquina abstrata invagina a máquina concreta (agenciamento); em outras palavras, quando a máquina abstrata impõe modos de funcionamento específicos aos dispositivos concretos, quando ela recorta os dispositivos concretos a partir formas dadas. Os diagramas traçam a microfísica da afetação e “cada agenciamento efetua a máquina abstrata em maior ou menor grau: é como se houvesse coeficientes de efetuação do diagrama, e quanto mais alto o grau, mais o agenciamento se difunde nos outros, adequando-se a todo o campo social” (DELEUZE, 2005, p. 50).

O diagrama da loucura, agenciada no manicômio, nas salas do Congresso Nacional brasileiro, nas falas de trabalhadores da saúde mental, de familiares e usuários, nas práticas de contenção, no Movimento da Luta Antimanicomial... Disso tudo e mais ainda trata o agenciamento. Um exemplo, citado por Pelbart (1989) explora o ver e o falar no panóptico, com as formas de (in)visibilidade operadas:

Por exemplo, o panoptismo é uma *máquina abstrata* que visa impor uma conduta *x* a uma multiplicidade humana *y*, e ela não existe fora das formações históricas, apesar de não se identificar com elas. Ela determina visibilidades na prisão, na escola, na caserna, na fábrica, disciplinando os corpos – ao mesmo tempo

em que atravessa o campo dos enunciados, segundo outro regime. Trata-se de uma estratégia exterior aos estratos de saber, mas imanente a eles, pois só existe na medida em que é atualizada nas suas formas, segundo seus dois modos distintos, divergentes e diferenciados do ver e do falar (p. 132).

Assim, nos séculos XVIII e XIX, a loucura esteve articulada ao modelo de sujeito moderno, desenhado pelo pensamento mecanicista e pautado na causalidade dos eventos e na previsibilidade do mesmo, pintado como sujeito da Razão e moldado como modo-indivíduo de subjetividade (BENEVIDES, 2002). No momento de sua alienação (ele não tem condições de fazer julgamentos, ele não tem condições de fazer escolhas, ele tem um pensamento distorcido), se cria um lugar para o louco excluído do pacto social, “o lugar do sujeito da desrazão ou da ausência de sujeito – sujeito racional e responsável cívica e legalmente – sujeito delirante sem cidadania que deixa de ser um ator social para tornar-se objeto do alienismo” (AMARANTE & TORRE, 2001, p.75).

Quando falamos sobre o Fora falamos também em força. O poder é constituído sim por forças, forças informes que se relacionam, que se digladiam, entram em rota de colisão. Ele se articula com as linhas do fora, não se confundindo com elas. Isso porque o poder se articula com o saber, produzindo verdade. A verdade da manutenção do discurso médico e da localização da loucura, bem como de uma cura no corpo. Os usuários do CAPS dizem, por vezes: “tenho a cabeça fraca”; “quero saber mais sobre as pesquisas com células-tronco para me curar”; “sou doente, porque tomo medicação”. Estas falas articulam o saber médico no corpo mesmo dos sujeitos, constituindo e sendo um vetor de entendimento de si, de busca de informações, um vetor na oficina de informática. Assim, a nomeação no social tem efeito de gerar entendimentos e falas sobre si mesmos pelas relações discursivas, numa perspectiva de sujeição ao regime de verdade vigente. Tal regime de verdade regulamenta o que pode e o que não pode ser dito, quais os ditos que são autorizados e quais os que não são, da mesma forma que constitui possibilidades de existência. Na saúde mental, o regime de verdade sustentado pelo saber médico é difícil de ser desconstituído, pois o mesmo se esboroa e possibilita referência aos ditos loucos.

Agora, a experiência que se articula na relação com o Fora na loucura propicia uma dobra, uma invaginação da linha do fora que contorna poderes e saberes? Pelbart (1989) vai dizer que a experiência da loucura com o Fora se dá sem a dobra, sem a formação desta linha que invagina e constitui um dentro-fora, fora-dentro. A linha da loucura fica aberta à velocidade incandescente do Fora e não possibilita a emergência da linha da estabilidade da dobra, misturando tempos e espaços. Com um participante começamos a preparar o que seria uma biografia, sua biografia: dados do nascimento, da família, das preferências pessoais...

Ocorre que o participante, depois de algumas conversas, concordou em participar. Perguntado sobre o nascimento ele escreve: “Quando eu nasci, fiquei faceiro”.

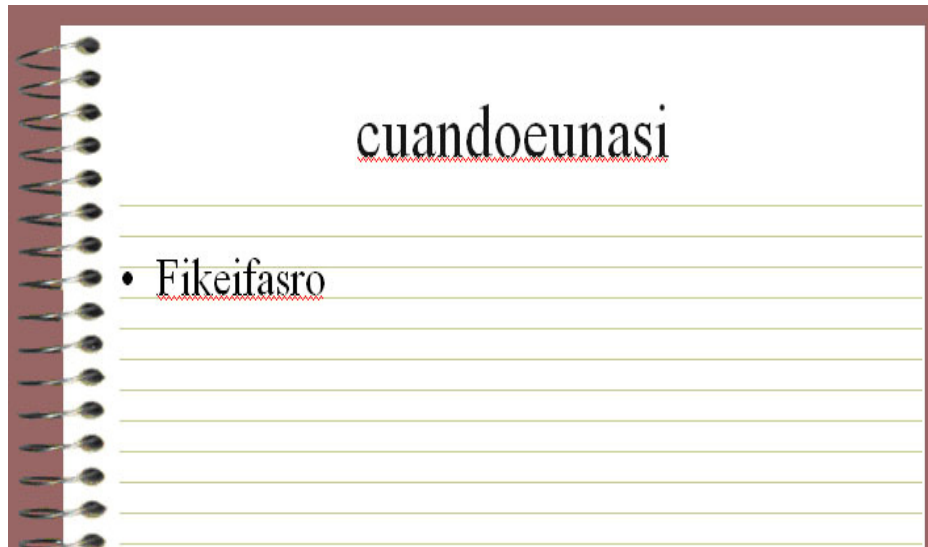


Figura 12: Faceiro

Interessante perspectiva, a de que, ao nascer, ela já estava vivo, já era afetado pelo mundo. No momento em que falava, parecia que o nascimento se dera naquele exato momento e que ele vivia aquela felicidade ali mesmo, na oficina. Nascera, faceiro, já consciente de sua existência. Extrapolada, a relação do vetor tempo (passado – presente – futuro) é contrariada, sendo o “passado” atualizado: “Quando eu nasci, fiquei faceiro”.

Pelbart pensa a psicose de forma análoga ao que propõe Guattari, quando aponta que a psicose é uma modalidade de experiência limite que pode atravessar outras modalidades existenciais, tais como a neurose. Ela marca a extrema precariedade da maquinação do mundo, pois se conecta com a caosmose, se coloca em articulação com entidades virtuais e formas de alteridade. Imersa nas forças do caos, a experiência da psicose pode emergir ou emergir numa grande potência:

“Eu é um outro, uma multiplicidade de outros, encarnado no cruzamento de componentes de enunciações parciais extravasando por todos os lados a identidade individuada.

O cursor da caosmose não cessa de oscilar entre esses diversos focos enunciativos, não para totalizá-los, sintetizá-los em um eu transcendente, mas para fazer deles, apesar de tudo, um mundo” (GUATTARI, 1992, p. 105).

O delírio com a história é comum na fala dos participantes da oficina: “sou uma egípcia, coloco uma calcinha na cabeça e saio pela rua, pinto bem os olhos”, “sou má!”; e

mesmo na equipe: “ele dizia ser um cavaleiro e eu uma princesa, mas o CAPS não era lugar para ele”. O palácio do cavaleiro não era o palácio para guardar doidos, como Wadi (2002) chama o Hospital São Pedro de Porto Alegre. Nestas falas, misturam-se personagens históricos numa entidade só, numa mulher atravessada por focos enunciativos que cruzam por seu corpo, a consomem na agitação e na dor física lancinante. Como afirma Guattari:

estou persuadido – a experiência das neuroses graves e das psicoses indica de maneira formal – que mais além do ego, o sujeito se acha disperso pelos quatro cantos do universo histórico, o delirante começa a falar línguas estrangeiras, ele alucina a história. Os conflitos de classe, as guerras se tornam os instrumentos da expressão de si mesmo (GUATTARI, 1974, p. 154).

Deleuze e Guattari apontam para a esquizofrenia enquanto uma provocação e uma proposta de pensar a subjetividade desde lugares deslocados dos hegemonicamente construídos. Enfatizam que o entendimento da esquizofrenia, por exemplo, se dá pelas intensidades, tal como os biólogos tratam de gradientes, limites de intensidades. A passagem pelos gradientes de intensidade daria uma certa “experiência intensiva” (DELEUZE & GUATTARI, 1976, p. 66). Como afirma Artaud (apud LINS, 2000, p. 12): “Eu, uma vez marcado, torna-se cidadão, habitante, cultivado, sim, cultivado, lavrado: eu tenho uma valeta traçada no meu corpo que repete na sua chaga a lei, a fórmula inexorável ‘tu deves’. Passei pela máquina cultural, horripilante trituradora de singularidades. Estou marcado como todos os outros, e se carrego uma marca a mais, ela é apenas o traço de minha rebelião.” Esta experiência intensiva, por vezes, imobiliza, outras aterroriza, outras inflama-se na urgência de compor um limite, mesmo frágil, às forças aterrorizantes do Fora:

Bloqueado na sua potencialidade instituinte, o psicótico se vê vítima da eclosão de um contingente de antiprodução, e ele, que trazia consigo a possibilidade de uma nova vida, singular, ainda não vista, passa a viver o quadro patológico que, através do não agenciamento da sua potência produtiva, o transforma num agente sintomático da morte que permeia as contradições sociais expressas por ele, seu porta-voz (BICHUETTI, 1999, p. 14).

Em certo momento, Guattari (1992) afirma que a esquizoanálise utiliza a experiência de mundo da psicose como forma primeira de pensar as diversas formas de subjetivação, como primeira, como articuladora. Porém, não se trata do esquizofrênico, este sim, o que vive o quadro patológico. Trata-se, antes, da potência de vida. Para além das diferenças entre nosologias, o interesse aqui é o de pensar a experiência da loucura enquanto modalidade de subjetivação e a formação de territórios existenciais pelos participantes do projeto de extensão “Criando laços via recursos informatizados”. Potencializar o paradigma ético-estético-político

no acoplamento da loucura com os objetos técnicos, suscitar estar-com, produzir no encontro mesmo rápido e fugidio, estes são alguns dos objetivos do projeto.

Em entrevista dada a Vittorio Marchetti, em 1976, Deleuze responde que a “enfermedad mental” de Nietzsche, Artaud, Van Gogh, Roussel e Campana, por exemplo, significa muitas coisas. Traz as contribuições de Jaspers e Laing para descrever a loucura enquanto uma *percée*, um corte e um estremeamiento:

Esencialmente, han dicho que los que a ‘grosso modo’ se viene llamando locura son dos cosas: es una *percée*, un corte, como decir una luz imprevista, un muro franqueado, y después una dimensión mucho más diversa que se podría llamar un estremeamiento. Sí, una *percée* y un estremeamiento (1976, p. 69).

Sustentados por redes que retêm e deixam passar, os participantes procuram o significado de seu sofrimento em uma máquina que disponibiliza informações, conversam com a máquina sobre seus segredos, criam diários, pequenas confissões, escrevem, pintam, desenham para familiares e amigos, correspondem-se via e-mail. Surpreendem-se com sua sagacidade para trabalhar com computador. Pensam acoplados com uma máquina, comendo, descomendo e recomendo tentativas de dobradura frente ao espaço-tempo que devora e fica às voltas, assustando.

A rede da informática sustenta alguns sentidos para a loucura, cria pequenos circuitos em que se descobrem, em buscas na Internet, loucos bonitos, ou estudantes bonitos que se interessam pela temática da saúde mental. Pequenos circuitos de buscar namorada em salas de bate-papo. Pequenas saídas do espaço territorial e entrada no virtual. Porém, da mesma forma que as portas do CAPS deveriam ser portas de entrada e saída, o projeto deve potencializar entradas e saídas. A possibilidade de dizer “não” do participante, de ir e poder voltar posteriormente, sem se preocupar com a vaga é uma das apostas do projeto, na desterritorialização da vaga, do lugar, do tempo.

A rede sustenta brincadeiras, risos, cantorias, delírios ...

4. DERIVADOS DO COMPUTADOR

O título deste capítulo é decorrente de uma frase que se encontra escrita na pasta de uma participante da oficina, na qual ela guarda alguns materiais impressos que produz na oficina. Suas produções são guardadas em uma pasta que tem como título: “Derivados do computador”. Na “derivados” encontra-se aquilo que deriva da experiência e que encontra materialidade na impressora. Outros derivados ficam em outros lugares (ou não lugares) e borboleteiam pela vida. A expressão utilizada é por demais significativa: derivado, o que deriva, anda à deriva no mar, ou toca na tangente e se distancia, alcançando pontos não imaginados anteriormente. E isso no plural, na multiplicidade de formas adquiridas.

Neste capítulo são apresentados e discutidos alguns derivados do computador na forma CutUp, recorta e cola proposto por Burroughs (1994). Recorte de experiências no âmbito da educação, cola com práticas de saúde, com ruídos de intervalo das aulas na universidade e com intervalos de uma semana entre um encontro e outro, inserindo o vírus e atentando para os efeitos da retroação, do *feedback* dado pelos participantes da oficina. A reprodução foi modulada também pelos participantes quando esses não compareciam aos encontros, quando compareciam duas vezes na mesma semana. Alterações no tempo, na criação de métodos de descodificação arbitrários.

4.1 PERCURSO DA OFICINA

Nestes anos de projeto (de 2004 a 2007), vários acontecimentos tiveram possibilidade de se efetivar, tanto com relação ao funcionamento organizacional e cotidiano do estabelecimento de saúde quanto do estabelecimento de formação. Houve, neste percurso várias alterações quanto às pessoas que participaram tanto da equipe do projeto⁴² quanto da equipe do CAPS. Estas alterações modificaram algumas ações, porém, retrospectivamente, pode-se afirmar que uma conexão básica se manteve: o trabalho com o computador. Com idas e vindas, acordos feitos, refeitos, desfeitos para serem refeitos e feitos novamente. A dança entre os estabelecimentos se fez com os mais diversos ritmos e musicalidades. Este aspecto remete à metodologia de trabalho e de criação de pesquisa, quando as condições para o pesquisar e a manutenção destas se dão cotidianamente.

⁴² Em 2004, a equipe era composta por uma bolsista de extensão e por três voluntárias. Duas das voluntárias não continuaram com os trabalhos, pois uma se formou e mudou de cidade e outra ficou envolvida com os últimos estágios da graduação. Assim, a equipe foi composta, em 2005, por duas bolsistas de extensão, duas voluntárias do curso de Psicologia e um bolsista do curso de Informática. Em 2006, a equipe não contou com as duas voluntárias, permanecendo os outros integrantes do projeto até metade do ano. Posteriormente, houve a saída de uma bolsista de extensão, sendo que houve a entrada de três alunas voluntárias.

Assim, não se trata apenas da “verificação” da interação homem-máquina, trata-se mesmo da sustentação de uma condição que passa pela relação entre os estabelecimentos, seus agentes e usuários. Isso desde atividades cotidianas, relacionadas à logística dos encontros (contato telefônico para verificar se o grupo iria ou não à oficina; se os computadores estavam funcionando; se havia papel para a impressora); à relação com a Secretaria de Saúde (se a nova gestão sabe do projeto, se ela aceita o mesmo); à relação com o CAPS (se a nova coordenadora aceita o desenvolvimento do projeto; se haverá propostas de alteração) e outras tantas questões.

Quanto à metodologia de trabalho em cada oficina, esta contava, geralmente, com uma reunião inicial, em que cada participante expunha o que planejava realizar ou o que produzira encontro anterior, comentando sobre suas produções e aprendizagens e de como estava avaliando a oficina. Posteriormente, cada um ocupava uma máquina e desenvolvia seu trabalho com o apoio da equipe e dos outros integrantes do grupo. Assim, passo a descrever alguns momentos do projeto extensionista, desde seu início no ano de 2004 até o ano de 2006 – limite colocado para fins da tese -, sendo que o mesmo vem tendo continuidade.

Em junho de 2004, foi efetuado convite para um grupo de vinte usuários que faziam psicoterapia individual no CAPS de Santo Ângelo para participar do projeto. A proposta em seu início, temerosa de problemas que poderiam surgir amarrou-se na lógica da terapêutica, como forma de “preservar/controlar” os efeitos da exposição dos sujeitos à rede. Tal compromisso assumido com a equipe do CAPS referia-se ainda à novidade do dispositivo e à escassez, naquele momento, de experiências que abalzassem a prática com oficinas de informática enquanto possibilitadora de criação de redes de convivência.

Nesta época, a novidade e o receio se misturavam na equipe do CAPS, sendo discutidas questões como o lugar onde ocorreriam os encontros (URI ou CAPS), a infra-estrutura necessária (computadores, acesso à Internet), a manutenção do laboratório, a equipe de apoio (bolsistas, voluntários), os usuários que poderiam se beneficiar da proposta. Todas estas questões foram revestidas de discussões. Sendo decidido que, pelo menos no início, o projeto ocorreria nas dependências da universidade, tendo em vista a estrutura já disponível, sendo que o CAPS se responsabilizaria pelo deslocamento dos usuários até a universidade.

Um grupo de quinze pessoas participou do primeiro encontro, aceitou o convite e este foi dividido em três subgrupos, conforme a disponibilidade de horário de cada um. Os trabalhos iniciaram em três dias (terça, quarta e quinta-feira pela manhã), sendo que cada usuário participava de um encontro semanal. Cada encontro foi acompanhado pela coordenadora do projeto, uma aluna e um bolsista do GPEAD, pelo menos. Inicialmente

foram desenvolvidas atividades de “familiarização” com a tecnologia, pois a grande maioria dos usuários ainda não tinha tido contato com computadores. Foram realizadas atividades como escrita de textos, poesias, desenhos, criação de e-mail, navegação na Internet, busca em informações em buscadores, participação em conversas em ambientes como ForChat, Equitext, MSN.

Trabalhamos as perspectivas dos participantes sobre o computador e mesmo sobre a oficina. Em grupo discutimos a perspectiva do trabalho e os participantes desenharam e escreveram sobre suas expectativas quanto ao uso do computador, tanto no papel quanto na tela. Surgiram, assim, alguns elementos que compõem a imagem do computador e do grupo-oficina:

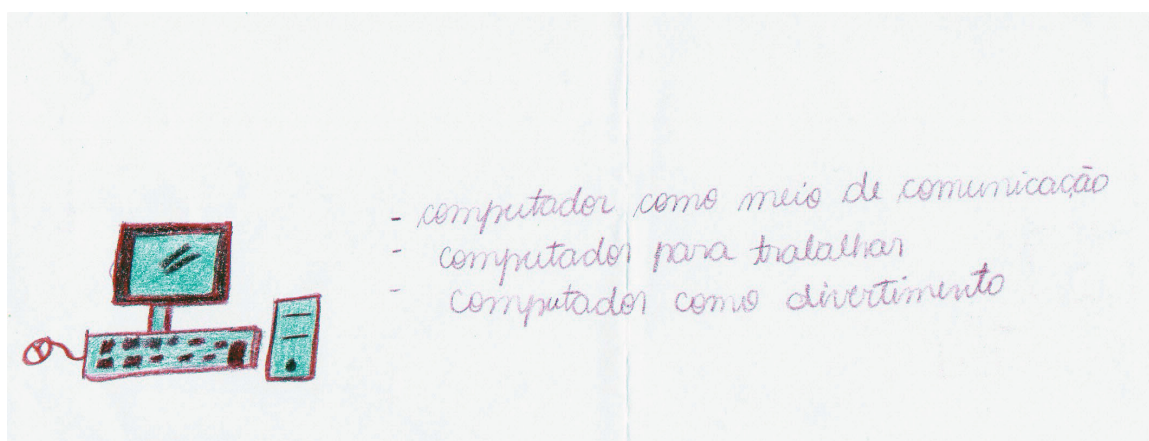


Figura 13: Computador para

O computador é tido como meio para desenvolver trabalhos, como forma de divertimento e como meio de comunicação. A referência concreta da máquina foi realizada em vários desenhos, porém, em alguns, isso escapava e aparecia casa, cachorro, horta. Questões significativas para a vida dos participantes naquele momento que se presentificaram na oficina. Um agricultor, por exemplo, desenha a Figura 14. Nela aparecem: o tomateiro produz o tomate, a terra gera a alface, a cenoura, o milho. O agricultor no CAPS produz o alimento que vai viabilizar o almoço dos usuários. Na oficina de informática é isso o que o agricultor traz: o que a terra produz com o seu trabalho.

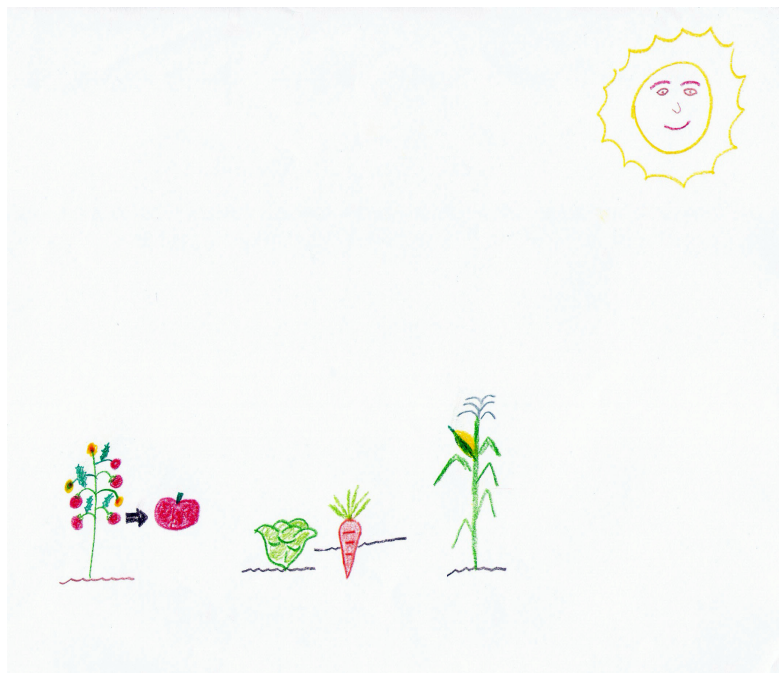


Figura 14: Horta

O computador foi desenhado enquanto trabalho, diversão, informação, comunicação. As referências a imagens de reunião e prestígio foram destacadas, bem como a relação com o computador, na figura do pato pronto para quebrar a máquina. Além disso, outras referências surgiram, como desenhos já feitos pelos usuários em outros momentos, em oficinas no CAPS:



Figura 15: Cachorro

O computador é um meio de trabalho

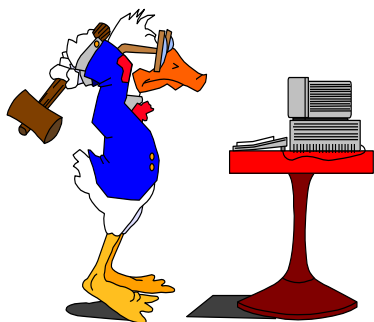
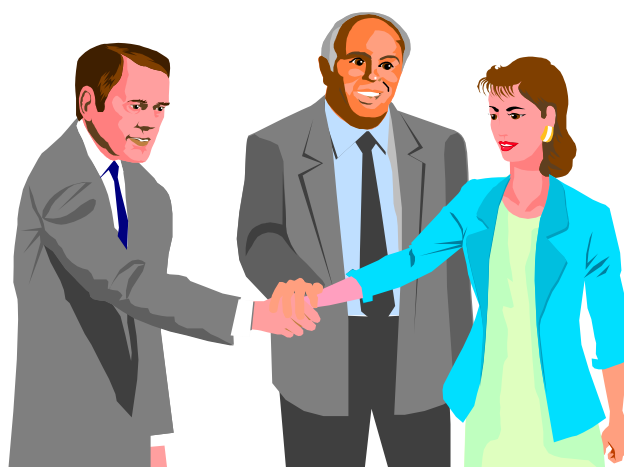
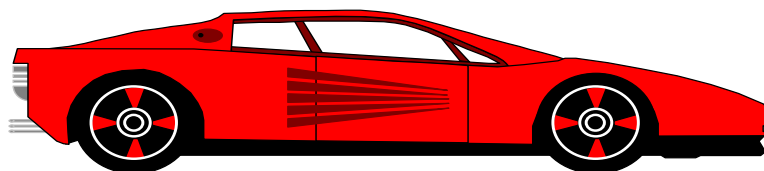


Figura 16: Computador é trabalho

Em outro desenho, o prédio da URI ganhou destaque, sendo relacionado com o prédio do CAPS: um, de dois pisos e o outro de um piso. No momento do desenho estavam presentes dois participantes que tem o mesmo primeiro nome, sendo de alturas bastante diferentes. A diferença ganhou lugar no desenho, tanto com relação aos estabelecimentos quanto com relação aos participantes. Aqui já estava colocada a questão sobre a relação entre estabelecimentos: um seria “maior” do que o outro? um teria semelhanças com o outro? quais as diferenças entre os estabelecimentos e os usuários/participantes? O desenho serve como

analisador das relações entre os estabelecimentos: entre saúde, educação e informática a oficina foi desenhando formas! A luta por diferenciação da oficina como espaço agenciado no entre universidade e CAPS foi uma constante no trabalho. Ficou, entretanto, com algumas marcas. Certo dia, um participante interpela a aluna-voluntária: “Profe Ju”. A psicóloga em formação foi construída carinhosamente como professora (profe), assim como os outros participantes do projeto. A marca da universidade se fez presente. Quando os participantes buscaram cura para seus sofrimentos através de informações constantes na Internet, a instituição saúde transversalizou a oficina em acoplamentos diversos.



Figura 17: CAPS e URI

O espaço da oficina, nestes momentos iniciais, foi batizado por um participante como: “Informática CAPS/URI”. Este nome aponta uma relação entre os estabelecimentos. Remete ao fato de que, em muitas vezes, o espaço da oficina foi entendido como uma atividade do CAPS “fora de sede”, como uma extensão, não mais universitária, mas sim do estabelecimento de saúde. Em outras, a relação de negociação aparecia, demonstrando a diferença entre os registros e as intervenções dos dois estabelecimentos, como por exemplo, na (re)combinação sobre o transporte e na solicitação dos usuários de que fosse feita solicitação por parte da equipe extensionista no sentido de resolver o problema do acesso a oficina. Quando discutíamos sobre saúde, saúde mental, o trabalho realizado no CAPS aparecia diferenciado do que acontecia na oficina. Naqueles momentos se gestava um entre no qual a oficina se desenvolvia.

Algumas pessoas encontraram na proposta da oficina uma possibilidade de buscar algumas respostas a seu sofrimento, na perspectiva de pesquisa de informações sobre quadros

patológicos na Internet. Em outros momentos, a busca de informações sobre medicação, efeito da medicação, patologia, alcoolismo, doenças e agravos decorrentes do (ab)uso de substâncias lícitas e ilícitas foi operada pelos participantes da oficina.

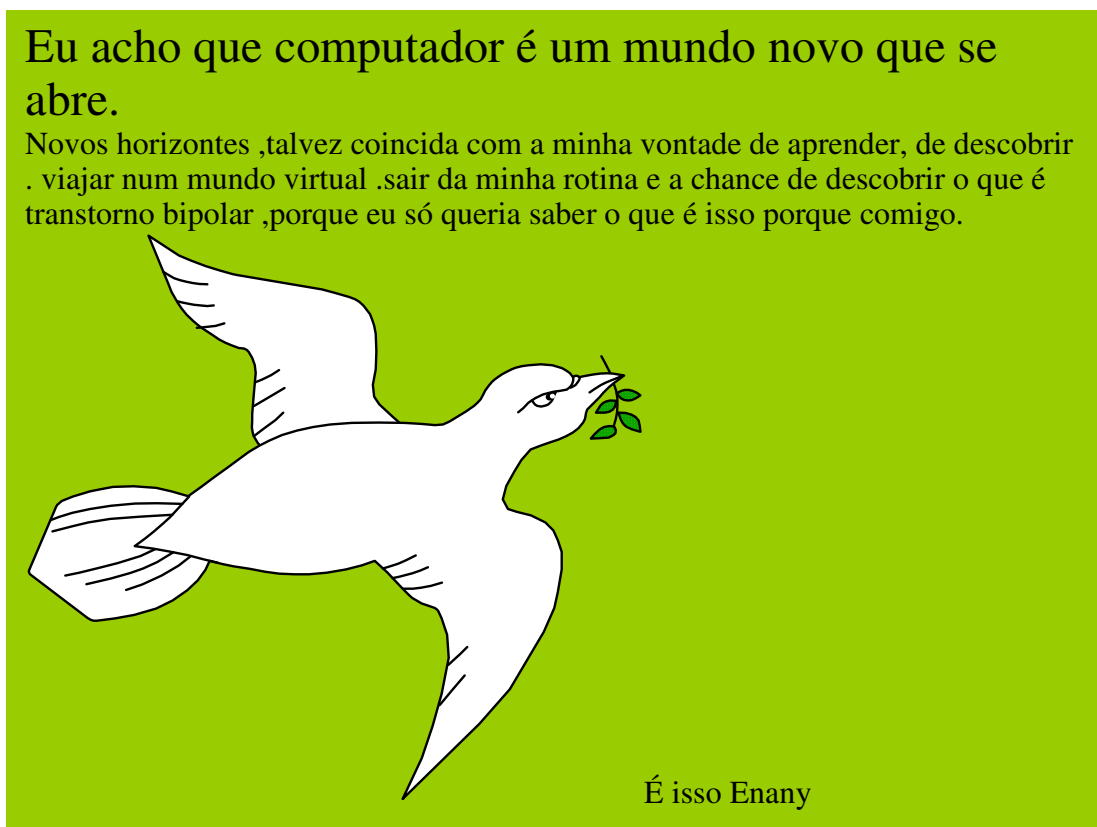


Figura 18: Computador é um novo mundo

Acontecimentos inusitados aconteceram neste percurso. Por exemplo, quando uma participante procurava informações sobre a luta antimanicomial encontrou um site no qual constavam depoimentos de alunos sobre o movimento. Havia a foto de um destes alunos, um rapaz muito bonito. Esta pequena imagem desviou o sentido da busca que, até então, era realizada com uma perspectiva de doença pela participante, para uma perspectiva de beleza. Na luta antimanicomial da Internet não tem apenas cidadão, luta, sofrimento há, também beleza. A pequena foto curvou o trabalho de busca e o pensamento sobre a luta antimanicomial, abrindo novos universos, inclusive plásticos, na medida em que a pergunta sobre a imagem tomou lugar na oficina.

Ainda no ano de 2004, os grupos passaram a acontecer em dois dias da semana, tendo em vista que nem todos os usuários que se dispuseram a participar efetivamente o fizeram. Em agosto do mesmo ano, a coordenadora do projeto introduziu discussões sobre Portugal,

tendo em vista que a realização de estágio de doutorando em Lisboa. Atividades com MSN foram desenvolvidas a fim de preparar contatos à distância⁴³.

No retorno, marcamos nova reunião no CAPS para convidar os usuários interessados em participar do projeto, tanto os que já participaram quanto outros usuários. A equipe do CAPS foi receptiva ao desenvolvimento do projeto e a sua continuidade. Os participantes do projeto foram convidados a relatar as atividades desenvolvidas na oficina. No relato, os mesmos declararam que tinham sentido saudades dos trabalhos: “saudade de seu analista”. Uma usuária, interessada em poesias, perguntou se, para ser reconhecida como escritora, teria que escrever um livro. Propus que utilizássemos o site do CAPS como lugar de divulgação de sua produção. Quase todos os usuários que participaram no ano de 2004 quiseram continuar participando, sendo que apenas um não participou do encontro.

No primeiro dia do grupo, em 2005, foram criados os nomes de usuários e senha para os participantes do grupo. No final do nome de usuário consta, por definição do CPD da URI, o nome do grupo de pesquisa (GPEAD). Assim, a discussão sobre o lugar institucional que os participantes ocupam ficou mais evidente, sendo discutido na oficina. Alguns anotaram o nome do grupo em seus cadernos pessoais. Assim, eles tiveram um lugar institucional demarcado na universidade. O pedido de reconhecimento da ocupação de um lugar na universidade foi demandado quando alguns participantes solicitaram uma pasta com o logotipo da URI para colocarem seus materiais, sendo que esta passou a ser presente no projeto.

A ocupação de um lugar na universidade se deu também pela comemoração do dia da luta antimanicomial, realizada no CAPS, no grupo e na URI. Alguns participantes optaram por fazer busca na Internet sobre a luta, drogas, cirrose, compondo materiais para discussão. Foi montada uma mesa redonda com a participação dos usuários. Uma das falas foi referente ao projeto, quando um dos participantes do projeto apresentou a página do CAPS, sendo tal notícia divulgada no jornal da Universidade.

O encontro com as tecnologias na perspectiva de “criar instâncias locais de subjetivação coletiva” (GUATTARI, 1992, p. 17) possibilitou a visada de uma outra matéria de expressão para os participantes e outra possibilidade de inscrição no *socius*. A marca de pertença à Universidade, seja pelo *login*, seja pelo uso da oficina, seja pelo deslocamento entre os prédios e o assento reservado na sala do laboratório deu uma nova tonalidade para os

⁴³ De setembro a dezembro, as atividades ocorreram com a participação das bolsistas de psicologia, tendo em vista que o bolsista de informática teve outro contrato de trabalho. O contato com a orientadora ocorreu através do uso de lista de discussão (oficinacaps@grupos.com.br) e do MSN. De dezembro até março de 2005 houve período de recesso. Esta opção se deveu ao período de férias e de regresso da coordenadora do projeto à cidade de Santo Ângelo.

participantes da oficina, na medida em que os reconheceu como sujeitos produtivos e que possuem um lugar/participação assegurados na oficina.

A modalidade de subjetivação concatenada na oficina pôs componentes heterogêneos em relação, em vizinhança. Ali não só o computador atuou como objeto técnico. A Universidade e a circulação pelo espaço arquitetônico deram matizes aos sujeitos: oficina CAPS/URI. Neste coletivo engendraram-se outras pertencas aos participantes da oficina.

No mês de junho de 2005, ocorreram problemas referentes ao transporte dos participantes do CAPS até a universidade, tendo em vista questões com o repasse de verbas da prefeitura. Sendo assim, houve mudanças radicais na participação dos usuários, sendo redefinido o tipo de usuário (intensivo, semi-intensivo e não intensivo), reduzido o número de intensivos e também o dia em que os usuários participam (organizados conforme zona territorial da cidade – zona norte, sul, leste, oeste). Sendo assim, faltaram algumas participantes aos encontros, devido à dificuldade de deslocamento. Neste período, uma participante decidiu não participar mais da oficina, sendo que “cedeu sua vaga” para outro usuário do CAPS.

Em outubro do mesmo ano, houve mudança na coordenação do CAPS com a entrada de outra trabalhadora na instituição. Concomitantemente houve uma redução nos horários de funcionamento de órgãos da prefeitura; o funcionamento foi reduzindo, sendo restrito a todas manhãs e três tardes. Houve a tentativa de manter os horários da oficina apenas em um turno, devido a questões de deslocamento. Neste período, vários encontros não foram realizados, tendo em vista a reorganização do estabelecimento e a ocorrência de feriados. Dois participantes deixaram de freqüentar a oficina, sendo que reduziram sua participação no CAPS também, apesar de terem sido acompanhados através de visita domiciliar pela equipe do estabelecimento de saúde. Estes movimentos foram acompanhados de desconforto por parte dos usuários, com reclamações dirigidas, inclusive, à Secretaria de Saúde do município.

Em 2006, houve a marcação da reunião inicial no CAPS, porém, no dia, não houve transporte disponibilizado e a coordenação não repassou o convite para os usuários com antecedência, nem à equipe. Uma das demandas levantadas pelo serviço foi a confecção de um jornal do CAPS, a fim de socializar os trabalhos realizados e a produção dos usuários. Os participantes foram diretamente, na data marcada à universidade. Ali se deu avaliação dos trabalhos realizados no ano anterior e combinação das atividades futuras. Assim, forjou-se o projeto de construção do jornal. Iniciamos lendo o jornal da Universidade, levantando as colunas e construindo as colunas de interesse para o jornal do CAPS. Além disso, os participantes foram trazendo notícias que acham relevantes para a primeira edição: explicação

sobre o que é o CAPS, o que acontece cotidianamente no estabelecimento enquanto oficina, matéria sobre a Páscoa, seu significado, notícia sobre o que acontece na oficina CAPS e sobre política.

Na metade do ano houve nova substituição de coordenadora do CAPS, os problemas com o deslocamento foram aumentados, tendo em vista que o microônibus esteve em conserto pelo período de mais de duas semanas. A novidade foi que o deslocamento se deu por conta dos próprios participantes, a pé. E, a partir de novembro, com os encontros para discutir e preparar programa de rádio na rádio da Universidade, a fim de propiciar a saída dos muros do CAPS, do laboratório. Neste ano, os trabalhos foram concluídos no mês de dezembro, tendo continuidade em abril de 2007, a partir de contato com os participantes e equipe do CAPS.

Nestes anos, algumas recorrências se fizeram presentes nos estabelecimentos envolvidos no projeto: mudança da equipe, tanto da oficina quanto da equipe do CAPS. Assim, as mudanças de bolsistas/voluntários conectaram-se com as mudanças no estabelecimento de saúde, e mesmo da equipe de profissionais que lá atuam. Os participantes demonstraram pesar perante a saída, porém, continuavam conectados com seus trabalhos.

O circuito da oficina, aqui entendido em sua definição e gestão cotidiana, foi composto pelo dito sobre a necessidade dos participantes produzirem uma obra, coletiva ou individual no contato com o computador (seja texto, desenho, construção de *home page*, etc.). Esta insígnia sofreu uma ruptura quando uma participante recusava-se a fazer as atividades propostas, porém continuava participando dos encontros. Quando a equipe fazia propostas do que ela poderia fazer, já que a mesma não demonstrava iniciativa em se dedicar a alguma proposta, dizia: “se tu quer, pode fazer!”

Sua recusa em participar das atividades propostas (escrever textos, digitar textos, desenhar, pintar, enviar mensagens no fórum, por e-mail, fazer busca na internet...) originou uma crise e um repensar sobre a formatação da oficina. Ao mesmo tempo, demarcou por onde andava circulando o desejo naqueles momentos. A ida ao GPEAD, na Universidade, a saída do CAPS, a saída de casa não necessariamente significava o aceite da proposta da oficina, não necessariamente abria o circuito da oficina. O perambular pela universidade, o perder-se pelos corredores, o olhar para os alunos e professores, o dar sugestões de beleza para a equipe extensionista parece que este sim era o circuito da participante: olhar, falar, andar! e não sentar e operar o computador. A máquina na qual mais frequentemente a participante se acoplara não era a informática, mas sim a máquina universidade! Em outros momentos, a cantoria gravada serviu como ponto de formação e de participação na rede do grupo-oficina.

Com isso retomo o dito anterior de que a proposta da oficina foi se constituindo como

um rizoma, o qual faz conexões inusitadas e não previstas inicialmente, em que a tecnologia informática pode servir como um dispositivo ou não, indo desde um desconhecimento do que poderia ser escrito e dito para um familiar⁴⁴ até uma negativa em participar do proposto. Assim, a oficina foi se construindo entre ditos: “*Eu não sei o que dizer...*” e “*se tu quiser, tu pode fazer!*”. Neste interstício, houve a composição de redes.

4.1.1 O deslocamento desloca a mente (des)loucamente

Além da ativação, na rede, de nós já esperados, contribuindo para a aceitação do projeto por parte tanto das equipes de saúde e da universidade, quanto dos usuários, outros nós não previstos são ativados quando de sua implementação efetiva. Um nó ativado no processo de construção das relações entre estabelecimentos referiu-se à participação dos usuários na oficina de informática. Inicialmente fora combinado quais usuários participariam da oficina. Porém, muitas vezes, quando um usuário, participante do dia, não comparecia ao CAPS, a respectiva equipe responsável preenchia essa “vaga” na oficina do projeto. Mas a vaga não pertencia apenas ao funcionamento do estabelecimento de saúde, existia também nos familiares dos participantes da oficina. Um dia, um participante chega atrasado: ele não havia conseguido chegar a tempo no CAPS e a mãe dera dinheiro para ele ir de ônibus até a universidade “para ele não perder a vaga”. Um dos participantes deixa de comparecer à oficina. Quando se perguntou sobre o motivo, ele disse que deixara sua vaga para outro usuário do CAPS que demonstrara interesse em participar da oficina.

A vaga, um dos “motes” da Política Nacional de Humanização (PNH), implica uma sintonia com os modos de trabalhar do SUS, via número de consultas, mediado por verbas (e pela distribuição das mesmas). Na geração da fila, do agendamento, da espera. “Passar” a vaga implica orquestrar este funcionamento. Qual a diferença entre a inserção no sistema de saúde (CAPS) e no sistema de educação (universidade)? O amálgama entre extensão e CAPS demonstrou uma indiferenciação entre os estabelecimentos e as instituições.

Então, surgia um sujeito novo na oficina, para ocupar “a vaga” – analisador vaga. Isso gerava um desconforto na equipe extensionista, tendo em vista alguns fatores:

- * um fator ético: ali na oficina não havia vagas sem sujeitos, ou seja, a “vaga” era sempre de um participante que estava construindo uma trajetória de produção na oficina;
- * um fator logístico: com sete computadores era possível fazer um trabalho com sete pessoas,

⁴⁴ Este comentário refere-se à posição de um participante que troca e-mails com uma familiar sua e que solicita que a equipe diga a ele o que escrever, pois fica sem saber o que perguntar, o que dizer, o que trocar com a familiar via e-mail.

com a entrada de outros participantes e o retorno do usuário antigo, faltante, o processo ficava atropelado – qual a opção a seguir: dois usuários por máquina?;

* um fator político: a sensação de que as combinações não eram levadas a sério, uma desqualificação do interlocutor universidade, na medida em que o conceito da oficina emperrava, não se operacionalizava.

Assim, a equipe sentia “na pele” os efeitos da desqualificação, a não valorização da palavra e o apagamento objetivo do sujeito: a vaga se sobrepunha ao sujeito. Por razões como estas, a construção da oficina passou por diversos agentes, desde monitores que conduziam os participantes à oficina até a coordenação, porém, os ditos circulares parecem marcar certas regularidades no trato com a pessoa em sofrimento psíquico: ali, trata-se de vagas, tendo vaga, qualquer um pode ocupá-la! Embora a construção da oficina tenha se constituído num dispositivo de conexão de inúmeros agentes formando uma rede heterogênea de relações e produção, alguns enunciados permanecem circulando como palavras de ordem, marcando regularidades advindas do discurso médico institucionalizado na intersecção com os modos de tratar.

Aliado a isso, pode-se aventar a hipótese de um entendimento de que a oficina fora construída para ensinar as pessoas em sofrimento psíquico a utilizar certos softwares. Assim, seria possível a participação de qualquer um, pois naquele dia aprenderia algo, independentemente de qualquer projeto individual e coletivo dos participantes da oficina.

Algumas estratégias coletivas se moldam entre as pessoas em sofrimento psíquico, ainda que fugazes, frágeis, desatreladas de reconhecimento pela equipe do serviço de saúde mental, como os cuidados com o outro, relatos sobre as vidas, relatos sobre o tratamento dispendido pela equipe, pelos familiares. O dito dos usuários, muitas vezes ouvido para não ser lembrado, traz uma dimensão da fala e da existência, contextualizado no lugar que ocupa num estabelecimento de saúde mental. Há dúvida sobre o dito do usuário, mas não sobre o dito da equipe, pois as enunciações das pessoas em sofrimento são questionadas com relação a seu efeito de verdade, uma vez que sua fala pode, por exemplo, ser um efeito da medicação.

O regime de verdade, trançado nas redes de saber-poder, opera divisões que se conectam com inclusões diferenciais. Um usuário bastante desacreditado pela equipe tem uma ótima memória e revela momentos institucionais importantes. Em dada situação, o usuário falava sobre a saída de uma coordenadora e a entrada de outra, assinalando, através dos ditos em circulação no estabelecimento, as pertencas e os afetos veiculados pelas coordenadoras. O comentário que surgiu de uma trabalhadora do CAPS foi: “ele tem boa memória”, sendo a frase seguida de um sorriso. Sorriso desqualificador, no qual os afetos, a velocidade das

mudanças, a relação com a política local foram apagadas, numa tentativa de eliminação do próprio acontecimento.

Um nó burocrático, também ativado, diz respeito ao esbarramento das atividades da oficina frente ao calendário e aos horários já estipulados de outras várias atividades em andamento, disputando o mesmo espaço do estabelecimento CAPS bem como a utilização dos mesmos equipamentos e recursos, em especial, o microônibus.

O microônibus foi uma aquisição para o CAPS, desde há muito solicitado pelo serviço, a fim de que as visitas domiciliares pudessem ser realizadas pela equipe e, também, para fazer o transporte de usuários ao serviço. Isso, devido à precariedade do transporte público na cidade, o que acarretava que vários usuários fizessem a pé um longo percurso de suas residências ao CAPS; essa carência do transporte público inviabilizava a participação de usuários que não se deslocam sozinhos.

Ocorre que este equipamento (um só microônibus) é utilizado por toda a Secretaria de Saúde, na medida em que não há transporte suficiente para todas as demandas de saúde da cidade. A perspectiva de “vestir um santo e desnudar outro” se materializa, sendo que alguns usuários não conseguem comparecer aos encontros na universidade, em vista desses problemas ou, então procuram chegar deslocando-se por “conta própria”, o que acaba por provocar algumas ausências. Como é eventual a alocação do transporte pela Secretaria, muitas vezes os usuários desconhecem quando não poderão comparecer a suas atividades. No cotidiano, algumas demandas tornam-se emergenciais, desalojando outras demandas. Aqui as ações de promoção de saúde tornam-se secundárias perante às ações de prevenção secundária e terciária!

Assim, deslocar-se pelas ruas de Santo Ângelo é uma possibilidade territorial, que pode abarcar a construção de si e do mundo, porém deslocar-se com o microônibus onde está registrada a filiação institucional da saúde mental ativa nós de um registro próprio. Chegar à universidade, também ativa registros próprios. É interessante pensar que a circulação faz questão no âmbito da saúde mental: “o deslocamento pode deslocar-a-mente e viabilizar o deslocamento do cotidiano”⁴⁵.

A acepção burocrática do território se desprende e marca os passos dos que conseguem percorrer algo para além do percurso casa-CAPS-igreja. Não é à toa que os desenhos feitos na oficina tratam de casa e de igreja. Tantas vezes e de formas tão semelhantes e díspares que mais parecia um curso de arquitetura.

A circulação, portanto, no tocante à participação na oficina, teve algumas questões:

⁴⁵ Jogo de palavras construído a partir de um lapso feito pela autora desta tese quando da digitação da palavra

“Hoje o pessoal não vai pro grupo, porque tem reunião da equipe” (fala de monitor); “Hoje não tem micro” (fala de usuários, monitores e coordenação); “A gente veio de ambulância” (fala de usuários).

A instabilidade da cidade, de seu percurso cotidiano para as pessoas em sofrimento psíquico remete à instabilidade da cidade teia de Calvino, retesada pelos ventos que vêm de baixo. As pessoas em sofrimento psíquico recebem os ventos do preconceito e do fechamento em uma suposta normalidade. Os normopatas (OURY, 1994) constituem territórios bem delimitados, com aberturas relativas. Será que as pessoas em sofrimento psíquico ultrapassam as fronteiras sociais ao transitarem pela rua ou as fronteiras foram transferidas para outros lugares, mais “virtuais”, mais corporizados (pelo controle farmacológico)? Na sociedade de controle, as fronteiras ultrapassam os sujeitos e suas idiossincrasias.

A circulação pelo território é, ainda, problemática para pessoas em sofrimento psíquico, pois os mesmos foram historicamente excluídos em estabelecimentos de segregação (FOUCAULT, 1972, 1980, 1990) e lhes foi negado o direito constitucional de ir e vir, de habitar o território social: trata-se aqui da vida nua de que Agamben fala? O território restrito do manicômio foi sua morada durante muitos anos. Agora, estabelecimentos como os CAPS possibilitam a ocupação do território por parte de pessoas em sofrimento psíquico. Porém, no cotidiano, esta ocupação nem sempre é viabilizada. Lancetti (2006) já dizia que a entrada da clínica no território geográfico ajuda a desestabilizar a gorda saúde dominante, serve como antídoto à doença e às práticas paralisantes. No CAPS turbinado, que dá prioridade às situações mais difíceis, produz-se saúde mental de forma intensa, viva, turbinada.

O sujeito, ao circular pelos estabelecimentos, toca pontos desta rede e a faz vibrar em nós, potencializando alguns e despotencializando outros. Ele é mesmo um dos nós da rede. O lugar da universidade enquanto *locus* do saber é um nó tensionado, na medida em que os integrantes do projeto são chamados de professor/a e o conhecimento é a moeda que permeia as relações. Assim, muitos participantes falam sobre voltar a estudar, sobre ingressar num curso de graduação na universidade, sobre ler, sobre aprender a ler e a escrever, sobre incrementar a pequena biblioteca do CAPS para que todos possam ler. Além disso, são ativados os sentidos de inteligência, capacidade cognitiva, quando os participantes colocam-se frente ao funcionamento dos softwares e refletem sobre suas possibilidades pessoais de memorização bem como de entendimento sobre o funcionamento do computador. Na mesma fala interseccionam-se elementos do sofrimento, da doença, do tipo de patologia que os aflige, da medicação que tomam, ativando os nós da saúde, ainda segmentados enquanto doença.

Lancetti (2006) afirma que

A reforma psiquiátrica, longe de reduzir-se a bandeiras ideológicas, traz para a clínica uma exacerbação de complexidade. A consulta psiquiátrica, a entrevista psicológica e a visita domiciliar, os grupos terapêuticos e as oficinas de arte e de produção são recursos pobres para o atendimento de pessoas que não demandam, que não possuem cultura psi ou que se violentam de diversas formas (p. 51).

Assim, o investimento em outros *settings* terapêuticos, agenciados com organizações pelas quais os sujeitos passam (organizações religiosas, redes de vizinhos, produções de arte) são mais significativas, pois extrapolam a perspectiva psi e se alojam nas condições objetivas de vida, trazendo o cotidiano e as redes como alguns sustentáculos de vida. Não da vida nua, mas da vida cidadã. Neste sentido, parece “mais fácil” a saída de cena da doença e a entrada de outros elementos no agenciamento de vidas.

Sendo assim, a rede mesma é o que foi ativado pela circulação dos usuários/participantes do CAPS/oficina, no seu perambular, por vezes restrito à casa, às salas do CAPS, ao laboratório do GPEAD... Mas o circuito pode-se abrir e fechar. Um exemplo de abertura foi com a busca da água, com a parada para fumar. Quando uma participante da oficina chorou, contando e chorando a dinâmica familiar, outra participante serviu-lhe água, aninhou-a, afetou-se. A água circula no mesmo copo para todos, mesmo tendo mais copos: “tu quer água?” e o mesmo copo passa por todos, numa liturgia do objeto, numa circulação quase cristã, comunitária. A morte circulou o grupo quando um usuário do CAPS tentou suicídio: por que ele fez isso? Produzimos uma carta, em que todos externalizaram seus sentimentos. A carta, acompanhada de uma figura, deveria ser enviada para o usuário: “nós te amamos, porque tu fez isso, volta para nós”.

Produzem-se redes de sentido e de formas de vida para as pessoas em sofrimento psíquico, no grupo, nas famílias, nos bairros de onde provêm os participantes. Tais formas de vida, enredadas nos sentidos anteriormente produzidos, redundam em repetições, circuitos que se automatizam de forma a deixar marcas no corpo, na escrita, na fala, mas também formas de resistência e emergência de outras formas de vida. Os cuidados permeiam os afetos as pessoas em sofrimento psíquico, quando, por exemplo, um se deixa afetar pelo percurso do outro, dos outros, produzindo pensares.

4.2 O COMPUTADOR É UM OPERADOR DE COMUNIDADE?

O computador povoa nosso cotidiano com

estranhas criaturas, quimeras modernas: ícones de menus de computadores regulando a composição de textos virtuais (imagens que não são feitas

para serem vistas, mas para encadear-se na ação), mouse cujo deslocamento físico manipula objetos imateriais (texto, imagem, etc.)... (WEISSBERG, 1993, p.118),

com uma “forma de funcionamento” que intriga: clicamos e aparece uma letra na tela, abre-se uma janela, surge uma cor. O computador “interage” com o usuário ao marcar as palavras que ele desconhece, possibilita a comunicação com familiares que moram distante, possibilita dar movimento a desenhos, viabiliza encontrar informações sobre sofrimento psíquico, sobre agravos e doenças, sobre movimento da luta antimanicomial, possibilita produzir informações e disponibilizá-las.

Na relação com os participantes da oficina, muitos movimentos tanto de desenho de novos territórios existenciais quanto de reterritorialização foram se conectando com o trabalho na oficina. Uma das perguntas (objetivos da pesquisa) era mesmo a de verificar o que se produz no cruzamento/intersecção/acoplamento sujeito e software: quando os participantes digitam, desenham, enviam e-mails, desenham animações que máquina se produz? Que acoplamentos se efetivam? Assim, para além do traço efetivado (conteúdo do texto, da imagem, etc.), a pergunta tem como vetor os movimentos e o trânsito pelas redes que viabilizaram determinado percurso, seja em direção à formação de uma obra ou de um desobrar.

A fim de aproximarmos-nos desta questão, as bolsistas do projeto⁴⁶ analisaram as produções salvas nos computadores do GPEAD construídas pelos participantes. Para produzir os materiais, os participantes utilizaram softwares editores de texto, editores de imagem, editor de HTML, editor de vídeo, editor de animação, mais usualmente. Foi constatado que, enquanto temática, houve um direcionamento quase equitativo entre três tipos de assunto: religiosos (religião); produções dirigidas a outras pessoas sejam elas amigos, parentes, equipe do CAPS (vida social); assuntos pessoais (vida pessoal). O primeiro assunto teve um percentual menor do que os posteriores, porém foi igualmente significativo.

A *religião* foi tema de conversas sobre a importância de Deus na vida, de interdições (como diz um participante: “não posso jogar, pois sou crente” ou “não falo sobre vinho, porque sou crente), de produções. A figura de Deus planava sobre o GPEAD e se materializava na busca de leituras em sites (como <http://www.jesus.com.br>), cópias de passagens bíblicas no editor de texto, escrita de textos em que a mística e a moralidade religiosa constituíam trilhas possíveis para o viver, para um viver mais de acordo com um acordo social (da igreja da qual o participante faz parte) e de um discurso que dê coordenadas

⁴⁶ No levantamento efetuado por Juliana de Oliveira Gudolle e Juliana Pacheco Renz, integrantes do projeto, 40% dos temas foram relativos à religião, 60% à vida social e 63% à vida pessoal.

sobre limites, certo/errado, que, de alguma forma, contorne um limite mais estabilizado para a formação de uma linha tênue, numa tentativa de dobra perante as forças do Fora.

A simbologia cristã e protestante se manifestou também na animação de uma catedral. Esta lembra a Catedral Angelopolitana, um dos pontos turísticos da cidade, palco de festividades. Trata-se de “uma réplica aproximada da igreja do antigo povo de São Miguel Arcanjo, construída no mesmo local da antiga igreja da redução de Santo Ângelo” (<http://www.santoangelo.rs.cnm.org.br>), na época das reduções jesuíticas e palco do massacre jesuítico-guarani. A catedral foi desenhada no editor de imagens por Zumba, muitas vezes colorida e modificada.

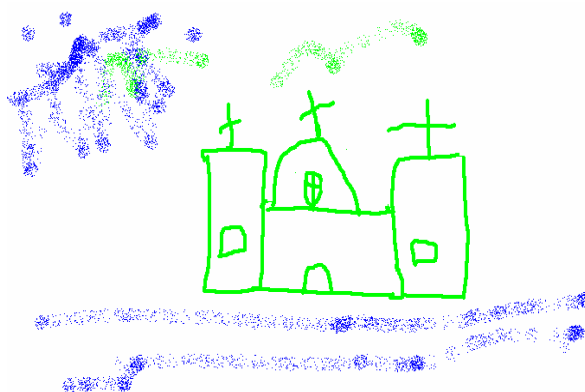


Figura 19: Catedral verde

Inicialmente com traço livre (o traçado da igreja) e *spray* (o sol, as gaivotas e o chão), ela transmutou de formas e de ferramentas utilizadas. A marca das três cruzes se manteve nos desenhos, da mesma forma que no original da igreja, bem como a presença da marca das duas torres relacionadas pela nave central.

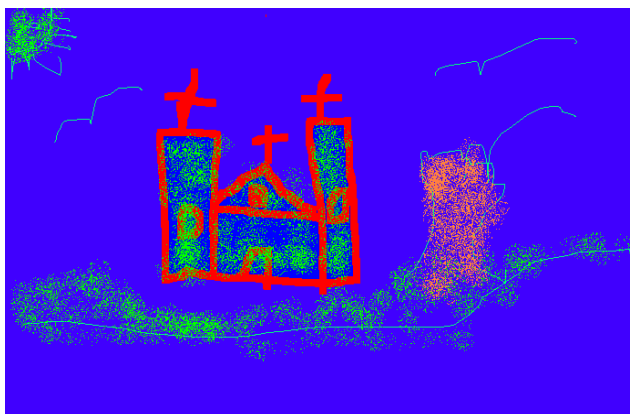


Figura 20: Catedral com fundo azul

A catedral compôs-se de um fundo azul, com *spray* no sol, no chão, na árvore e na própria catedral. O *spray* deixou de ser utilizado para desenhar formas e passou a ser utilizado para colorir apenas.



Figura 21: Catedral colorida

O verde da linha transbordou e passou para o corpo do desenho, a linha escureceu, ficando negra, os pássaros se multiplicaram e uma árvore floresceu. As formas das janelas e da porta ficaram geometricamente mais definidas e o *spray* desapareceu do desenho.

Estes arquivos serviram como inspiração para a animação das aves presentes na figura. Como o participante estava aprendendo os comandos do programa de animação (ou talvez essa não tenha sido a causa), o movimento foi dado não aos pássaros, mas sim à igreja. Assim, a igreja sobe e desce no plano da tela. Todos riram ao ver a igreja levitar pela tela, chamando os fiéis à crença devido ao poder de Cristo.

A materialidade da construção foi subjugada perante a força divina e o riso deixou em suspenso a rigidez da subjetivação religiosa. Brotou o inesperado! E, com ele, uma apreensão pática da composição. Para além da linha molar da ação da igreja sobre os sujeitos e da ação dos sujeitos sobre a igreja (falo da animação da igreja que se movimenta pela tela, em sentido ascendente realizada pelo participante no uso do Flash), o acontecimento tratou da criação de uma nova possibilidade de mundo. Tal qual nos desenhos animados.

A *vida social* despontou como tema quando familiares e amigos adentraram virtualmente a oficina e os participantes produziam arquivos para os mesmos. Frequentemente em memória a datas comemorativas em que o afeto se espalhava sobre o teclado e o vídeo, chegando à impressora: cartões de Natal, de aniversário, de agradecimento para familiares, amigos, equipe do CAPS e equipe extensionista. Alguns textos eram capturados da Internet,

copiados para editor de texto ou de imagem, alterados de forma mais intensa ou menos intensa, personalizado e enviado ao destinatário. A foto do remetente era, muitas vezes, acoplada à produção, dando sinal da autoria, da presença, da face na dedicatória.

A produção, assim, teve seu escoamento para casas, ruas e caixas de outras pessoas. Uma participante *escaneava* fotos antigas da família, suas próprias fotos para que ficassem mais bonitas, mais atualizadas e multiplicadas. No império das cópias, muitas impressões foram feitas, tanto de repetições do mesmo arquivo para presentear sujeitos diferentes, quanto para deixar cópia nos murais do CAPS ou para uso pessoal (etiqueta para marcar data de consultas médicas, figuras *escaneadas* para os usuários do CAPS pintarem em oficinas no estabelecimento, fotos dos integrantes da oficina no GPEAD, orações, cânticos da igreja com fonte maior do que a que consta no livrinho da missa, para que familiares pudessem ler...).

A proliferação e a materialização das obras dos participantes da oficina constaram como nó de conexão do acoplamento usuário/participante-máquina, como forma de solidariedade para com quem não tinha assento na oficina (outros usuários e familiares), como forma de materializar sua produção pessoal, sua potência como sujeito que não é apenas o louco, mas é também aquele que cria, que imprime, que “doma” o computador.



Mamãe

Mãe, criatura boa, quase divina!
 a tua presença é meu alento
 razão de meu ser, que me fascina
 Imagem que não me sai do pensamento

A Mãe de Deus é tua companheira
na luta contra o mal, se um filho teu defendes!
aos teus pés, uma Nação inteira
se agita! se debate! mas se rende...

Com um sorriso teu, simplesmente,
irradias amor, calor em nossa vida
Mamãe eu te adoro desesperadamente
e morrerei por ti, mil vezes, querida!

Figura 22: Cartão de Dia das Mães

Outro *link* com a vida social foi efetivado quando um participante se comunicava com uma familiar via e-mail, viabilizando a rede de convivência do participante com a família desde um prisma de potência e de realização de uma obra, seja por retomar a história familiar, por conectar familiares com outros que estão distantes geograficamente ou por “apoderar-se” de uma máquina como o computador, socialmente valorizada por vetores como inteligência, capacidade e produção de “coisas” úteis. O vetor da utilidade na família pode ter sido ativado para alguns.

A *vida pessoal* refere-se à produção de diários pessoais, de escrita ou cópia de poesias tanto de autoria própria quanto de outrem, de diálogos com o computador, nos quais ele é tido enquanto analista, enquanto um outro que ouve sem reclamar, censurar ou sugerir. Aqui, no contato com o computador, a participante se diferencia, adentrando outros registros e suportes ontológicos alheios à consulta psicológica, em agenciamentos maquínicos. O falar, via escrita, no atravessamento com o computador, produz escuta para a participante, tem como retorno um espaço de reflexão, de afetos e de contenção de certas “vontades”, como descrito:

Oi meu analista estava com saudade de você...hoje o no na garganta desatou estou com uma vontade imensa de chorar ,de ser muito mais muito agressiva mas sei que não vale a pena , então deixemos assim :a sua benção.

Depois que te conheci minha vida mudou ,muito obrigado meu analista te adoro

Enany

08/09/04⁴⁷

4.2.1 Do desobramento do coletivo ao comum

O percurso da oficina, após tentativa de se construírem atividades coletivas, foi se desenhando a partir dos agenciamentos manifestados em cada corpo, em suas afecções. Percebemos que o coletivo produzido pelas pessoas em sofrimento psíquico foi aberto à mais pura singularidade e a ocupação da rede se deu de formas ímpares. Este percurso faz pensar sobre a própria noção de comunidade e de coletivo tão em voga em tempos de internet.

Os coletivos parecem ter reforçado seu vigor na contemporaneidade com o evento das tecnologias de comunicação e informação com um vetor para o comum, o sinérgico, um ponto de confluência, por vezes entendido como ponto de identidade. A própria aposta nos coletivos, desde as experiências de comunidades educativas, estabelecimentos de saúde mental, cooperativas passou, muitas vezes, por ideais de uma comunalidade que parece ou perdida, ou mesmo nunca existente. Isso porque sustentado por um ideal de homogeneização e de consenso em tom de ditadura da maioria, bem como de tentativa de normalização.

Nas atividades grupais, Lancetti (s/d) já avisava sobre a perspectiva de intervenção em grupos de psicóticos como sendo de neuróticos e os impasses que isso gera. A construção de momentos de coletivo, de um coletivo não regido pelo funcionamento neurótico, parece ser a saída ou a entrada para processos de emergência de formas de vida diversas das aceitas socialmente neste momento. Parece que a transcendentalização do comum, com suas marcas teleológicas, é o que constrange a comunidade: na comunhão, todos se tornam um, se compõe com um só corpo, corpo prenhe de sentidos e de clichês. Neste mesmo sentido, para Pelbart (1993), a tomada do comum passa pelo bios social e pelos elementos que compõem a matéria de produção da vida. E, para Lancetti,:

O “comum” é baseado na comunicação entre singularidades e se manifesta por meio de processos sociais de cooperação e produção. As singularidades não são tolhidas “no comum”. Elas levam ações e paixões coletivas, solidárias, e tecem fio a fio redes microssociais de alto poder terapêutico (2006, p. 94).

Fio a fio as redes são tecidas e rompidas, com efeitos terapêuticos, de aprendizagem e de subjetivação nos vários dispositivos sociais.

Os movimentos comunitários foram alimentados, muitas vezes, por ideais de identidade, semelhança, bem-comum, como fusão de todos em um só. Muitas vezes mantidos por sentimentos religiosos (vide as Comunidades Eclesiais de Base, conforme MACHADO,

⁴⁷ O texto manteve a formatação dada por Enany, a não ser pelas margens.

1998), a vida comunitária tendia a uma relação em que o parentesco, a vizinhança, a territorialidade e os laços de solidariedade vingavam. Com o advento das tecnologias da comunicação e informação, das trocas baseadas em interesses e não em traços identitários (raça/etnia, sexo, filiação sindical, credo,...) a comunidade volta com força. Tanto que falamos em comunidades virtuais, em escrita colaborativa, em sinergia coletiva. Sobre comunidade virtual, Rheingold (s/d) dizia, por exemplo, que esta é “social aggregations that emerge from the Net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships in cyberspace”. Assim, o sentimento de pertença a uma entidade é um dos elementos fundamentais das comunidades virtuais, sustentado em situação de dispersão geográfica, social e econômica e mediado pelo anonimato de seus membros. Para a emergência das relações virtuais são criadas normas consensuais de interação, o que inclui a autorreflexão sobre a participação na comunidade.

Convivem na rede portais-currais, páginas pessoais cartão-de-apresentação com *blogs*, *flogs*, tecnologias livres que reativam a linha de desterritorialização da rede e de suas conexões (PRIMO, 2003). Os movimentos de ocupação do espaço da Internet são múltiplos, tanto que se torna difícil falar em uma informática, um computador, uma Internet. De qualquer forma, do coletivo das comunidades presenciais ao coletivo da internet, as relações se diferenciam, indo das relações de vizinhança para relações de trocas:

O termo “coletivo” deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao *socius*, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que de uma lógica de conjuntos bem circunscritos (GUATTARI, 1992, p.20).

Assim, a linha de construção de um coletivo foi percorrendo o grupo-oficina. Trago, aqui cinco atividades que traduzem esta linha: (a) adesão às conversas síncronas utilizando o ForChat, (b) escrita colaborativa no Equitext, (c) construção do site do CAPS, (d) participação nas conversas via MSN com a autora desta tese e (e) escrita do jornal do CAPS. Uma tênue linha, sustentada em muito em seu vigor pela equipe extensionista, se mantinha, agitada pelo efeito da medicação em alguns corpos, pelo receio de perder a consulta, pelo desgosto de parar com uma produção individual que vinha sendo efetivada ou com interesse em produzir algo que pudesse ser exposto para outrem.

A perspectiva aqui é a da visibilidade da produção do coletivo, não de um sujeito, nem de um grupo pré-dado, mas sim de uma máquina que, na avaria e no desengate, desenvolve “universos de referência, universos ontológicos heterogêneos, marcados por reviravoltas históricas, um fator de irreversibilidade e de singularidade” (GUATTARI, 2003, p. 42).

(a) conversas síncronas utilizando o ForChat⁴⁸

O software⁴⁹, desenvolvido pelo LELIC/UFRGS, é um híbrido entre o mural, o chat e o fórum, construído com fins de propiciar o diálogo

[...] o Forchat provê que os interlocutores fiquem o tempo todo imersos no próprio texto em construção, sem dele tomar distância, na medida em que os formulários de edição de texto ficam sempre expostos e disponíveis no mesmo espaço do texto já editado; o Forchat é, no entanto, mais do que um chat, é também um fórum, na medida em que se constitui mediante uma memória, a qual se apresenta visível e evidente a todo e qualquer movimento de resgate de registros, que podem ser procurados, mas também postados quando de sua edição, tanto por ordem cronológica quanto por ordem de posição (não-linear) (...) traz a idéia de desregulamentação de tópicos hierárquicos, instaurando a simultaneidade das temáticas e horizontalidade das relações heterárquicas entre eles, desfazendo qualquer sentido de prioridade, de estabelecimento, de maior ou menor relevância no tratamento dos mesmos (AXT et al., 2003, p. 257).

No ForChat, por exemplo, as conversas entre 05 participantes iniciaram em tom de brincadeira, evidenciado pela troca de personagens e pela encarnação dos perfis escolhidos.

Morcego: eu mororcergo goto de voce
Dfrancis: Oi, Morcego. como tu estas hoje? Tudo bem?
Mel: Oi pessoal! eu sou a cachorrinha Mel e também gosto muito de todos vocês. Espero que todos estejam gostando do trabalho. Adorei esse gatinho e o morcego. Todos vocês moram dentro do meu coração. Beijos e me escrevam...
dfrancis: Tá ficando legal esta nossa conversa, temos vários bichinhos. Acho que vou virar um bichinho também.
Dfrancis: Virei um macaco.
Dfrancis: Eu sou o macaco - Deise. O que vocês acharam do meu novo visual? Fiquei bonita?
Gatinha: OI MEL TUDO BEM COMO ESTA HOJE ?
Morcego: maceg xupa soige gata
Mel: eu gostei muito do teu novo visual, ficou perfeito!!!tomara que possamos fazer muitas macaquices juntas. bjos da cachorrinha mel
Mel: oi gatinho lindo! eu estou muito bem hoje ainda mais na companhia de vocês. Que legal esse negócio de falar com todomundo né? agora vamos poder conversar e dar bastante risadas juntos...beijos
Gatinha: DEISE FICOU UMA GRACINHA DE MACACO .ADOREISUA CARETINHA .
dfrancis: Obrigada, gatinha. Tu ficou muito legal de gatinha. Corre bastante, hein?
Gatinha: OI MORCEGAO VE SE TOMA JEITO ;ESTOU NA TUA COLA
Mel: esse morcego hoje está demais, vamos ter de controlar ele...

⁴⁸ Disponível em <http://www.lelic.ufrgs.br/for-chat/capa2.htm>, data de acesso 19/02/2007.

⁴⁹ “Do ponto de vista da programação, o Software “ForChat” é uma ferramenta de comunicação que viabiliza o intercâmbio de informações em formato de lista de discussão, dispondo, entretanto, de todos os registros on-line. A estrutura do software baseia-se no armazenamento de mensagens em um banco de dados MySQL, ordenadas por meio de uma página em PHP para posterior exibição em um browser. Os usuários possuem um cadastro único (orientadores têm direitos adicionais) e o acesso ao sistema é permitido apenas a estes. Isto permite que o programa armazene no banco de dados a mensagem, seu remetente e o momento exato do envio. O programa também efetua o ordenamento das mensagens seguindo uma estrutura de cadeia, de tal forma que dentro do banco de dados cada uma recebe um identificador único e aponta para o identificador da próxima mensagem. A visualização padrão das mensagens obedece ao ordenamento preestabelecido. Adicionalmente existe a opção de visualizá-las por ordem cronológica” (REICHERT et. all, 2004, p.4).

Gatinha: OI ESTOU ADORANDO .GOSTARIA DE SABER QUEM ESTA ESCREVENDO
Mel: eu quero também falar com a Enany, onde ela está? beijinhos para todos
Enany: gatinho manhoso quero ver voce fazer miau miau bem o pé do ouvido do ... [médico do CAPS]
Enany: quem e essa flor positivo operante aguardo resposta
Mel: esse fantasma entrou na conversa pra arrazar mesmo... adorei esse atrevido, agora temos mais pessoas na conversa. Isso tá ficando muito bom mesmo... beijinhos para esse fantasma
Enany: cadê o morcego? ele tá muito sumido, quero falar com ele.
Morcego: gata morcego uma flor
Gatinha: CADÊ O FANTASMINHA? ACHO QUE ELE DESAPARECEU...MEL
Enany: Esse gatinho ta muito manhoso
Gatinha: NOA FICA COM CARA DE SANTINHO QUE VOCE E BEM SAFADINHO .
Enany: eu sou o fantasma legal falen comigo se nao vou assombrar voces

A encarnação dos personagens foi muito interessante, pois, nas conversas, o exercício do cuidado com as fronteiras entre cada um e o outro foram cuidadosamente traçadas. Na conversa entre um participante do sexo masculino e uma do sexo feminino, o tom sexual foi constante e manifestado nos avatares escolhidos por eles como ícone pessoal: morcego e gatinha. A gatinha, esquiva a todas as investidas do vampiro, fugia, parava por vezes e, por outras, mostrava suas garras. O fantasma veio trazer a relação com o médico, talvez sobre medicação, “aterrorizando” a conversa. Na dança efetivada no ForChat, a libido dançava no teclado e nas relações entre os participantes. A mudança de personagem também serviu ao diálogo.

Esquiva, fuga, ataque. Como num movimento estrategista, as palavras iam sendo traçadas, seguidas de sons de riso e de espanto. Ao largo dessa conversa, outras foram se tramando, menos densas, mais rápidas. O encontro com o ForChat serviu como momento lúdico e de conversas apimentadas, porém, as propostas de continuidade de uso foram sendo rechaçadas, na medida em que outras composições foram se fortalecendo. A composição ficou fechado nela mesma, sem bifurcação aparente. A brincadeira de iniciar o contato com a ferramenta presencialmente se viabilizou, porém não viabilizou outros desdobramentos e mesmo uso da ferramenta com fins de trabalho a distância, por exemplo.

(b) escrita colaborativa no Equitext

Outra atividade que envolvia a construção de um coletivo foi a de escrita colaborativa no Equitext. É uma ferramenta que objetiva auxiliar a escrita colaborativa/cooperativa de textos, em grupo, de forma síncrona ou assíncrona, via Web. O termo EquiText advém da união dos vocábulos 'equipe' e 'texto', os quais, por sinal, caracterizam a própria ferramenta. Nesta existem três personagens: o administrador, o proponente de temas e o colaborador.

Conforme Axt & Elias (2003, p. 266-267):

O Equitext [...] viabiliza o gerenciamento e a edição de mensagens, pelo grupo de autores, inovando, em nosso entender, com relação a outras possibilidades de comunicação colaborativa on-line (fóruns, *chats*, listas de discussão...), na medida em que é capaz de conjugar características distribuídas entre os demais, tais como: mensagens que podem ser inseridas, também, entre contribuições anteriores; mensagens que podem ser alteradas ou excluídas, mesmo quando não forem de própria autoria (o grupo envolvido tem liberdade para definir seus próprios critérios de convivência no ambiente); mensagens que não invadem as caixas de correio eletrônico, exigindo interesse em acessar o ambiente, mediante cadastro e uso de senha; as contribuições podem ser tanto síncronas quanto assíncronas, cada um podendo administrar o seu próprio tempo; as contribuições ainda podem vir acompanhadas de observações, facilitando o compartilhamento de idéias a distância. Estas características compõem um conjunto de condições favoráveis à negociação, à cooperação, aos tempos e limites de cada um. O aplicativo permite, ainda, três tipos de visualização: a versão final, na forma de um texto convencional; a visualização, na qual as mensagens estão dispostas com a identificação do autor e da hora de envio, pondo à mostra a face coletiva e cooperativa da atividade; e o histórico, que registra as mensagens em ordem cronológica, tornando visível o (árduo) processo de produção coletiva.

No caso da oficina, o administrador (responsável pelo cadastro dos usuários, por exemplo) e o proponente de temas (quem propõe o tema do texto a ser redigido) foi a coordenadora do projeto extensionista; como colaborador, contamos com a escrita da equipe (dfrancis, Ricna, Marylia, JGudolle e Barbarab) e dos participantes (Mano, zumba, copetti, tonhao, ekrindges). Aqui, havia um tema de escrita: a luta antimanicomial. A escolha do tema se deu devido às últimas experiências do grupo no tocante às atividades comemorativas ao dia 18 de maio. Os participantes da oficina tiveram acento em uma mesa redonda promovida pela Universidade e pelo CAPS, sendo que um deles apresentou a *homepage* do CAPS produzida por ele para um público de professores, graduandos, usuários e familiares. Outro participante apresentou sua experiência pessoal como usuário de CAPS. A maior parte dos participantes da oficina participou do evento, de sua preparação e de sua discussão. Assim, foi proposto pela coordenadora do projeto que escrevessem um texto sobre isso. A atividade, integrada com as vivências do grupo ficou absolutamente fragmentada, assim como o texto produzido.

O texto começou a ser escrito no dia 31 de maio, como espaço de experimentação da ferramenta para os participantes da equipe, a fim de que eles pudessem auxiliar e participar da construção textual com os participantes. Em 01 de junho de 2005 houve a apresentação da ferramenta aos participantes e inserções no texto nos dias 02, 07, 08, 15 e 21 do mesmo mês. Elas foram feitas por participantes e pela equipe, em dias tanto de oficina quanto fora deles. As últimas contribuições foram efetivadas após a leitura do texto anteriormente construído.

Abaixo é apresentada a “Versão final do texto: CAPS”, disponível em: http://equitext.pgie.ufrgs.br/privado/edita_chama.cgi?nome=CAPS:

Este espaço é para construirmos um texto coletivo sobre a mesa redonda que fizemos em comemoração ao dia 18 de maio, dia da Luta Antimanicomial. Cada um pode escrever o que quiser, pode alterar os outros parágrafos. O texto vai ser coletivo, de todos nós.

eu participei do mesa redonda so não falei por que sou tímido mas gostei muito de falar sobre as estagiaras de ifermagen do trabalho que elas fazem lá no caps que é muito bom e quando tem que ir embora lá no caps é bom por ter um monte de atividades legais

Oi, pessoal, devido motivos pessoais, não foi possível comparecer na mesa redonda do dia 25/05. Gostaria muito de saber como foi o encontro, pois participo do grupo de informática com os usuários do caps e tenho muito interesse em saber como foi a interação deles com as outras pessoas e se eles conseguiram expor o trabalho que vem desenvolvendo no grupo de informática na uri. Acho que deve ter sido muito interessante essa proposta da mesa, pois, é possível, através dela a troca de experiências, como também a troca de informações sobre a luta antimanicomial, que é um dia muito importante tanto para os usuários, seus familiares e pessoas que trabalham na área da saúde mental. Foi a Juliana quem escreveu.

No dia 25 de maio participei do encontro sobre A Luta Antimanicomial, os usuários, profissionais do Caps e nós que participamos do projeto " Construindo laços via recursos informatizados" estávamos lá. Achei muito interessante a participação de todos, tanto professores, como alunos discutindo questões que envolvem a saúde mental. Acho que mais encontros como esse deveriam acontecer pois a medida em que os profissionais que trabalham na área começam a se implicar com tais questões é possível uma compreensão maior sobre tal tema.

Como o tema principal é Luta Antimanicomial e Inclusão Digital, os dois assuntos são complementares. Um é que eu nunca estive em clínicas psiquiátricas, não sei o que é e jamais quero estar em um deles ou conhecer qualquer que seja como queiram que chamem. Eu quero dizer que saúde mental existe e é possível atingi-la e a inclusão digital é de muita importância pois vem quebrar um monte de preconceitos, como o medo de aprender ou mesmo de errar, o de estar entre pessoas diferentes, mas humanas, sensíveis e compreensíveis.

Conforme o tempo que participo do projeto vejo que a autonomia de vários participantes que continuaram, evoluiu e fico satisfeita quando conversando com alguns usuários relembramos as vivências que tivemos do início do trabalho. Falando nisso, nossa colega Carol esteve no encontro sobre a Luta antimanicomial, foi muito bom revê-la.

Pois é, já faz um tempo que estamos com o projeto. Eu estou achando bem interessante. Gostaria de saber a opinião das outras pessoas que participam :-)

Respondendo a pergunta da prof. deise, sobre qual é a percepção dos outros participantes do grupo, sinto que estou fazendo parte de um projeto muito produtivo para os usuários, pois além de possibilitar uma maior interação social, eles tb tem a possibilidade de conhecer e aprender a manusear o computador, produzindo desenhos, textos, e-mails... Percebo que esse projeto também é de extrema importância para os participantes do grupo, pois aprendemos muito com eles também, e essa troca de experiências me deixa muito satisfeita. O projeto em questão é muito importante em nível social, ele leva a tecnologia até pessoas que em tempos anteriores a luta antimanicomial provavelmente não teriam oportunidade de conhecer. Em muitos casos continuam não tendo, apesar do avanço tecnológico que se faz presente na sociedade. Muito se fala dos direitos humanos mas penso que em plena modernidade pouco se tem feito em benefício dos mesmos, especificamente nos países subdesenvolvidos.

Percebi que o projeto está sendo muito importante para nós e para os usuários do CAPS, eles gostam muito de participar e nós gostamos de auxiliá-los, o projeto me possibilitou conhecer o CAPS e seus usuários e ter contato com eles já que são pessoas mais do que especiais.

gostei da mesa redonda dia 25 de maio. Serviu para expor idéias e falar o que acha do projeto de computação da uri, também foi explicado pela coordenadora Rosângela como funciona o caps, as psicólogas Tatiana e Patricia também tiveram um espaço para falar a respeito dos seus trabalhos no caps.

NO CAPS estamos fazendo um tratamento mental. Nos dias de semana vamos ao encontro de amigos da saúde mental, os usuários tomam chimarrão, assistem televisão e fazem passeio na praça, seminário e demais. No encontro achei muito legal a palestra na manhã.

luta anti manicomial é contra manicômios, aonde as pessoas ficam trancadas sem liberdade para sair nas ruas

Acho muito interessante, pois dá liberdade para as pessoas poderem fazer seus tratamentos em suas próprias

Figura 23: Texto

Após a escrita, todos lemos o texto ao final, colocamos no mural do GPEAD. A escrita colaborativa em suportes digitais tem sido muito discutida no âmbito educacional como uma

alternativa viável para a cooperação, colaboração, interatividade (ALONSO, RIZZI & SEIXAS, 2003; AXT & ELIAS, 2003; AXT & MARASCHIN, 1999).

A perspectiva de coletivo aqui se manifesta na produção de uma obra coletiva, em que cada um atua, auxilia, podendo interferir na escrita do outro participante. Uma escrita de muitas interferências, de supremacia do pensamento em detrimento do “colega”. O que importa é, antes, a construção de um texto de autoria coletiva que possa ser lido por outros. Coletivo e outros parece ter sido o que vazou na experiência da oficina. A experiência da singularidade foi mais forte. Foi um espaço de depoimentos e não de construção coletiva.

O texto parece um mosaico, em que cada participante pega um pedaço e o desenvolve, de acordo com sua singularidade. O convite inicial dizia que “O texto vai ser coletivo, de todos nós” e assim o foi. Cada parágrafo tornou-se um pequeno texto, como uma conversa em que cada um diz sobre sua posição, sua opinião. Porém, o tom de depoimento e de avaliação foi ser desmanchando em nome da luta antimanicomial, de um comum. Parece que a escrita colaborativa não se conectou com a produção dos participantes. Isso não quer dizer que a escrita não tenha sido preche de sentidos, de *pathos*, mas sim que a proposta colaborativa/cooperativa não se efetivou como em outros trabalhos com esta ferramenta, citados anteriormente.

Na figura 27 são expostas as ações dos participantes no texto. É possível observar que a maior parte das ações efetivadas pelos participantes referiu-se à inclusão de parágrafos, com pouca mobilidade no corpo do texto. A tabela tem como primeira coluna Parágrafo, assinalando a ordem das contribuições, distribuídas em numerais, em ordem crescente; a segunda coluna, Data expõe a data e hora da contribuição; Conteúdo do Parágrafo exhibe o conteúdo da contribuição; Colaborador, exhibe o nome do colaborador, tal como consta no cadastro na ferramenta; Ação exhibe uma sigla para as ações possíveis no texto (I = inclusão (ou antes ou de pois do parágrafo); A = alteração de conteúdo; E = exclusão de parágrafo, B = mover para baixo, C = mover para cima).

N	Data	Conteúdo do Parágrafo	Colab	Ação
1	31/05/2005 -11:17	É estranho estar escrevendo sem saber se terá isto coerência com o que já foi escrito, por isso estou escrevendo algo totalmente OFF para poder testar a inclusão e exclusão de parágrafos.	Ricna	I
19	01/06/2005 -09:35	Este espaço é para construirmos um texto coletivo sobre a mesa redonda que fizemos em comemoração ao dia 18 de maio, dia da Luta Antimanicomial. Cada um pode escrever o que quiser, pode alterar os outros parágrafos. O texto vai ser coletivo, de todos nós.	dfrancis	I
29	01/06/2005 -10:15	NO CAPS estamos fazendo um tratamento mental.Nos dias de semana vamos ao encontro de amigos da saúde mental ,os usuários	zumba	I

		tomam chimarrão , assistem televisão e fazem passeio na praça,seminário e demais.No encontro achei muito legal a palestra na manhã .		
30	01/06/2005 -10:26	gostei da mesa redonda dia 25 de maio.Serviu para expor idéias e falar oque acha do projeto de computação da uri,também foi explicado pela cordenadora Rosangela como funciona o caps,as psicologas Tatiana e Patricia também tiveram um espaço para falar a respeito dos seus trabalhos no caps.	Mano	I
31	01/06/2005 -10:40	Luta anti manicomial é contra manicômios, aonde as pessoas ficam trancadas sem liberdade para sair nas ruas	Mano	I
32	01/06/2005 -11:01	Oi, pessoal, devido motivos pessoais, não foi possível comparecer na mesa redonda do dia 25/05.Gostaria muito de saber como foi o encontro, pois participo do grupo de informática com os usuários do caps e tenho muito interesse em saber como foi a interação deles com as outras pessoas e se eles conseguiram expor o trabalho que vem desenvolvendo no grupo de informática na uri.Acho que deve ter sido muito interessante essa proposta da mesa,pois,é possível,através dela a troca de experiências,como também a troca de informações sobre a luta antimanicomial,que é um dia muito importante tanto para os usuários,seus familiares e pessoas que trabalham na área da saúde mental.	Mano	A
33	01/06/2005 -11:02	Oi, pessoal, devido motivos pessoais, não foi possível comparecer na mesa redonda do dia 25/05.Gostaria muito de saber como foi o encontro, pois participo do grupo de informática com os usuários do caps e tenho muito interesse em saber como foi a interação deles com as outras pessoas e se eles conseguiram expor o trabalho que vem desenvolvendo no grupo de informática na uri.Acho que deve ter sido muito interessante essa proposta da mesa,pois,é possível,através dela a troca de experiências,como também a troca de informações sobre a luta antimanicomial,que é um dia muito importante tanto para os usuários,seus familiares e pessoas que trabalham na área da saúde mental. Foi a Juliana quem escreveu.	Mano	A
34	01/06/2005 -11:03	eu partisepei do mesa redonda so nao falei por que sou timido mas gostei muinto falarao sobre as estagiaria de ifermagen edo trabalho que e las fazem la no caps que e muinto bom ruin e quando ten que ir embora la no caps e bom por ter um monte de atividades legais	tonhao	I
35	02/06/2005 -09:53	O projeto em questão é muito importante em nível social, ele leva a tecnologia até pessoas que em tempos anteriores a luta antimanicomial provavelmente não teriam oportunidade de conhecer.Em muitos casos continuam não tendo, apesar do avanço tecnológico que se faz presente na sociedade.Muito se fala dos direitos humanos mas penso que em plena modernidade pouco se tem feito em benefício dos mesmos,especificamente nos países subdesenvolvidos.	Marylia	A
36	07/06/2005 -11:15	Como o tema principal é Luta Antimanicomial e Inclusão Digital, os dois assuntos são complementares. Um é que eu nunca estive em clínicas psiquiátricas, não sei o que é e jamais quero estar em um deles ou conhecer qualquer que seja como queiram que chamem. Eu quero dizer que saúde mental existe e é possível atingi-la e a inclusão digital é de muita importância pois vem quebrar um monte de preconceitos, como o medo de aprender ou mesmo de errar, o de estar entre pessoas diferentes, mas humanas, sensíveis e compreensíveis.	ekrindges	I
37	08/06/2005 -10:25	Agora o manicômio não é algo legal graças a luta anti manicomial	Ricna	I

38	08/06/2005 -10:25	Agora o manicômio não é algo legal, graças a luta anti manicomial	Ricna	A
39	15/06/2005 -10:44	Conforme o tempo que participo do projeto vejo que a autonomia de vários participantes que continuaram, evoluiu e fico satisfeita quando conversando com alguns usuários relembramos as vivencias que tivemos do início do trabalho.Falando nisso, nossa colega Carol esteve no encontro sobre a Luta antimanicomial, foi muito bom revê-la.	tonhao1	A
40	21/06/2005 -08:45	Acho muito interessante,pois dá liberdade para as pessoas poderem fazer seus tratamentos em suas próprias cidades,sem neccessidade de deslocamentos.	copetti	I
41	21/06/2005 -08:48	Acho muito interessante,pois dá liberdade para as pessoas poderem fazer seus tratamentos em suas próprias cidades,sem necessidade de deslocamentos.	copetti	A

Figura 24: Histórico do texto

Fonte: http://equitext.pgie.ufrgs.br/privado/edita_chama.cgi?nome=CAPS

Na figura acima, o texto é exposto como versão final a partir do parágrafo 29. Nos parágrafos anteriores foram escritas frases a fim de que os participantes pudessem se familiarizar com a ferramenta. A partir deste, houve inclusão nos parágrafos 29, 30, 31, 32, 36, 37 e 40 e alteração nos parágrafos 32, 33, 35, 38, 39 e 41. As alterações efetivadas tiveram caráter de corrigir erros ortográficos, como, por exemplo, na alteração feita no parágrafo 39, no qual a letra “c” que estava em excesso na palavra necessidade foi deletada. A correção efetivada no parágrafo 32 referiu-se à correção gramatical e no parágrafo 33 foi inserido o nome de quem havia escrito originalmente o parágrafo, a fim de que não se tivesse dúvida de que não fora o corretor quem redigira a contribuição.

Apesar de dita a possibilidade de alteração do texto anterior, esta explicitação não consome com necessidades impostas à construção coletiva. Esta implica o aceite do outro na intromissão em sua obra, uma separação entre a obra e o sujeito, a existência do texto por si mesmo, com dinâmica própria. No estilo depoimento que o texto traçou através das linhas escritas pelos participantes, esta intromissão parecia deslocada. As tentativas de intromissão se deram através da continuidade da linha associativa.

(c) construção do site do CAPS

A construção do site se deu pelo aceite de um convite feito pela equipe extensionista aos participantes. Quando Ekrindges aceitou o convite, houve mobilização do grupo para construir o site, desde sua concepção até a escrita dos conteúdos. Utilizaram editores de texto, de html, de imagens para a atividade. Uma das figuras que os participantes desenharam foi o logotipo do CAPS (um coração com tijolos e uma pessoa subindo uma escada para colocar mais tijolos), porém como eles acharam que não tinha ficado com uma boa qualidade, ele não

foi inserido na página:



Figura 25: Logotipo CAPS Tonhão



Figura 26: Logotipo CAPS Flor

O relatório demarca um momento do percurso de construção do site do CAPS. Proposto como uma atividade coletiva, teve a adesão dos participantes de forma pontual, a pedido da equipe extensionista.

O participante olhou seus e-mails. Logo após, entrou na página do CAPS, conversando um pouco com Ekrindges e Mano, assim decidiram que Mano iria escrever sobre recreação e Ekrindges sobre o CAPS. Sob supervisão da Deise escolheu algumas figuras, selecionando-as e gravando-as para depois fazer a inserção na página do CAPS. Escolheram em conjunto algumas figuras para inserir no texto sobre recreação. Ekrindges digitou um texto pessoal sobre o CAPS. Após o texto estar pronto fez uma inserção de figura e imprimiu sua produção.

Para a construção da página do CAPS foi necessário o diálogo entre os participantes, para podermos fazer a escolha do que escrever e de como publicizar o trabalho do estabelecimento, a partir da ótica dos próprios usuários. Utilizamos, naquele momento, o site Yahoo⁵⁰ para publicar a página. Ali foram disponibilizados dados sobre o atendimento, o cotidiano dos usuários do CAPS Santo Ângelo a partir da fala dos próprios usuários. Os *links* foram escolhidos depois de muita discussão sobre o objetivo da página, sobre o que cada um gostaria de escrever, o lugar institucional desde o qual falariam. Discutimos se os usuários teriam possibilidade de falar sobre o estabelecimento de atenção à saúde, como ficaria a palavra da equipe. Temas interessantes, pois se referem à possibilidade de enunciação que os usuários acreditam ter, sendo esta uma construção feita junto ao serviço. Foram feitas trocas com a equipe sobre os conteúdos a serem publicados, havendo um tráfego de arquivos impressos da URI para o CAPS. Isso no sentido de uma parceria com a equipe e não de uma censura prévia. Até porque em algumas destas andanças, os papéis se perderam, as conversas

⁵⁰ O servidor escolhido foi o Yahoo, não vinculado à universidade e nem ao CAPS, pois não houve disponibilização de servidor pelo estabelecimento de saúde. O Yahoo foi escolhido por ter um editor de HTML acoplado, o que facilita a construção de páginas.

se deram de forma mais de solicitar informações do que solicitar aceite/aprovação da equipe do CAPS. Este movimento ampliou o coletivo que na oficina se aninhava.



Figura 27: Página do CAPS

Fonte: <http://geocities.yahoo.com.br/ekrindges/index.htm>

A perspectiva de publicização do CAPS só se tornou significativa para os participantes quando eles perceberam que alguém conhecido poderia ler e reconhecer a autoria da obra. Um leitor virtual não recebeu aceitação dos participantes. Em alguns encontros, o projeto em comum vingou com a participação e decisão coletivas, como o demarcado no relato do diário de campo, mas por outras, a participação se deu com muita insistência para a conclusão da página e para sua inserção como hipertexto e não apenas listagem de informações. O fórum de discussão foi inserido com a proposição de interatividade entre os participantes e outras pessoas. Porém a comunicação com outras pessoas, desconhecidas, naquele momento, foi rechaçada pelos participantes que acharam muito estranho escrever, conversar e interagir com pessoas com as quais eles não haviam mantido contato presencialmente.

O primeiro contato com a tecnologia informática compôs certos territórios, porém, o contato com a Internet sugeria um desmanchamento vertiginoso do diálogo com aqueles sujeitos com os quais se têm algum tipo de índice de reconhecimento social (raça/etnia, altura, peso, sexo, etc.). A liberação dos índices identitários que a rede possibilita e que veicula

sentidos de liberdade para algumas pessoas, para os participantes da oficina foi sentida como aberta demais. E, assim, talvez possibilitadora de certos receios: como vou conversar com alguém que não conheço?

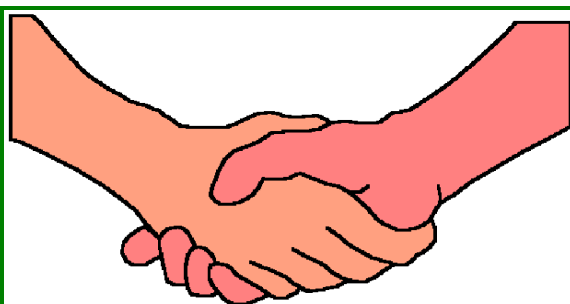
Uma discussão que se fez foi sobre as figuras constantes no site. Eduardo afirmava que o CAPS era feito por pessoas e que elas deveriam aparecer no site. O fundo de floresta não era significativo, na perspectiva do participante. Ele procurou por algumas imagens na Internet, selecionou algumas, mas não as colocou no site, pois mudou de projeto e não voltou ao da página. Assim, muitas discussões em torno do tema da página foram feitas e muitas não se materializaram em texto (seja no formato figura, imagem ou som).

A inserção do projeto de extensão se fez em “Terapia Ocupacional”, remetendo à idéia de oficina, de produção. Como lugar institucional como uma extensão do CAPS para outros espaços, no caso, no espaço físico da universidade. Como exposto no excerto do site:

No atendimento do CAPS Santo Ângelo nós os pacientes temos disponibilidade de fazermos trabalhos artesanais e também aprendemos a fazer trabalhos com fuxico, biscui, desenhos em vários tipos de papéis, tricô, crochê, corda, temos sala para realizar esses trabalhos, e também usamos o laboratório de informática da URI.

O laboratório está sendo muito proveitoso, pois realizamos atividades de livre escolha e nós os pacientes navegamos na Internet, mandamos e-mail, até trabalhamos na confecção desta página do Caps. (<http://geocities.yahoo.com.br/ekrindges/terapiaocupacional.html>)

Por fim, o site encontra-se em construção, pois o participante mais envolvido na construção da página não participa mais do projeto. Assim, encontra-se sem e-mail para correspondência e sem a inserção de alguns *links* previstos. Esta ausência não descaracteriza a obra, apenas a insere numa temporalidade e num percurso de visibilidade para as ações, pensares e propostas dos usuários/participantes.



O CAPS é um lugar onde vou rever meus amigos(as). É onde eu me sinto muito bem, são pessoas maravilhosas. De algum modo, algo acontece na vida de qualquer pessoa, mesmo as pessoas que desconhecem o que significa CAPS - Centro de Atenção Psicossocial, e também desconhecem a

extensão das atividades diárias e conforme suas capacidades, sentem algum dia a necessidade de amizades reais, firmes e duradouras. Existe muita atividade neste paraíso, temos esportes e aulas de informática no laboratório da URI, nossa universidade local. Tudo é muito bom, ótimo, pois onde quer que estejamos sempre sentimos a presença humana de quem nos atende, e sempre há um modo, ou dois, de retribuir. A retribuição está sendo as maravilhosas experiências e regulares das diversas modalidades em que estou participando.

O CAPS funciona durante toda a semana, de segundas às sextas, desde cedo da manhã às 18 horas. Sendo, ainda, um Posto de Saúde para toda a comunidade, conforme suas necessidades, ou, quando muito, sendo orientadas a um modo de resolver seus problemas, no que se refere às necessidades de quem o procura.

Internamente, as atividades vão desde grupos de auto-ajuda, a conversas, a oficinas, a recreações, a rodas de chimarrão (a você que não conhece o que é chimarrão, esta é uma bebida tradicional aqui no Sul do Brasil. Bebe-se quente - não é água fervida).

O CAPS atende principalmente a pessoas que necessitam de ajuda psicológica (o grau é relativo) pois que muitos de nós não compreendemos realmente o que se passa conosco mesmos. Mas a grande verdade é que as coisas estão mudando. Descobri recentemente, uma porta – um modo de diminuir os problemas, que está dando resultados. Pessoas que não conversavam estão começando a se abrir para o mundo e estão vendo em si próprias as condições de se entenderem melhor.

Eduardo K.

Figura 28: O que é o CAPS

Fonte: <http://geocities.yahoo.com.br/ekrindges/>

Após sua disponibilização, alguns participantes perguntam sobre o site para saber se suas produções podem ser vistas por outras pessoas, para que elas possam disponibilizar para outros. A “cultura digital” aos poucos vai se conectando com a vida cotidiana dos participantes, na medida em que eles conhecem pessoas com as quais podem trocar informações, pessoas que são incluídas digitalmente e, para as quais, o jargão informático faz girar sentidos e formas de vida, bem como forma de se incluir socialmente através da informática.

(d) participação nas conversas via MSN

Durante a estada em Lisboa, mantive contato com os participantes da oficina, tanto para fazer supervisão das atividades desenvolvidas bem como para manter contato e experimentar a conversa síncrona. Fizemos contatos anteriormente, na oficina, com o uso de webcams e MSN Messenger⁵¹. Conforme Wikipédia, um comunicador instantâneo

é uma aplicação que permite o envio e recebimento de mensagens de texto em

⁵¹ MSN Messenger, ou apenas MSN, é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O programa permite que um usuário da Internet se comunique com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos "virtuais" e acompanhar quando eles entram e saem da rede..Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN_Messenger, data de acesso: 20/02/2007.

instantes. Através destes programas o usuário é informado quando algum de seus amigos, cadastrado em sua lista de contatos, está online, isto é, conectou-se à rede. A partir daí, eles podem manter conversações através de mensagens de texto as quais são recebidas pelo destinatário em poucos segundos. Normalmente os estes programas incorporam diversos outros recursos, como envio de figuras ou imagens animadas, conversação em áudio - utilizando as caixas de som e microfone do sistema, além de video conferência (webcam).

Na ocasião, um grupo ficou no prédio 6 da URI, na sala do GPEAD e outro foi ao prédio 13, no laboratório de Psicologia, em que estava disponível um computador ligado à Internet. A conversa girou em torno da brincadeira, da possibilidade de virtualização da imagem de cada um e da fluidez nos comandos da ferramenta informática. Tudo isso num ritual de preparação para as conversas quando nos não tivéssemos encontros presenciais. No mesmo período buscávamos informações sobre a Europa, em especial sobre Portugal.

Nas conversas síncronas, o tema era mesmo o da viagem, em que virei como que uma comentarista, em que transitavam informações sobre fuso horário, horário da alimentação, tipo de alimentação, clima, receptividade lusa frente aos brasileiros. O tema foi mesmo da vida que eu estava levando em Portugal. O clima de excitação era presente nas conversas, perante o conhecimento de uma outra realidade, a realidade da vida na Europa, com seus costumes, pontos de convergência e de divergência com relação ao modo de vida brasileiro. Entretanto, não foram todos os participantes que entraram na conversa, alguns mandavam recados, outros se recusavam a conversar através desta ferramenta. A presença física parecia impor-se frente a outras formas de comunicação. A virtualização do corpo, para alguns, foi insuportável, o “abandono” tantas vezes repetido no cotidiano do CAPS por parte da equipe da universidade, na realização dos estágios curriculares.

Aqui, o contato virtual efetivou-se entre pessoas que se conheciam anteriormente, que já haviam usado a ferramenta para conversar no momento em que havia um assunto de interesse do coletivo. Além das conversas sobre viagem, tratamos sobre a participação dos componentes da oficina na disciplina Saúde Mental Coletiva e Atenção a Saúde, ministrada pela professora Vera Xavier na URI – Campus Santo Ângelo. Naquela oportunidade foi exposto o trabalho na oficina e discussão com as acadêmicas de Psicologia sobre o CAPS. As distâncias foram o foco das conversas via MSN, distâncias diminuídas, tanto com relação a distância com relação a Lisboa quanto com relação às acadêmicas. As conexões acadêmicas possibilitaram divulgação dos trabalhos e da intervenção em saúde mental desenvolvida na cidade. Um extrato de uma das conversas sobre a vida, uma participante entrou no login de uma das bolsistas:

BÁRBARA diz: oi deise , aqui é Elaine que está falando . Eu estou bem e voc^e

como está?

Deise diz: **OI, Elaine. Tudo bem por aqui, muito trabalho e tudo. Eu estou bem, mas com saudades de vocês.**

BÁRBARA diz: Eu também estou com saudades, sentindo muito tua ausência. Está gostando de MORAR

Deise diz: **estou gostando mto de Lisboa. Nós moramos perto de Lisboa, num apartamento bem bom. ele já tem móveis e tudo. Isso facilita bastante a vida**

BÁRBARA diz: ...Em Lisboa ? como está o tempo aí ?

Deise diz: **O tempo está bom. Tem um sol bem agradável e hoje está fresquinho. Na outra semana choveu bastante.**

BÁRBARA diz: E as pessoas como são legais contigo que nem no Brasil ?

Outras conversas no MSN colocaram em ação compartilhamentos diversos, de palavras, emoticons:

Data	Hora	De	Para	Mensagem
17/05/05	10:07:11	Flor	copetti	voce esta gostando dasaulasdedigitação
17/05/05	10:08:24	copetti	Flor	Olha, estou gostando muito;
17/05/05	10:08:50	copetti	Flor	:D
17/05/05	10:10:30	Flor	copetti	(H)
17/05/05	10:12:27			Flor enviou o wink "Reverência"
17/05/05	10:13:07			Você solicitou o compartilhamento deste plano de fundo com copetti. Cancelar (Alt+Q)
17/05/05	10:20:21	Flor	copetti	(F)mando esta flor para voce!
17/05/05	10:21:18	copetti	Flor	Muito obrigado
17/05/05	10:21:41			A transferência do plano de fundo compartilhado está concluída.
17/05/05	10:27:37	Flor	copetti	:\$oque voceachadalutaantimanicomial.
17/05/05	10:30:59	copetti	Flor	Olha é uma luta muito boa ,pois tira as pessoas dos isolamentos,pais é umaforma melhor de as pessoas se tratar.
17/05/05	10:31:36			Você solicitou o compartilhamento deste plano de fundo com copetti. Cancelar (Alt+Q)
17/05/05	10:32:14			A transferência do plano de fundo compartilhado está concluída.
17/05/05	10:35:41	copetti	Flor	Obrigado, vou procurar uma image linda para voce.
17/05/05	10:37:09			Flor enviou o wink "Reverência"
17/05/05	10:38:01			copetti enviou o wink "Balada"
17/05/05	10:42:16			Flor enviou o wink "Pop Porco"
17/05/05	10:51:23			Flor enviou o wink "Beijo"
17/05/05	10:55:41			copetti está compartilhando este plano de fundo com você. Cancelar(Alt+Q)
17/05/05	10:55:41			Você recebeu um plano de fundo com êxito de copetti.
17/05/05	11:02:48			Você solicitou o compartilhamento deste plano de fundo com copetti. Cancelar (Alt+Q)
17/05/05	11:02:53			A transferência do plano de fundo compartilhado está concluída.

Tabela 1: Conversa MSN

Data	Hora	De	Para	Mensagem
17/05/05	10:11:54	Sereia	Aparecida	:D

17/05/05	10:20:33	Aparecida	Sereia	(#)Sereia, tomara que saia sol hoje .
17/05/05	10:26:18			Aparecida enviou o wink "Beijo"
17/05/05	10:28:01			Sereia enviou o wink "Beijo"
17/05/05	10:32:10	Sereia	Aparecida	8º!que tipo de roupa voce gosta de usar?
17/05/05	10:40:43	Aparecida	Sereia	esta braba Sereia .eu gosto de roupas bonitas
17/05/05	10:46:34	Sereia	Aparecida	8º!hoje não estou no meu dia

Tabela 2: Conversa MSN1

(e) escrita do jornal do CAPS

Conforme diário de campo que trata sobre a escrita do jornal,

O jornal do CAPS começou a ser feito por solicitação da coordenação do estabelecimento, pois ela queria que houvesse divulgação das atividades para comunidade no domingo, para abertura da semana da luta antimanicomial na cidade, no domingo, no Brique da Praça. Conversamos sobre a diferença entre um jornal feito pelos usuários e um redigido pela equipe, a fala institucional não estaria presente, a diagramação, a impressão, enfim. Mas, ficou de ir se vendo e de divulgar os dois. À medida em que ia se produzindo o jornal, encaminhávamos uma cópia para o CAPS, através dos usuários ou dos monitores, as cópias se perdiam “pelo caminho”.

Propusemos aos usuários, na retomada dos trabalhos no início do ano produzir algo coletivo e que a coordenadora havia pensado em um jornal. Aceitaram a proposta, sendo que perguntou se poderia fazer as outras coisas que fazia também, não demonstrou muito interesse na atividade. Os outros gostaram da proposta.

Iniciamos pensando no que poderia ter como sessões de um jornal. Mostramos jornais sobre saúde mental, jornal da URI, conversamos sobre jornais que eles conheciam, jornais da cidade. Foi pesquisar sobre jornal na Internet, entramos em Zero Hora, encontrou notícia sobre Palocci e começou a ler e a comentar sobre roubo: “ele não precisava roubar, era só pedir”. Diz que tem que falar sobre o CAPS no início, sugiro pegar os textos prontos que estão no site da página do CAPS. Sonia diz o nome de uma revista para Flor quando ambas falavam sobre o jornal e fica exultante: “consegui tirar da minha cabeça.” Flor pergunta sobre o que ela gosta de ler, se dá conta de sua “gafe”, pois Sonia nunca sabe ler e pergunta se ela gosta de ver as figuras.

Montamos a estrutura do jornal. Flor anota, mas esquece de levar o material para a oficina. Mano escreve um texto sobre a oficina de informática, sobre o que ele faz (Pacman), Zumba procura artigos sobre Páscoa e insere curiosidades no jornal. Flor escreve poesia e a insere no jornal. Tiramos uma foto de quem estava fazendo o jornal para colocá-la tbem, mas eu nunca baixei a foto. Vamos distribuir o jornal no Pannel sobre saúde mental, ocorre que o CAPS de Santo Angelo nunca compareceu!

Flor e Sonia disseram algumas vezes que gostariam de fazer entrevista comigo. Perguntei o que elas gostariam de saber e elas nunca souberam, perguntei se era sobre o trabalho... ficou por isso mesmo.

Um mês depois, ekrindges traz uma cópia de um modelo de jornal feito por Rosangela (quando ainda coordenadora do CAPS). Pensamos em inserir uma parte que seria “Minha história”, na qual se contariam histórias dos usuários. Trabalhamos com Sereia a localização espacial: ela focava a câmera e deixava-a pousar sobre qualquer objeto. Eu perguntava se ela estava focando no rosto do Jair e ela dizia que sim, eu perguntava se o rosto dele estava aparecendo na tela da filmadora e ela dizia que nunca, eu perguntava se o rosto dele estava mais para cima ou mais para baixo, ela respondia, mas nunca corretamente. Daí eu dizia coloca a camera para cima entaum, tá vendo o rosto dele? Nunca, entaum é mais para baixo e abaixava a camera. Da mesma forma para esquerda e direita. Ela dizia: “eu nunca sei fazer, tia”, “vou quebrar”. Eu dizia que estava ali com ela, que a camera estava segura na mão, pelo mecanismo de segurança, mas nunca adiantava. Por vezes pegava um enquadramento do rosto. Esta frase: eu

naum sei fazer, tia, é recorrente qdo se pede q ela faça algo q julga naum saber.

Foram feitas entrevistas com a filmadora com alguns participantes da oficina. Um pegava a camera e ia perguntando algumas coisas pros outros. Mano fez algumas, mas logo cansou. Antonio se animou e respondeu a entrevistas. Todos gostaram mto da filmagem e depois se viam no monitor da filmadora.

No Brique, os usuários mostraram felizes o jornal institucional do CAPS, mostrando a parte reservado aos usuários, orgulhosos de terem conquistado este lugar, Zumba sugeriu que colocássemos esta parte no jornal que fazíamos na oficina. Fiquei pensando sobre a diferença entre ter o jornal escrito, pensado, digitado por eles e um jornal no qual eles apareciam: aparecer é visível! Deve-se aprender com a prática ;-)



A PASCOA

**Um dia Feliz de Renascimento
O significado da Páscoa...**

A Páscoa é uma festa cristã que celebra a ressurreição de Jesus Cristo. Depois de morrer na cruz, seu corpo foi colocado em um sepulcro, onde ali permaneceu, até sua ressurreição, quando seu espírito e seu corpo foram reunificados. É o dia santo mais importante da religião cristã, quando as pessoas vão às igrejas e participam de cerimônias religiosas. Muitos costumes ligados ao período pascal originam-se dos festivais pagãos da primavera. Outros vêm da celebração do Pessach, ou Passover, a Páscoa judaica. É uma das mais importantes festas do calendário judaico, que é celebrada por 8 dias e comemora o êxodo dos israelitas do Egito durante o reinado do faraó Ramsés II, da escravidão para a liberdade. Um ritual de passagem, assim como a "passagem" de Cristo, da morte para a vida.

Outros símbolos
Ao chegar o século XX, os bombons e os ovos de Páscoa são criados, como mais uma forma de estabelecer de vez o consumo do chocolate no mundo inteiro. É tradicionalmente um presente recheado de significados. E não é só gostoso, como altamente nutritivo, um rico complemento e repositor de energia. Não é aconselhável, porém, consumi-lo isoladamente. Mas é um rico complemento e repositor de energia.

Fonte= <http://venus.rdc.puc-rio.br/hids/kidlink/kidcafe-esc/significado.html>

**Criando laços
via recursos informatizados**

A oficina funciona desde 2004 aqui na oficina eu faço pesquisas na internet, verifico meus emails e jogo pac-man



no jogo do pac_man a pessoa vai atrás das bolinhas no s quatro cantos do vídeo, quando passa por cima de uma da o direito de pegar as figuras que valem mais pontos e assim por diante.
Gilon Taborda

O movimento da Luta Antimanicomial e da desinstitucionalização da doença mental cresce cada vez mais o número de profissionais preocupados em oferecer meio de inclusão aos portadores de sofrimento psíquico, que já foram ou sentiram-se excluídos da sociedade que dita a normalidade aos que nela vivem.

Atualmente, a tecnologia caracteriza-se por sua rapidez e constante renovação. Esta situação poderá gerar excluídos da sociedade um sentimento ainda maior de invalidez e de inadequação ao real. Também, não podemos esquecer que

O analfabetismo digital, ao afetar a capacidade de aprendizado, a conectividade e a disseminação de informações, gera consequências virtualmente em todos os campos do indivíduo
<http://www.cdi.org.br/>

O projeto de extensão universitária visa promover a inclusão social utilizando a tecnologia da informação como um instrumento para a construção e o exercício da cidadania

Os objetivos do trabalho são: verificar a utilidade de recursos da informática no trabalho de reinserção social de usuários de serviço de saúde mental no CAPS de Santo Ângelo/RS; proporcionar a aproximação e o conhecimento da informática por parte dos usuários; oportunizar espaço de criação e de criatividade para os usuários.

Figura 29: Jornal

No jornal, a busca por informações, a divulgação das atividades desenvolvidas e a perspectiva de poder falar para outros o que se passa no âmbito da saúde mental na cidade foi

a tônica. Tanto que foi sugerido inserir ainda relatos de usuários sobre sua vida, rotina, etc., em uma sessão de entrevistas. As questões políticas da época foram trazidas por um participante que se preocupou com a questão do roubo e dos comportamentos no Ministério.

PERÍODO 2006 • CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DE SANTO ÂNGELO 3

**O palocci
deve pedir
para ir ao
bar**

Oedemar axannaodevembar
e feio robar

Nnao presta robar

Aaaaxxo cconhecer o
palocce porke ele e
hhhomemmm trabaliador

Edemar de lima

**Quem é
Antonio Palocci Filho ?**



Ministro da Fazenda, nomeado pelo Decreto de 1º de janeiro de 2003.
Prefeito do município de Ribeirão Preto, eleito em outubro de 2000, com 146.112 votos.
Deputado Federal eleito em 1998 pelo estado de São Paulo, com 125.462 votos. Atuou como 2º vice-presidente da Comissão de Reforma Tributária; titular da Comissão de Seguridade Social e Família e como suplente das comissões de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática e da Comissão Mista de Planos,

Orçamentos Públicos * **FFELISPACOA**

Fiscalização.
Prefeito do município de Ribeirão Preto, de 1993 a 1996, eleito em 1992 com 112.359 votos.
Deputado estadual em São Paulo, em 1991 e 1992, eleito em 1990 com aproximadamente 25 mil votos.
Vereador do município de Ribeirão Preto em 1989 e 1990, eleito com cerca de 3.500 votos.
Nascido em 4 de outubro de 1960, Antonio Palocci Filho é médico sanitário formado pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Antes de ser eleito vereador, trabalhou por cinco anos como servidor da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo em Ribeirão Preto, onde criou o Ambulatório de Saúde do Trabalhador e chefiou a diretoria regional da Vigilância Sanitária. Atuou em 1997 e 1998 como presidente do Partido dos Trabalhadores no estado de São Paulo.
Em 1996, recebeu o Prêmio Juscelino Kubitschek oferecido pelo SEBRAE-SP, estando à frente da prefeitura do município do estado de São Paulo que mais apoiou as micro e pequenas empresas. Em 2002, foi novamente premiado pela instituição com o Prêmio Mário Covas, pela ações inovadoras em favor da micro e pequena empresa.
Em reconhecimento ao trabalho em favor da infância na prefeitura de Ribeirão Preto, o UNICEF no Brasil entregou a Antonio Palocci, em 1995, o Prêmio Criança e Paz. O prêmio é oferecido a personalidades e instituições do governo, da sociedade civil ou do setor privado que se destacam na defesa e na promoção dos direitos da criança e do adolescente.

**CCERIDO PAI RESEBA UM
ABRASO DO TEU FFFFILIO
CE NUNCA TE ESCECEE
EDEMAR DE LIMA.**



JARDIM FLORIDO...

Um relacionamento é como um jardim para florescer deve ser regado regularmente cuidado especial deve ser dado, levando em conta as estações bem como qualquer mudança de tempo novas sementes devem ser plantadas e as ervas daninhas arrancadas simultaneamente, para manter viva a magia do amor, temos que entender suas estações e escalarmos a necessidade especiais do amor.



Amarilis peppes.

Figura 30: Jornal página 3

Deleuze fala sobre a comunidade dos celibatários, comunidade dos que não comungam nada em comum, nenhuma identidade, nenhuma atividade, nenhuma tarefa. Trata-se de uma comunidade de singularidades repousadas em algo comum: “comunidade como compartilhamento de uma separação dada pela singularidade” (PELBART, 2003, p. 33). Idéia interessante esta que traz a alteridade como marca da comunidade, do que é comum, mas comum enquanto o que possibilita a ruptura com as formas de organização do tipo partido político, sexo, religião, confraria. O autor cita Jean-Luc Nancy, que fala sobre o estar-em-comum, estar-com. Esta forma de relação pode fazer resistência à globalização, aos movimentos identitários, aos fundamentalismos. Uma singularidade perante o império!

Essa perspectiva trata da resistência na multidão feita pelo sujeito comum, sujeito ordinário que, na recusa da tomada do poder, na fuga, na denúncia do Uno consegue brechas para constituir outros territórios existenciais. Não se fala aqui no psicótico ou na loucura, como se essa forma de resistência fosse louca. Mas parece haver alguma ressonância entre a experiência da loucura, enquanto conectada com a caosmose e a resistência do sujeito comum.

Potente referência que parece tratar mesmo dos arranjos humano-máquina feito pelos participantes da oficina ao se engajarem, conversarem, constituírem um estar-em-comum e, ao mesmo tempo, denunciar a ausência de um comum que tenha força de agregação, de fusão.

A impressão, muitas vezes, foi de impotência e de derrota. Penso agora, talvez, na derrota da comunhão de certa forma proposta, na escrita coletiva de um texto que “fizesse sentido”, que pudesse sinalizar o fechamento de uma proposta. A instituição educação sobrevoou, assim, a oficina e tentou deixar marcas de uma atividade com início, meio e fim, com conclusão e fechamento de idéias. Porém, foi recusada, de forma gentil. Nos momentos em que fez sentido para os participantes ela foi uma potência de libido, em outros serviu como escrita da implicação de cada um na mesa redonda, em outro foi rechaçada com imobilismo. Imobilismo que demarca a tomada de uma posição: “gosto, não gosto” que, ao mesmo tempo, é uma posição ética perante o proposto.

4.3 O QUE HÁ NA ZONA DE INDISCERNIBILIDADE DA MÁQUINA?

Um dos trabalhos realizados pelos usuários foi a confecção de uma apresentação em PowerPoint, na qual inseriram uma fotografia sua. As fotos foram tiradas no laboratório e os usuários fizeram “poses”, após, escolheram qual a foto gostariam de inserir nos slides.

Aparecida que, até então, propunha-se a copiar (solicitava quaisquer textos, pois não tinha “idéia do que escrever”), fez sua apresentação, inserindo foto e alguns dados biográficos. Para colocar o título do slide, copiou o nome do mesmo: “charme”. Então, sua apresentação pessoal ficou intitulada charme. Todos no grupo olham sua apresentação e apreciam, brincando com a palavra charme. Ela leva a cópia para casa.

Isso aponta que, mesmo na cópia, num momento aparente de repetição do mesmo, houve um pequeno deslocamento e a produção do outro, da singularidade. Após, imprimimos o material e ela levou para sua família ver. Ali, naquele momento, o charme passou a compor, juntamente com sua imagem e dados biográficos um contorno de si, um devir mulher que foi se insinuando através da estereotipia. Vislumbra-se aí, a relação dos corpos e das forças que, no encontro, agenciam-se em linhas de fuga. Captura dos afetos e dos relacionamentos mediados por computador, inter-grupo e pelas possibilidades de potência de vida emergidas do encontro com a rede informática.

Nesta produção, os corpos se penetraram, se misturaram, transmitindo afetos e fazendo enlaces com enunciados e regimes de enunciados em que novas formulações apareceram, um novo estilo para novos gestos. Tal movimento, híbrido de agentes coletivos (humanos-não/humanos), prenhe de estados maquínicos, possibilita a criação de outras formas de vida, mesmo fugidias. Para além da captura pura e simples dos conceitos (input-output, programa, processamento, por exemplo) há no acoplamento com as tecnologias informáticas uma invenção das formas de pensar, ensinar, aprender, “que produza uma crítica dos modelos identitários, abstratos e unitários, que escape dos planos hierarquizados onde o conhecimento esteja desvinculado das relações de poder que o configuram, que produza a diferença, que esteja pautado na ética da alegria, que esteja comprometido com a invenção de outros modos de subjetivação” (BARROS, 1995, p. 8-9).

O relato abaixo é um extrato do diário de campo produzido quando da oficina.

Chegamos numa manhã fria de terça-feira ao campus da Universidade, a chuva acompanhava os passos dos usuários do CAPS que chegavam. Antes disso, contatos telefônicos: são só dois, os outros não estavam onde o microônibus costuma encontrá-los, será que vai dar mesmo assim (psicóloga do CAPS)? Sim, sim, pode vir quem está no CAPS. Agora? Às 9h. Pensamos que fosse às 8h30min. Não, às 9h. Correria. Ligo os computadores. Encontro a aluna (Mel) que participará das terças pela manhã. Só faltavam raios, tamanha a energia no laboratório. Chegam os dois usuários.

Peço que produzam algo escrito ou por desenho sobre o que esperam dos encontros. Escrevem. Desenhar não, não querem. Vamos aos computadores e eles escrevem no Word o que escreveram no papel. Antes disso, uma pergunta: só tenho a sexta série, posso participar? Depois outra pergunta, não sei datilografia, posso mexer no computador? Pode, pode.

Enany, sem óculos, briga com as letras pequenas. Mostro como aumentá-las e o computador se flexibiliza à usuária. Não mais só usuária do CAPS, agora

usuária do computador. Diz que dói olhar para a tela. Fazemos alguns exercícios de afastamento e de aproximação de sua obra. Humm, de longe não é possível visualizar bem, as cores não estão boas. Seriam as cores? Ou a distância, ou ambos? Nos aproximamos e, agora sim... está visível. Está bonito. O participante conversa com Mel. Se tu ficas em cima de mim me deixa nervoso. (Ela estava em pé, ao lado dele). Senta-se ao lado, fica mais confortável. Gosta de colorir as letras. Fica um carnaval. Insere figuras. A pomba!

Chega, atrasado: a mãe deu dinheiro para ele ir de ônibus até a universidade “para ele não perder a vaga”. Imprimimos e eles se vão: Enany queria fumar e outro disse já estar na hora: 10h30min. Andamos pelo campus até o bar para comprar cigarro, vamos ao bar fora da universidade. No final, o bolsista de informática diz que eles não parecem loucos: pensei que fossem diferentes. Conversamos.

Nele expressam-se os atravessamentos institucionais (confusão de horários), a relação dos participantes com a oficina (negação em participar de algumas atividades, aderência a outras), a relação da equipe com os participantes (a composição dos corpos da bolsista com o participante, a conclusão do bolsista quanto à loucura), a relação com o computador (adequação do corpo à máquina).

Na composição homem-máquina pensamos em composições, decomposições, no funcionamento de máquinas avariadas no circuito aberto da loucura. Um participante inicia seu contato com o computador compondo uma só máquina ao deitar a cabeça sobre o teclado e ouvir os ruídos exalados pela máquina, como que apitos que iam mudando de toque de acordo com a tecla pressionada (cabeça-tecla). De olhos fechados, acompanhava o pulsar da máquina, seus sons e o som das veias do participante.

As avarias que ocorreram com os computadores na oficina tiveram várias explicações, nas quais se misturaram outras tecnologias. Durante a digitação de uma poesia, ocorreu uma interferência no texto de Lis: ao digitar “Jesus” e, depois, digitar o sinal de ponto, o computador congelou. “Foi porque eu escrevi Jesus ponto”, deduz a poetisa. Jesus segurou o satélite e fez parar, trancou o computador, numa demonstração do poder divino. Ela fica em júbilo, neste momento. Jesus, assim, interferiu no computador quando seu nome fora invocado, na forma escrita. Outro dia, quando outro computador travou, com outro participante, ela pergunta se ele escreveu “Jesus” e conta o ocorrido com ela. Ele diz que não, que no caso dele faltou gasolina para o computador e ele parou.

Guattari (1992) propõe que se coloque uma questão para cada tipo de máquina: “seu poder singular de enunciação: o que denomino sua consistência enunciativa específica” (p. 46). Questão que exala sua beleza quando lembramos de cenas da oficina de informática, em que a utilização do computador se compunha com outras formas de enunciação, mas deixava uma marca, um corte que transversalizava as produções, tanto que a pergunta sobre o funcionamento, a criação (quem criou, como criou, deve ser muito inteligente...) do

computador acompanhou muitas produções. O estancamento da produção de uma poesia por uma participante da oficina, por exemplo, quando surgia na tela um robô. Ele, o robô tornou-se texto, matéria da escrita, companheiro de produções. Um amigo, um bicho de estimação, alguém a se cuidar e observar, um mágico que surge e desaparece. A especificidade de lidar com a informação, de possibilitar cortes no escrito propõe um lugar de sujeito para o usuário.

Quarta à tarde. Chega um grupo com quatro usuários. Vamos escrever e desenhar, foi isso o que tu nos disse. Desenharam o que querem fazer no computador. A delicadeza do traço do agricultor contrasta com sua fala: só sei trabalhar na horta do CAPS. Aparecida quer fazer um cachorrinho, Mano, uma estrela, com traços retos, nada tortos e coloridos. Mecânico desenha um computador e dá nome: Grupo computador do CAPS.

Os desenhos ficam, pois não está instalado Paint Brush nas máquinas e os usuários escrevem, cada um o que quer: dados de identificação, cursos de computação já feitos, declaração para o CAPS. Chamam-me de professora. Digo que me chamem pelo nome. Aparecida quer um livro para copiar. Jair diz no final: não é difícil mexer no computador. Aparecida começa a jogar. As “aulas” de computador. O olhar duro de Aparecida se mescla com os lábios em sorriso. A desconfiança de Mano se deixa entrever: olhar para todos os lados. Explico onde estamos: “Ah”, diz ele.

As instituições perpassam os estabelecimentos: a professora da universidade, as aulas de computador (educação), as declarações para o CAPS, procurar sobre a doença na Internet para entender melhor o sofrimento (doença mental). A doença mental se afasta gradativamente. Na fala do bolsista: eles nem parecem loucos. Educação e doença mental deram lugar ao encontro e à produção. “Trabalhar com computador não é tão difícil, eu aprendi, eu sei”. O agricultor transforma-se em digitador, descobre-se mais um poder de suas mãos para além do capinar, plantar, colher e desenhar: digitar.

4.3.1 O canto e o riso

O canto foi uma atividade recorrente na oficina, desde o cantarolar que acompanhava as atividades, a busca de músicas na Internet, até a gravação de músicas e hinos religiosos cantados pelos participantes, pequenos ritornelos. O calor de uma certa tarde de verão é cortado por um timbre que ressoa: “sereia, sereia... Teu nome é tão lindo, encheu minha’lma de felicidade”.

Uma singularidade, que produz ressonâncias, nem individual, nem pessoal. Poder-se-ia pensar em uma sonoridade como romântica, como sertaneja, já colada aos imperativos mediáticos e de clichê em que se torna necessário um nome, uma identidade. A marca que a sonoridade exalada pela participante traz não é em absoluto a marca que ancora as subjetividades *mass* mediáticas em que os afetos relacionam-se com moldes de vida: para

uma música romântica, por exemplo, uma imagem de praia, com ondas rebentando na areia, ao entardecer, dois belos corpos (um feminino e outro masculino), esbeltos, atléticos se encontrando, se abraçando e se beijando.

A imagem cola-se à experiência sonora e a chapa em sentidos de amor, relacionamentos estandarizados, formas de corpos identificadas como saudáveis e passíveis de suportar “tanto amor”. Pois bem, o canto da participante não traz imagens, “teu canto é tão lindo...”, ela “encheu minh’alma de felicidade”. Uma felicidade triste, beirando a tristeza absoluta. A sereia se emancipa das ondas que rebentam na areia no final da tarde dos amantes modelizados e introduz outros sabores, outras afecções. Exala subjetividades que se desgrudam de uma interioridade e de sentimentos de eu e abre-se para as pré-singularidades, partículas que entram em movimento, velocidades e lentidões, lembrando quando Deleuze & Guattari escreve sobre uma tarde, um segundo, um momento cristalizado de tempo. Sem maiores nem menores significações, uma *hecceidade*.

“Encheu minh’alma de felicidade”. Estranha felicidade que mexe nas entranhas e que em nada lembra uma felicidade boa, de bons sentimentos e acomodante da alma. Dasacomodante, a pequena música enche, plenifica, ao mostrar, sorrateiramente, que as forças são muitas, múltiplas, dissoantes entre si, em pleno conflito, e que apenas algumas emergem rapidamente. Uma espiadela no Fora, no plano de imanência, agora com suas velocidades acalmadas.

O canto de Sereia, pequenas emissões sonoras, graves, demarca territórios existenciais, lança aos que a ouvem em regimes de força que afetam os sentidos, demarca escolhas, fazer, sair e retomar um lugar. O labirinto perde suas fronteiras materiais, arquitetônicas e se torna sonoro: “Cabe essencialmente a Dioniso músico fazer dançarem os tetos, oscilarem as vigas.” (DELEUZE, 1997, p. 119).

A gargalhada que acompanha as negociações ou mesmo as ações no computador: “eu não agüento de tanto rir”. O riso, pequena canção, acompanha as ações de digitar (“Mae eu te adoro voce é muito boa.”); de jogar e matar o “come come” ou mesmo “deixar o motoqueiro cair ao chão, para morrer”; de desenhar

O riso, mais do que acompanhar a ação, a mobiliza, concatena forças para matar, escrever, desenhar. Da mesma forma, as cores acompanham um pequeno espaço de sonoridade. No infra-agenciamento, componentes direcionais emergem do caos e, como vetores, apontam uma direção, uma pequena linha, um tênue zumbido:

Precisamente, há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para se tornarem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para se

tornarem expressivos. Há território a partir do momento em que há expressividade do ritmo. É a emergência de matérias de expressão (qualidades) que vai definir o território (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p.121).

Esta pequena linha começa a delimitar um agenciamento territorial até onde a voz se faz ouvir, primeiro um breve sussurro até tons mais elevados, na composição de círculos temporais que delimitam um território. Território de tempo, aberto às forças do Caos, tal qual cristal de tempo, fractal despedaçado e recomposto. O cristal, ao vir da terra, lidar com a luz e sombra, com as cores, remete a portais de tempo, de espaços, de territórios existenciais. O canto da sereia remete à suspensão temporal, à infinita tristeza que assola, a uma força que, ao decompor, traz à cena um manto de vida e de potência.

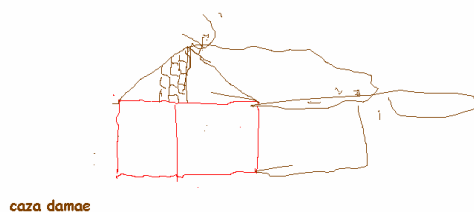


Figura 31: Casa da mãe

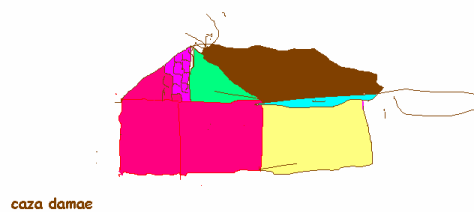


Figura 32: Casa da mãe colorida

A assinatura, marca da passagem aos contrapontos melódicos, faz parte do intra-agenciamento, pois, no contato com o tempo, a matéria de expressão deflagra e exprime-se. No ensaio do “passo” delimitado pela pequena cançãozinha, a linha (aquela do infra-agenciamento) desdobra-se em linhas que extrapolam o próprio território até então em demarcação. A ponta, desprendida do território, parte para outros agenciamentos, inter-agenciamentos e mesmo ao Cosmo.

Sereia, sereia... uma linha vertiginosa intercepta o “se tu quiser, tu faz”, desacomoda e surge a sereia, com seu cântico triste e letal. Repetidas vezes a canção “sereia” ecoou pelos corredores e pelo GPEAD. Gravado enquanto som (na gravação de arquivos como sereia.wave), capturado enquanto imagem e som (nos vídeos de entrevistas), sereia retumbou.

A modelização do ritornelo altera-se e o mesmo não é vivido de forma análoga à psicopatológica, a participante lança-se em cantigas, cantigas de amor. Fala sobre a família, a

mãe, chora de rir e lança-se em ladainhas em voz baixa: “ela comprou roupa nova pra mim, tia”. Canta, grava sua voz, conecta-se com o gravador de som, muitas vezes sem encontrar os controles adequados (confunde o comando de gravar o som com o comando de ouvir o som).

4.3.2 Escritas de si

As tecnologias, conforme Foucault (2004), compõem também subjetividades, pois elas atuam nas dobras da subjetividade na emergência de um si. Atuam como veículos para produção, transformação e manipulação de objetos, como forma de objetivação dos sujeitos, a partir também do uso de jogos de linguagem e, por último, como exercício de si. Ao escrever diários, o participante do grupo-oficina oficia um exercício, um diário em que modula formas de existência a partir da escrita do cotidiano, das suas ações, de seus pensamentos e decisões. O apartamento da experiência vivida cria uma outra camada, a da experiência refletida e digitada. O ofício da oficina é este obrar e desobrar as experiências de vida, a modulação das ações e dos pensares pelos participantes. Ofício que tem como matéria a vida, a experiência dos participantes no perambular pelas redes sociais das quais faz parte ou das quais “dá um tempo”, como no caso do participante seu afastamento de uma atividade que o mesmo desenvolvia enquanto voluntário.

Podemos pensar no ofício da oficina como ponto de singularização, que se agencia em movimentos de territorialização e de desterritorialização com a vida que vai escorrendo pelo teclado, que é guardada em arquivos e que é socializada em conversas com outros participantes da oficina. O ofício da oficina se dá nestes movimentos, na apreensão de uma forma de expressão na escrita, neste caso com uma escrita-desenho em que a forma se mantém segura e constante, com seu teor de vida alterado.

Escrever em editor de texto possibilita a realização de um texto que é apresentado (se realiza) na tela, resultante de uma série de codificações e traduções. A energia elétrica potencializa a máquina e o usuário potencializa o texto ao selecionar códigos informáticos por intermédio do teclado. São atualizados problemas, idéias, intuições de escrita na redação do texto, cuja releitura modifica (virtualização).

A intersecção com a tecnologia informática na oficina se deu também pela via da escrita, da escrita de pequenos diários, relatos do seu cotidiano de forma bastante sistemática e peculiar. O texto digitado, com dois espaços entre as palavras, composto por algumas linhas. O nome do arquivo não é escolhido, ele é proposto pelo computador quando coloca as primeiras palavras do texto como nome do arquivo. A composição arquivo de dá na

articulação entre a inteligência da máquina e a inteligência do usuário.

Claudinha como voce esta eu estou bem só que eu estou com muita saudade de voce o caps não é o mesmo sem voce cladinha espero que voce venha com istoria para contar para nos sobre suas férias voce leu aminha mensagen que eumandei para voce por que eu nunca tinha escrito para niguem foi a primeira vez que mandei eu não sei fui bem eu quero que voce saiba que voce é uma grande a miga dopeito dia 28/07/04 do seu amigo TONHAO.

O tempo que eu pedi do lar esta me fazendo bem eu só tenho saudade dos vos acho que sabado eu vou visitar os vos é tao bom estar com eles priscipalmente com seu ... ele é cara legal ele tem muinta istoria para contar e o seu ... para estender roupa e dobrar e comversar com ele ruin só quando falao da ... por que eu não quero mais eu penso em voltar dia 15 de julho ou 18de julho eu não sei como eu serei resebido pelas minhas colegas tonhao 22 06 2005



Co mo é bom ser voluntario en ajudar a pessoas eu espe'ro que sigao os meus passos por que o mundo presiza de voluntario asin omundo é muito melhor para setorna um voluntario e' falar com juliana nopre'dio da cisa fone 3313 3200

Um microespaço formado pelos espaços entre as palavras (3, 4, 5 ou 6 espaços entre as palavras) cadencia a experiência de si do participante ao compor um espaço-tempo subjetivo. Uma cadência de textos que segue uma quase sonoridade no movimento de teclar e de separar as palavras através do toque na barra de espaço. Uma pequena sonoridade articula o trabalho do participante na oficina, em seu ofício de si, na operação de um novo ritornelo. A cadência do texto demarca territórios no papel, com rastros de sons a cada toque no teclado e mesmo no papel impresso.

Enany participa deste ofício de si. Na reunião de convite e apresentação do projeto de extensão no CAPS, Enany participou apenas no final; saindo da sala, perguntou se, depois de aprender a usar o computador, ela poderia pesquisar sobre sua doença. A usuária chega no laboratório, mostra as peças que faz em tricô, oferece para os participantes da oficina. Diz que

gosta de participar da oficina. Preocupa-se com os outros usuários, comenta sobre o cotidiano no CAPS, sobre como se sente lá, como se relaciona com os outros usuários. Comenta sobre os surtos, tanto seus quanto dos outros. Sofre muito com seus sintomas e com sua família devido a seu sofrimento. Entre estas conversas, Enany escreve o que sente no computador.

Diz que o computador é seu analista, pois ele suporta tudo o que ela escreve e não dá nenhuma sugestão, nenhum encaminhamento, nenhuma dica, enfim, ele não se mete. Parece haver aí uma queixa com relação ao desconhecimento que os psi demonstram com relação ao seu sofrimento. Ao ouvir as sugestões, ela ouve também um desconhecimento e uma desvalorização de seu sofrimento e da sua falta de entendimento com relação ao que lhe acontece por vezes. Mas o computador é muito diferente de si mesma: “este computador é tão lerdo, bem diferente dos meus pensamentos”.

Gosta de escrever, de enviar mensagens de otimismo e de apreço aos outros participantes da oficina, como cartões virtuais. Reclama que não enxerga muito bem na tela e fica muito irritadiça quando não consegue “controlar” o mouse. Diz não saber mexer no computador, espera quando pede auxílio, mas espera também que a equipe faça as ações que ela não consegue.

Enany escreve em seu analista o que está sentindo, cansaço, tristeza e insere uma figura de duas mãos se apertando, um apertar de mãos: sua mão e a do analista, conforme suas palavras.

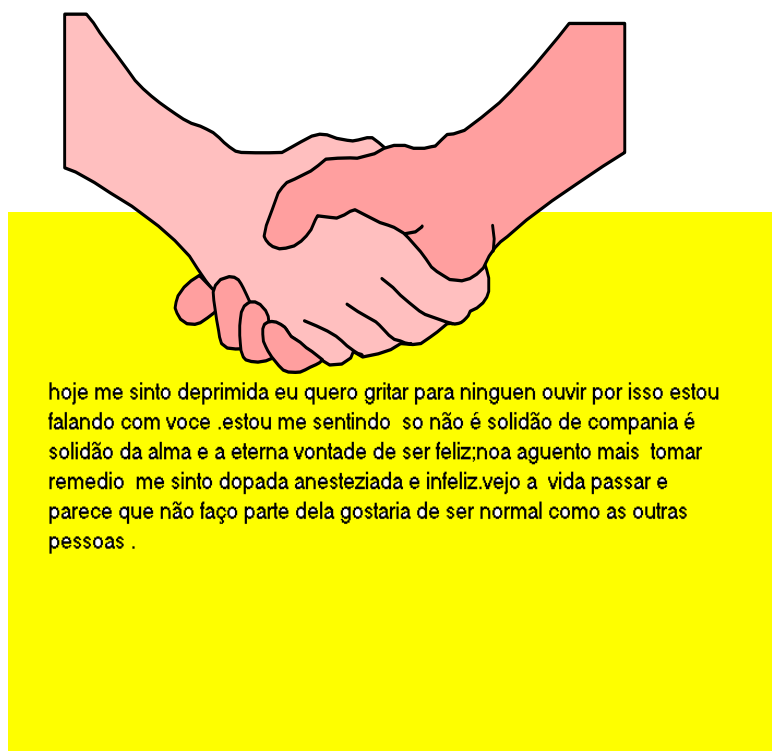


Figura 33: O analista

Na outra semana escreve a “Carta de alforria”, na qual enuncia que é humana, que sua condição humana é o que basta, apesar de tanto sofrimento. Utiliza como fundo um modelo de papiro. As imagens e o texto escrito compõem uma mensagem para o analista. Para Enany, o computador é preferível aos psicólogos que fazem muitas perguntas; de alguma forma, o analista a aceita como ela é, ou aceita a forma como ela enuncia. Ininterrupto, ele, entretanto responde, assinala em vermelho o que não consta em seu dicionário: “porque ele sublinha o que eu escrevo?”, pergunta Enany. Explico que ele sublinha as palavras que não conhece. O analista retruca, reage ao escrito, mas de uma forma suportável para Enany.



Figura 34: Carta de alforria

Ela conversa, enquanto escreve, diz que é outra, que eu não a conheço, que é egípcia, que é o diabo, que vai para o hospital com a polícia, que não gosta disso, que fica chateada porque a filha mais nova tem medo dela, que conversa com a filha mais velha... Diz não

gostar de falar da sua vida para os psicólogos, mas na interface com o computador vai falando da vida, não gosta de ser interpretada, mas se interroga sobre sua doença. Não entende por que surta, por que sofre tanto, queria ser diferente, mas não consegue. Organiza lanches no laboratório, compram refrigerante. Não gosta de tirar fotos, pois diz ficar feia. Sem dúvida, a relação que gosta de ter com o computador é a de escrever.

A escrita, outra forma de semiotização do sentido, da experiência de sofrimento, possibilita uma outra experimentação com o vivido, a materialização das intensidades através do uso da cor, da letra, da imagem. Ali, nada é perguntado, suas frases são afirmativas, breves relatos sobre como se sente, emoldurados por formas e cores.

Mesmo ainda em um estado embrionário da aprendizagem tecnológica (uso de imagens já constantes no dicionário do Word), Enany utiliza o recurso e se mistura com ele, tentando interagir “na linguagem” do computador, entender as respostas que ele lhe dá. Refaz a imagem que tinha do computador enquanto inerte e sem possibilidade de resposta: ele responde. A pergunta que se faz é sobre o tipo de resposta e o quanto pouco invasiva ela parece ser a Enany.

Computador, objeto antropomorfizado pela usuária, que ocupa um lugar intermediário entre a fala para o outro e a escrita. Isso porque, ao final dos encontros, Enany me diz para ler o que ela escreveu. Pergunta-me se li o que ela escrevera anteriormente. Digo que sim e ela se volta para seu analista. O analista rompe com os limites do sigilo e se abre para a palavra, para o olhar, para a leitura. O escrito, aqui, toma lugar do publicizado, do coletivo. Seus textos são publicados na Internet, mas ela não quer escrever e-mails para quem não conhece, não se abre para conhecer pessoas novas, de outras cidades. Um dia assustou-se quando entrou em um *link* em que era possível “conhecer pessoas para namorar”. Disse ser uma bobagem isso. Escrever sim, mas para seu analista. Relações de capturas e não de enclausuramentos, capturas de afetos e de possibilidades.

No início dos trabalhos na oficina, a relação de Lis com a equipe se dava a partir de perguntas objetivas, muitas vezes refeitas, a fim de assegurar a melhor forma de expressão. Nessa enunciação, muitas paradas, recessos do falar, olhar perdido, opaco: “...eu, quero dizer.... isso significa...”. As respostas, igualmente repetidas, eram, então, transformadas em ação: clicar com o mouse, apagar, retornar com o cursor. Por vezes, a equipe solicitava sua permissão para tocar o mouse e fazer uma demonstração do que poderia ser feito: permissão negada!

A entrada de outro corpo entre a mão e o mouse não se processava. Processava-se uma relação de desconfiança, de curiosidade, de tentativa de entendimento das ações que o

computador processava. A maior questão fora com relação às ações automáticas: modificar o “t” minúsculo que ela escrevera para inserir o “t” maiúsculo. Por que ele faz isso? Como ele faz isso? As explicações sobre o corretor ortográfico, alteração programada no editor de texto eram por demais etéreas para serem entendidas. Ao aprender como alterar as alterações feitas automaticamente pelo computador, um indício de controle se efetuava. Ao mesmo tempo, falas sobre “descobrir os segredinhos do computador”, a reivindicação de mais tempo para conhecê-lo.

O acoplamento usuária-editor de textos produz derivados, fluxos cortados que tomam caminhos outros, que derivam do inicial. O trabalho escrito, a poesia digitada com cuidado, atenção, zelo, perfeccionismo deriva para um arquivo nomeado, para uma ou mais páginas impressas, deriva para a pasta que deriva para a condução propiciada pelo CAPS, que deriva para o CAPS, para a equipe do CAPS, para a casa da usuária, para a gaveta no seu quarto. Que deriva em sua voz quando os recita, que deriva para a universidade quando os recita em eventos nos quais o CAPS é convidado a participar. Deriva, à deriva dos espaços transitados na cidade.

Suas poesias, material a ser digitado, vêm de um caderno que as têm escritas com título, data e conteúdo. A escrita no editor de textos deve seguir as mesmas coordenadas do caderno: mesmos espaços, marcações, conteúdos. Cópia, nesta escrita, cópia do mesmo, não pode haver alterações, ou, quando há, elas devem vir explicitadas. No site do CAPS, no *link* Sentimentos, houve o movimento acima citado:

Não achei a data em que fiz este poema, só sei que o fiz. Quer dizer, é de minha autoria.

Intitulado POEMA DE OUTONO

Na noite calada...

Uma folha seca de árvore,

Se arrasta com o vento.

Boa hora. Sim.

E para que?

A fim de meditar. Sim.

E no que?

Na vida em si.

Meu espírito em mim diz!

Como eu amo esta vida!

Pois na qual senti!

A natureza maravilhosa!

Daí então ví!

Como é lindo!

O que Deus.

Criou!!!

Santo Ângelo 03/05/05 Terça –feira.

Lis.

Obs: No lugar de para meditar, escrevi, isto, a fim de meditar, porque é o que foi escrito no meu original.

(Fonte: <http://geocities.yahoo.com.br/ekrindges>)

Não pode haver alteração, mas o computador altera, introduzindo pequenas diferenças, pequenas derivações do anterior: no final do texto alguns traçados completos, a inserção de marcas coloridas embaixo de palavras ou desconhecidas ou grafadas de forma não reconhecida pelo editor/corretor ortográfico. Essas pequenas intervenções do editor sobre o texto causam, no mais das vezes, desconfortos. O que ele faz? Por que ele faz?

O editor de texto é um território construído em sua relação com o computador. A possibilidade de inserir figuras, alterar cor das letras é rechaçada constantemente. A ferramenta utilizada é o controle das margens, pois a margem superior lhe parece muito grande, grande demais na tela, mas não na impressão.

Noite que adstringe

Nesta noite
 Um pássaro quero-quero
 Voou cantando na frente de minha janela.
 E pareceu adstringir no escuro da noite,
 Com o ar seco, perto do inverno.
 Já é frio, e com o frio
 Isto foi gostoso sentir.
 Foi um ar de quê na vida.
 Vida que foi mais sentida.
 Vida, na noite que entra a dentro.
 Noite que ao amanhecer finda.
 Só que a vida, esta, na verdade, não finda.
 Pois Jesus Cristo é a nossa grande esperança!
 Pois morreu, para nos salvar!
 E ressuscitou, a fim de que, os que morrerem,
 Ele os ressuscitar.
 E dá-los um novo corpo.
 E os que vivem e crêem
 Nele, nunca jamais morrerão.
 Quem sabe haja esperança de estas pessoas, viverem para sempre.
 E estarem vivas quando o Nosso Salvador Jesus Cristo voltar,
 E seu corpo vivo ser transformado num novo corpo,
 Um corpo são, sadio, bonito e glorioso.
 E depois, assim todos obteremos, a vida eterna.
 Ô noite, bonita esta, que adstringiu!
 Por isso me iluminou!

Escrevi isto à noite ⇒ antes de eu dormir. Pelas 22 h e pouco. Dia 15 DE 05 DE 06.

#####

4.3.3 Composições híbridas

Dar vida aos objetos no computador. Os participantes que mais utilizam o Flash gostam de fazer pequenas animações, breves movimentos de objetos e, só depois de estarem

ambientados com a ferramenta sucumbiram ao desafio de fazerem uma cena mais complexa. Sucumbiram, pois foi-lhes apresentada uma animação que um menino de 08 anos fizera. Assim, com os brios feridos ou mesmo com uma possibilidade aberta pelo infantil, algumas cenas se desenharam: a cena do gol, um ataque, uma defesa, uma bola, uma rede e... GOOOOOLLLLLL.

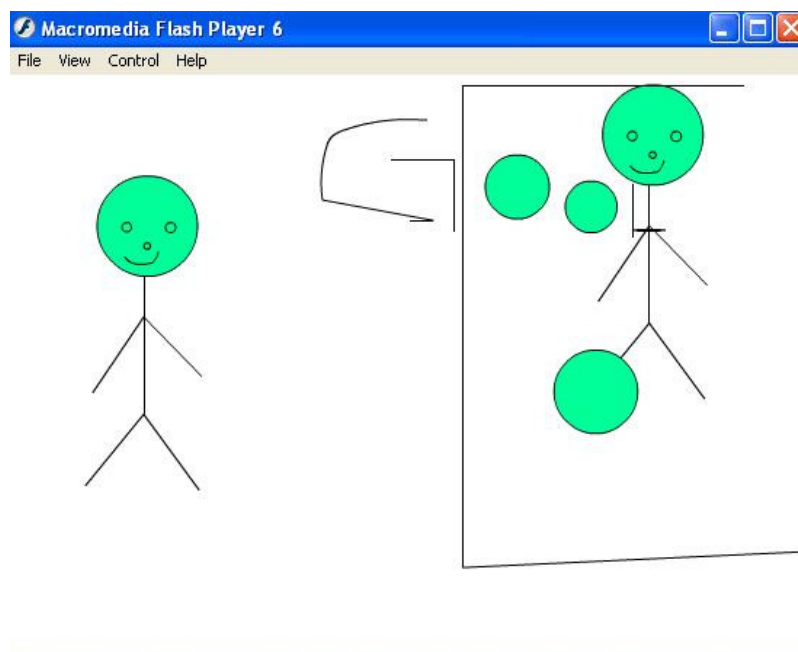


Figura 35: Gol

Dar movimento a uma borboleta, se debater com o programa que não “obedece” ao comando, esses movimentos feitos pelo Zumba dão a dimensão criadora, doadora de movimento, um movimento que não conseguiu se colar no texto de Lis. Demos a sugestão para que Zumba fizesse uma borboleta, pois Lis estava procurando figuras de borboleta na Internet para inserir em um texto seu. A borboleta lembrou-lhe os momentos em que colecionava, em que buscava no pátio de casa as borboletas e ficava à espreita das mesmas, a fim de observar as cores e o movimento delas. Assim, achou páginas na Internet de borboletas com movimento e colou em seu texto. Porém, o gif não manteve o movimento e ficou uma figura estática afixada no texto. Insatisfeitas, todas nós conversamos com Zumba para que ele pudesse inserir movimento à borboleta, para que ela não ficasse apenas como grudada numa coleção, mas que ela pudesse abrir suas asas, borboletear pelo texto de Lis, sobre nossas cabeças, que pudesse deliciar nossos olhos com movimento e colorido naquela manhã de sol. Até que a borboleta de Zumba tivesse vida!



borbo 006

A FIGURA DA BORBOLETA E DO GIRASSOL

A borbo 006 está se movimentando e pairando sobre uma foto de um vegetal, que é a planta girassol. Falei isto porque esta imagem peguei na internet, na google, para a imagem ficar animada, mas não deu. Apesar de lá estar uma imagem animada.

Agora vou falar mais sobre esta imagem.

Bom, o girassol, seu óleo comestível, é muito importante e útil. E o preço deste óleo no mercado, é mais do que o óleo de soja.

Agora já está se fazendo óleo combustível com óleo vegetal, não sei se com soja, este biocombustível. Não sei se vai ser possível também fazer-se, com óleo de girassol.

E o girassol é também um alimento do papagaio.

Eu tenho um papagaio.

E também gosto muito de borboletas.

#####

Figura 36: Borboleta

Bicho animado, com movimento, pequenas asas se deslocando pela tela. Ufa, Zumba salvou a borboleta da imobilidade, como que presa por um alfinete. Há uma poesia de Lya Luft em que ela pede que não a prendam no alfinete da interpretação, pois ela é uma mulher no palco da vida, apenas isso. Como escreve Lia Luft:

Tanto
(Para Lygia F. Telles)

Nada entendo de signos:
se digo flor é flor, se digo água
é água. (Mas pode ser disfarce de um segredo.)
Se não podem sentir, não torçam
a árvore-de-coral do meu silêncio:
deixem que eu represente meu papel.
Não me queiram prender como a um inseto
no alfinete da interpretação:
se não me podem amar, me esqueçam.
Sou uma mulher sozinha num palco,
e já me pesa demais todo esse ofício.
Basta que a torturada vida das palavras
deite seu fogo ou mel na folha quieta,
num texto qualquer com o meu nome embaixo.

O alfinete no qual se prenderam as asas da borboleta pode ser tirado quando da animação da borboleta de Zumba, dar movimento a um ser inanimado, a um desenho feito por si mesmo é uma façanha!

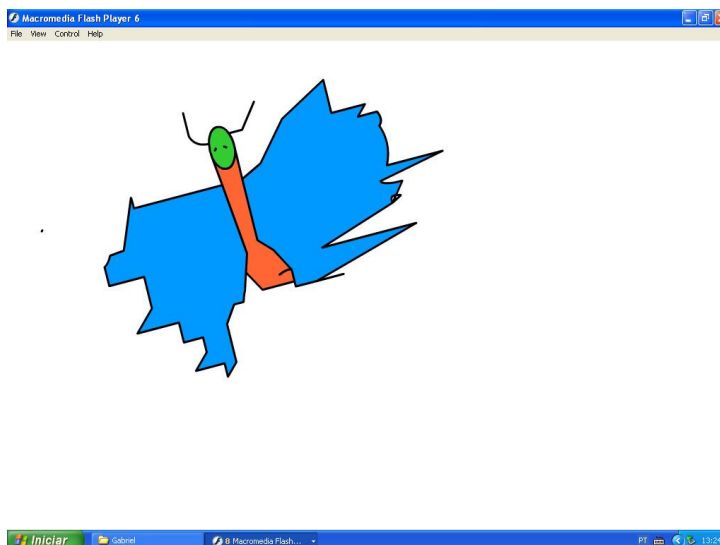


Figura 37: Borboleta azul

E as ferramentas da informática abrem este caminho de animar o inanimado, de colorir o preto e branco, de matizar a vida com obras próprias:

Existem agenciamentos coletivos, usos e apropriações das tecnologias por parte dos sujeitos, que, por sua vez, também vivenciam seus efeitos em seus próprios corpos e subjetividades. Os aparelhos e ferramentas exprimem as formas sociais que os produzem e lhes dão sentido, formando redes, teias de pensamento, matrizes sociais, econômicas, políticas, que permeiam o corpo social inteiro e estão inextricavelmente ligados às novas tecnologias (SIBILIA, 2002, p. 11).

Incomodado pelo esquecimento, Copetti escreve os procedimentos feitos por Zumba, ditados por mim, escritos pelo monitor de informática.

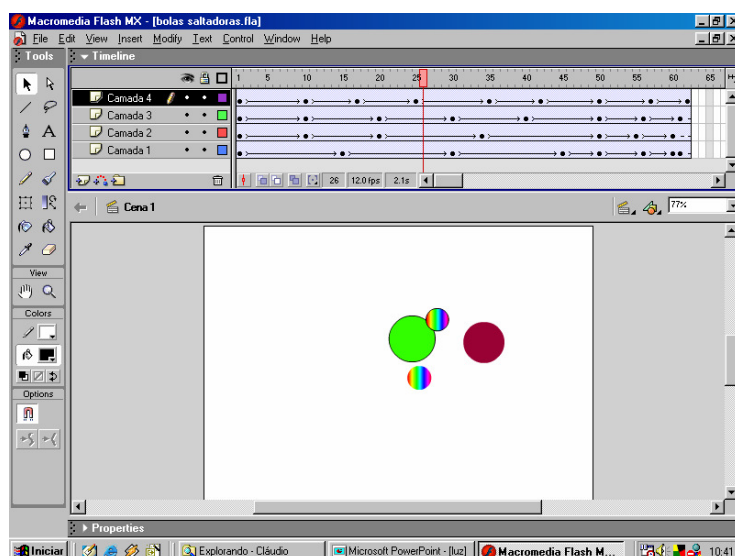


Figura 38: Bolas saltadoras

Descolar do procedimento, tarefa quase impossível, fazer o olho enxergar o exato ponto que deve ser clicado, inserir a linha de tempo, construir cenários, alguns imóveis, outros móveis, tarefa por demais complexa. O olho não fixa onde deve fixar, os caminhos são difíceis de serem memorizados. O que resta é a persistência e a alegria de criar formas, movimentos, cenas compostas trilhando o caminho para construir uma estória.

Outra composição híbrida foi feita na assinatura de uma montagem feita com as músicas cantadas pelos participantes, com figuras e outros elementos, um participante assina verbalmente a obra, ou seja, termina a apresentação dizendo seu nome, fazendo uma assinatura verbal. Assim, ele diz seu nome e completa “pela professora Deise”. Na hora em que normalmente dizemos nosso sobrenome, o participante falou “pela professora Deise”. A composição foi desenvolvida através do participante, mas de autoria de outrem. A participação no sentido de ensinar os comandos, de assinalar quais as ferramentas poderiam ser utilizadas foi entendido como autoria de outrem. Na imbricação de um pelo outro, da direção dada em algumas atividades “pela professora Deise”, no tocante à aproximação com os comandos, com o funcionamento dos softwares. Por outro lado, lembra o timoneiro da cibernética, que conduz as associações, o vagar do navio pelas águas turbulentas e/ou calmas e que se desloca. Ou a atualização de um vírus no corpo de um hospedeiro (participante).

A convergência de mídias (desde os sons gravados, às imagens desenhadas, poesias digitadas, arquivos disponibilizados na Internet) operam um desregramento de cada mídia, misturando formas de expressão e compondo hipertextos complexos que se potencializam com o deambular dos participantes por seus nós. Em cada bifurcação se abrem novos territórios subjetivos.

Outra participante produz variações de seu nome (ela tem nome de flor), nas poesias, na busca de desenhos de flores na Internet, na variação de si na criação poética. O adorno de flores nos escritos desenha contornos na subjetividade, cala ligeiramente as dores do corpo, a reclamação sobre o lugar que ocupa na família, o desejo de voltar a estudar.

JARDIM FLORIDO...

Um relacionamento é como um jardim para florescer deve ser agitado regularmente cuidado especial deve ser dado; levando em conta as estações bem como qualquer mudança de tempo novas sementes devem ser plantadas e as ervas daninhas arrancadas similarmente, para manter viva a magia do amor, temos que entender suas estações e acalantar a necessidade especiais do amor.

Outro contorno subjetivo foi a mistura da história de vida de uma participante, de uma apresentação pessoal com o currículo Lattes da coordenadora do projeto de extensão e com

projeções futuras de vida.

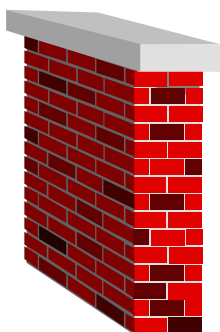
Composição híbrida, com excertos da história de vida, de sua relação com a universidade e com a produção da coordenadora da oficina. Obra de misturador de idéias, de recortes de tempos, de universidades de formação, de pedaços de histórias de vida. A convergência operada entre pedaços de currículo extraído de arquivos do computador, composta por escritas recentes na perspectiva de apresentação da participante, numa composição híbrida atualizada na intersecção entre os sujeitos encarnados e as tecnologias.

Kerckhove (1997) já propunha a tecnologia como algo complexo relacionado diretamente a nossa realidade psíquica: “A nossa realidade psicológica não é coisa natural. Depende parcialmente da forma como o nosso ambiente, incluindo as próprias extensões tecnológicas, nos afecta” (idem, p.32-33). E de que forma se dá esta afecção? Daniel Lins (2000), discutindo a escrita, apresenta um caminho possível. Diz ele:

mas vivenciar é também experimentar pensamentos nômades, produzir uma escrita das vísceras, elaborar conceitos grávidos de acontecimento e trabalhar com citações inseridas no universo da contaminação e não da cópia, criando assim uma nova linguagem que cheira à vida, com suas impurezas, sujeiras, e que, de deslize em deslize, fabrica uma “enorme máquina de carne” engendradora da merda necessária para desenhar na folha branca a escrita saída das pedras. (LINS, 2000, p. 10).

O mecanismo de cópia e cola acoplou o nome da participante a um currículo sem nome, acoplou as datas do currículo sem nome a carência de data sobre quando a participante havia estudado, acoplou a UFRGS a URI. Tudo isso depois da passagem por um muro, por palavras como felicidade, amor, paz, confiança. A data se alicerça ao dado quando a participante fala sobre sua relação com o CAPS. Ali está datado, o restante acoplado complementando, misturando. Ela diz de sua vontade de aprender a utilizar o computador e, neste uso inicial, já faz acoplamentos diversos, loucuras com as histórias pessoais, tanto da coordenadora do projeto quanto de sua própria vida. A intersecção provocou a emergência de híbridos, desobrando a subjetividade aparentemente dada de uma e outra (participante e coordenadora). Esta figura parece mostrar que, sob a aparência de concretude e de certeza que um currículo expõe, a sua construção é deveras pré-pessoal, arranjado como que em areia movediça.

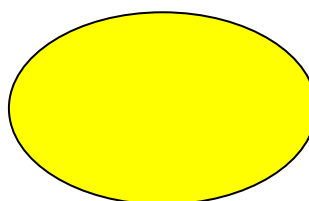
Meu nome é **elaine** e quero muito aprender trabalhar no computador. Sou do CAPS de Santo Angelo e faz algum tempo que estou me tratando no CAPS Sou natural de Ajuricaba, RS, e faz algum tempo que moro nesta cidade.



Palavra

Felicidade, amor, paz, confiança. Figura 1 professor **EISE**, psicologia da URI

Elaine



Formação Acadêmica/Titulação

	Doutorado.
2003	Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil Orientador: Margarete Axt Palavras-chave : Internet, ambientes virtuais de aprendizagem, formação em psicologia Mestrado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
1996 - 1998	Título: Híbridizações no cotidiano escolar - escola e "novas" tecnologias da comunicação e informação, Ano de obtenção: 1998 Orientador: Merion Campos Bordas Palavras-chave : INTERNET E EDUCACAO, ANALISE INSTITUCIONAL E ESCOLA, SUBJETIVIDADE E EDUCACAO Áreas do conhecimento : Tópicos Específicos de Educação
1989 - 1993	Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil, Ano de obtenção: 1993
1994 - 1996	Graduação em Licenciatura Em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil

Estudei na URI FAZ ALGUM TEMPO MAS NÃO SEI EXATAMENTE QUE ANO QUE FOI .

Gosto de frequentar o CAPS . 24/06/04. **Formação Acadêmica/Titulação**

	Doutorado.
2003	Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil Orientador: Margarete Axt Palavras-chave : Internet, ambientes virtuais de aprendizagem, formação em psicologia Mestrado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
1996 - 1998	Título: Híbridizações no cotidiano escolar - escola e "novas" tecnologias da comunicação e informação, Ano de obtenção: 1998 Orientador: Merion Campos Bordas Palavras-chave : INTERNET E EDUCACAO, ANALISE INSTITUCIONAL E ESCOLA, SUBJETIVIDADE E EDUCACAO Áreas do conhecimento : Tópicos Específicos de Educação
1989 - 1993	Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil, Ano de obtenção: 1993
1994 - 1996	Graduação em Licenciatura Em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil

Figura 39: Apresentação

Pelbart (2003) já dizia que a loucura é o capital biopolítico, pois as próprias condições subjetivas estão atravessadas pela sociedade de controle e por seu funcionamento caótico, com novos focos de liga e desliga, de ligação e de desligamento da multidão errante. Aqui, as tecnologias podem servir ao mecanismo Cut Up e produzir escrita das vísceras, como afirma Lins, e gerar monstros, seqüelas de uma guerra de fronteiras entre saúde/doença, nomadismos generalizados. As produções que saem, delas não se prevê, apenas se acompanha como um vírus no corpo do hospedeiro ou como o hospedeiro do vírus.

Esta imagem pode ser agregada a outras tantas que os participantes produziram: a dos tamanhos e das relações (na figura 18) , a do jornal (nas figuras 29 e 30). Assim, os desenhos dos participantes falam das relações entre os estabelecimentos (CAPS, Universidade), das instituições (saúde e formação), da produção de subjetividade e da posição ética perante tudo isso. Em última instância, a posição ética perante a vida na sociedade em rede e nas ondas da sociedade de controle e no desenho de linhas de fuga.

CONCLUSÃO

No momento atual de discussão e de insegurança no âmbito da saúde mental, sob a ameaça de retrocessos na legislação com a retomada do modelo biomédico e hospitalocêntrico para o atendimento à saúde (ou deveria dizer, à doença mental) urge fazer proposições de defesa ao respeito ao sujeito, à sustentação do lugar de cidadão para a pessoa em sofrimento psíquico e a intervenções que possibilitem a construção de alternativas a impasses cotidianos (condições de trabalho, formação dos trabalhadores em saúde mental, bem como entraves quanto à formação de redes; atravessamentos institucionais; linhas de segmentação; condições sócio-econômicas da região; manicômio mental; especialismos, dentre outros elementos que assombram o cotidiano dos serviços substitutivos, tal como fantasmas que saíram dos manicômios quando eles foram fechados).

Esta tese insere-se neste momento e movimento constituindo pequenos espaços-tempos de experimentação com um grupo de usuários do CAPS da cidade de Santo Ângelo. Surfando na sociedade de controle, esbarrando contra a institucionalização dos outros e de nós mesmos, a oficina se constituiu como forma de expressão, officinando subjetividades. A tese pretendeu operar em uma problemática que foi se construindo à medida em que o projeto de extensão universitária foi rizomaticamente se misturando às intensidades da saúde mental, da universidade, do serviço de atenção à saúde mental, provocando o pensamento e a ação. Seguiu, então, a pequena frase de Peter Pál Pelbart: “O outro não é dado, é produzido” (2003, p. 120).

A perspectiva da Filosofia da Diferença, sua conexão com a Psicologia Institucional e a proposta foucaultiana serviu como suporte e possibilidade, tanto para construção do dispositivo tanto quanto para a visibilidade dos acoplamentos homem-máquina efetivados no grupo-oficina. Acreditando que os acoplamentos são atravessados por várias instituições no seu fazer cotidiano, a visada institucionalista propiciou visibilizar as relações de poder, as formas com as quais as redes de saúde e de formação foram se enlinhando e compondo

sujeitos. A proposta foucaultiana possibilitou o percurso pela história da loucura e das formas de subjetivação, a partir da leitura de Deleuze e de Peter Pál Pelbart. Quanto à contextualização, à tomada da sociedade de controle, seus rizomas com a subjetividade, saúde mental e tecnologia, a perspectiva da Filosofia da Diferença abriu vários caminhos e a tomada ética perante os sujeitos da intervenção e da construção de conhecimento na pesquisa.

O trabalho articulou pelo menos três campos do saber: Psicologia, Educação, Informática na temática da saúde mental e na pergunta sobre modalidades de intervenção sintonizadas com a perspectiva da desinstitucionalização. Pareceu, para muitos a quem se apresentava o projeto, algo estranho, delicado, quase impossível de ser realizado, fosse por motivos de resguardo dos “pacientes”, fosse por inviabilidade do trabalho. Hoje, um dos resultados do trabalho aponta que o processo ocorreu com acoplamentos diversos e sem causar danos aos sujeitos participantes. Por um lado, os próprios participantes colocaram limites à experimentação, conforme suas possibilidades no momento, e, por outro, pelos efeitos de ampliar os relacionamentos familiares (pelo deslocamento do lugar de apenas louco, ou mesmo de incapaz), de aprendizagem do uso do computador (demonstrado através das muitas impressões realizadas na oficina para presentear amigos, familiares, equipe do CAPS), de criação de obras (poesias, desenhos, animação, vídeo), de uso dos recursos informatizados na perspectiva da infoinclusão.

De alguma forma, a inclusão no mundo digital possibilitou a abertura de outros possíveis para os participantes. Vinculados à Universidade, ao mundo “moderno” do computador, à arte digital, às formas de expressão das novas tecnologias da comunicação e informação, as coordenadas de vida se potencializam, se abrem ao mundo atual compactuando com os “normais” no uso do artefato tecnológico, impingindo uma localização menos marginal na vida cotidiana e mais próxima das situações que ela hoje apresenta ao “não-louco”. Assim, os usuários do CAPS, osicineiros, se sentem mais presentes no mundo pois podem e sabem utilizar as ferramentas - de acordo com seus graus de interesse – tão relacionadas com a sociedade atual: “os loucos” se inserem e se incluem na sociedade.

Penso que a afirmação de ekrindges, no texto coletivo, sobre a semana da Luta Antimanicomial trata da perspectiva do trabalho:

Como o tema principal é Luta Antimanicomial e Inclusão Digital, os dois assuntos são complementares. Um é que eu nunca estive em clínicas psiquiátricas, não sei o que é e jamais quero estar em um deles ou conhecer qualquer que seja como queiram que chamem. Eu quero dizer que saúde mental existe e é possível atingi-la e a inclusão digital é de muita importância pois vem quebrar um monte de

preconceitos, como o medo de aprender ou mesmo de errar, o de estar entre pessoas diferentes, mas humanas, sensíveis e compreensíveis.

Luta Antimanicomial e Inclusão digital são assuntos complementares, práticas que podem se interseccionar e produzir encontros com agenciamentos de enunciação inusitados. Na oficina alguns movimentos foram subterrâneos e outros mais aéreos, porém constituíram espaços de expressão para os participantes da oficina, vide, por exemplo, a experiência de construção do site.

Manteve-se a proposta inicial de se constituir redes de convivência, a partir da construção de um dispositivo para introdução dos participantes ao uso do computador, incluindo diversos aplicativos e, assim, propiciar um módulo de inclusão digital. Inclusão digital, tida enquanto inclusão na lógica binária do computador, na linguagem de máquina, no seu funcionamento, na abertura de possíveis veiculada por seu uso. Inclusão no digital, inclusão na vida digital. Inclusão digital, inclusão dos dígitos, dos dedos, do corpo. Inclusão numa vida mediatizada pelas mãos, teclados, monitores... Inclusão numa vida máquina, sem a exclusão de outras tantas formas de vida. Para além da inclusão, coexistência de formas de vidas digitais. Coexistência binária, coexistência de tempos e formas de vida!

Com relação à pergunta da tese (quando do encontro de pessoas em sofrimento psíquico com objetos técnicos como o computador e a Internet, que acoplamentos são produzidos?) e aos objetivos propostos (mapear as relações humano-máquina e as composições de convivência no uso de recursos informatizados no projeto de extensão) podemos dizer que os mesmos foram contemplados. Isso através da cartografia e do mapeamento das relações tramadas entre os participantes da oficina e os elementos técnicos.

No acoplamento homem-máquina, apostou-se na criação de um interstício entre o sujeito nomeado, com sua história de vida, sofrimentos e alegrias, bons e maus encontros na/com a vida e um lugar comum, campo da comunidade. Assim, para além do louco da rua que assusta as crianças, da “comunidade” de loucos que se encontra acolhida em instituições (sejam elas manicômios ou CAPS), a intervenção é tida como uma multiplicidade na constituição de um comum, comum no “virtual” e na oficina. Este comum tido como um estar com (o recurso informatizado, a universidade, o outro, consigo, com o Fora...). Da mesma forma como ocorre em várias oficinas desenvolvidas em saúde mental, a aposta se dá também no deslocamento do lugar de louco apenas para o de cidadão, artista, cantor, bits, chip,... um lugar de potência para o ser.

Assim, a proposição da oficina e seu acontecimento cotidiano é uma contribuição deste trabalho, pois viabilizou-se uma oficina de informática com pessoas em sofrimento psíquico, que teve efeitos de aprendizagem, de composição de subjetividades, de redes familiares. A contribuição esteve na criação e manutenção de um espaço de criação do qual não se sabia o que esperar.

O percurso dos participantes pela oficina apontou que as tecnologias operam um lugar de interrogação para os sujeitos, de sustentação perante um outro que não interroga nem moraliza, de um suporte que demanda paciência, que tem um tempo próprio mas que, de forma inesperada, tem efeitos de acolhimento, ao mesmo tempo ela (a tecnologia) tem um valor socialmente aceito no mundo atual. Das propagandas de TV, jornais e revistas às conversas do cotidiano, sempre alguma expressão ligada ao universo tecnológico estará presente (mesmo que seja nos mais longínquos rincões, já que lá tem a TV por satélite); dessa forma, incluir a pessoa em sofrimento psíquico não é apenas lhe dar as condições técnicas para o uso dessas ferramentas, mas sim possibilitar, além disso, sintonia com a contemporaneidade e suas tecnologias de subjetivação. A devolução que o computador dá pode ser pensada, como proposto por Turkle, como uma interrogação sobre o sujeito. Talvez tenha contribuído como relação com as forças do Fora e na delimitação de algumas minidobras da subjetividade. O computador em alguns momentos acalmava e em outros lhes dava acalanto.

Em termos metodológicos aponta-se a viabilidade de tais oficinas, entretanto não tomemos uma experiência como modelo, tomemo-la como efeito de arranjos diversos, seja com a cidade, com a saúde, com a universidade. Isso tudo numa perspectiva de acolhimento e da construção de um espaço em que fosse possível produzir o que era solicitado, sugerir algo a fazer e “não fazer nada”, ou perder-se pelos corredores ou compartilhar a universidade com outros alunos.

Em tempos assombrados por fantasmas e por avatares que se corporificam na saúde mental, o percurso da tese seguiu seus capítulos, percorrendo um caminho de afirmações e interrogações sobre seu (des)obrar: Que vida se gesta na sociedade de controle, nas formas de vida contemporâneas, na saúde mental, na tecnologia? CutUp! Preciso de mais tempo para descobrir os segredinhos do computador, seja na arquitetura da máquina metodológica, seja no percurso da instituição e nos seus caminhos de simpatia e antipatia sobre as redes de saúde, de formação e do projetos de extensão universitária que pretendia ser uma possibilidade de intervenção na cidade. Mas aqui foram necessárias perguntas sobre a oficina:

que dispositivo é este? No contexto de pessoas que têm um parafuso a mais, um parafuso a menos, os participantes [falaram] por eles mesmos, sobre a subjetividade na fábrica de parafusos. Assim, trataram sobre os derivados do computador, retomando o percurso da oficina, no deslocamento que deloca a mente (des)loucamente e possibilitaram a construção de outras perguntas: o computador é um operador de comunidade [dos sem comunidade?]? Para pensar sobre isso sentamos no desobramento do coletivo e fomos ao comum nada comunitário de um projeto extensionista de uma universidade comunitária, engenhando o que haveria na zona de indiscernibilidade da máquina e encontrando aí o canto, o riso e a escrita de si em composições híbridas.

A oficina teve efeito de acolhimento para os participantes. Sua participação freqüente, sua reivindicação de continuidade dos trabalhos para a equipe do CAPS no início deste ano de 2007, bem como o desengate do deslocamento proporcionado pelo CAPS e a ida à universidade por meios próprios [a pé ou pagando deslocamento de ônibus ou (moto)táxi] são indicativos de que o espaço da oficina foi e continua sendo um espaço de criação de si para os participantes.

A partir desta experiência, penso que um vetor para continuidade de trabalhos na linha de pesquisa seja investir no eixo políticas públicas e subjetividade, na proposição de ações que viabilizem pesquisas que, no seu próprio fazer, agenciem proposições e intervenção psicossocial, enfocando como se constituem nas redes mesmas, no fazer coletivo, modos de invenção de si.

Essa busca de significados para a vida desses sujeitos da pesquisa, pode auxiliar a tirá-los das estatísticas sobre sofrimento psíquico, usuários atendidos no CAPS, mesmo que em poucos momentos de suas vidas. Nessas horas se sentem alunos da universidade, cidadãos do mundo contemporâneo, usuários de computador. Pois estão no mesmo lugar dos universitários, utilizando as mesmas dependências, chamando a coordenadora do projeto por “profe”, da mesma forma que seus alunos da universidade a chamam.

Essa pesquisa, no seu fazer, teve como tarefa intrínseca a criação e manutenção do próprio aparato que possibilitava a experimentação do pesquisar em relação. Não se tratou apenas de coleta de dados nem de uma experiência com um tempo curto e determinado. Foi sim de uma experimentação, de relação entre estabelecimentos, instituições numa rede permeável de interferências no âmbito da saúde mental. Creio que este tipo de pesquisa implicada e “construtiva” abre várias possibilidades de se pensar sobre pesquisar, sua implicação com a comunidade, com estabelecimentos, com as políticas públicas. Ao mesmo

tempo potente, ela é trabalhosa e dependente da velocidade dos estabelecimentos, de suas microrredes, permeável e impermeável. De qualquer forma, creio ser importante a aposta em metodologias de intervenção no campo da saúde mental que venham a trazer efeitos nas vidas quase/nada/totalmente nuas das pessoas em sofrimento psíquico.

Finalizo este breve comentário final apontando para a necessidade de intervenção em saúde mental em nosso país e de construção de novos dispositivos para subjetivação, articulados com as políticas públicas e com articulações com tecnologias, a fim de compor mais e mais híbridos que possam escapular das redes da sociedade de controle, constituindo pequenos desvios, caminhos nos mares da vida contemporânea.



REFERÊNCIAS

- AFONSO, Lucia. *Oficinas em dinâmica de grupo* : Um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002.
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer* : o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- ALARCON, Sérgio. *Aforismos sobre Reforma Psiquiátrica e Movimento Antimanicomial nos limites da desmesura*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. Dissertação, Escola de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 2002.
- ALONSO, Cleuza; RIZZI, Claudia; SEIXAS, Louise. Software EquiText - uma ferramenta para a escrita colaborativa na Web. In: *VIII Taller Internacional de Software Educativo TISE 2003*, 2003, Santiago do Chile: Universidad de Chile - Facultad de Ciencias Físicas e Matemáticas, 2003.
- ALTOÉ, Sonia (Org.). *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. 1a.. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais* : pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo : Pioneira, 2001.
- AMARANTE, Paulo et. all. *Saúde mental, políticas e instituições - a constituição do paradigma psiquiátrico e as reformas*. Rio de Janeiro: FIOTEC/FIOCRUZ, 2003. v. 2/3.
- AMARANTE, Paulo; TORRE, Eduardo Henrique Guimarães. Protagonismo e subjetividade: a construção coletiva no campo da saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 73-85, 2001.
- ANTOUN, Henrique. Democracia, multidão e guerra no ciberespaço. In: André Parente. (Org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 209-237.
- ASSIS, Machado de. Papéis avulsos. Edição eletrônica. S.l., Costa Flosi, 1998. Disponível em : < <http://antiga.bibvirt.futuro.usp.br/index.php>>, data de acesso: 01/02/2007.
- AXT, Margarete et. al. Desenvolvimento do software de comunicação ForChat. Disponível:<<http://www.lelic.ufrgs.br/webteca/for-chat.pdf>>, data de acesso: 06/03/2003.
- AXT, Margarete; ELIAS, Carime Rossi. Autoria coletiva, ambientes virtuais e formação: de quando a aprendizagem reverbera o acontecimento. In MARASCHIN, Cleci et all. (orgs.). *Psicologia e Educação* : Multiversos, Sentidos, Olhares e Experiências. Porto Alegre : Ed.

Ufrgs, 2003.

AXT, Margarete; MARASCHIN, Cleci. Narrativas avaliativas como categorias autopoéticas do conhecimento. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis / SC, p. 21-42, 1999.

BABO, Maria Augusta. Para uma semiótica do corpo. Disponível em <http://www.interact.com.pt/interact2/ensaio34.html>, data de acesso 24/07/2001.

BAPTISTA, Luís Antonio. *A cidade dos sábios*. São Paulo: Summus Editorial, 1999.

BAREMBLITT, Gregório. *Compêndio de análise institucional e outras correntes : teoria e prática*. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1992.

BAREMBLITT, Gregório. *Introdução à esquizoanálise*. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 1998.

BARROS, Regina Benevides de. A formação dos psi: questões sobre a ética. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, v.7, n. 2 e 3, p. 4-9, 1995.

BARROS, Regina Benevides de. Reforma psiquiátrica brasileira: resistências e capturas em tempos neoliberais. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (org). *Loucura, ética e política : estudos militantes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Jan-Abr 2000, Vol. 16 n. 1, pp. 071-079.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Subjetividade e Instituição. In: Leila Domingues Machado; Maria Cristina Campello Lavrador; Maria Elizabeth Barros de Barros (Org.). *Texturas da Psicologia: subjetividade e política no contemporâneo*. São Paulo, 2002, v. 1, p. 145-152.

BASAGLIA, Franco (coord.). *A Instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BAVARESCO, Barbara; PUMPMACHER, Jocelaine. *O computador como recurso terapêutico*. Santo Ângelo. Relatório de Pesquisa. URI, 2005.

BENEVIDES, Regina. Clínica e social: polaridades que se opõem/complementam ou falsa dicotomia? IN: RAUTER, Cristina; PASSOS, Eduardo; BENEVIDES, Regina (orgs). *Clínica e política : subjetividade e violação dos direitos humanos*. Rio de Janeiro : Instituto Franco Basaglia/Editora TeCorá, 2002.

BICHUETTI, Jorge. *Lembranças da loucura*. Belo Horizonte : Biblioteca do Instituto Felix Guattari, 1999.

BOOG, Maria Cristina Faber; et. al. Utilização de vídeo como estratégia de educação nutricional para adolescentes: “comer... o fruto ou o produto?”. *Revista Nutrição*. Campinas, 16(3):281-293, jul./set., 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Brasília, 2004a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. *Legislação em saúde mental: 1990-2004 – 4. ed. rev. e atual. – Brasília, 2004b*.

BURROUGHES, William. *A revolução eletrônica*. Lisboa: Vega, 1994.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS, Gastão. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2000 5(2):219-230.

CAPONI, Sandra. *Da compaixão à solidariedade: uma genealogia da assistência médica*. Rio de Janeiro; FIOCRUZ; 2000.

CARVALHO, Paulo Sérgio. *Interação entre humanos e computadores: uma introdução*. 1. ed. São Paulo: Educ - Editora da PUC-SP, 2000.

COIMBRA, Cecília et. All. Intervenção clínica quanto à violação dos Direitos Humanos: por uma prática desnaturalizadora na teoria, na ética, na política. In: RAUTER, C.; PASSOS, Eduardo; BARROS, R. de B. (org.). *Clínica e Política: subjetividade e violação dos direitos humanos*. RJ: Instituto Franco Basaglia/Editora TeCorá, 2002, p.113 a 122.

COSTA, Rogério da; TEIXEIRA, Ricardo. Novas tecnologias e sociedade pedagógica - uma conversa com Michel Serres. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu (SP), v. 6, 2000, p. 129-142.

COSTA, Rogério. Sociedade de controle. *São Paulo em Perspectiva*, 18(1): 161-167, 2004.

COSTA, Rosa Maria Moreira da; CARVALHO, Luis Alfredo V. de. *A realidade virtual como instrumento de inclusão social dos portadores de deficiências neuropsiquiátricas*. XIV Simpósio Brasileiro de Informática na educação – SBIE. NCE/UFRJ, 2003.

COUCHOT, Edmond. Tecnologias da simulação : um sujeito “aparelhado”. *Revista de Comunicação e Linguagens*, março de 1999, p. 23-30.

DALMOLIN, Bernadete Maria. *Esperança equilibrada: cartografias de sujeitos em sofrimento psíquico*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Empirismo e subjetividade : ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo : Editora 34, 2001.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Capitalismo y esquizofrenia - Entrevista de Vittorio Marchetti. In.: FORTI, Laura (ed). *La otra locura : mapa antológico de la psiquiatria alternativa*. Barcelona: Tusques Editor, 1976, p. 55 a 71.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs : capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs : capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. Lisboa : Assirio & Alvim, s/d.

DERY, Mark. *Velocidad de escape : la cibercultura en el final del siglo*. Madrid: Ediciones Siruela, 1995.

DESPRET, Vincianne. The body we care for: figures of anthropo-zoo-genesis. *Body & Society* 2004, vol 10 (2-3): 111-134

FERREIRA, Lúgia Hecker. Grupos-oficina : ensaios e tentativas de subjetivação em uma escola. MARASCHIN, Cleci; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca; CARVALHO, Diana

Carvalho de (org.). *Psicologia e Educação* : multiversos sentidos, olhares e experiências. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e produção do sujeito: o privado em praça pública. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; FRANCISCO, Deise Juliana (org). *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

FONSECA, Tânia Mara Galli. Imagens que não agüentam mais. *Episteme*, Porto Alegre, n. 20, p. 101-110, jan./jun. 2005

FONSECA, Tania Mara Galli; ENGELMAN, Selda; PERRONE, Cláudia Maria. Bárbaros no século XXI?. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 45-60, 2003.

FONSECA, Tânia Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes. O desejo de mundo: um olhar sobre a clínica. FONSECA, Tânia Mara Galli; ENGELMAN, Selda (orgs). *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. *La vida de los hombres infames*. Madrid : La Piqueta, 1990.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis : Vozes, 1983.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.

FRANCISCO, Deise Juliana; MACHADO, Glaucio José Couri . For-Chat: uma ferramenta para o ensino a distância via Web. In: Anais do VII Fórum de Tecnologia e XIV Seminário regional de Informática. Santo Ângelo : Ed. da URI, 2004. v. 01.

FRANCISCO, Deise Juliana. @versão. Disponível em <http://www.urisan.tche.br/~cibercultura>, data de acesso, 12/08/2001.

FRANCISCO, Deise Juliana. *Hibridizações no cotidiano escolar : escola e “novas” tecnologias da comunicação e informação*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 1998.

FRANCISCO, Deise Juliana. *Intervenção em saúde mental: formação de redes de convivência via recursos informatizados*. Projeto de tese. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. UFRGS, 2004.

GARCIA, Adir Valdemar. O caráter educativo das ações em saúde e a luta pela transformação social. *Caderno de debate* : educação popular e saúde: diálogos com a vida, julho de 2000 – Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Disponível em <http://igspot.ig.com.br/paulo.denis/Edu.pdf>, data de acesso: 28/04/2003.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED. Rio de Janeiro, nº 25, jan/fev/mar/abr de 2004, p. 127 a 142.

GENTINI, Alfredo Martin. René, os analisadores históricos, as loucas da Praça de Maio. *Saudeloucura*, n 8. São Paulo: HUCITEC, 2003.

GENTINI, Alfredo Martin. Uma ferramenta de trabalho para as equipes sócio-educativas : a supervisão socioanalítica. In: LAMPERT, E. *Universidade na América Latina : sustentabilidade, desafios e perspectivas*. Pelotas: Leiva Publicações, 2003, p. 199-222.

GUATTARI, F. *Psicoanálises y transversalidad: crítica psicoanalítica de las instituciones*. Buenos Aires: Siglo XXI Ed., 1974.

GUATTARI, Félix. *Caosmose : um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix. *El devenir de la subjetividad*. Caracas, Santiago de Chile: Dolmen Ediciones, 1995.

GUATTARI, Felix. Máquinas. In: PELBART, Peter; COSTA, Rogério da. *O Reencantamento do Concreto*. São Paulo: Hucitec, 2003.

GUDOLLE, Juliana de Oliveira; KONRAT, Carolina Elisa Diesel. *Do hospício ao CAPS: o respeito pela diferença ou mera utopia?* Relatório de Pesquisa, URI: 2005.

HARDT, Michael. *A sociedade mundial de controle*. In: ALLIEZ, Eric.(org) Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

HENNINGTON, André Azevedo. Acolhimento como prática interdisciplinar num programa de extensão universitária. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 21(1):256-265, jan-fev, 2005.

HERPICH, Névi Werkhauser. *Comportamento do professor frente às tecnologias em especial o computador: um estudo de caso*. Santo Ângelo: 2001. Monografia de Pós-Graduação (Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Infomática na Educação) – URI - 2001.

KERCKHOVE, Derrick. *A pele da cultura*. Uma investigação sobre a nova realidade electrónica. Lisboa, Relógio D'água, 1997.

L'ABATTE, Solange. A análise institucional e a saúde coletiva. *Ciência e Saúde Coletiva*. 8(1) 265-274, 2003.

LAMEIRO, Maximo; SANCHEZ, Roberto. Vínculos e Internet: Investigación cualitativa acerca de nuevas formas de vincularse, 1998. Disponível em: <http://www.mdp.edu.ar/psicologia/psicomdp/vinculos.htm>, 19/ago/2001.

LANCETTI, Antonio et al. *Saúde Mental e Saúde da Família*. São Paulo: Hucitec, 2 (SaúdeLoucura 7), 2000.

LANCETTI, Antonio. Clínica grupal com psicóticos : a grupalidade que os especialistas não entendem. *Saudeloucura 4*. São Paulo: HUCITEC, s/d.

LANCETTI, Antonio. *Clínica peripatética*. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos : ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1994.

LE ROUX, Marie Françoise et. all. Le club, carrefour du collectif et de la singularité. In: DELLON, Pierre (org). *Actualité de la psychothérapie institutionnelle*. Vigneux: Éditions Matrice, 1994.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1997.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência : o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1993.

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

LINS, Daniel. *Antonin Artaud : o artesão do corpo sem órgãos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

- LOPES, Márcia. Disponível em <http://www.disaster-info.net/LIDERES/portugues/04/apresentacoes/alunos/marcia_lopes/Projeto%20Lideres%202004.doc>, 2004.
- LOURAU, René. Pequeno manual de análise institucional. IN: ALTOÉ, Sonia (org). *René Lourau : analista institucional em tempo integral*. São Paulo: HUCITEC, 2004^a, p. 122 a 127.
- LOURAU, René. Implicação-transdução. IN: ALTOÉ, Sonia (org). *René Lourau : analista institucional em tempo integral*. São Paulo: HUCITEC, 2004b, p. 212 a 223.
- LOURAU, René. O instituinte contra o instituído. IN: ALTOÉ, Sonia (org). *René Lourau : analista institucional em tempo integral*. São Paulo: HUCITEC, 2004c, p. 47 a 65.
- LOURAU, René. Objeto e método da Análise Institucional. IN: ALTOÉ, Sonia (org). *René Lourau : analista institucional em tempo integral*. São Paulo: HUCITEC, 2004d, p. 66 a 86.
- LUFT, Lya. *Mulher no palco*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.
- MACHADO, Arlindo. Anamorfoses cronotópicas ou a quarta dimensão da imagem. In : PARENTE, André (Org.) *Imagem-máquina : a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1993.
- MACHADO, Gláucio José Couri. *Qual é a Comunidade das CEBs - Uma análise sociológica do Conceito de Comunidade Formulado pelos teóricos das CEBs*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, 1998. Dissertação de Mestrado.
- MANUAL DO USUÁRIO EXTENSÃO. Erechim: Reitoria, URI, 2006.
- MARASCHIN, Cleci. Pesquisar e Intervir. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 98-107, 2004.
- MARASCHIN, Cleci. Redes socioculturais e as novas tecnologias da comunicação e da informação. In: Tania Mara Galli Fonseca; Deise Juliana Francisco. (Org.). *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2000, v. , p. 55-62.
- MISKOLCI, Richard. *Doença e diferença*. Disponível em <<http://www.richardmiskolci.slg.br/rdd.html>>, data de acesso: 05/03/2001.
- MORAES, Andréa. Entrevista com Henning Schmidgen. *Rev. Dep. Psicol.,UFF.*, Niterói, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 Apr 2007. Pré-publicação.
- MOURA, Arthur Hyppolito de. *A psicoterapia institucional e o Clube dos Saberes*. São Paulo : HUCITEC, 2003.
- MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André (org). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- NEVES, Claudia Abbês Baeta. Modos de interferir no contemporâneo: um olhar micropolítico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, vol. 56, n° 1, 2004.
- NEVES, Claudia. Sociedade de controle, o neoliberalismo e os efeitos de subjetivação. In: SILVA, André et. al. (Org.) *SaudeLoucura 6*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicologia e Sociedade*, UFRGS, v. 17, n. 2, p. 50-57, 2005.
- OLIVEIRA, Carmen Silveira de. *Brasil, além do ressentimento: cartografias da*

subjetividade no Brasil. Tese de Doutorado. PUC/São Paulo, 1997.

OURY, Jean. Métapsychologie et institutionnalisation. DELION, Pierre (org). *Actualité de la psychothérapie institutionnelle*. Vigneux : Éditions Matrice, 1994.

PARENTE, André. *O virtual e o hipertextual*. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.

PASSERINO, Liliana ; SANTAROSA, Lucila. Interação Social no Autismo em Ambientes Digitais de Aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, 2007.

PASSOS, Eduardo; PITOMBO, Luciana Bettini. Alguns aspectos da relação entre a história e a clínica no movimento da reforma psiquiátrica. In: Ana Maria Jacó-Vilela; Antonio Carlos Cerezzo; Heliana de Barros Conde Rodrigues;. (Org.). *Clio-Psyché paradigmas: historiografia, psicologia, subjetividades*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, v. 1, p. 217-224.

PAULON, Simone Mainieri. A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. *Psicologia & Sociedade*, 17 (3), 16-23, set-dez: 2005.

PEDERNEIRAS, Mario Portugal. Cumprindo propostas de Governo: Proext voltado para as Políticas Públicas. In: *Revista do PROEXT – MEC/SESu*, Brasília, n. 1, ano 2005, p. 6 a 7

PELBART, Peter Pál. *A nau do tempo-rei : sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro : Imago Ed., 1993.

PELBART, Peter Pál. Manicômio mental – a outra face da clausura. *Saudeloucura 2*. São Paulo: HUCITEC, 1991.

PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2000.

PELBART, Peter Pál. Biopolítica e biopotência no coração do império. In: LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio. (org) *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE : Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

PELBART, Peter Pál. *Da clausura do fora ao fora da clausura*. São Paulo : Brasiliense, 1989.

PELBART, Peter Pál. *Neuromagma e multidão: Resistência e comunidade no contexto biopolítico*. Palestra proferida durante o festival Mídia Tática Brasil – Next Five Minutes, em 13 de março de 2002. disponível em: <<http://www.rizoma.net/interna.php?id=140&secao=neuropolitica>>, data de acesso: 11/01/2007

PELBART, Peter Pál. *Vida capital : ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. *Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia*. In Anais do Encontro da Faculdade de Comunicação, 2003.(CD-Rom).

REICHERT, Clóvis; FRANCISCO, Deise; MACHADO, Glaucio José Couri; BIANCAMANO, Mary; COSTA, Janete. *FORCHAT: ambiente virtual de aprendizagem*. In: 11º Congresso Internacional de Educação a Distância e 1º Encontro de Educação a Distância dos Países de Língua Portuguesa, 2004, Salvador. 11º Congresso Internacional de Educação a Distância e 1º Encontro de Educação a Distância dos Países de Língua Portuguesa, 2004.

RHEINGOLD, Howard. *The Virtual Community*. Disponível em <<http://www.well.com/user/hlr/vcbook>>, data de acesso: 24/07/1999.

RIVA, Giuseppe; BOTELLA, Cristina; CASTELNUOVO, Gianluca; GAGGIOLI, Andréa;

- MANTOVANI, Fabrizia; MOLINARI, Enrico. Cybertherapy in practice: the VEPSY Updated project. In RIVA, Giuseppe; BOTELLA, Cristina; LÉGERON, P, OPTALE, G. (Eds). *Cybertherapy : Internet and virtual reality as assessment and rehabilitation tools for clinical psychology and neuroscience*. Amsterdam: IOS Press, 2004.
- ROCHA, Ana. Experiência da Toca. In : SILVA, André et. All (org). *Subjetividade : questões contemporâneas*. São Paulo : Hucitec, 1997, p. 135-142.
- ROCHA, Marisa Lopes. Psicologia e as práticas institucionais: a pesquisa-intervenção em movimento. *Psico*: v. 37, n. 2, pp. 169-174, maio/ago, 2006.
- ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- RÖSLER, Mara Regina; ORTIGARA, Cléo Joaquim. Uma reflexão necessária sobre a trajetória da avaliação na URI. In: Silva, Ilton Benoni da; Rosa, Magna Stella Cargnelutti Dalla (Org.). *Seminário Avaliação Institucional Integrada – os dez anos do PAIUNG.*, 2001.
- SANTOS, Abrahão de Oliveira. “Está vazio”: desritualização e dispersão na oficina de rádio. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2003, 21 (3), 44-49.
- SARACENO, B. *Libertando identidades – da reabilitação psicossocial à cidadania possível* : Rio de Janeiro: Te Corá Editora, 1999.
- SARRIERA, Jorge Castellá et. All. Intervenção psicossocial e algumas questões éticas e técnica . In: SARRIERA, Jorge Castellá (coord). *Psicologia comunitária: estudos atuais*. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- SCHMITZ, Joseph. Structural relations, eletronic media, and social change: the public eletronic network and the homeless. In: JONES, Steven (ed.) *Virtual Culture : identity & communication in cybersociety*. London: Sage Publications, 1998.
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico*. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 2002.
- SILVA, Ana Luisa Aranha; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Processo de trabalho em saúde mental e o campo psicossocial. *Latinoamericana de Enfermagem*, 2005 maio-junho, 13(3):441-9.
- SILVA, Enio Waldir da. *Extensão universitária no Rio Grande do Sul : concepções e práticas*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2003.
- SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989.
- SOARES, Murilo César. Internet e saúde: possibilidades e limitações. *Revista TEXTOS de la CiberSociedad*, 4, 2004. Temática Variada. Disponível em <http://www.cibersociedad.net>.
- STELARC. Disponível em <http://www.stelarc.va.com.au/articles/index.html>.
- TALLEMBERG, Claudia A.A. Fazendo da clínica uma oficina: modos de experimentação e produção social em saúde mental. *Academus: Revista Científica da Saúde*, v.4, n. 1, p. 18-38, jan/mar 2005.
- TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues . O desempenho de um serviço de atenção primária à saúde da perspectiva da Inteligência Coletiva. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu (SP), v. 9, n. 17, 2005.

TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. A grande saúde: uma introdução à medicina do Corpo sem órgãos. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 8, n. 14, p. 35-72, set. 2003 – fev. 2004.

TOSQUELLES, François. Actualité de la psychotérapie institutionnelle. DELION, Pierre (org). *Actualité de la psychothérapie institutionnelle*. Vigneux : Éditions Matrice, 1994.

TURKLE, Sherry. Identity in the age of the Internet: living in the MUD. In: HOLETON, Richard (org.). *Composing cyberspace – identity, community and knowledge in the eletronic age*. United States of America: McGraw-Hill Companies, 1998.

TURKLE, Sherry. *The Second Self - Computers and the Human Spirit*. Granada, London, 1984.

VENTURINI, Ernesto et.al. Habilitar-se em saúde mental: observações críticas ao conceito de reabilitação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 55, n. 1, 2003.

VILLAÇA, Nízia. *Do impresso ao eletrônico: corpo e tecnologia*. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/xxii-ci/gt10/10v01.PDF>>, acesso em 25/06/2000.

VIRILIO, Paul. *A bomba informática*. São Paulo : Estação Liberdade, 1999.

VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. São Paulo : Estação Liberdade, 1996.

VIRILIO, Paul. *Guerra e cinema*. São Paulo : Editora Página Aberta, 1993.

WADI, Yonissa Marmitt. *Palácio para guardar doidos : uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

WEISSBERG, Jean-Louis. Real e virtual. In : PARENTE, André (Org.) *Imagem-máquina : a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1993. p. 117-126.

WONG-UN, J. A. *Visões de comunidade na saúde: comunabilidade, interexistência e experiência poética*. Doutorado em Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Brasil, 2002.